NEW YORK TIMES BESTSELLER

MICHAEL WEISS
HASSAN HASSAN

ESTADO ISLÂMICO

DESVENDANDO O EXÉRCITO DO TERROR

SEOMAN

ESTADO ISLÂMICO

MICHAEL WEISS
HASSAN HASSAN

ESTADO ISLÂMICO

DESVENDANDO O EXÉRCITO DO TERROR

Tradução

Jorge Ritter

SEOMAN

Copyright © 2015 Michael Weiss e Hassan Hassan
Copyright da edição brasileira © 2015, Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2015.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Seoman não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Coordenação editorial: Manoel Lauand
Editoração eletrônica: Estúdio Sambaqui
Produção de ebook: S2 Books
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Weiss, Michael
Estado Islâmico : desvendando o exército do terror / M ichael W eiss, Hassan Hassan ; tradução Jorge Ritter. -- São Paulo : Seoman, 2015.
Título original: ISIS : inside the army of terror
ISBN 978-85-5503-013-0
1. Estado Islâmico (Organização) 2. Terrorismo - Aspectos religiosos - Islã 3. Terrorismo - Oriente Médio 4. Terroristas - Iraque 5. Terroristas - Síria I. Hassan, Hassan. II. Título

15-04560

CDD-956.054
Índices para catálogo sistemático:
1. Oriente Médio : Estado Islâmico : Organização : História 956.054
1ª edição digital: 2015
eISBN: 978-85-5503-016-1
Seoman é um selo editorial da Pensamento-Cultrix
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.
R. Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000 – Fax: (11) 2066-9008
E-mail: atendimento@editoraseoman.com.br
http://www.editoraseoman.com.br
que se reserva a propriedade literária desta tradução.
Foi feito o depósito legal.

Índice

Capa
Folha de rosto
Ficha
Dedicatória
Introdução
1. O pai fundador - A jihad de Abu Musab Al-Zarqawi
2. O xeique dos Chacinadores - Al-Zarqawi e al-Qaeda no Iraque
3. A administração da selvageria - O nascimento do Estado Islâmico do Iraque
4. Agentes do caos - Irã e Al-Qaeda
5. O despertar - A vez dos iraquianos de lidarem com o Estado Islâmico do Iraque
6. Sintomas da retirada - Estado Islâmico do Iraque e Maliki esperam a saída dos
7. Testa de Ferro de Assad - Síria e Al-Qaeda
8. Renascimento - Estado Islâmico do Iraque sob o domínio de Abu Bakr al-Baghdadi
9. Revolução traída - A Jihad Chega à Síria
10. Convertidos e “Jihadistas cinco estrelas” - Perfis de combatentes do Estado
11. Do twitter à Dabiq - Recrutando os novos mujahidin
12. Divórcio - A al-Qaeda se separa do Estado Islâmico
13. A extorsão dos xeiques - O Estado Islâmico coopta as tribos
14. Al-Dawla - As células dormentes do “Estado” Islâmico
Epílogo
Agradecimentos
Conheça outros títulos
Notas
Créditos

Para Amy e Ola,
que aguentaram o Estado Islâmico
(e nós)
mais do que qualquer esposa
deveria suportar em vida.

INTRODUÇÃO

NO FIM DE 2011, Abdelaziz Kuwan procurou o seu tio sírio para colocá-lo em contato com Riad al-Assad, um coronel na Força Aérea Síria e um dos primeiros desertores militares da ditadura de Bashar al-Assad. Abdelaziz, um adolescente de dezesseis anos de Bahrain, queria se juntar à rebelião armada na Síria, mas seus pais o proibiam de ir. Então ele os desafiou.

No início de 2012, ele voou primeiro para Istambul e, então, como tantos outros combatentes estrangeiros fizeram, andou treze horas de ônibus até Reyhanli, a cidade fronteiriça ao sul da Turquia. Dali cruzou até a província síria de Aleppo, a região rural ao norte da síria que havia então caído completamente nas mãos da rebelião armada anti-Assad. Abdelaziz lutou por facções rebeldes moderadas por várias semanas antes de considerá-las corruptas e ineficientes demais.

Então migrou através de várias brigadas islâmicas, juntando-se primeiro à Ahrar al-Sham e então à Jabhat al-Nusra, que mais tarde revelou-se uma franquia da al-Qaeda na Síria. Tendo adquirido uma reputação como um combatente destemido e religiosamente devoto, Abdelaziz mesmo assim desencantou-se cada dia mais com seus camaradas islâmicos, além de enfrentar a pressão de sua família para retornar a Bahrain. Ele o fez no fim de 2012. Uma vez em casa, a mãe de Abdelaziz prontamente confiscou o seu passaporte.

— Eu caminho pelas ruas [de Bahrain] e me sinto aprisionado — Abdelaziz contou aos autores um ano mais tarde, ainda saudoso de seus dias como um guerreiro virtuoso. — Eu me sinto amarrado. É como se alguém sempre estivesse me observando. Este mundo não significa nada para mim. Eu quero ser livre. Eu quero voltar. As pessoas estão doando suas vidas, esta é a vida honrada.

A família de Abdelaziz havia se mudado da região leste da Síria para Bahrain na década de 1980.

Seus pais haviam lhe proporcionado os meios para levar uma vida decente.

— O seu pai o criou bem — relembrou-se um parente. — Ele não o fez passar necessidade alguma e queria que Abdelaziz fosse uma pessoa de alto status social. O parente acrescentou que Abdelaziz era um sujeito “tranquilo”, “refinado” e “sempre se comportou decentemente”.

Abdelaziz permaneceu em Bahrain por três meses antes de conseguir persuadir sua mãe a devolver-lhe o seu passaporte. Ele partiu para a Síria três dias depois. Assim que chegou ao país, Abdelaziz juntou-se ao Estado Islâmico do Iraque e al-Sham[01], que estava então crescendo em proeminência como um dos grupos jihadistas mais disciplinados e bem organizados na Síria.

Abdelaziz disse mais tarde que nos seus últimos meses em Bahrain ele tomara a decisão de juntar-se ao EI após conversar com "alguns dos irmãos" na Síria via Skype. A sua experiência anterior com outras facções islâmicas ideologicamente similares ao EI foi uma vantagem ao juntar-se a uma que era dominada por combatentes estrangeiros. Abdelaziz foi subindo na hierarquia do EI, primeiro tornando-se um coordenador entre os emires locais e outros grupos rebeldes, entregando mensagens e celebrando acordos orais em nome do seu líder. Quando o EI tomou enormes faixas de território, tanto na Síria quanto no Iraque, no verão de 2014, Abdelaziz foi promovido a oficial de segurança, supervisionando três cidades próximas da cidade fronteiriça de Albu Kamal entre a Síria e o Iraque, há muito tempo um portal entre os dois países para homens como ele.

No EI, Abdelaziz descobriu coisas novas a respeito de si mesmo. Ele aprendeu que era um sujeito violento, brutal e determinado. Ele decapitava inimigos. Ele mantinha uma garota Yazidi na sua casa como uma sabiyya, ou escrava sexual. Ela era o seu prêmio por sua participação em batalhas contra as forças peshmerga curdas do Iraque e outras milícias curdas em Sinjar, Iraque, próximo da fronteira síria. De acordo com a revista de propaganda do EI, Dabiq, um quinto das escravas sexuais tomadas de Sinjar era distribuído para a liderança central do EI dispor dessas mulheres como bem quisessem; o restante era dividido entre os combatentes, tal qual Abdelaziz, como espólios de guerra.

Abdelaziz mostrou-nos uma foto da sua sabiyya. Ela estava no fim de sua adolescência. Ela "pertenceu" a Abdelaziz por, aproximadamente, um mês antes de ser passada adiante para outros comandantes do EI.

Ser um estuprador não parecia ir contra o que Abdelaziz considerava suas obrigações morais como um muçulmano devoto. Um dos seus colegas combatentes disse que, durante as transmissões de notícias, Abdelaziz cobria a tela da televisão para evitar ver os rostos das apresentadoras mulheres.

Ele citava fervorosamente o Alcorão e o Hadith, os dizeres orais atribuídos ao Profeta Maomé, e falava com toda pompa a respeito do al-Dawla, o "estado", que é o termo que o EI usa para referir-se ao seu projeto. Perguntado sobre o que faria se o seu pai fosse um membro do Jabhat al-Nusra e os dois se encontrassem no campo de batalha, Abdelaziz respondeu prontamente: — Eu o mataria. Abu Obeida [um dos companheiros do Profeta] matou o seu pai no campo de batalha. Qualquer um que estender a sua mão para prejudicar o al-Dawla terá sua mão decepada.

Abdelaziz também chamou seus parentes no exército ou nas forças de segurança de Bahrain de "apóstatas", já que o seu país adotivo estava envolvido em uma campanha de bombardeio promovida por uma coalizão multinacional contra o EI liderada pelos EUA.

Antes de partir para se juntar à jihad na Síria, Abdelaziz fora um noviço teológico que mal terminara um ano de estudos islâmicos em uma academia religiosa na Arábia Saudita. Ele havia abandonado a escola no segundo grau em Bahrain e viajara para a cidade de Medina para estudar a Sharia, a jurisprudência islâmica. Na escola, de acordo com um dos membros da sua família, ele evitou colegas não devotos e enturmou-se fundamentalmente com estudantes linha-dura. Logo ele começou a usar a "linguagem jihadi", constantemente referindo-se às condições desoladoras nas quais perseveram os muçulmanos sunitas na África, Oriente Médio e região sudeste da Ásia.

Na Síria, a sua metamorfose continuou no campo de batalha. Ele chamava a si mesmo de Abu al-Mu'tasim, em homenagem ao oitavo califa de Abbasid, al-Mu'tasim Billah, conhecido por liderar um exército para se vingar de soldados bizantinos que haviam insultado uma mulher. Abdelaziz disse que ele queria seguir o exemplo do califa de Abbasid ao apoiar muçulmanos desamparados na Síria e Iraque. Embora ele tivesse sido designado como um oficial de segurança, Abdelaziz sempre procurava qualquer oportunidade para lutar nas linhas de frente.

— Não consigo ficar parado — ele nos disse. — Eu vim para cá em busca do martírio, e procurei-o por toda parte.

No dia 23 de outubro de 2014, Abdelaziz encontrou-o. Ele levou um tiro fatal de um atirador de elite do regime sírio no distrito al-Hawiqa de Deir Ezzor.

Os combatentes costumeiramente escrevem um testamento quando se juntam a um grupo, para ser dado às suas famílias apenas após sua morte.

Abdelaziz havia escrito o seu para sua mãe. “Como a senhora sabe e vê nos canais de televisão, os infiéis e os rafida [um termo pejorativo usado para descrever os xiitas] foram longe demais em sua opressão, morte, tortura e violações da honra dos muçulmanos. Eu, por Deus, não posso ver minhas irmãs e irmãos muçulmanos sendo mortos, enquanto alguns deles apelam para os muçulmanos e não encontram ninguém vindo em sua ajuda, enquanto assisto a isso impassível. Eu queria ser como al-Muta’sim Billah. E a razão mais importante é que eu desejava ir para o céu, junto ao Profeta Maomé, que a paz esteja com ele, e queria pedir o perdão para você na vida eterna.”

Quando o EI invadiu a cidade de Mosul, a capital da província de Ninewah, no Iraque, em meados do mês de junho de 2014, a resposta do mundo foi ao mesmo tempo confusa e chocada. Homens como Abdelaziz haviam conquistado uma extensão de terras no Oriente Médio aproximadamente equivalente ao tamanho da Grã Bretanha. Apenas mil de seus combatentes haviam tomado uma cidade na região central do Iraque, guarnecida por cerca de trinta mil soldados e policiais iraquianos treinados pelos norte-americanos que fugiram, deixando para o EI dezenas de milhões de dólares em Humvees e tanques Abrams de fabricação norte-americana. Que tipo de terrorista dirige veículos de combate e tanques? O EI é uma organização, ou seria mais como um exército?

Cinco meses antes da queda de Mosul, o Presidente Obama havia menosprezado de maneira bastante desastrosa o EI como um “bando inexperiente” de terroristas, em uma entrevista para o jornalista David Remnick da New Yorker. Agora o bando inexperiente havia destruído as barreiras erguidas separando os estados-nação modernos da Síria e do Iraque que lá estavam por quase cem anos. Eles declararam que este ato físico e simbólico de recombinação representava o fim de um pacto colonial Britânico-Francês que havia ajudado a traçar o mapa da região contemporânea mesmo antes do término oficial da Primeira Guerra Mundial. Não haveria mais impressão digital ocidental nenhuma naquele mapa, de acordo com o EI. Em vez disso, haveria apenas o califado.

Eventualmente, entoava o líder do EI, Abu Bakr al-Baghdadi, se os muçulmanos fossem fortes, o califado alcançaria novamente a Espanha e até conquistaria Roma.

Este livro é pessoal. Um dos autores é nativo sírio da cidade fronteiriça de Albu Kamal, que há muito tempo vem servindo como um portal para jihadistas entrando, e agora saindo, do Iraque. O

outro autor trabalhou como jornalista a partir do subúrbio de al-Bab em Aleppo, antigo berço da sociedade civil pró-democrática e independente da Síria e, hoje em dia, um feudo desolador governado pela lei da Sharia. Eles resolveram responder a uma questão simples, formulada repetidamente nos noticiários durante o verão e o outono aterrorizantes de 2014: "De onde veio o Estado Islâmico e como ele conseguiu fazer tanto estrago em tão pouco tempo?" A pergunta era compreensível, dadas as imagens e vídeos circulando mundo afora, e de maneira mais notória a propaganda das horríveis decapitações de vários reféns ocidentais, começando com o jornalista norte-americano James Foley. Mas a pergunta também era estranha, pois os Estados Unidos estiveram em guerra contra o EI por quase uma década, incluindo suas várias encarnações: primeiro como al-Qaeda no Iraque (AQI), depois como Conselho Consultivo Mujahidin e, por fim, Estado Islâmico do Iraque. Era como se os Vietcongs tivessem retornado sob uma bandeira diferente e passassem a controlar um terço do sudeste asiático em 1985, apenas para serem admirados e tratados com sensacionalismo como uma guerrilha surpreendente e desconhecida por todos, desde a administração Reagan até a CNN. Se um dia houve um adversário familiar, o EI era ele.

E, no entanto, muita coisa a respeito deste inimigo totalitário e teocrático segue esquecida, ocluída ou simplesmente pouco investigada. Debates a respeito da sua ideologia, estratégia de guerra e dinâmica interna persistem em todos os países comprometidos com a sua derrota. O EI é maior ou menor do que a soma de suas partes? Ele está vencendo ou perdendo após sete meses de uma campanha aérea multinacional combinada e apoiada pela provisão de armas para aliados e representantes escolhidos? O objetivo declarado dos EUA, articulado pelo presidente Obama, de "desgastar e em última análise destruir" o EI é viável levando-se em consideração as políticas norte-americanas atuais na Síria e no Iraque? Ou será que esta última repetição de uma guerra no Oriente Médio durará trinta anos, como o ex-secretário de defesa Leon Panetta sugeriu recentemente, disseminando-se na região norte da África e sem dúvida em nosso próprio quintal, como talvez já estejamos vendo nos ataques de janeiro de 2015 em Paris?

Nós começamos examinando o EI como ele é agora, mas também como ele evoluiu e adaptou-se através da última década. Os capítulos iniciais lidam fundamentalmente com esta história complexa das encarnações anteriores do EI, baseando-se em dúzias de entrevistas originais conduzidas com ex-oficiais de contraterrorismo e inteligência militares norte-americanos, assim como diplomatas ocidentais, que rastrearam, lutaram e prenderam membros da al-Qaeda no Iraque. O EI é na realidade o último fronte em uma culminação sangrenta de uma longa disputa dentro da hierarquia do jihadismo internacional. Em outras palavras, como esta guerra santa deve ser travada e contra quem? Os xiitas, alauitas e outros grupos e etnias minoritárias são alvos viáveis a serem atacados, ou devem ser poupados pela jihad diante da necessidade mais premente de combater os norte-americanos e seus aliados contra sua cruzada "sionista"? O lado mais fanático desta disputa foi personificado por Abu Musab al-Zarqawi, o fundador jordaniano da al-Qaeda no Iraque, enquanto o lado mais "moderado" foi personificado por seu próprio benfeitor e superior nominal — Osama bin Laden. A separação recente entre a al-Qaeda e o EI era inevitável desde que al-Zarqawi e bin Laden encontraram-se pela primeira vez no Afeganistão em 1999. Aliados, eles ajudaram a partir o Iraque ao meio, inspiraram atrocidades xiitas em resposta e provocaram um dano sangrento em vidas norte-americanas e aliadas. É esta história que une a última década de conflito com as agendas dos regimes no Irã e na Síria, e sem a qual não podemos compreender verdadeiramente o EI hoje. Embora seja impossível de se determinar qual lado na discussão jihadista vencerá em última análise, ou mesmo se haverá um vencedor, o fato de que a al-Qaeda esteja vivendo, no último ano, um estado de conflito fratricida com seu antigo grupo subsidiário, certamente determinará como o Ocidente continuará a lutar contra ambos.

Nós então olhamos para as origens da revolução síria, mostrando como o regime Assad, que por muito tempo havia facilitado e instigado o terrorismo da al-Qaeda na porta ao lado, tentou se retratar não apenas como vítima do seu antigo aliado, mas também propiciou perversamente as condições férteis para este terrorismo criar raízes dentro da Síria. Por fim, examinamos o EI como ele é hoje em dia, baseando-nos em entrevistas com: militantes do EI ativos (ou a essa altura falecidos), espiões, "agentes adormecidos" e também suas vítimas — membros de tribos sírias, rebeldes,

ativistas e um bravo e desafiador professor de uma escola em Raqqa que disse “chega”.

Um dos principais centros de recrutamento e eixos de organização para o EI são as prisões. Seja por acidente ou propositalmente, as prisões no Oriente Médio serviram por anos como academias de terror, onde extremistas conhecidos podem congregar, tramar e desenvolver suas habilidades de liderança “atrás das grades” e, de maneira mais sinistra, recrutar uma nova geração de combatentes.

O EI é uma organização terrorista, mas não é somente uma organização terrorista. Ele também é uma máfia adepta em explorar mercados obscuros transnacionais que existem há décadas para o tráfico de petróleo e armas. É uma organização militar que mobiliza e distribui soldados de infantaria com uma precisão profissional que impressionou membros do exército norte-americano.

É um aparato sofisticado de coleta de inteligência que se infiltra em organizações rivais e recruta silenciosamente membros ativos antes de assumir o controle total dessa organização, derrotando-os no campo de batalha ou tomando suas terras. É uma máquina de propaganda eficiente e hábil na disseminação de sua mensagem e na chamada de novos recrutas através das mídias sociais. O EI também é um remanescente espectral de um inimigo mais antigo ainda que a al-Qaeda. A maioria dos seus principais comandantes serviu no exército ou nos serviços de segurança de Saddam Hussein. De certa maneira, então, o Baathismo secular retornou ao Iraque sob o disfarce do fundamentalismo islâmico — uma contradição menor do que poderia parecer.

De maneira mais importante, o EI apresenta-se para uma minoria sunita assolada no Iraque e uma maioria sunita mais perseguida e vitimada ainda na Síria, como a última linha de defesa da seita contra uma série de inimigos — os “infiéis” Estados Unidos, os estados “apóstatas” do Golfo Pérsico, a ditadura alauita “Nusayri” na Síria, a unidade “rafida” de resistência no Irã e a última satrapia de Bagdá. Mesmo aqui, com todas as teorias de conspiração, o EI se baseia em meias-verdades e realidades geopolíticas canhestras para descrever uma missão global satânica voltada contra ele. Os aviões de guerra da Síria estão voando agora nos mesmos céus que os dos Estados Unidos, bombardeando expressamente os mesmos alvos na região leste da Síria — enquanto o governo dos Estados Unidos sustenta que Assad não tem futuro em Damasco. No Iraque, grupos de

milícias xiitas de origem iraniana, alguns dos quais designados pelo governo norte-americano como entidades terroristas (pois têm sangue norte-americano em suas mãos), agora servem como a vanguarda da campanha terrestre das Forças de Segurança Iraquianas para expulsar o EI, com a supervisão e encorajamento do Corpo da Guarda Revolucionária do Irã, outra entidade designada terrorista pelos EUA. Estas milícias também estão cometendo atos de limpeza étnica em vilarejos sunitas ao longo do caminho, recebendo a censura da Anistia Internacional e do Observatório de Direitos Humanos — tudo isso enquanto os aviões de guerra norte-americanos proporcionam indiretamente a eles cobertura aérea. Quaisquer que sejam as intenções de Washington, as suas alianças de conveniência com os regimes assassinos da Síria e do Irã estão mantendo distantes os sunitas, que detestam ou temem o EI, de participarem em outro esforço de base (como o "Despertar" iraquiano anterior) para expulsar os terroristas do seu meio. Aqueles que tentaram, foram impiedosamente assassinados; outros foram simplesmente cooptados e juraram lealdade aos assassinos.

Ao mesmo tempo subestimado e tratado com sensacionalismo, o EI, de forma brutal e inteligente, destruiu as fronteiras dos estados-nação e proclamou-se o restaurador de um império islâmico. Um velho inimigo tornou-se um novo inimigo, determinado a prolongar o que já vem sendo uma guerra longa demais.

1

O PAI FUNDADOR
A jihad de Abu Musab Al-Zarqawi

— CORRAM, Ó MUÇULMANOS, PARA O SEU ESTADO. Sim, é o seu estado. Corram, porque a Síria não é para os sírios, e o Iraque não é para os iraquianos.

Abu Bakr al-Baghdadi — a essa altura ungido Califa Ibraim — proclamou o fim do ISIS[02] e o nascimento do Estado Islâmico no dia 28 de junho de 2014, o primeiro dia do Ramadã. Ele pregou do púlpito da Grande Mesquita de al-Nuri em Mosul, uma cidade da qual suas forças haviam tomado controle dias antes. Embora fosse um nativo nascido no Iraque, al-Baghdadi estava abolindo a sua e todas as formas de cidadania. Da maneira que ele via a questão, as nações do Crescente Fértil — e efetivamente o mundo —, não existiam mais. Apenas o Estado Islâmico existia. Além disso, a humanidade podia ser dividida precisamente em dois "campos". O primeiro era o "campo dos muçulmanos e dos mujahidin [guerreiros sagrados] por toda parte"; o segundo era "o campo dos judeus, dos Cruzados e seus aliados". Parado ali, vestido de negro, al-Baghdadi apresentou-se como o herdeiro do califado Abássida medieval, assim como o espírito personificado do seu predecessor heroico, Abu Musab al-Zarqawi, que havia falado em termos revolucionários muito parecidos e que tinha reverenciado a mesquita a partir da qual Abu Bakr al-Baghdadi estava pregando a realização de uma visão sombria que levara onze anos para ser conquistada.

O garoto de Zarqa

O vilarejo sujo de Zarqa encontra-se a aproximadamente quarenta quilômetros a nordeste de Amã, Jordânia. Antes de o seu filho nativo mais famoso ter adotado o nome da cidade como seu nom de guerre, as pessoas a associavam a duas questões fundamentalmente: uma litúrgica e outra humanitária. Zarqa foi o local bíblico onde ocorreu a famosa luta de Jacó

com Deus e é hoje em dia endereço do mais antigo campo de refugiados palestino na Jordânia, al-Ruseifah. Ahmad Fadhil Nazzal al-Khalaylah, como foi batizado al-Zarqawi, não provinha de um povo sem nação, e sim da tribo Bani Hassan, uma confederação de beduínos que residia na margem oriental do rio Jordão e era conhecida por sua lealdade ao Reino Hashemita. O pai de al-Zarqawi era um mukhtar, um sábio do vilarejo, com poderes municipais de arbitrar disputas locais, embora seu filho preferisse se meter nelas. Al-Zarqawi foi um estudante pouco promissor e semianalfabeto em árabe, vindo a abandonar os estudos em 1984, no mesmo ano que o seu pai morreu, e assumindo imediatamente uma vida de crimes.

— Ele não era tão grande, mas era corajoso — um dos primos de al-Zarqawi relembrou mais tarde para o New York Times. Ele bebia e contrabandeava bebidas alcoólicas; alguns contemporâneos também dizem que foi cafetão. Sua primeira passagem pela prisão foi por posse de drogas e ataque sexual.

Preocupado que o seu filho estava escorregando para um submundo do qual ele jamais escaparia, a mãe de al-Zarqawi, Um Sayel, matriculou-o em cursos religiosos na Mesquita Al-Husayn Ben Ali em Amã. A experiência foi transformadora. A ideia era que a fé suplantaria a criminalidade, mas não da maneira que Um Sayel poderia ter esperado.

Foi na mesquita que al-Zarqawi descobriu pela primeira vez o salafismo, uma doutrina que, na sua forma contemporânea, defende um retorno à pureza ideológica e às tradições do Profeta Maomé. Os salafistas consideram a democracia e a modernidade no estilo ocidental não apenas irreconciliáveis com o islã — para eles são os principais poluidores da civilização árabe, que, após a Primeira Guerra Mundial, estagnou-se sob os regimes ilegítimos e "apóstatas" no Egito, Jordânia, Síria e Iraque. Na ponta mais extrema das suas fileiras, os salafistas também são adeptos da jihad, uma palavra que significa "luta" em árabe e contém uma série de definições. Quando os soviéticos invadiram o Afeganistão em 1979, no entanto, a sua principal definição significava "resistência armada".

A cena em Hayatabad

Hayatabad é uma cidade nas cercanias de Peshawar, Paquistão, que se situa na base do Desfiladeiro Khyber, o corredor de múltiplos impérios que

entraram e depois deixaram o Afeganistão. No final dos anos 1980, a cidade havia se tornado uma espécie de Casablanca para o conflito soviético-afegão, então já em declínio. Era uma cidade de perpétua espera e planejamento, anfitriã para soldados, espiões, traficantes, golpistas, senhores da guerra, contrabandistas, refugiados, comerciantes ilegais e guerreiros sagrados veteranos e aspirantes.

Era também a sede operacional de Osama bin Laden, um dos herdeiros de uma família industrial saudita bilionária, que estava ocupado estabelecendo as fundações e juntando o pessoal para a sua própria organização que dava os seus primeiros passos: a al-Qaeda. O mentor de bin Laden à época também era um dos principais pensadores islâmicos de Hayatabad, um palestino chamado Abdullah Azzam, que em 1984 havia publicado um livro que se tornou um manifesto para os mujahidin afegãos. Ele argumentava que os muçulmanos tinham tanto uma obrigação individual, quanto comunitária, de expulsar exércitos conquistadores ou de ocupação de suas terras sagradas.

Certamente galvanizado pela ocupação militar de Israel em sua cidade natal, Azzam tornou a campanha antissoviética explicitamente a prioridade para todos os muçulmanos crentes, não apenas afegãos. Assim como as exortações de al-Baghdadi décadas mais tarde, Azzam fez uma convocação global para os mujahidin mundo afora para juntarem-se ao seu campo contra o outro. Embora não defendendo diretamente um califado transnacional, Azzam acreditava que o Afeganistão era onde um estado islâmico viável poderia ser construído sobre as cinzas da hegemonia comunista. Esta guerra, afinal de contas, ainda era uma guerra purista que não fora diluída por um coquetel de ideologias competitivas e paradoxais, como vinha sendo ultimamente a causa palestina, graças ao nacionalismo secular de Yasser Arafat e o terrorismo leninista internacional de Carlos, o Chacal.

Então quando Azzam reinstalou-se em Peshawar, ele e bin Laden tornaram-se os anfitriões do covil para os “afegãos-árabes”, como os mujahidin estrangeiros eram conhecidos coloquialmente, e que estavam ansiosos em empreender a guerra santa, mas sem a menor noção de como ou onde começar. Juntos eles fundaram a Maktab al-Khadamat, ou Agência de Serviços, que operava a partir de uma residência de propriedade de bin Laden. Se Azzam era o Marx, um grande filósofo articulando o conceito de uma nova luta revolucionária e atraindo os discípulos necessários para

realizá-la, então bin Laden era o seu Engels, o herdeiro rico que pagava as contas e mantinha as luzes acesas enquanto o mestre trabalhava nos textos que mudariam o mundo.

Aproximadamente três mil afegãos-árabes passaram por este centro de orientação jihadista, onde receberam alimento, dinheiro e moradia, assim como foram aculturados a uma Fronteira Noroeste estranha e heterodoxa em termos étnicos e linguísticos. Incontáveis milhões de dólares passaram através da Agência de Serviços também, grande parte desta soma conseguida por bin Laden e Azzam, e parte dela canalizada pelo governo saudita com o qual bin Laden — através do império de construção da família — tinha laços próximos. Alguns dos terroristas internacionais mais conhecidos conseguiram sua commodity mais valiosa — contatos — sob os sistemas de apadrinhamento estabelecidos por bin Laden e Azzam.

Azzam e o seu pupilo eventualmente se distanciaram devido à proximidade de bin Laden com outra celebridade em ascensão no firmamento jihadista: Ayman al-Zawahiri, um cirurgião egípcio que havia prestado três meses de serviços médicos para a Sociedade do Crescente Vermelho no Paquistão no verão de 1980 e chegara a realizar até breves incursões no Afeganistão a fim de observar a guerra em primeira mão. Ao fim da década, al-Zawahiri já havia atingido uma notoriedade global por estar entre as centenas de pessoas presas e torturadas por sua alegada cumplicidade no assassinato do presidente egípcio Anwar Sadat. Ele havia sido o emir, ou príncipe, do Jamaat al-Jihad, ou Grupo Jihad, que havia tentado um golpe de estado no Cairo e o estabelecimento de uma teocracia islâmica em seu lugar.

Após a sua soltura, al-Zawahiri retornou a Peshawar em 1986 para retomar seu trabalho como médico em um hospital do Crescente Vermelho, e para reconstituir o al-Jihad. Seu salafismo à época havia se tornado mais extremo; ele andara flertando com o conceito do takfirismo — a excomunhão de pares muçulmanos baseada em sua suposta heresia, e uma injunção que quase sempre trazia consigo uma sentença de morte. Desse modo, quando al-Zawahiri fez amizade com bin Laden, ele entrou em um curso de colisão direta com Abdullah Azzam, que se opunha a muçulmanos matarem outros muçulmanos. Para Azzam, a verdadeira meta do jihadismo era o Ocidente irreligioso e depravado, o que, é claro, incluía o estado de Israel. Al-Zawahiri e Azzam odiavam um ao outro e competiam pela

atenção e boa vontade de bin Laden. E, acima de tudo, eles competiam por seu dinheiro.

No fim do mês de novembro de 1989, Azzam e dois dos seus filhos foram mortos após uma bomba no acostamento da estrada explodir o seu carro a caminho de uma mesquita. (As teorias quanto aos prováveis culpados por trás da bomba foram desde a KGB, passando pelo serviço de inteligência saudita e chegando à CIA, ou bin Laden e/ou al-Zawahiri.) Logo no mês seguinte, um dos outros filhos de Azzam, Huthaifa Azzam, foi até o aeroporto de Peshawar buscar um grupo, em sua maior parte, composto por afegãos-árabes vindos da Jordânia e que chegavam nos estertores da guerra contra o Exército Vermelho, a aproximadamente dois meses de sua retirada categórica do Afeganistão. Um deles era al-Zarqawi.

Clausewitz[03] **para terroristas**

Na primavera de 1989, Abu Musab al-Zarqawi partiu de Hayatabad na direção leste até a cidade de Khost, Afeganistão, chegando apenas a tempo de ver o Exército Vermelho ser derrotado. Em vez de retornar à Jordânia como o homem que havia perdido a guerra santa, ele permaneceu na região da Fronteira Noroeste até 1993, estabelecendo mais contatos úteis entre aqueles concorrendo para determinar o destino de um Afeganistão pós-soviético. Entre estes estava o irmão de Khalid Sheikh Mohammed, o idealizador do 11 de Setembro, e Mohammed Shobana, que publicava uma revista jihadista chamada Al-Bunyan Al-Marsus (A Fortaleza Impenetrável). Apesar de seu árabe claudicante, e somente com base na referência dada por um clérigo bem conceituado, al-Zarqawi foi contratado como um dos correspondentes da revista. Ele também conheceu seu futuro cunhado, Salah al-Hami, um jornalista palestino-jordaniano afiliado à Al-Jihad de Abdullah Azzam, a revista produzida pela própria Agência de Serviços. Al-Hami havia perdido uma perna para uma mina terrestre em Khost, e mais tarde relatou que foi durante sua convalescença em um hospital, após reclamar que jamais encontraria uma esposa com a sua deformidade, que al-Zarqawi ofereceu uma de suas sete irmãs para al-Hami para que ele se casasse com ela. Esta irmã viajou para Peshawar para o casamento, um evento que proporcionou a primeira e única filmagem de al-Zarqawi até abril de 2006, quando sua franquia da al-Qaeda no Iraque

liberou um vídeo de propaganda mostrando o seu comandante vestido de negro disparando uma metralhadora como o Rambo.

De acordo com al-Hami, a reportagem de al-Zarqawi consistia, em sua maior parte, de entrevistas com veteranos da guerra afegã-soviética, através das quais ele vivia vicariamente. À noite, ele tentava memorizar o Alcorão.

Al-Hami retornou à Jordânia, após alguns meses, com sua nova noiva, mas seu cunhado permaneceu, participando no que era então uma guerra civil incipiente pelo destino de um recentemente liberado Afeganistão. Ele uniu-se ao senhor da guerra pashtun Gulbuddin Hekmatyar, que serviu intermitentemente como primeiro-ministro de Cabul antes de sua administração ser finalmente usurpada pelo Talibã, obrigando Hekmatyar a fugir para o Irã. Os dias de al-Zarqawi como contador das histórias de guerra de outras pessoas estavam no fim. Ele queria produzir as suas próprias histórias.

Ele participou de uma série de campos de treinamento na fronteira do Afeganistão com o Paquistão, incluindo Sada al-Malahim ("o Eco da Batalha") que era essencialmente o Forte Dix para a al-Qaeda. Ele formou os idealizadores dos dois ataques separados ao World Trade Center: Ramzi Yousef e Khalid Sheikh Mohammed. Como relatado por Loretta Napoleoni em seu livro Insurgent Iraq: Al-Zarqawi and the New Generation, o ex-guarda-costas de bin Laden, Nasir Ahmad Nasir Abdullah al-Bahari, descreveu a vida no campo em Sada al-Mahalim como três fases distintas de treinamento e doutrinação. A primeira consistia de "dias de experimentação", que durava quinze dias, durante os quais um recruta era sujeito à "exaustão psicológica e moral" — isto, evidentemente, para separar os fracos dos verdadeiros guerreiros. A segunda era o "período de preparação militar", que durava quarenta e cinco dias, durante os quais um recruta aprendia primeiro como empunhar armas leves, então evoluía para lançadores de mísseis portáteis superfície-ar e cursos de cartografia. A terceira e última fase era o "curso de táticas de guerra de guerrilha", no qual era ensinada teoria militar. Clausewitz para terroristas.

Regresso ao lar

Al-Zarqawi voltou à Jordânia em 1992 e foi colocado imediatamente sob vigilância pelo Diretório de Inteligência Geral (DIG) do reino, que

estava então preocupado que repatriar afegãos-árabes redirecionaria a sua atenção para o inimigo em casa. O DIG estava certo em estar preocupado. Seus temores foram comprovados em 1993, quando as conversas de paz da Jordânia com Israel exacerbaram a antipatia islâmica contra o reino e aqueles combatentes recentemente retornados da frente afegã começaram a fundar seus próprios empreendimentos jihadistas, como Jaysh Muhammad (o Exército de Maomé) e al-Hashaykkah (os Afegãos Jordanianos).

O retorno de Al-Zarqawi à vida civil foi inevitavelmente malogrado. Ele visitou Abu Muhammad al-Maqdisi, um salafista jordaniano-palestino que havia conhecido em Hayatabad, e que havia sido quem o indicara como correspondente para a revista de Shobana. Al-Maqdisi havia recentemente publicado uma ladainha anti-Ocidente duríssima, Democracia: Uma Religião, que traçava uma linha inflexível entre a economia política dos "pagãos" e a lei divina de Alá. Juntos, em um espetáculo de sombras levantino da atuação em dupla de bin Laden e Azzam, al-Zarqawi e al-Maqdisi buscavam converter suas audiências em salões improvisados por toda a Jordânia, invectivando contra as relações mais próximas com Israel e o papel imperialista e intrometido dos Estados Unidos no Oriente Médio. Al-Maqdisi era um erudito pedante, cheio de denúncias a respeito das deficiências da política contemporânea; al-Zarqawi era carismático, mas um peso leve intelectual.

— Ele nunca me pareceu um sujeito inteligente — disse Mohammed al-Dweik, futuro advogado de al-Zarqawi anos mais tarde.

Al-Maqdisi fundou sua própria célula jihadista jordaniana conhecida como Bayt al-Iman (a Casa do Imã) e arregimentou al-Zarqawi. A sua primeira investida no terrorismo caseiro lembrou mais uma comédia policial do que uma tragédia sombria. Armas descartadas pelo exército iraquiano em retirada no fim da Primeira Guerra do Golfo haviam fornecido material para um próspero mercado kuaitiano. Al-Maqdisi, que vivera no Golfo Pérsico por um tempo e tinha conexões relevantes, comprou minas antipessoais, foguetes antitanques e granadas de mãos, e contrabandeou estes armamentos para a Jordânia para futuros ataques terroristas contra o reino. Al-Maqdisi deu a al-Zarqawi o contrabando para esconder, então o pediu de volta; al-Zarqawi condescendeu, salvo por duas bombas, que ele mais tarde diria que seriam para "usar em uma operação suicida nos territórios ocupados pelos sionistas". Sabedores de que o DIG estava seguindo os seus movimentos e tinha conhecimento de suas cargas ilícitas,

ambos os terroristas tentaram fugir da Jordânia antes de serem pegos. Em março de 1994 os dois foram presos — al-Zarqawi depois de o DIG ter dado uma batida em sua casa e encontrado o estoque de armamentos. Encontrado na cama, ele tentou atirar em um policial e, então, cometer suicídio. Conseguiu fracassar nos dois intentos. Foi processado e condenado pela posse de armas ilegais e por pertencer a uma organização terrorista proibida.

No seu julgamento, al-Zarqawi e al-Maqdisi decidiram transformar o banco dos réus em um púlpito, de maneira bastante semelhante como al-Zawahiri fizera no Egito. Eles denunciaram o tribunal, o estado e a monarquia por violarem as leis de Deus e do Islã. De acordo com o juiz Hafez Amin, a Bayt al-Imam "submeteu uma carta de acusação na qual alegavam que estávamos atuando contra os ensinamentos do Alcorão Sagrado". Amin foi instruído ainda a passar uma mensagem adiante para o próprio Rei Hussein, acusando-o de sacrilégio. Al-Zarqawi ainda se encontrava hierarquicamente abaixo de al-Maqdisi e era superado pela facilidade com que o clérigo transformava um processo legal em propaganda. Ambos foram sentenciados em 1994 a quinze anos na prisão e transferidos para um presídio de segurança máxima chamado Swaqa, baseado no deserto.

"A prisão foi a sua universidade"

O tempo na prisão tornou al-Zarqawi mais focado, brutal e decisivo. Como um membro dos Bani Hassan, ele ocupava uma posição acima dos outros presos, até de al-Maqdisi, que, no entanto, era dignificado por sua amizade com al-Zarqawi. Na Jordânia, como em toda parte, a dinâmica de uma prisão apenas enfatizava os privilégios e tratamento especial gozado por criminosos além de suas caixas de concreto. Al-Zarqawi alavancava a sua influência com guardas flexíveis ou corruptos para fazer com que a sua facção — formada por outros condenados da Bayt al-Iman — prosperasse. Ele conseguiu que seus subalternos deixassem de usar os uniformes padrão e de responder à chamada matutina.

— Ele conseguia ordenar os seus seguidores a fazerem coisas apenas movendo os olhos — relembrou um médico da prisão.

Através da coerção ou persuasão, al-Zarqawi buscou singularizar a sua interpretação da ideologia islâmica, colocando a si mesmo no papel de supremo jurisprudente. Ele batia naqueles de quem não gostava, como um colaborador da revista feita em Swaqa que havia produzido artigos críticos a seu respeito. Outro preso, Abu Doma, relembrou que al-Zarqawi o havia pego uma vez lendo Crime e Castigo, um "livro escrito por um pagão". Al-Zarqawi fez questão de se assegurar que Abu Doma abandonasse o seu interesse em literatura russa profana, escrevendo a ele uma carta prepotente na qual grafava o nome de Dostoiévski como "Dossefski". ("A nota estava cheia de erros em árabe, como se uma criança a tivesse escrito", relatou Doma.) Incapaz de desenvolver argumentos, al-Zarqawi em vez disso desenvolveu o seu corpo, usando a armação da sua cama e latas de óleo de oliva cheias de pedras como pesos. Ele nem sempre conseguia o que queria com os guardas, no entanto. Quando os enfrentava, às vezes al-Zarqawi apanhava, impressionando mais ainda aqueles que o viam como um líder de homens. Em determinado momento, ele foi colocado em confinamento solitário por oito meses e meio.

Foi na prisão que al-Zarqawi também eclipsou al-Maqdisi e assumiu o título de emir, uma troca de honrarias que o último mais tarde insistia que havia concedido ao primeiro. O mentor-erudito ajudou o pupilo-comandante a cultivar sua ideologia, assim como sua força; os dois homens compuseram fatwas, ou éditos religiosos, que foram então publicados na Internet. Alguns destes chegaram até a chamar a atenção de bin Laden, que havia seguido o julgamento dos dois jordanianos com grande interesse, do Paquistão. De acordo com "Richard", um ex-oficial de contraterrorismo importante no Pentágono que pediu para ser citado sob um pseudônimo, a experiência de al-Zarqawi na prisão foi semelhante a do chefe do crime organizado de Boston, Whitey Bulger:

— Nós o mandamos para a Harvard das penitenciárias norte-americanas. Ele era um criminoso ardiloso com um QI baixo e que se virava bem. Ele saiu da prisão com uma grande credibilidade nas ruas que o ajudou a formar a sua própria gangue, mandando em Boston por quatro ou cinco anos. O mesmo ocorreu com al-Zarqawi. A prisão foi a sua universidade.

Algo bastante parecido seria dito de Abu Bakr al-Baghdadi vinte anos mais tarde, quando seus colegas presos do EI relatavam suas qualidades

similares de liderança e maneabilidade com os guardas no Campo Bucca, um centro de detenção norte-americano no sul do Iraque.

Em última análise, al-Zarqawi cumpriu apenas uma fração da sua sentença, devido a uma sucessão dinástica no governo quando o Rei Hussein da Jordânia morreu e foi sucedido por seu filho Abdullah II, um reformista educado no Ocidente que instituiu uma política de reconciliação com a Irmandade Muçulmana, o maior bloco de oposição no parlamento jordaniano. Em março de 1999, o novo rei declarou uma anistia geral para aproximadamente três mil prisioneiros, excetuando os piores criminosos, como assassinos, estupradores e criminosos. Muitos islamitas que não haviam realmente cometido terrorismo contra a coroa foram libertos, al-Zarqawi entre eles.

Encontrando bin Laden

Al-Zarqawi deixou a Jordânia no verão de 1999, partindo uma vez mais para o Paquistão a fim de retomar o caminho abandonado anos antes. Ele foi preso brevemente em Peshawar e passou oito dias em detenção, evidentemente porque o seu visto havia expirado. Informado que só receberia o seu passaporte de volta se o usasse para retornar à Jordânia imediatamente, em vez disso, al-Zarqawi atravessou ilegalmente a fronteira para o Afeganistão, terminando em uma "pensão"

jihadista em um vilarejo a oeste de Cabul, em uma área, à época, sob o domínio de Gulbuddin Hekmatyar.

O primeiro encontro com Osama bin Laden ocorreu na capital de fato do Talibã, Kandahar. Foi um desastre. Bin Laden suspeitou de al-Zarqawi e do cabal de jordanianos com quem ele havia chegado, de estarem infiltrados pelo DIG. Além disso, as muitas tatuagens de ex-condenado, as quais al-Zarqawi havia reunido em seus dias menos devotos e, então, tentado — e fracassado — apagar com ácido hidroclórico na prisão, também perturbaram o saudita puritano. Mais do que qualquer coisa, no entanto, foi a arrogância de al-Zarqawi, suas "visões rígidas", que ofenderam bin Laden. Al-Zawahiri estava presente no encontro e concordou que o jordaniano não era um candidato ideal para tornar-se membro da al-Qaeda.

Inimigos, próximos e distantes

Em 1996 bin Laden emitiu uma fatwa, “Declaração de Jihad Contra os Norte-Americanos Ocupando as Terras dos Dois Locais Mais Sagrados”, os dois locais sendo Meca e Medina, na Arábia Saudita, onde as forças norte-americanas e de coalizão ainda estavam posicionadas após a Primeira Guerra do Golfo. A declaração era de certa maneira uma fusão da exegese de Azzam e al-Zawahiri em defesa da guerra santa. Assim como com o Afeganistão, a al-Qaeda alegava estar lutando contra outro invasor infiel de terras muçulmanas, apenas que, dessa vez, o “invasor” estava lá a convite e para a satisfação de um governo muçulmano, o antigo colaborador de bin Laden contra os russos.

No início dos anos de 1990 a al-Qaeda havia atacado soldados norte-americanos por todo o Oriente Médio e África, do Iêmen à Arábia Saudita, passando pelo Quênia e a Tanzânia, colocando a organização firmemente no campo do “inimigo distante” da jihad, embora com a disposição a mais de matar quaisquer muçulmanos que colaborassem com a superpotência democrática. Então, ao querer trazer o terrorismo de volta para a Jordânia, para ser usado exclusivamente contra alvos muçulmanos, al-Zarqawi ainda estava firmemente no campo do “inimigo próximo”. Em outras palavras, ele estava exatamente onde o al-Zawahiri mais velho estivera uma década antes, uma divergência tanto geracional, quanto ideológica. Al-Zarqawi também tinha uma definição muito mais promíscua de kuffar (“descrentes”), que aplicou para incluir todos os xiitas e qualquer companheiro sunita que não seguisse uma estrita convenção salafista. Bin Laden nunca traçara um alvo sobre estas categorias antes, sem dúvida por razões filiais: sua própria mãe era uma síria alauita, ou membro da ramificação da seita xiita.

A partir de princípios tão nefastos, então, um casamento de conveniência foi forjado entre os dois jihadistas. O chefe de segurança da al-Qaeda, Saif al-Adel, parece ter sido a razão, devido a uma das melhores ferramentas do terrorismo islâmico: o pragmatismo interpessoal. Al-Zarqawi a esta altura tinha amplos contatos no Levante, o que al-Adel convenceu bin Laden de que seria útil para a al-Qaeda. Um desses contatos era Abu Muhammad al-Adnani, que hoje em dia é o porta-voz oficial do EI.

Tawhid wal-Jihad

Até 2000 al-Zarqawi foi encarregado de administrar um campo de treinamento em Herat, a terceira maior cidade do Afeganistão, situada na fronteira com o Irã. O campo foi construído com o investimento inicial da al-Qaeda, de acordo com o ex-analista da CIA Nada Bakos, que estima que bin Laden cedeu US$ 200.000 a al-Zarqawi na forma de um "empréstimo", uma ninharia comparado com o que a al-Qaeda era financeiramente capaz de desembolsar.

— Tudo que você precisava era uma faixa de terra, algumas barras de exercícios e caras circulando com AK-47s — disse Richard, o ex-oficial do Pentágono.

— Não estamos falando de um treinamento sofisticado ou mesmo de um treinamento básico dos Marines. A atividade física em Herat era para determinar quem tinha estômago para a luta.

Al-Zarqawi treinava fundamentalmente recrutas palestinos e jordanianos para o que ele chamava de Jund-al-Sham (Soldados do Levante), embora a bandeira acima da entrada do campo carregasse o slogan que mais tarde tornar-se-ia o nome da sua célula terrorista no Iraque: "Tawhid wal-Jihad" ("Monoteísmo e Jihad"). Como implicava o nome, os Soldados do Levante estavam sendo preparados para operações terroristas futuras em Israel/Palestina, Jordânia e outros países árabes, com a meta final sendo a derrubada dos regimes. Alguns dos alunos formados pelo campo realmente participaram de atentados "impactantes", incluindo o assassinato, em 2002, de Laurence Foley, um funcionário graduado da Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional em Amã; e outra conspiração, que ganhou notoriedade, para explodir bombas químicas na capital jordaniana em 2004, a fim de atingir o gabinete do primeiro-ministro, a sede do DIG e a embaixada norte-americana. As autoridades jordanianas alegaram que se este ataque tivesse sido bem-sucedido, ele poderia ter matado até oitenta mil pessoas; al-Zarqawi aceitou a responsabilidade pelos ataques malogrados, mas negou que tivessem quaisquer armas químicas.

Jund al-Sham cresceu exponencialmente, impressionando profundamente al-Adel, que visitava Herat mensalmente para reportar de volta a bin Laden a respeito do progresso do beneficiário do seu empréstimo. A avaliação de bin Laden a respeito de al-Zarqawi poderia ter mudado ligeiramente durante aquele período. Repetidamente entre 2000 e 2001, o líder da al-Qaeda havia pedido a al-Zarqawi para retornar a

Kandahar e fazer bayat — ou jurar lealdade — que era um gesto obrigatório para o alistamento completo na al-Qaeda. Repetidas vezes al-Zarqawi recusou-se.

— Eu nunca o ouvi elogiar qualquer pessoa fora o Profeta, assim era o caráter de Abu Mos'ab, ele jamais seguiu alguém, ele fazia apenas o que achava ser justo — relembrou-se um ex-colega. Seja devido à sua arrogância ou sua diferença de opinião com seu benfeitor, al-Zarqawi manteve uma relação minimamente distante e oportunista com a al-Qaeda até 2004.

Ansar al-Islam

Um dos tenentes de al-Zarqawi em Herat era um jordaniano também, Abu Abdel Rahman al-Shami, que tinha a missão de expandir a sua rede para a região norte do Iraque através do Irã a fim criar um feudo ao estilo do talibã na região semiautônoma do Curdistão, que estava então protegida do exército e força aérea de Saddam por uma zona de bloqueio aéreo internacionalmente vigiada. O grupo jihadista que al-Shami formou era conhecido como Jund al-Islam, e ocupava uma área de quinhentos quilômetros quadrados na parte montanhosa ao norte da região, dominando aproximadamente duzentas mil pessoas que foram subitamente proibidas de beber álcool, ouvir música e ver televisão via satélite.

Após os ataques de 11 de Setembro e o começo da invasão norte-americana do Afeganistão, o Jund al-Islam fundiu-se com outras células terroristas para tornar-se o Ansar al-Islam. Os alvos deste conglomerado eram dois: o regime Baathista em Bagdá e a União Patriótica do Curdistão (UPC) liderada por Jalal Talabani, que se tornaria presidente de um Iraque pós-Saddam.

No dia 3 de fevereiro de 2003, apenas algumas semanas antes da Guerra do Iraque começar, o Secretário de Estado Colin Powell dirigiu-se às Nações Unidas e afirmou que o poleiro do Ansar al-Islam no norte do Iraque, que havia sido detalhado pela inteligência curda, era prova dos laços da al-Qaeda com o regime de Saddam. A rede de al-Zarqawi, insistiu Powell, estava produzindo ricina e armas químicas no seu distrito de quinhentos quilômetros quadrados, enquanto al-Zarqawi, a quem o alto diplomata referiu-se equivocadamente como sendo um palestino, havia

passado meses recebendo tratamento médico em Bagdá, sob os cuidados do estado. Alegadamente ele havia precisado ter uma perna amputada e substituída por uma prótese após ser gravemente ferido em um ataque aéreo no Afeganistão.

Muitos dos detalhes menores e maiores do discurso de Powell foram mais tarde desmascarados após as forças norte-americanas terem invadido o Iraque e recuperado uma quantidade significativa de arquivos de inteligência iraquianos e interrogado um número suficiente de ex-oficiais de inteligência iraquianos; embora houvesse aqueles que trabalhavam na administração Bush que nunca acreditaram na argumentação de Powell.

— Nós ouvimos falar a respeito de Zarqawi pela primeira vez em 98 ou 99, e nós sabíamos qual era a dele — nos contou Richard. — Ele seria um cara brutal quando fosse expulso do Afeganistão, mas não sabíamos que ele se dirigiria para o Iraque. Nós presumimos que ele voltaria para a Jordânia. Quanto à sua "estadia" no Iraque, não creio em toda a história do hospital de Bagdá da maneira que a administração a vendeu — essa aí parece cair na categoria da "imaginação de Dick Cheney".

Embora ele tivesse enviado al-Shami e outros combatentes treinados em Herat para o Curdistão, a relação de al-Zarqawi com o Ansar al-Islam era mais informal do que o imaginado pelos Estados Unidos. Na realidade, ela era baseada exatamente no tipo de pragmatismo interpessoal que levou à própria associação de al-Zarqawi com bin Laden.

— Jihadistas ganham mais através de amizades e conhecidos do que ao constarem juntos em uma lista dizendo fazerem parte da mesma célula terrorista — disse Richard.

— Olhe para o EI hoje em dia e para todos os grupos na Síria, e veja quão fungíveis eles são.

Ansar al-Islam concedeu refúgio a Zarqawi no Curdistão [Iraque] porque eles o conheciam e gostavam dele. Lembre-se, ele sempre foi bom em negociar com várias entidades criminais e tribais.

Quando os Estados Unidos e a OTAN entraram em guerra no Afeganistão, o campo de al-Zarqawi em Herat foi sitiado pela Aliança do Norte apoiada pelo Ocidente, e al-Zarqawi fugiu para Kandahar, onde sofreu um ferimento moderado de um ataque aéreo da coalizão. Mas ele não perdeu uma perna; ele apenas quebrou algumas costelas, de acordo com Iyad Tobaissi, um dos seus ex-alunos. Al-Zarqawi e o seu comboio de aproximadamente trezentos militantes então deixou o país em direção ao

Irã, onde ficaram por uma semana na cidade de Zahedan antes de migrar para Teerã sob os auspícios de um velho amigo: Gulbuddin Hekmatyar, mais outro contato útil que al-Zarqawi havia feito em sua primeira viagem para a Fronteira Noroeste.

Nur al-Din e o Iraque

— Abu Mos'ab viu no Iraque uma nova arena para a sua jihad, um amplo espaço; ele estava esperando confrontar os norte-americanos lá assim que a guerra no Afeganistão tivesse terminado, e Deus Todo-Poderoso deu a ele a força para tornar-se o novo líder jihadista no Iraque... Ele estivera planejando por isso por um longo tempo — disse um membro da comitiva de al-Zarqawi.

Saif al-Adel, o chefe de segurança da al-Qaeda que havia pressionado para que al-Zarqawi fosse mantido próximo da organização, mais tarde afirmou que a decisão do jordaniano de ir para o Iraque na realidade estava enraizada nas glórias antigas da história islâmica: — Acho que as histórias que [al-Zarqawi] leu a respeito de Nur al-Din e o lançamento da sua campanha de Mosul no Iraque tiveram um papel importante em influenciá-lo a se mudar para o Iraque após a queda do Emirado Islâmico no Afeganistão.

Pelo visto ele se inspirava na história do soberano do século doze, Nur al-Din Mahmud Zangi, que governou Aleppo e Mosul, e foi celebrado como um herói da Segunda Cruzada. Ele destruiu forças Francas no sul da Turquia e derrotou o príncipe cristão Raymond de Poitiers na Antioquia.

Mais tarde, Nur al-Din unificou a Síria ao casar-se com a filha do atabeg de Damasco. Seu vassalo, o comandante militar curdo Saladin, um homem no qual muitos jihadistas contemporâneos ainda se espelham, tornar-se-ia o soberano de Mosul. Antes de partir para combater a Segunda Cruzada, Saladin pregou da Grande Mesquita de al-Nuri. O local para o sermão de al-Baghdadi em 28 de junho de 2014 foi, assim, cuidadosamente escolhido. Ele não estava somente prestando uma homenagem ao pai fundador do EI, al-Zarqawi, mas também implicitamente proclamando a reunificação de Aleppo e Mosul sob a bandeira negra do califado islâmico restaurado.

Patrocínio iraniano

Por aproximadamente um ano após a sua fuga do Afeganistão, al-Zarqawi ficou baseado no Irã e no norte do Iraque, embora ele tivesse viajado por toda a região. Ele visitou um campo de refugiados palestino no sul do Líbano, onde recrutou membros para sua rede jihadista em expansão, e deslocou-se pelas comunidades de maioria sunita das regiões central e norte do Iraque.

Shadi Abdalla, ex-guarda-costas de bin Laden, mais tarde contou às autoridades alemãs que al-Zarqawi foi preso no Irã por um curto período de tempo nesta época antes de ser solto — uma alegação que os dirigentes jordanianos mencionam ter sido corroborada em uma viagem à República Islâmica em 2003. Al-Zarqawi também foi à Síria, onde o DIG acredita que ele planejou o assassinato de Foley, com a conivência dos serviços secretos de Bashar al-Assad.

O próprio arquivo de Amã a respeito do patrocínio de estado das atividades terroristas de al-Zarqawi nos dias que antecederam a Guerra do Iraque contrastou claramente com o que Powell havia apresentado anteriormente. Não era para Bagdá que os Estados Unidos deveriam estar olhando, disseram os jordanianos; era Teerã. Uma fonte de alto nível do DIG disse à revista Atlantic em 2006:

"Nós conhecemos Zarqawi melhor do que ele mesmo se conhece. E posso assegurar-lhe que ele nunca teve vínculo algum com Saddam. O Irã é uma questão bem diferente. Os iranianos têm uma política: eles querem controlar o Iraque. E parte desta política tem sido apoiar Zarqawi, taticamente, mas não estrategicamente. . No começo eles deram a ele armas automáticas, uniformes, equipamentos militares, quando ele estava com o exército de Ansar al-Islam. Agora eles essencialmente fecham um olho para as suas atividades e aquelas da al-Qaeda em geral. Os iranianos veem o Iraque como uma luta contra os norte-americanos, e no fim das contas, eles vão se livrar de al-Zarqawi e todo o seu pessoal assim que os norte-americanos tiverem partido".

Há uma ironia tripla por trás desta observação.

Primeiro, o advento do reino de terror de al-Zarqawi no Iraque notabilizou-se por seu foco em matar ou atormentar a maioria xiita da

população do país; isto, ele acreditava, criaria um estado de guerra civil que forçaria os sunitas a recuperarem seu poder e prestígio perdidos em Bagdá e restaurarem a glória de Nur al-Din.

Em segundo lugar, o Irã tentou mais tarde "livrar-se" dos discípulos muito mais formidáveis de al-Zarqawi no Iraque, clara e orgulhosamente liderando a campanha terrestre contra o EI usando tanto o seu Corpo da Guarda Revolucionária, quanto seus agentes, as milícias xiitas iraquianas pesadamente armadas e treinadas. Segundo consta, aviões de guerra iranianos chegaram a até a bombardear posições do EI no Iraque.

Terceiro, o comprometimento da República Islâmica com a atividade de al-Zarqawi em 2001-2002 atende de maneira mais adequada a acusação lançada pela administração Bush contra o regime de Saddam, de manter uma aliança tática ou pacto cordial com a al-Qaeda. Por uma bela coincidência, este fato chegou a ser mencionado francamente pelo colega de al-Zarqawi e atual porta-voz do EI, Abu Muhammad al-Adnani, em uma mensagem dirigida para Ayman al-Zawahiri em maio de 2014, meses depois da al-Qaeda ter anunciado formalmente o seu rompimento com sua ex-franquia. Foi em deferência a al-Zawahiri e outros figurões jihadistas, disse al-Adnani, que o "EI não atacou os Rawafid no Irã desde o seu estabelecimento... Ele segurou sua ira todos estes anos e suportou acusações de colaboração com seu pior inimigo, Irã, por deixar de atacá-lo, deixando os Rawafid para viver lá em segurança, atuando de acordo com as ordens da al-Qaeda para salvaguardar seus interesses e linhas de provisão no Irã. Deixe que a história registre que o Irã deve incomensuravelmente à al-Qaeda".

Al-Zarqawi e bin Laden talvez não tenham confiado ou mesmo gostado um do outro, mas sua parceria foi forjada com um objetivo comum: pegar os Estados Unidos e seus aliados ocidentais em uma armadilha no Iraque. Tão cedo quanto outubro de 2002, al-Zawahiri havia antecipado a guerra, que ele disse estava sendo perpetrada não para disseminar a democracia, mas para eliminar toda oposição militar ao estado de Israel no mundo árabe e islâmico. Um ano mais tarde, bin Laden escreveu uma carta para o povo do Iraque em um comunicado transmitido pela Al Jazeera, dizendo aos iraquianos para se prepararem para a ocupação de uma capital islâmica antiga e a instalação de um regime de fachada que "abriria o caminho para o estabelecimento da Grande Israel". A Mesopotâmia tornar-se-ia o epicentro para uma conspiração Cruzado-Judia que tragaria o

Oriente Médio. Em oposição a isso, bin Laden defendia a guerra urbana e "operações de martírio", ou bombardeios suicidas, e ele lançou uma chamada global por um exército mujahidin em uma escala que não era vista desde os dias da Agência de Serviços. No entanto, este apelo trazia consigo um pós-escrito intrigante. Os "socialistas infiéis" do regime Baathista de Saddam Hussein, disse bin Laden, eram cúmplices valiosos em qualquer luta contra os norte-americanos. Para ferir o "inimigo distante" os jihadistas eram, desse modo, encorajados a colaborarem com os resquícios de um "inimigo próximo" até que a vitória islâmica final pudesse ser vencida. As consequências desta ratificação de uma aliança Islâmica-Baathista seriam letais e duradouras.

2

O XEIQUE DOS CHACINADORES
Al-Zarqawi e al-Qaeda no Iraque

— Regimes corruptos e terroristas são indispensáveis uns aos outros — afirma Emma Sky, uma conselheira britânica para o exército norte-americano no Iraque. — Trata-se de uma relação simbiótica. Realmente, apesar de toda sua pose como uma força de combate imbatível, o EI contou com a ajuda de aliados e representantes ideologicamente questionáveis mais do que gostaria de admitir. Quando os Estados Unidos invadiram o Iraque, al-Zarqawi encontrou alguns dos seus defensores mais entusiasmados entre os remanescentes dos mesmíssimos "inimigos próximos" de que ele havia se declarado opositor: o regime Baathista de Saddam Hussein. Hoje em dia, o avanço impressionante do EI sobre as regiões norte e central do Iraque beneficiou-se em grande parte das mesmas negociações convenientes e próximas.

O fantasma de Saddam

A injunção de Bin Laden foi percebida absolutamente nos meses iniciais da ocupação do Iraque, quando o exército norte-americano discerniu dolorosamente a natureza híbrida da insurgência que ele estava enfrentando. Saddam Hussein não havia antecipado uma invasão de Bagdá. Mas ele havia preparado muito bem o seu regime para um diferente cenário catastrófico: outra rebelião doméstica seja da maioria xiita iraquiana ou sua minoria curda. Com o estímulo dos Estados Unidos, ambas as seitas haviam se sublevado no fim da Primeira Guerra do Golfo apenas para serem brutalmente chacinadas (com a aquiescência norte-americana). Determinado a não testemunhar qualquer agitação revolucionária desta natureza novamente, Saddam na década interveniente construiu todo um aparato debaixo da terra para a contrarrevolução e tomou precauções para fortalecer seus meios de defesa militares convencionais. Ele fortaleceu uma de suas divisões pretorianas, os Fedayeen Saddam, e licenciou a criação de

um consórcio de guerrilhas representantes. Na sua história magistral da Segunda Guerra do Golfo, Michael Gordon e o General Bernard Trainor observam que, muito antes do primeiro soldado norte-americano ter chegado no Iraque, "redes de casas seguras e depósitos de armas para forças paramilitares, incluindo materiais para fazer explosivos improvisados, também estavam estabelecidos por todo país... Era, na realidade, uma estratégia contrainsurgência para se defender do que Saddam via como as ameaças mais sérias para o seu domínio".

O homem que anatomizou a estratégia, e que compreendeu que a insurgência pós-invasão na realidade compreendia elementos remanescentes do antigo regime — não os "bolsões de perdedores", como o Secretário de Defesa norte-americano Donald Rumsfeld os havia chamado — foi o Coronel Derek Harvey, um oficial de inteligência militar trabalhando para a Força-Tarefa Conjunta Combinada 7 do General Ricardo "Rick" Sanchez, o quartel-general norte-americano no Iraque.

Harvey estimou que entre sessenta e cinco e noventa e cinco mil membros das outras divisões pretorianas de Saddam, a Guarda Republicana Especial, os Mukhabarat (um termo abrangente para os diretórios de inteligência do Iraque), os Fedayeen Saddam e milicianos subsidiados pelo estado ficaram desempregados após Paul Bremer, chefe da Autoridade Provisional da Coalizão (APC) apontado por Bush, ter decidido destituir o exército iraquiano. Muitos dos oficiais depostos juntaram-se a uma campanha nascente para expulsar seus expropriadores. Mais iraquianos insatisfeitos foram somados às suas fileiras, vítimas da controversa política de "des-Baathificação" que Bremer anunciou dez dias após a sua chegada em Bagdá.

Para piorar as coisas, Saddam havia licenciado um mercado cinza no Iraque pensado para driblar as sanções das Nações Unidas — na realidade, uma rede criminosa organizada, chefiada por Izzat Ibrahim al-Douri, seu vice-presidente. Um membro da Ordem Sufi Naqshbandi, que reivindicava descendência direta do primeiro califa islâmico, Abu Bakr, al-Douri havia nascido em al-Dawr, próximo da própria cidade natal de Saddam de Tikrit, na província ao norte do Iraque de Salah ad-Din. Como tal, ele provou-se um hábil operativo Baathista dentro do coração sunita do país. E como vice-presidente ele também foi capaz de estocar armas dos serviços de inteligência e exército do regime com seus companheiros Sufis. Esta era uma forma de patrocínio étnico que em 2006, após a execução de Saddam,

manifestou-se na criação do Exército de Homens da Ordem Naqshbandi — um dos grupos de insurgência sunita mais poderoso no Iraque, e que mais tarde ajudaram o EI a tomar Mosul em 2014.

Al-Douri era um especialista em contrabando; ele administrava um lucrativo esquema de carros roubados, trazendo modelos europeus luxuosos para o Iraque através do porto jordaniano em Aqaba. Era um golpe integrado verticalmente, nos relatou Harvey, porque al-Douri também mantinha as oficinas nas quais esses carros ilícitos eram trabalhados, fornecendo tanto as fábricas quanto as instalações para a construção de dispositivos explosivos improvisados transportados por veículos[04] uma das armas mais mortais usadas contra as tropas norte-americanas no Iraque.

Saddam empregou outras medidas contrarrevolucionárias antes da guerra. Nós tendemos a nos lembrar do regime como sendo "secular", o que ele era até certo ponto. Mas após a Primeira Guerra do Golfo, ele buscou fortalecer o seu regime contra oponentes fundamentalistas estrangeiros, como os mulás iranianos, e também contra os domésticos que poderiam desafiar o seu governo em terras islâmicas de "inimigos próximos". Assim, Saddam islamizou o seu regime, acrescentando a frase "Allahu Akbar" ("Deus É Grande") à bandeira iraquiana e introduzindo uma série de punições draconianas, a maioria das quais era baseada na lei da Sharia: ladrões teriam suas mãos amputadas, enquanto desertores da convocação do exército perderiam as orelhas. Para distinguir estes dos veteranos desfigurados da Guerra Irã-Iraque, Saddamistas também marcavam cruzes nas testas dos amputados com ferros em brasa.

Incrementar a religiosidade do estado tinha um propósito subjacente: desviar ou distrair as críticas de uma economia castigada pelas sanções internacionais. Assim, o regime introduziu uma proibição sobre o emprego feminino, esperando baixar artificialmente as filas de desemprego cada vez maiores no Iraque. De maneira mais significativa, no entanto, foi a inauguração da Campanha de Fé Islâmica de Saddam, que buscou casar a ideologia Baathista das elites do regime com o Islamismo. O homem que ele indicou para supervisionar este currículo de conversão foi ninguém menos que seu caporegime contrabandista de carros, al-Douri.

Previsivelmente, a Campanha de Fé foi um Frankenstein de uma colagem de proselitismo e economia mafiosa. Alguns dos fiéis recentemente convertidos tiveram sua haji, ou peregrinação religiosa anual para Meca, subsidiada pelo estado, enquanto outros foram corrompidos com

imóveis, dinheiro e — naturalmente — carros caros. O Coronel Joel Rayburn, outro oficial de inteligência norte-americano que serviu no Iraque e escreveu uma história do país, observa que uma das consequências não intencionadas da Campanha de Fé foi também a sua mais previsível: — Saddam acreditava que estava enviando para as escolas islâmicas Baathistas comprometidos que seguiriam leais enquanto estabeleciam uma posição segura nas mesquitas a partir das quais o regime poderia então monitorar e manipular o movimento islâmico. Na realidade, o reverso aconteceu. A maioria dos oficiais que foi enviada para as mesquitas não era mais profundamente comprometida com o Baathismo àquela altura, e à medida que se depararam com os ensinamentos Salafistas, muitos tornaram-se mais leais ao Salafismo do que a Saddam.

Muitos formados no programa, observa Rayburn, descobriram que tinham muito a confessar e expiar a respeito dos seus passados e, assim, voltaram-se contra a própria ideologia que a Campanha de Fé tinha a intenção de inculcar, e contra o próprio regime. Alguns desses "Baathistas-Salafistas" chegaram a ter cargos em um novo governo iraquiano promovido pelos norte-americanos enquanto continuando a atuar na clandestinidade como terroristas antinorte-americanos. Uma dessas pessoas foi Khalaf al-Olayan, que havia sido um alto dirigente no exército de Saddam antes de tornar-se um dos principais líderes da Tawafuq, um bloco islâmico sunita no parlamento iraquiano pós-Saddam. Mahmoud al-Mashhadani deixou clara a tolice da Campanha de Fé mesmo antes da invasão norte-americana: ele tornou-se um Salafista empenhado pela causa e foi preso por atacar o próprio regime responsável pela Campanha de Fé. (Al-Mashhadani seguiu em frente até assumir o cargo de porta-voz do Conselho de Representantes do Iraque em 2006, um ano antes que tanto ele quanto al-Olayan foram implicados em uma explosão suicida mortal — contra o parlamento do Iraque.)

— A Campanha de Fé não dizia respeito somente a fazer com que o pessoal do partido Baathista realizasse um treinamento religioso uma vez por semana, assim como seu dever de casa e por aí afora — nos contou Harvey, mais de uma década distanciado da sua primeira análise de quem e o que constituía a insurgência no Iraque. — Ela dizia respeito a usar os serviços de inteligência para atingir a sociedade de acadêmicos islâmicos e trabalhar com uma gama de líderes religiosos como Harith al-Dari — um proeminente clérigo sunita da província de Anbar e o presidente da

Associação de Acadêmicos Muçulmanos. — Mesmo Abdullah al-Janabi — acrescentou Harvey, referindo-se ao ex-chefe do Conselho Mujahideen Shura insurgente em Fallujah —, era um agente da inteligência iraquiana, embora originalmente ele não fosse um Salafista como o retratamos, mas, em vez disso, um Sufi ligado a al-Dor e à Orem Naqshbandi. Não reconhecemos a verdadeira natureza de al-Janabi. Ele não era um extremista religioso de maneira alguma; ele era um nacionalista árabe. A questão que todos esses caras tinham em comum era o desejo de defenderem sua tribo, seu clã e a si mesmos. Este é um princípio unificador. Era a identidade árabe-sunita, esta busca pelo poder e prestígio perdidos, que motivou a insurgência sunita. Muitas pessoas não percebem isto quando caracterizam a insurgência. Se você falar com os xiitas, eles compreendem a natureza da questão pelo que ela é.

Após a invasão norte-americana, al-Douri e grande parte da sua rede Baathista fugiu para a Síria, onde eles foram acolhidos pelo regime de Bashar al-Assad. Apesar da inimizade de décadas do seu pai Hafez com Saddam, al-Assad via esses fugitivos como agentes úteis para o caos, para uma reserva de terror, para perturbar o experimento de construção de uma nação de Bush na porta ao lado. Por sua vez, al-Douri queria fundir os partidos Baathistas Iraquiano e Sírio em um conglomerado transnacional, mas al-Assad recusou-se e por um tempo chegou até a catalisar o seu próprio partido Baathista Iraquiano alternativo para rivalizar com o partido de al-Douri. (A Síria, como examinaremos mais tarde, tornou-se um dos principais patrocinadores estatais tanto do terrorismo Baathista, quanto o da al-Qaeda no Iraque.)

O que Saddam, al-Assad, al-Zarqawi e bin Laden, todos compreendiam, e o que os Estados Unidos tiveram de descobrir a um grande custo em recursos e sangue, foi que a ameaça mais grave apresentada a um governo democrático em Bagdá não era necessariamente o jihadismo ou, mesmo, o Baathismo privado do poder; era o revanchismo sunita.

Árabes sunitas constituem, no máximo, 20 por cento da população iraquiana, enquanto os árabes xiitas constituem até 65 por cento. Uma pluralidade de curdos sunitas (17 por cento), mais uma demografia menor de cristãos, assírios, yazidis e turcomanos sunitas e xiitas compõem o restante do tecido social do país. Mas Saddam havia presidido sobre décadas de um sistema de amparo sectário que favorecia amplamente a

minoria à custa de uma maioria insatisfeita e muito empobrecida. Foi por esta razão que George H. W. Bush, ao levar a cabo a Primeira Guerra do Golfo, nunca buscou uma política de mudança de regime total no Iraque, apenas (intermitentemente) de decapitação do regime, que fracassou. O Bush mais velho tinha a esperança que um golpe Baathista, encorajado pela derrota impingida sobre as forças iraquianas no Kuwait, colocaria um fim, de uma vez por todas, a Saddam, abrindo caminho para uma ditadura mais reformista ou próxima do Ocidente.

A implementação violenta da democracia significou a inversão demográfica do poder no Iraque; ela destruiu o que muitos sunitas iraquianos viam como seu direito de nascimento. No seu livro, Rayburn relembra o que um deles lhe disse:

— Em um primeiro momento ninguém lutou contra os norte-americanos; nem o Baath, ou os oficiais do exército, tampouco as tribos. Mas quando os norte-americanos formaram o Conselho de Governo [em julho de 2003] com treze xiitas e apenas alguns sunitas, as pessoas começaram a dizer: "Os norte-americanos querem dar o país para os xiitas", e então eles começaram a lutar e as tribos começaram a deixar a al-Qaeda entrar.

Saddamistas afastados do poder que haviam retornado às suas cidades e vilarejos nativos ao longo do Rio Eufrates, receberam com grande satisfação os novos recém-chegados, vendo-os como agentes para a expulsão dos norte-americanos e sua própria restauração. Os jihadistas, no entanto, tinham ambições diferentes para o Iraque.

Al-Zarqawi vs. Estados Unidos

A estreia sombria de Musab al-Zar no Iraque foi no dia 7 de agosto de 2003, quando operativos da Tawhid wal-Jihad ("Monoteísmo e Guerra Santa") — novo nome da sua rede, tirado de uma bandeira que ficava pendurada na entrada do campo de treinamento em Herat — bombardearam a embaixada da Jordânia em Bagdá. (Como sempre, ele viu o governo do seu país natal como um alvo primordial). Um pouco mais de uma semana depois, al-Zarqawi orquestrou um ataque à sede das Nações Unidas na mesma cidade. Foi levado adiante por um marroquino de vinte e seis anos, Abu Osama al-Maghribi, que colidiu um carro-bomba contra a parede bem

debaixo da janela de Sérgio Vieira de Mello, o representante especial das Nações Unidas no Iraque, matando-o e a vinte uma outras pessoas, e ferindo mais de duzentas vítimas. Al-Zarqawi disse que ele havia procurado atingir Mello pessoalmente por "embelezar a imagem dos Estados Unidos, dos cruzados e dos judeus". Este "embelezamento" evidentemente incluía o papel do diplomata em supervisionar a independência do Timor Leste (cristão) da Indonésia (muçulmana) — um fato que pouco fez para dissuadir a caracterização do seu terrorismo por alguns apologistas ocidentais de al-Zarqawi como sendo uma expressão do anti-imperialismo.

Al-Zarqawi tinha ajuda.

— Originalmente, os Baathistas cooperaram com o atentado das Nações Unidas e outros bombardeios suicidas em 2003 — disse Harvey. — As casas seguras dos terroristas suicidas eram adjacentes aos conjuntos e residências dos oficiais da Organização de Segurança Especial [OSE]. A OSE era o aparato de segurança mais poderoso no Iraque pré-guerra e estava sob o comando da Guarda Republicana Especial e das Forças Especiais. De acordo com Harvey, ela fornecia os carros para os homens de Zarqawi, que eram convertidos em dispositivos explosivos improvisados transportados por veículos; eles também transportavam os terroristas suicidas.

— A razão de sabermos tanto é que um dos terroristas suicidas não morreu, e fomos capazes de entrevistá-lo e rastrear seus passos.

Em outubro de 2003, a chamada de bin Laden por mujahidin estrangeiros já havia sido ouvida, graças em parte aos infiéis socialistas. Os Saddamistas já haviam estabelecido os "corredores de ratos" — caminhos para combatentes estrangeiros — a fim de transportá-los para o Iraque a partir de uma série de células e organizações terroristas por todo o Oriente Médio e região norte da África.

— Estes jihadistas tinham mantido uma relação de pelo menos três anos — em alguns casos mais — com a OSE e um general chamado Muhammed Khairi al-Barhawi — disse Harvey. — Ele era responsável por seu treinamento. A ideia era que se você compreendia quem eram os terroristas e os mantivesse junto a você, você não precisaria se preocupar em ser atacado por eles.

Al-Barhawi mais tarde foi indicado chefe de polícia em Mosul pelo Major-general David Petraeus, então no comando da 101ª Divisão

Aerotransportada, posicionada na cidade. Petraeus insistiu que a virada para o lado negro da parte de al-Barhawi foi coagida em vez de voluntária.

Harvey discorda:

— Barhawi havia se aproximado da al-Qaeda quando era chefe de polícia, através de suas relações familiares, então na força policial de Mosul, mais tarde nos conselhos do Despertar locais quando eles se desenvolveram. A partir de uma perspectiva tribal, era a coisa inteligente a ser feita: ter este acréscimo na maior quantidade de lugares possíveis.

Matando os xiitas

Entre 2003 e 2005, os Zarqawistas ainda eram uma minoria no terrorismo do Iraque. De acordo com um estudo conduzido pela Fundação Jamestown, uma think-tank baseada em Washington, meros 14 por cento do que os Estados Unidos haviam intitulado de "árabes sunitas em rejeição" pertenciam à rede de al-Zarqawi. Entretanto, este contingente era excessivamente representado na mídia devido à proeminência que Colin Powell concedeu a al-Zarqawi, e o fato de que o terrorismo de al-Zarqawi representava impactantes 42 por cento de todas as explosões suicidas — o modo de violência com o resultado mais sangrento — perpetradas no Iraque.

No mesmo mês que a Tawhid wal-Jihad bombardeou a embaixada jordaniana e as Nações Unidas, ela também assassinou o aiatolá Mohammed Baqir al-Hakim, o líder do Conselho Supremo para a Revolução Islâmica no Iraque (CSRII), com um carro-bomba. Na realidade, foi o sogro de al-Zarqawi, Yassin Jarrad, que realizou o atentado suicida colidindo contra a Mesquita Imam Ali, um dos santuários mais sagrados do islã xiita, nas cercanias da cidade de Najaf, e matou aproximadamente cem pessoas. Al-Zarqawi não fazia segredo do seu ódio patológico pela maioria demográfica do Iraque.

Uma carta que se diz ser de sua autoria e dirigida a bin Laden foi interceptada pelos curdos em janeiro de 2004. Ela deixava o plano maquiavélico de al-Zarqawi de maneira bastante clara: os xiitas, ela dizia, eram "o obstáculo intransponível, a cobra escondida, o escorpião inteligente e malicioso, o inimigo espião e o veneno penetrante". Ela seguia para declarar: "O observador cauteloso e o analista inquiridor perceberão que o

xiismo é o perigo que paira e o verdadeiro desafio", seus praticantes adoradores de túmulos, idólatras e politeístas.

A retórica genocida foi seguida pelo comportamento genocida. Embora al-Zarqawi também tenha explorado o que era então um problema incipiente, mas real, na evolução política do Iraque, a saber: a tomada gradual das instituições estatais por políticos xiitas chauvinistas, muitos dos quais eram espiões ou agentes de influência do Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica do Irã (CGRI).

Uma das vinganças escolhidas por al-Zarqawi foi a Brigada Badr, a ala armada do CSRII, um partido político cujo próprio nome indicava suas fundações Khomeinistas. Ao isolar o Badr, que estava atacando e abusando especificamente dos sunitas, al-Zarqawi conseguiu traduzir ressentimentos sociopolíticos reais em uma demonstração escatológica.

— A Brigada Badr tirou seu uniforme xiita e colocou o uniforme da polícia e do exército no seu lugar — ele escreveu. — Eles colocaram quadros de oficiais nestas instituições e, em nome da preservação da terra natal e dos cidadãos, começaram a acertar suas contas com os sunitas.

A prescrição de al-Zarqawi era começar uma guerra civil "atacando e atingindo os xiitas em sua obscuridade religiosa, política e militar para provocá-los e fazer com que mostrem a sua raiva e descubram seus dentes do rancor escondido operando em seus peitos. Se tivermos sucesso em arrastá-los para a arena da guerra sectária, será possível despertar os sunitas desatentos à medida que sentirão o perigo iminente e a morte aniquiladora nas mãos destes Sabeus".

O EI repousou sua campanha atual na Síria e no Iraque precisamente nesta gramática sectária-existencial, lembrando credulamente a estratégia de guerra de al-Zarqawi na sua propaganda oficial. E ele seguiu nos seus passos atacando os xiitas para instigar sua contrarreação (e reação exagerada), a fim de empurrar os sunitas para os braços protetores do EI. Em junho de 2014, após saquear o Campo Speicher, a antiga base norte-americana em Tikrit, os jihadistas de al-Baghdadi orgulharam-se, por exemplo, que eles haviam executado mil e setecentos soldados xiitas que haviam se rendido do exército iraquiano. Este número pode ter sido exagerado, mas não por muito: o Observatório de Direitos Humanos mais tarde confirmou a existência de locais de execução em massa de xiitas, com uma contagem de mortos coletiva de 770 pessoas. Em Mosul, no mesmo dia que o EI tomou a cidade, ele invadiu a Prisão Badoush e soltou

aproximadamente mil e quinhentos dos seus presos. O EI levou-os para um deserto próximo e separou os sunitas e cristãos dos xiitas.

Membros das primeiras duas categorias foram então transportados para outro lugar; os xiitas foram primeiro abusados e roubados, então alinhados e executados com um tiro sobre uma ravina após cada um declarar o seu número na fila.

Decapitações televisionadas

Al-Zarqawi provou-se um pioneiro terrível em outro aspecto importante: o casamento da ultraviolência pavorosa e a mídia em massa. Como os comandantes do EI hoje em dia, ele tinha um gosto especial por decapitações e a atenção que elas obtinham no Ocidente. É bastante provável que ele tenha decapitado pessoalmente o empreiteiro norte-americano Nicholas Berg em 2004 em um vídeo postado online e que circulou o mundo. A representação deste evento grotesco também foi significativa.

Assim como com James Foley, Steven Sotloff e Peter Kassig, as últimas vítimas norte-americanas do EI, Berg foi vestido com um macacão laranja no estilo de Guantánamo, forçado a ajoelhar-se e obrigado a identificar-se. Uma maldição foi então recitada por seus captores antes de uma faca ser aplicada em sua garganta, com uma discrepância de edição: no caso de Berg, toda a decapitação foi mostrada na tela, enquanto o EI preferiu (sem dúvida para conseguir mais exposição na mídia internacional) manter a maior parte da sangria fora da tela. Também, o corpo de Berg foi descoberto e sua família notificada antes do filme real chegar a ser exibido.

Na sua edição de agosto-setembro de 2004, a Voz do Jihad, uma revista publicada pela ala saudita da al-Qaeda, publicou um texto de apoio à prática escrito por Abd el-Rahman ibn Salem al-Shamari, que se referiu especificamente à decapitação de um egípcio pelos Zarqawistas: “Ó xeique dos matadores Abu Musab al-Zarqawi, continue a seguir o caminho da correção com a ajuda de Alá, guiado por Alá e lute junto com os monoteístas contra os adoradores de ídolos, junto com os guerreiros da jihad contra os colaboradores, os hipócritas e os rebeldes... não tenha por ele [qualquer soldado entre as legiões do rei Saudita] piedade alguma!”. A

marca registrada de al-Zarqawi rendeu-lhe o nome de "Xeique dos Chacinadores".

Embora al-Zarqawi alegadamente mantivesse uma equipe de três pessoas que eram fluentes em softwares de edição de computadores e tecnologia de Internet comparativamente mais primitiva, o EI representou um incremento em habilidade de mídia dramático em relação a al-Zarqawi, empregando os seus próprios canais e postagens de mídia social para disseminar informações. O espetáculo de assassinato mais hediondo, no entanto, tinha o mesmo efeito intencionado nas mãos de ambos os perpetradores.

Nem todos os jihadistas aprovavam o assassinato de muçulmanos por al-Zarqawi, não importa que eles fossem xiitas. O seu antigo mentor al-Maqdisi era um crítico aberto. Escrevendo para seu antigo protegé da sua mais recente cela de prisão jordaniana, onde ele ainda definhava, o clérigo censurou al-Zarqawi:

— As mãos limpas dos mujahidin devem ser protegidas de serem maculadas com o sangue do povo protegido.

No entanto, como o ex-analista da CIA Bruce Riedel observou, esses sentimentos podem não ter sido genuínos: logo após a carta ter sido publicada, a Jordânia deixou al-Maqdisi sair da cadeia e o colocou sob prisão domiciliar, provocando alegações dos jihadistas de que esta crítica a al-Zarqawi possa ter sido editada ou escrita por um terceiro pelo DIG como uma forma de guerra psicológica contra a insurgência.

Embora al-Zarqawi professasse ter ficado profundamente magoado com a crítica do seu ex-professor (ele alegava ter chorado quando leu a carta), o conselho de al-Maqdisi não diminuiu a violência do Tawhid wal-Jihad contra os muçulmanos. Al-Zarqawi disse a ele para tomar cuidado ao emitir esse tipo de fatwa restritiva no futuro. Hoje em dia, al-Maqdisi desancou o EI como sendo "anormal" e criticou suas atrocidades tornadas tão públicas, assim como sua alienação das comunidades muçulmanas locais e grupos armados na Síria. No entanto, isto não deteve o EI de tentar bajular os seguidores de al-Maqdisi. Como observou o acadêmico Michael W. S. Ryan, a primeira edição da revista de propaganda do EI, Dabiq, traz uma ampla discussão de Millat Ibrahim, ou o caminho de Abraão, que não coincidentemente é o título do tratado de 1984 que al-Maqdisi publicou, inspirando um número incalculável de mujahidin a permanecer no Afeganistão.

O apelo de al-Zarqawi

Antes da Blackwater ganhar notoriedade internacional pelo tiroteio letal de dezessete iraquianos na Praça Nisour na parte oeste de Bagdá em 2007, os seus mercenários foram manchete nos jornais três anos antes como corpos terrivelmente pendurados de cabeça para baixo de uma ponte ferroviária na província de Anbar no Iraque. À época, como agora, Fallujah era sinônimo de inferno na Terra para muitos soldados norte-americanos — e dezenas de milhares de civis iraquianos.

Fallujah e a capital provincial de Anbar, Ramadi, deveriam ter recebido uma presença de tropas norte-americanas considerável após a invasão de 2003. No entanto, a facilidade com que o exército atravessou o país direto para Bagdá, alterou os planos militares. Em vez disso, as cidades que se tornariam os principais pontos de conflito para a rejeição sunita tinham a "pegada" norte-americana mais leve. O erro de previsão parece incrível em retrospectiva, levando-se em consideração que o vale do rio Eufrates é o que Derek Harvey define como não somente o coração sunita, mas também a fonte nacional do Baathismo.

Uday e Qusay Hussein, filhos de Saddam, fugiram para a província de Anbar quando o alto comando de seu pai abandonou Bagdá diante da aproximação do exército norte-americano. De acordo com Wael Essam, um jornalista palestino que acompanhava os insurgentes proximamente em Fallujah, muitos antigos Baathistas, oficiais Mukhabarat e combatentes da Guarda Republicana que pegaram em armas para lutar contra as forças da coalizão, "todos afirmavam que não estavam lutando por Saddam, mas pelo Islã e os sunitas". A decapitação de Nicholas Berg, acreditava a inteligência norte-americana, ocorreu em Jolan, um bairro a noroeste de Fallujah, que o Tawhid wal-Jihad havia estabelecido como uma de suas primeiras guarnições.

Uma tentativa inicial de retomar Fallujah na primavera de 2004 — chamada, de certa maneira infeliz, Operação Resolução Vigilante — terminou em calamidade. Essencial para o projeto de reconstrução da administração Bush para o Iraque era a transferência rápida da soberania e governança do país para os próprios iraquianos. Isto incluía a responsabilidade extraordinária da segurança nacional para uma nação

ainda muito presa às garras da guerra. Os iraquianos estavam longe de estarem prontos, dispostos, ou capazes de assumir este papel, e, assim, os Marines norte-americanos suportaram o impacto da luta em seu lugar. Uma tentativa de formar a Brigada de Fallujah Iraquiana terminou em fracasso: o destacamento inteiro desintegrou-se, e 70 por cento dos seus recrutas terminaram juntando-se à insurgência em vez disso.

A principal arma norte-americana contra os Zarqawistas em Anbar constituiu-se dos ataques aéreos com drones Predator, lançados pelo Comando de Operações Especiais Conjuntas (COEC) baseado na Base Aérea de Balad ao norte de Bagdá e comandado pelo Major-general Stanley McChrystal. O COEC calculou que matou seis dos quatorze "principais operativos" até setembro de 2004, incluindo o mais novo "conselheiro espiritual" de al-Zarqawi. Mesmo assim, a estrutura organizacional do Tawhid wal-Jihad permaneceu intacta apesar do intenso bombardeio aéreo e, se alguma coisa o grupo ganhou, foi apenas em força, número e apelo popular após a batalha — que ficou conhecida como a Primeira Batalha de Fallujah —, mostrar como uma combinação de insurgências doméstica e estrangeira podia sangrar uma superpotência tão poderosa. McChrystal avaliou que a ameaça apresentada pela rede de al-Zarqawi era muito maior do que os militares haviam passado a chamar desdenhosamente de "antigos elementos do regime" — uma avaliação que ganhou muita força em outubro de 2004 quando al-Zarqawi finalmente fez o que ele havia se recusado a fazer quatro anos antes: fazer a bayat para bin Laden.

A essa altura um adepto dos usos da guerra e propaganda psicológicas, al-Zarqawi escolheu transmitir publicamente seu voto de lealdade ao chefe da al-Qaeda, e o fez duas semanas após Donald Rumsfeld ter afirmado que não acreditava que al-Zarqawi estava aliado com bin Laden (uma inversão da alegação que Collin Powell havia apresentado um ano antes nas Nações Unidas).

A subordinação de joelhos do jordaniano resultou na mudança de nome do Tawhid wal-Jihad para Tanzim Qaedat al-Jihad fi Bilad al-Rafidayn, ou "al-Qaeda na Terra dos Dois rios", que Washington resumiu para al-Qaeda no Iraque (AQI). Então onde o jordaniano entrou no Iraque como um mero afiliado ou aliado da al-Qaeda, ele era, um ano de guerra depois, completamente alistado como comandante de campo de bin Laden. Seria o empreendimento do bilionário saudita, ele insistiu, que herdaria a Mesopotâmia.

Um mês após fazer a bayat, al-Zarqawi tentou colocar sua proposição à prova com a Segunda Batalha de Fallujah, que começou no início de novembro de 2004. Superando em muito sua predecessora, esta operação viu dez batalhões do exército norte-americano mobilizados, incluindo dois regimentos dos Marines e centenas de soldados iraquianos, muitos atuando como batedores para alvos viáveis. Ela também foi acompanhada por jatos F/A-18 Hornet, que lançaram bombas de mil quilos sobre pontos em torno da cidade.

Os Marines também descobriram o que a franquia AQI havia realizado como trabalho comunitário em Fallujah. Além de um calendário para decapitações gravadas em vídeo, os soldados descobriram vítimas de sequestros que haviam tido suas pernas removidas. No total, três "casas de tortura" foram descobertas na cidade, juntamente com uma instalação de produção de dispositivos explosivos improvisados que proporcionou aos Estados Unidos uma pista quanto à rota tomada pelos combatentes estrangeiros: um dispositivo de GPS recuperado mostrou que o seu proprietário havia entrado no país pelo oeste, via Síria.

Dez mil casas, ou aproximadamente um quinto do total de residências em Fallujah, foram destruídas nas duas semanas que duraram as intensas batalhas urbanas acompanhadas por ataques aéreos punitivos. O resultado foi uma paisagem lunar, inabitável para muitos — não que tivessem sobrado muitas pessoas. Fallujah havia sido em grande parte evacuada, com centenas de milhares de refugiados fugindo antes do começo do combate principal. Aproximadamente um quarto de todos os insurgentes mortos pelas tropas norte-americanas em 2004 — 2.175 de 8.400 — morreu na Segunda Batalha de Fallujah, mas a um preço proporcionalmente alto: 70 Marines também foram mortos e 651 feridos, além de outras baixas norte-americanas.

Em outras palavras, outra vitória tática para os Estados Unidos foi tornada estrategicamente desprezível devido ao enorme ganho em propaganda que ela gerou para a insurgência. A Segunda Batalha de Fallujah foi mais Dunquerque do que Waterloo para os jihadistas e os Baathistas que, ao menos, disseminaram seus números para outras partes das regiões norte e central do Iraque, como Mosul, para onde os Marines acreditavam que al-Zarqawi havia fugido após o primeiro dia de intensas operações de combate. Bin Laden, também, aproveitou a oportunidade para

transformar um revés em um importante passo à frente, reivindicando que ele conhecia alguns dos “mártires”

da batalha e colocando a responsabilidade pela inegável devastação de Fallujah aos pés do presidente Bush. Os Estados Unidos estavam lançando uma “guerra total contra o Islã”, declarou bin Laden, enquanto os Zarqawistas haviam “escrito uma nova página de glória de nossa comunidade de crentes”.

O que começou para bin Laden como uma colaboração desconfiada baseada no oportunismo de contatos e, para al-Zarqawi, como a necessidade de conseguir capital inicial havia claramente passado por uma metamorfose e se tornado uma aliança aberta e celebrada. As hesitações do líder da al-Qaeda a respeito da arrogância e atitude sectária do seu comandante de campo foram sacrificadas pelos golpes de estímulo moral que este estava infligindo ao maior inimigo distante do mundo. Em dezembro de 2004, respondeu à bayat de al-Zarqawi com satisfação, nomeando-o “nobre irmão” e conclamando a “unificação dos grupos jihadi sob um único estandarte que reconhece al-Zarqawi como o Emir da al-Qaeda no Iraque”.

O título era de certa maneira enganoso, no entanto, pois na realidade foi concedido a al-Zarqawi um campo de ação operacional que estendia-se bem além do território iraquiano, até países árabes distantes assim como a Turquia. Como relembra Bruce Riedel, alguns ideólogos da al-Qaeda chegaram a fazer vista grossa para o antixiismo fanático de al-Zarqawi, que não era apoiado (e mais tarde foi criticado) por lideranças nucleares da al-Qaeda. Um ideólogo saudita em particular elogiou o jordaniano por caracterizar os xiitas como parte de uma longa e ininterrupta linhagem de colaboradores pérfidos que vinha desde a invasão mongol do Oriente Médio — uma invasão que resultou, infamemente, na destruição absoluta de Bagdá no século treze. Aqui o teólogo islâmico do século treze Ibn Taymiyyah — o padrinho do Salafismo — foi invocado por seu mandamento: “Cuidado com os xiitas, combata-os, eles mentem”. Os mongóis no contexto contemporâneo eram os invasores norte-americanos, e também os “Judeus”, que se dizia estarem logo atrás deles no Iraque. Assim, al-Zarqawi era visto como garantindo uma tradição de setecentos anos de resistência islâmica. De acordo com a sua maneira de ver as coisas, um muçulmano tem de seguir três critérios de tawhid, ou monoteísmo: adorar Deus, adorar apenas Deus e ter o credo certo. No período medieval, Ibn Taymiyyah usava os critérios acima para excomungar os xiitas e os

sufis após ele ter estabelecido que as suas práticas e crenças — incluindo a veneração de imãs — comprometiam a sua adoração somente de Deus.

Como Riedel coloca a questão, al-Zarqawi também estava sendo celebrado não apenas como um grande descendente da linhagem de Ibn Taymiyyah, como também a armadilha definitiva para os infiéis do Ocidente. Ele retratou os Estados Unidos e seus aliados europeus, as Nações Unidas e o governo iraquiano dominado por xiitas, como coconspiradores em um estratagema já bem conhecido, cuja finalidade era a deserdação de 1,3 bilhão de sunitas do mundo islâmico. Ele tinha, de acordo com seu admirador saudita, "capacidades de tal natureza que a mente não consegue imaginar. Ele preparou-se para lutar contra os norte-americanos mais de um ano antes da ocupação norte-americana do Iraque. Ele construiu os campos e os arsenais", e recrutou e alistou gente de toda parte — da Palestina ao Iêmen.

O EI hoje em dia conta muito com o mesmo discurso triunfalista sobre um embate de civilizações final que está por acontecer no Oriente Médio. Toda edição da Dabiq abre com esta citação de al-Zarqawi: "A centelha foi acesa aqui no Iraque, e o seu calor continuará a intensificar-se — com a permissão de Alá — até queimar os exércitos cruzados em Dabiq". Dabiq refere-se à região interiorana da cidade atual de Aleppo, onde o EI continua a ter uma presença militar forte e em expansão. "Este lugar foi mencionado em um Hadith", observa Dabiq (a revista), "descrevendo alguns dos eventos do Malahim (que às vezes é referido como Armagedom em português). Uma das maiores batalhas entre os muçulmanos e os cruzados ocorrerá próxima de Dabiq".

Em outras palavras, a próxima armadilha sendo colocada para os Estados Unidos, como al-Zarqawi a previra originalmente, ficava no norte da Síria.

O triângulo sunita

A disseminação de militantes islâmicos de Fallujah em outras partes do Iraque significou que a "centelha" da ideologia apocalíptica de al-Zarqawi pegou fogo através do resto do país, particularmente onde o sentimento antinorte-americano era especialmente alto: onde as forças norte-americanas estavam mais densamente concentradas. Um reduto insurgente

era a Via Haifa, uma artéria que corria paralela ao Rio Tigre, passando o Portão dos Assassinos na direção norte, a entrada da Zona Verde. A Via Haifa em particular era um totem da privação dos privilégios dos sunitas: residentes vivendo em apartamentos de luxo ao longo desta Champs-Élysées babilônica haviam sido as elites bem pagas favorecidas pelo regime de Saddam. Mas muitos estavam desempregados e não empregáveis no Iraque em transição, graças à des-Baathificação, e assim estavam sendo atraídos para a insurgência de uma maneira ou outra. Não fazia diferença que Ayad Allawi, um ex-Baathista tornado inimigo do partido e um xiita secular bem respeitado pelos sunitas, era agora o primeiro-ministro interino do Iraque. Gordon e Trainor relembram como, em um veículo de combate Bradley norte-americano inoperável que estava parado ao longo da via em setembro de 2004, "insurgentes haviam pendurado uma bandeira negra do Tawhid wal-Jihad no seu canhão de 25 mm, e o batalhão com a missão de controlar o local, da 1ª Divisão de Cavalaria, começou a chamar Haifa de "Pequena Fallujah" e "Bulevar do Purple Heart", em homenagem à medalha que seria concedida a 160 dos 800 soldados da unidade até voltarem para casa no início de 2005. Em Dora [mais um distrito de Bagdá infiltrado por insurgentes], outro batalhão da 1ª Cavalaria começou a ver pichações novas à medida que a Segunda Fallujah inflamava a população sunita e a eleição de janeiro se aproximava: "Não, Não, Allawi, Sim, Sim, Zarqawi".

A(s) queda(s) de Mosul

A segunda maior cidade do Iraque, Mosul, parecera relativamente estável durante os primeiros dias da ocupação, quando ela foi assegurada pela primeira vez pela 101ª Divisão Aerotransportada de Petraeus. Mas a calma era ilusória. Al-Zarqawi havia tornado a cidade a sua base de recuo, e após apenas alguns dias de intensas operações de combate na Segunda Batalha de Fallujah, Mosul caiu nas mãos da insurgência.

A capital provincial de Ninewah sempre fora suscetível ao sentimento de rejeição sunita, dada à mistura de sua composição de Saddamistas e Salafistas. O desemprego em Mosul pairava em torno de 75 por cento, de acordo com Sadi Ahmed Pire, o chefe de segurança na cidade da União Patriótica do Curdistão, e assim locais podiam ser contratados para levar

adiante operações terroristas por tão pouco quanto cinquenta dólares. Como em batalhas anteriores, a polícia e o exército iraquianos locais desapareceram, suas estações tomadas pelos insurgentes enfrentando pouca resistência ou incendiadas. A facilidade com que Mosul foi tomada também vindicou aparentemente a avaliação anterior de Derek Harvey ao exército norte-americano: a saber, que o chefe de polícia indicado pelos Estados Unidos, Muhammed Khairi al Barhawi, estivera jogando discretamente para ambos os times.

Embora al-Barhawi talvez tivesse sido um ativo da inteligência iraquiana desde o princípio, os Zarqawistas certamente não tornavam a vida fácil para outros habitantes de Mosul se aliarem sinceramente aos norte-americanos. Eles eram especialmente brutais com qualquer soldado ou policial iraquiano que não abandonasse o seu posto; em um episódio que ganhou notoriedade, eles chegaram a seguir um major ferido até o hospital onde ele estava sendo tratado e o decapitaram ali.

No fim, como em Fallujah, foi necessário outro empenho irresistível de poder de fogo e de pessoal norte-americano — combinado com um contingente extraordinariamente competente de Comandos da Polícia Especial Iraquiana — para recuperar o controle de Mosul diante de uma torrente Baathista-al-Qaeda de metralhadoras e granadas lançadas por foguetes.

Uma década mais tarde, a história repetiu-se, quando Mosul mais uma vez foi tomada por uma insurgência híbrida formada por discípulos de al-Zarqawi e os Baathistas do Exército Naqshbandi de al-Douri. Apenas dessa vez, não havia presença militar norte-americana para retomar a cidade.

O EI saqueou Mosul em menos de uma semana. Os jihadistas a dominam até hoje.

3

A ADMINISTRAÇÃO DA SELVAGERIA
O nascimento do Estado Islâmico do Iraque

A estratégia sinistra de al-Zarqawi seguia à risca um texto intitulado Idarat al-Tawahhush, ou A Administração da Selvageria, publicado online em 2004 como um manual de campo e manifesto combinado para o estabelecimento do califado. O seu autor, Abu Bakr Naji, concebeu um plano de batalha para enfraquecer estados inimigos através do que ele chamava de "poder do vexame e exaustão". Trazer os Estados Unidos para uma guerra aberta em vez de contra "testas de ferro" no Oriente Médio era toda a questão, pois Naji acreditava que assim que os soldados norte-americanos fossem mortos pelos mujahidin no campo de batalha, a "auréola de mídia" cercando sua presumida invencibilidade desapareceria. Muçulmanos ficariam então "fascinados" com o dano que eles poderiam infligir sobre uma superpotência fraca e moralmente corrupta, assim como enfurecidos com a ocupação de suas terras santas, levando-os à jihad. Ele defendeu enfaticamente que eles deveriam então concentrar-se em atacar as instituições econômicas e culturais (como as indústrias de hidrocarbonetos) dos regimes "apóstatas" alinhados com os Estados Unidos. "O público verá como as tropas fogem", escreveu Naji, "sem ter consideração por nada. Neste ponto, a selvageria e o caos começam e essas regiões começarão a sofrer com a ausência de segurança. Isto ocorrerá além da exaustão e esgotamento (que resulta dos) ataques aos alvos restantes e oposição às autoridades".

Naji estava usando o exemplo jihadista, consagrado pelo tempo, do Egito, mas ele também estava implicitamente referindo-se ao Iraque, onde ele instava a rápida consolidação da vitória jihadista a fim de "tomar os países próximos". Um clérigo afiliado ao EI nos contou que o livro de Naji circula amplamente entre os comandantes provincianos do EI e alguns soldados rasos, como uma maneira de justificar as decapitações como algo não somente religiosamente permissível, como recomendado por Deus e o seu profeta. Para o EI, a maior contribuição de A Administração da Selvageria encontra-se na sua diferenciação entre o significado de jihad e

outras questões religiosas. Naji, em determinado ponto, instrui o leitor, argumentando que a maneira como a jihad é ensinada "no papel" torna mais difícil para o jovem mujahidin compreender o verdadeiro significado do conceito.

"Quem já engajou-se previamente na jihad sabe que ela só tem valor se for violenta, crua, terrorista, assustadora (para os outros) e massacrante. Estou falando sobre jihad e luta, não sobre o Islã e as pessoas não devem confundi-los... Não é possível continuar a lutar e avançar de um estágio para o outro a não ser que o estágio inicial contenha um estágio em que o inimigo seja massacrado e tenha seu lar destruído...".

O boicote sunita

Para ser bem-sucedido no Iraque, al-Zarqawi precisava, ao mesmo tempo, massacrar e desalojar o inimigo (os xiitas e norte-americanos) e manter os sunitas privados de qualquer participação no que ele via como seu projeto conspiratório: a criação de um governo iraquiano democrático. Tanto os Baathistas quanto os Zarqawistas levaram adiante uma campanha para promover um boicote sunita à eleição iraquiana de janeiro de 2005 que aconteceria. Funcionou. Menos de 1 por cento dos sunitas votou em uma província fundamental no Iraque central — Anbar. O resultado conformou-se exatamente ao cenário calamitoso delineado por al-Zarqawi em sua carta um ano antes: os partidos xiitas venceram a eleição por uma larga porcentagem, e Ibrahim al-Jaafari, um candidato do Partido Dawa que havia recebido milhões em financiamentos de campanha do Irã, tornou-se primeiro-ministro em um governo que traçaria a nova constituição do Iraque e, assim, determinaria o destino pós-guerra do país. O boicote marcou o clímax da rejeição sunita, mas também, paradoxalmente, o início do fim do apelo popular da insurgência, pois ele transformou o que havia sido até então um elemento numericamente mínimo — AQI — em um elemento dominante.

A derrota sunita na eleição coincidiu de maneira pouco surpreendente com um aumento brusco nos ataques a alvos "xiitas", que incluíram instituições do estado e as Forças de Segurança do Iraque (FSI). No dia 28 de fevereiro de 2005, um ataque à bomba suicida matou mais de 120 pessoas na cidade de maioria xiita de Hilla, logo ao sul de Bagdá,

procurando atingir rapazes procurando emprego junto às FSI. Na cidade fronteiriça crucial de Tal Afar, que os jihadistas usavam como uma passagem para importar combatentes estrangeiros da Síria, a AQI promoveu uma limpeza étnica das comunidades misturadas, "atacando playgrounds, pátios de escolas e campos de futebol", como relembrou mais tarde o Coronel Herbert "H.R." McMaster. Em um caso horroroso, eles usaram duas garotas mentalmente incapacitadas — de três e treze anos — como terroristas suicidas para explodir uma fila de recrutamento da polícia.

Os protetores do deserto

O progresso militar no Iraque começou como improvisação — o pensamento inovador de atores militares locais que perceberam cedo que a guerra pelos "corações e mentes" não seria vencida aderindo a uma estratégia preparada por estrategistas que ficavam na Zona Verde ou, em alguns casos, dentro das paredes do Pentágono. Fundamental para o sucesso da insurgência foi o fracasso dos norte-americanos de engajarem-se com o grupo demográfico possivelmente mais importante no Iraque sunita — as tribos. Elas haviam sofrido enormemente com a des-Baathificação. Saddam havia compreendido a importância dessas confederações antigas de famílias e clãs e havia, então, as incluído como uma parte importante do seu sistema de patrocínio do estado: as tribos tinham esquemas de contrabando, atuavam em um mercado cinza de negócios, tudo isso sob os auspícios de al-Douri.

Não foi por uma falta de tentativa que as tribos fracassaram em persuadir a coalizão do seu status de "carneiros-guias" para derrotar a insurgência. Um xeique da influente tribo Albu Nimr havia se oferecido já em 2003 para trabalhar com o Conselho de Governo Iraquiano e a APC, para estabelecer uma guarda fronteiriça tão necessária, uma oferta que foi refletida em um memorando preparado para os Chefes do Estado Maior em outubro do mesmo ano. "Os líderes destas tribos — muitos dos quais ainda ocupam posições-chave de autoridade local — parecem estar cada vez mais dispostos a cooperar com a Coalizão a fim de restaurar ou manter sua influência no Iraque pós-Saddam" — lia o memorando. "Se eles acreditarem no colapso, eles poderão tomar outras medidas para incluir a criação de instituições de segurança e governo alternativas, trabalhando

com forças anti-Coalizão, ou engajar-se em atividades criminosas para assegurar a prosperidade e a segurança das suas tribos". Nada resultou do memorando.

Al-Zarqawi mais uma vez provou-se mais adepto a navegar a cultura iraquiana do que a APC ou o exército norte-americano — pelo menos em um primeiro momento.

— Zarqawi, ou os iraquianos que ele tinha trabalhando para si, compreendiam quem era quem nas tribos e persuadiram essas lideranças — Derek Harvey nos contou. — Foi assim que ele controlou o território em Anbar e no vale do rio Eufrates.

O seu erro fatal, no entanto, foi atuar de maneira exagerada ao transformar o esquema de proteção da AQI em um modo asfixiante de governança jihadista. As tribos atritaram-se com a implementação de um código civil do século sete em áreas governadas por fundamentalistas, muitos dos quais eram nascidos no estrangeiro e comportavam-se exatamente como os usurpadores coloniais que eles deveriam expulsar. Os negócios tribais foram atrapalhados ou tomados por aqueles buscando o seu próprio monopólio sobre o contrabando, e a AQI protegeu seus interesses confiscados com o zelo criminoso de uma máfia. Ela justificava o assassinato com base na competição de mercado.

Então quando ela assassinou um xeique da tribo Abu Nimr em 2005, o Major Adam Such, que comandava o Destacamento Operacional das Forças Especiais do Exército Alpha 555 sob a 1ª Divisão Marine, aproveitou a oportunidade para tornar a AQI uma pária entre seus constituintes mais importantes. Ele recrutou membros das tribos para juntarem-se a uma milícia para monitorar especificamente as estradas próximas de Hit, uma cidade em Anbar — outra cidade estrategicamente vital que o EI tomou mais tarde em 2014. Era uma ideia inspirada, embora lhe faltasse o apoio estrutural necessário para tornar-se inteiramente transformadora. À época, não havia uma presença militar norte-americana permanente na área para convencer os locais de que a expulsão da AQI não seria uma promessa ilusória, e sim o prelúdio de uma missão de longo prazo de policiamento contra a insurgência. Ainda assim, o fato de que os iraquianos subitamente queriam que os norte-americanos permanecessem em seu meio indicava que os jihadistas haviam desgastado suas boas-vindas.

Outra cidade em que esta situação provou-se verdadeira foi Qa'im, que al-Zarqawi havia tornado a capital do seu "emirado" do Eufrates Ocidental

por razões geoestratégicas óbvias. A cidade sunita e de beduínos fica junto à cidade fronteiriça síria de Albu Kamal e também está situada ao longo da principal estrada conectando o Iraque à Jordânia. Ela também contém as maiores minas de fosfato no Oriente Médio, com um enorme sistema de cavernas subterrâneo que se tornou uma rede de guerrilha para movimentar homens e equipamentos desapercebidamente.

Os Marines norte-americanos avançaram para tomar Qa'im em setembro de 2005, seguidos por investidas subsequentes em bases da AQI subordinadas no Eufrates Ocidental. Eles construíram postos avançados fortificados com concreto para marcar uma presença indefinida e desse modo impedir uma ressurgência jihadista. Baseando-se na experiência de Adam Such em Hit, eles também procuraram as tribos Qa'im, algumas das quais haviam ficado tão horrorizadas com as práticas da AQI que pegaram em armas contra os Zarqawistas. No Batalhão Hamza de Albu Mahal, os Marines descobriram um exército voluntário que provou-se tão comprometido em bater duro nos insurgentes quanto eles eram.

Descontando a corrupção, a principal razão por que as FSI muitas vezes provaram-se ineptas ou simplesmente sem disposição para partir para cima da AQI era que muitos recrutas eram xiitas, que compreensivelmente tinham pouco interesse em lutar em um território de maioria sunita onde eles eram vistos com suspeita ou aberto desprezo. Os membros das tribos sunitas não tinham tal contrição, no entanto, e estavam estimulados pelo interesse pessoal para livrar suas áreas do que talvez tenha começado como uma "resistência" antinorte-americana aplaudida, mas que havia se degenerado em uma gangue de decapitadores obscurantistas. Os combatentes graduados no programa Qa'im formaram um batalhão chamado de Protetores do Deserto, um nome mais do que um pouco carregado de romantismo Lawrenciano, mas preciso à medida que o batalhão protegeu a eleição parlamentar de dezembro de 2005 de uma sabotagem terrorista.

Até 2006 os incidentes de segurança haviam caído muito em Qa'im. Mesmo no sucesso, no entanto, as forças norte-americanas ainda fracassaram em descobrir que as tribos não estavam motivadas por qualquer coisa tão grandiosa como o patriotismo; elas só queriam assegurar a paz e o sossego em suas próprias comunidades, não no país inteiro. Um terço dos membros dos Protetores do Deserto abandonou o batalhão após serem informados que ele constituía uma força de defesa nacional e não apenas

um corpo de guarda Qa'im local, e assim estava devidamente destinado a ser realocado em outra parte do Iraque.

Dito isso, a eleição parlamentar do Iraque resultou em desenvolvimentos imprevistos e bem-vindos. Um desses foi a transformação do Dr. Muhammad Mahmoud Latif, um líder insurgente que há muito tempo era combatido, em um parceiro dos Estados Unidos. Assustado em como o boicote sunita da eleição de janeiro para uma assembleia constituinte havia privado os sunitas de sua voz na autodeterminação do Iraque, Latif percebeu que o plano de al-Zarqawi para deslegitimar o novo governo estava tendo o efeito contrário. Ele também tinha ambições políticas próprias. Na preparação para o voto parlamentar, ele reuniu um grupo de xeiques tribais de Ramadi que estavam ansiosos para declarar guerra sobre a AQI e, de maneira mais corajosa, trabalhar com os norte-americanos, para fazê-lo, com uma condição. Assim como os Protetores do Deserto, os membros das tribos de Ramadi queriam uma garantia que o portfólio de segurança para a capital provincial de Anbar seria passado para eles após a AQI deixar de existir.

Assegurados da boa-fé dos norte-americanos neste sentido, o Conselho do Povo de Anbar foi instituído. A sua primeira iniciativa foi encorajar os sunitas a se alistarem na polícia iraquiana, que estava para realizar uma grande campanha de recrutamento em uma fábrica de vidro local. A certificação do conselho do esforço resultou em centenas de candidatos novos, que, por sua vez, tornaram-se um alvo inevitável para os jihadistas de al-Zarqawi. No quarto dia da campanha da fábrica de vidro, um terrorista suicida explodiu um dispositivo que matou até sessenta iraquianos e dois norte-americanos. A AQI anunciou então uma guerra aberta contra os xeiques de Anbar que haviam se associado ao conselho, caçando-os individualmente por semanas após o atentado. Latif fugiu do Iraque para não ser pego na caçada dos terroristas. Ainda vulnerável demais para as táticas agressivas de al-Zarqawi, o conselho foi encerrado semanas mais tarde.

Foram necessários mais dois anos para que o exército norte-americano fizesse um sentido estratégico do que havia transpirado em Hit, Qa'im e Ramadi. Focos de retribuições tribais completamente espontâneos e imprevistos contra a mesma organização terrorista liderada por estrangeiros fazia sentido sob a luz da história tribal. Por séculos, estes clãs haviam sobrevivido celebrando acertos pragmáticos com os poderes dominantes

considerados em seu meio. Eles haviam feito com Saddam, e eles haviam feito com al-Zarqawi, e eles estavam prontos para fazê-lo com os norte-americanos. E embora eles ainda olhassem para os Estados Unidos com suspeita, eles viam o seu exército como um aliado possível contra um inimigo comum maior.

— Eu tinha um Capitão dos Marines — um ex-alto-oficial militar norte-americano nos disse. — Ele era Sioux. Ele não sabia nada sobre Anbar ou o Iraque. Ele chegou lá e compreendeu a situação imediatamente. Os iraquianos podiam ver que ele sabia o que estava acontecendo, e eles o adoravam por isso.

Para Derek Harvey, compreender a maneira como as tribos iraquianas funcionavam era a chave para todas as mitologias na compreensão do próprio Iraque.

— Havia uma série de organizações do regime que nós não sabíamos bem como funcionavam. A pessoa-chave talvez não fosse o chefe, mas o segundo ou terceiro cara na hierarquia — e esta regra de não saber exatamente quem estava comandando o show aplicava-se aos Saddamistas tanto quanto se aplica ao EI hoje em dia. As tribos tinham redes profissionais e, em alguns casos, religiosas que determinavam hierarquias informais em tudo que acontecia naquele país. Nossa dificuldade era saber quem fazia o quê.

4

AGENTES DO CAOS
Irã e Al-Qaeda

Os sunitas iraquianos tinham uma curva de aprendizado de adaptação muito parecida com a do exército norte-americano. Tendo desperdiçado a maior parte do seu poder político através de um boicote desastroso à eleição de janeiro de 2005, eles não queriam repetir o erro novamente na eleição de dezembro de 2005. A mudança foi estatisticamente impressionante. Em dezembro, em Ramadi, a presença dos eleitores sunitas foi de aproximadamente 80 por cento, enquanto em janeiro ela havia sido de miseráveis 2 por cento. A decepção, então, foi proporcionalmente desapontadora. Os blocos políticos xiitas mais uma vez saíram por cima, embora com uma margem menor de vitória, o que fez pouco para dissuadir muitos sunitas da teoria de conspiração que al-Zarqawi havia capitalizado inteligentemente e que subitamente pareceu inteiramente realizada: uma aliança iraniana-norte-americana estava tirando-os propositalmente de seu lugar de direito como os verdadeiros mestres e zeladores de Bagdá.

A participação sunita na eleição de dezembro também teve outro efeito colateral desconcertante: como muitos dos insurgentes mais nacionalistas ou "moderados" abandonaram o campo de batalha a fim de tentar sua sorte nas urnas, o papel da AQI no terrorismo no Iraque tornou-se mais concentrado. Além disso, insurgentes menos moderados que não pertenciam à AQI, como as Brigadas da Revolução de 1920 (assim chamadas em homenagem ao levante anticolonial do Iraque contra os britânicos naquele mesmo ano). E embora o Jaysh al-Islami (o Exército Islâmico) estivesse concorrendo com os Zarqawistas pelo controle do território em Mosul, ele ainda não estava pronto para abandonar a política de rejeição sunita pela reconciliação. O alcance excessivo da atuação da AQI havia alienado muitos, mas al-Zarqawi ainda era capaz de explorar as ansiedades demográficas, anteriores à guerra em muito tempo.

Kanan Makiya, um estudioso do Iraque Baathista, havia previsto um cenário calamitoso para um estado pós-Baathista em seu livro, de 1993, Cruelty and Silence: "Após Saddam ter ido embora, quando as vidas das

pessoas e daquelas que elas amam parecer como se elas estivessem sobre o talho de açougue, os temores sunitas do que os xiitas poderão fazer com eles em nome do Islã tornar-se-ão a principal força da política iraquiana. Quanto mais os xiitas afirmarem a si mesmos como xiitas, maior será a tendência da minoria sunita do Iraque de lutar até suas últimas forças antes de permitir qualquer coisa que chegue a cheirar a uma república islâmica ser estabelecida no Iraque. Eles veem em um estado desta natureza — se de maneira certa ou errada é irrelevante — o seu próprio aniquilamento.

Portanto, a escolha de al-Zarqawi para os sunitas iraquianos era "meu barbarismo ou o deles". A fim de tornar a sua opção ainda mais persuasiva, ele precisava dispersar um dos grandes empecilhos para o apelo popular da AQI — sua percepção como um exército jihadista de estrangeiros. Assim, al-Zarqawi precisava "Iraquizar" a sua franquia. Em janeiro de 2006, al-Zarqawi anunciou a criação do Majlis Shura al-Mujahidin fi al-Iraq (o Conselho Consultivo Mujahidin do Iraque).

Inicialmente, este consórcio consistia de seis grupos salafistas diferentes, cinco dos quais eram iraquianos em sua composição, deixando a AQI como o único participante de fora, embora com controle central sobre as operações do conselho. O comportamento chauvinista e autoritário do recentemente eleito governo do Iraque contribuía para esta que era, na realidade, uma nova estratégia de marketing ou "marca" para o takfirismo. Dada a preocupação atual do mundo com o EI e a campanha norte-americana corrente contra ele, é fácil de esquecer que, uma década atrás, o exército norte-americano via uma ameaça terrorista formidável no clérigo xiita demagogo e corpulento Muqtada al-Sadr. O filho do reverenciado Muhammad Sadiq al-Sadr, que foi morto pela Mukhabarat de Saddam em 1999, o jovem al-Sadr por direito deveria ter sido confinado à hierarquia mais baixa dos líderes religiosos xiitas. Ele dominava um gueto empobrecido e superpovoado na região nordeste de Bagdá conhecido anteriormente como Saddam City e renomeada Sadr City após a invasão. Ele fundou a sua própria organização paramilitar, o Jaysh al-Mahdi (Exército Mahdi), não muito tempo depois da queda do regime, vendo ela como uma contrapartida do Iraque ao Hezbollah ("o Partido de Deus"), o representante paramilitar iraniano no Líbano que há muito se equilibrava entre a posição dúbia de entidade terrorista sofrendo sanções norte-americanas e partido político legitimado internacionalmente, ocupando postos no gabinete libanês e exercendo uma influência furtiva dentro dos

serviços de inteligência e forças armadas ostensivamente independentes do país. O Partido de Deus provou-se o modelo perfeito para moldar um "estado profundo" terrorista similar no Iraque.

Como todos os senhores de guerra, al-Sadr queria governar o seu feudo sem ser contestado.

Deixado em grande parte sozinho pelas forças norte-americanas, ele criou a sua própria esfera de influência com a ajuda dos iranianos. A teoria de conspiração sunita de um plano de Washington-Teerã para destruir o Iraque só pode ter sido recebida com ira e espanto pelos soldados de infantaria norte-americanos, que experimentaram em primeira mão como o Irã buscou tornar a sua vida a mais sangrenta e difícil possível. A Batalha de Najaf em agosto de 2004 foi essencialmente uma guerra por procuração entre os Estados Unidos e o aparato militar e de inteligência estrangeira de elite do Irã, a Força Corps-Quds da Guarda Revolucionária (FC-QGRI), coordenada do lado iraquiano por um operativo iraniano chamado Xeique Ansari, que a inteligência norte-americana concluiu estar infiltrado no Exército Mahdi em Najaf e estava ajudando-o a conduzir suas operações de combate. Ansari era um operativo do Departamento 100 da Força Quds, que cuidava do portfólio de inteligência do Irã no Iraque.

A hegemonia do Irã no Iraque começou bem antes da mudança no regime. A devastadora guerra de oito anos com o Iraque havia transformado a República Islâmica em um local de refúgio para centenas de milhares de xiitas iraquianos que fugiram de Saddam. Com a saída de cena de Saddam, muitos desses exilados puderam voltar para casa para um país onde os xiitas estavam emancipados por uma democracia nascente, e lançar aparatos políticos e militares sobre uma infraestrutura que havia sido silenciosa e ocultamente construída por anos sob o regime Baathista.

O Conselho Supremo para a Revolução Islâmica no Iraque (CSRII) foi na realidade uma criação em grande escala da inteligência iraniana e de Mohammed Baqir al-Hakim. O braço armado do CSRII, a odiada Brigada Badr de al-Zarqawi, operou como a quinta coluna de Teerã no Iraque.

— Os mulás realizavam uma campanha muito subversiva contra Saddam bem antes de entrarmos naquele país, e nós estávamos lidando com aquelas mesmas linhas de comunicação antes de chegarmos lá — disse o Coronel Jim Hickey, o ex-comandante da brigada da 4ª Divisão de Infantaria que capturou Saddam em dezembro de 2003 — uma operação na qual Hickey teve um papel fundamental.

Quando os norte-americanos chegaram, a campanha de sabotagem e terrorismo de Teerã caiu principalmente para o comandante General de Brigada Qassem Suleimani da FC-QGRI, que respondia diretamente ao Líder Supremo do Irã Aiatolá Ali Khamenei. Um ex-oficial da CIA não faz muito tempo descreveu Suleimani, que compreensivelmente foi promovido a Major-general como "o operativo mais poderoso individualmente no Oriente Médio hoje e ninguém nunca ouviu falar dele".

David Petraeus, quando tornou-se o mais alto general norte-americano no Iraque, passou a conhecer Suleimani bastante bem, referindo-se ao espião mestre como uma pessoa do "mal" e ruminando se ele deveria ou não contar ao Presidente Bush que o "Irã está, na realidade, declarando guerra aos Estados Unidos no Iraque, com todas as respostas governamentais e do público norte-americano que poderiam vir desta revelação". Para Petraeus, o Irã havia "ido além de meramente lutar por influência no Iraque e poderia estar criando 'testas de ferro' para nos combater ativamente, pensando que eles [poderiam] nos manter distraídos enquanto [tentavam] construir armas de destruição em massa e organizar [o Exército Mahdi] para atuar como o Hezbollah Libanês no Iraque".

Em 2007, cinco soldados norte-americanos foram mortos em uma emboscada em Karbala levada a cabo por agentes da Asa'ib Ahl al-Haq (a Liga dos Honrados), uma milícia oriunda do Exército Mahdi estabelecida com a assistência de al-Sadr e do Irã. Não apenas o oficial da Força Quds designado para o consulado do Irã em Karbala abandonou o seu posto um pouco antes da emboscada acontecer, como um dos líderes da Asa'ib Ahl al-Haq, Qais al-Khazali, confessou a articulação de toda a operação por parte do Irã.

O agente da sangria norte-americana de Suleimani no Iraque era Abu Mahdi al-Muhandis, um nativo do Iraque que havia vivido no Irã e estivera vinculado ao atentado à bomba de 1983 contra a embaixada norte-americana no Kuwait. Al-Muhandis havia deixado de ser um membro da Brigada Badr para se tornar um operativo em tempo integral da Força Quds antes de ser eleito para o parlamento do Iraque. Ele também organizou outro chamado Grupo Especial — o eufemismo norte-americano para milícias Sadristas dissidentes — chamado Kata'ib Hezbollah, que similarmente atacava forças norte-americanas.

Suleimani havia passado a sua carreira nos anos de 1990 impedindo o fluxo de narcóticos para o Irã do Afeganistão; ele passara a década

subsequente no negócio de importação do Iraque. Al-Muhandis foi escolhido para supervisionar o tráfico de uma das armas mais mortais já usadas na Guerra do Iraque: uma bomba de beira de estrada conhecida como o penetrador formado explosivamente, ou PFE para resumir. Quando detonado, o calor do PFE derrete a proteção de cobre do explosivo, transformando-o em um projétil derretido que pode cortar através do aço e da armadura de batalha, incluindo paredes de tanques. O exército norte-americano reconheceu que estes dispositivos constituíram 18 por cento de todas as mortes em combate da coalizão no último trimestre de 2006. Eles eram fabricados no Irã e contrabandeados através da fronteira por agentes iranianos trabalhando com a Brigada Badr, então usados por toda sorte de milícias xiitas, rendendo-lhes o apelido de "bombas Persas". Em julho de 2007, dois terços das baixas norte-americanas foram sofridas nas mãos dessas milícias xiitas, instando Petraeus a avaliar o Exército Mahdi como "um obstáculo maior para a segurança a longo prazo no Iraque do que a AQI", como ele escreveu para o Secretário de Defesa Norte-Americano Robert Gates. Por esta razão, muitos no exército defendiam o bombardeio das fábricas de PFEs no Irã, desconsiderando o conflito diplomático. E não importa o que Petraeus considerava contar para o presidente, os Estados Unidos estavam em guerra com o Irã no Iraque.

O COEC do General McChrystal prendeu Mohsen Chizari, o chefe da equipe de Operações e Treinamento da Força Quds, juntamente com os comandantes da Força Quds em Bagdá e Dubai, no fim de 2006. (Chizari havia recém-saído de uma reunião na sede da CSRII e fora visto por um drone de vigilância norte-americano.) Outra ação do COEC em Erbil, a capital do Governo Regional do Curdistão, tencionava capturar o General de Brigada Mohammad Ali Jafari, um comandante sênior da Força Quds, mas em vez disso capturou cinco oficiais iranianos menos importantes. Eventualmente, "contrabalançar a influência do Irã" no Iraque tornou-se uma ocupação exigindo tamanho esforço que o COEC dividiu suas forças-tarefas de acordo com a presa.

A Força-Tarefa 16 caçaria a AQI, enquanto a Força-Tarefa 17 iria atrás dos operativos e representantes de Suleimani nos Grupos Especiais.

Em alguns casos, descobriram os Estados Unidos, os seus dois inimigos estavam colaborando secretamente uns com os outros. Intermitentemente, Suleimani ajudava a AQI pela simples razão de que qualquer agente de caos e destruição que apressasse a partida norte-

americana do Iraque, era considerado um resultado positivo para Teerã. Em 2011, o Departamento de Tesouro dos Estados Unidos havia imposto sanções a seis operativos da al-Qaeda baseados no Irã e que haviam ajudado a transportar dinheiro, mensagens e homens de e para o Paquistão e Afeganistão através do Irã.

— O Irã é o principal patrocinador estatal do terrorismo no mundo hoje — disse à época o Subsecretário para Terrorismo e Inteligência Financeira David S. Cohen. — Ao expormos a negociação secreta do Irã com a al-Qa'ida permitindo que ela canalize fundos e operativos através do seu território, nós estamos jogando luz sobre mais outra faceta do apoio sem paralelos do Irã para o terrorismo.

O ex-embaixador norte-americano para o Iraque, Ryan Crocker, contou para a New Yorker em 2013 que uma década antes a inteligência norte-americana confirmou a presença da al-Qaeda no Irã — em si uma revelação pouco surpreendente, levando-se em consideração que al-Zarqawi havia tornado a república Islâmica sua base de recuo após fugir de Kandahar no ano anterior. (De acordo com o jornal saudita baseado em Londres, Asharq al-Awsat, Suleimani chegara até a jactar-se em 2004 que al-Zarqawi e Ansar al-Islam eram livres para entrar e sair do Irã de acordo com sua vontade através de múltiplos pontos de travessia na fronteira — e que al-Zarqawi chegara até a fazer um treinamento em um campo do CGRI em Mehran.) No entanto, Crocker alegou que a al-Qaeda no Irã tinha a intenção de atacar alvos ocidentais na Arábia Saudita em 2003. Ele desfrutou de um canal de comunicação de bastidores de certa maneira receptivo com os oficiais iranianos dada a assistência destes em expulsar o Talibã: um caso de lógica inimigo-do-meu-inimigo que provou-se oportunista e fugaz. Quando Crocker viajou para Genebra no mesmo ano que os Estados Unidos invadiram o Iraque e tentou persuadi-los a deter o terrorismo da al-Qaeda contra os Estados Unidos no Golfo, eles recusaram-se. No dia 12 de maio de 2013, três conjuntos de residências em Riyadh foram explodidos em um ataque combinado usando armas de fogo e carros-bomba. Dúzias foram mortos, incluindo nove norte-americanos.

— Eles estavam lá, sob proteção iraniana, planejando operações — relembrou o ex-diplomata para a New Yorker.

Enquanto isso, o estado profundamente sectário da fantasia de al-Sadr e do pesadelo dos sunitas estava realmente emergindo com o conluio do novo governo do Iraque. Após dezembro de 2005, o CSRII passou a

comandar o Ministério do Interior do Iraque, que contava com dezesseis mil tropas.

O Ministro do Interior que estava deixando o cargo era Falah Naqib, um sunita que, juntamente com seu tio Adnan Thabit, haviam reunido apressadamente os primeiros batalhões pós-Saddam colocados nas ruas pelos norte-americanos na forma de Comandos de Polícia Especial e as Brigadas de Ordem Pública. Naqib só via problemas à frente com a quinta coluna do Irã comandando a força de polícia nacional do Iraque.

— Ou nós os paramos ou damos o Iraque para o Irã — Naqib alegadamente disse para George Casey Jr. — Não há alternativa.

O substituto de Naqib foi Bayan Jabr, um funcionário do CSRII que os norte-americanos viam como menos extremista em orientação do que outros membros do partido. Mas, com o intuito de tentar limitar o dano que ele ainda poderia realizar, eles conseguiram que Thabit permanecesse no comando das forças armadas do Ministério do Interior. Isto não apresentou problemas para Jabr, cuja solução para contornar a situação seria não lidar com ou através de Thabit de maneira alguma e simplesmente substituir as forças paramilitares sob o seu comando por combatentes leais da Brigada Badr e do Exército Mahdi. A brigada complementar, responsável pela patrulha da região oeste de Bagdá, percorria as ruas ameaçadoramente, tocando canções xiitas em alto volume no dia 15 de dezembro de 2005, bem quando os sunitas iam às urnas para participar no que, para muitos, era sua primeira eleição democrática. Um uniforme do Ministério do Interior conferia autoridade e impunidade para os membros ativos dos esquadrões da morte sectários.

Uma unidade de Comando da Polícia Especial influenciada por Badr, mais conhecida como a Brigada Lobo, era uma das mais criminosas. A Organização Islâmica para os Direitos Humanos, uma organização não governamental (ONG) iraquiana, descobriu que o Ministério do Interior foi culpado de vinte casos de abusos contra presos, seis dos quais resultaram em morte e a maioria dos quais foram levados a cabo pela Brigada Lobo em Mosul. De acordo com um cabo do Departamento de Estado da embaixada norte-americana em Bagdá, a ONG “descreveu práticas como o uso de armas de eletrochoque, pendurar suspeitos por seus punhos com os braços atrás das costas, manter presos em porões com dejetos humanos e espancamentos”.

Outras instituições do governo iraquiano também caíram sob o domínio de sectários xiitas como o Ministério da Saúde, cujo ministro era Hakim al-Zamili, um agente do Exército Mahdi. As ambulâncias não eram usadas para transportar os doentes e feridos, mas para transportar armas. Os hospitais, enquanto isso, foram transformados em locais de execução para sunitas, fazendo com que muitos em Bagdá se deslocassem para fora da capital para buscar tratamento médico.

O primeiro-ministro do Iraque, Ibrahim al-Jaafari, criou a sua própria agência de inteligência, o Ministério do Estado para Questões de Segurança Nacional, chefiado por Shirwan al-Waeli, um homem que canalizava inteligência a respeito dos movimentos das tropas norte-americanas para o Exército Mahdi e forneceu aos Sadristas uma supervisão prática sobre grande parte da indústria de turismo do Iraque — especialmente o setor das companhias aéreas comerciais. Bem debaixo dos narizes das autoridades militares e civis norte-americanas, então, o Exército Mahdi estava fazendo em Bagdá o que o Hezbollah tinha feito em Beirute: tomar o controle do principal aeroporto internacional e suas instalações subordinadas. Ele administrava a agência alfandegária, o programa de controle de tráfego aéreo, mesmo a empresa de limpeza contratada, cujos empregados os Sadristas assassinaram para criar vagas de empregos para si mesmos. Ele importava armas escondidas na carga trazida pelos aviões do Irã. Ele também tinha um acesso direto às idas e vindas internacionais dos sunitas — um conhecimento que, de maneira pouco surpreendente, levou a muitos raptos e assassinatos.

Nenhum episódio isolado caracterizou melhor para os sunitas a nova república do medo — sendo construída sobre as ruínas da antiga — do que o Abrigo Jadriya. Um centro de detenção situado logo ao sul da Zona Verde, a Unidade de Interrogações Especial do abrigo era comandada por Bashir Nasr al-Wandi, apelidado “Engenheiro Ahmed”. Um ex-operativo sênior de inteligência da Brigada Badr, o Engenheiro Ahmed, era, como Hadi al-Amari, apoiado pela Força Quds de Suleimani. Quando os soldados norte-americanos finalmente abriram a porta para esta prisão calabouço, eles encontraram 168 prisioneiros vendados, todos eles presos ali por meses em um espaço superlotado cheio de fezes e urina.

Quase todos os prisioneiros eram sunitas, e muitos traziam sinais de tortura — alguns estavam tão espancados que tiveram de ser levados para a Zona Verde para tratamento médico. Como o centro de detenção estava

dentro da esfera de atuação do Ministério do Interior, Bayan Jabr foi forçado a responder pelo que havia transparecido. Ele alegou que nunca havia visitado a prisão e repudiou os abusos de direitos humanos em uma conferência de imprensa. Apenas os "terroristas mais criminosos" foram detidos, disse Jabr, a fim de demonstrar como eles haviam sido tratados humanamente, acrescentou que "ninguém foi decapitado, ninguém foi morto". Testemunhando sobre a cooperação sinistra entre os ministérios comandados por xiitas no Iraque de al-Jaafari, o predecessor de Jabr, Falah Naqib, que vivia a apenas alguns quarteirões do Abrigo Jadriya, alegou ter visto ambulâncias indo e vindo do prédio, e especulou que os prisioneiros estavam sendo transportados nelas.

— A Guerra do Iraque alterou o equilíbrio de poder na região a favor do Irã — Emma Sky, ex-consultora do exército norte-americano, nos disse. — No mundo árabe é comum ouvirmos a respeito de negociações secretas entre o Irã e os Estados Unidos, e lamentos de que os Estados Unidos "deram o Iraque para o Irã". Esta percepção geopolítica, disse Sky, é responsável por uma das principais razões por que os sunitas foram atraídos para o EI.

Mais ricos do que Bin Laden

Em 2006, o governo norte-americano descobriu que a AQI, juntamente com outras facções insurgentes sunitas, podiam arrecadar entre US$ 70 e US$ 200 milhões anualmente de empreendimentos criminosos. De acordo com Laith Alkhouri, um especialista na al-Qaeda na Flashpoint Partners, uma empresa de inteligência, o passado de gângster de al-Zarqawi claramente influenciou sua carreira como um senhor da guerra terrorista.

— A AQI lançou mão de uma série de métodos para ganhar dinheiro, do roubo de armas militares norte-americanas e negociação delas com outros grupos insurgentes, passando pelo sequestro e cobrança de um resgate dos reféns. Eles atacariam as casas de altos oficiais do exército iraquiano, então os interrogariam dentro das suas próprias casas. Eles lhes diriam: "Nos dê os nomes, endereços e números de telefone de outros altos oficiais". Algumas dessas vítimas de sequestro eram muito ricas, e suas famílias pagariam. Se isso não funcionasse, a al-Qaeda simplesmente mataria os oficiais nas suas casas.

De 2005 a 2010, subsídios de doadores do Golfo Pérsico e "caridades" do Oriente Médio duvidosas foram responsáveis por, no máximo, insignificantes 5 por cento do orçamento total da AQI. O contrabando de petróleo da Refinaria de Petróleo Bayji, na província Salah ad-Din, estava mantendo o aparato de al-Zarqawi em uma ótima situação.

Uma avaliação da Agência de Inteligência de Defesa (AID) conduzida em 2006 encontrou que "mesmo um levantamento limitado dos fluxos de receitas disponíveis para a insurgência sugere fortemente que as receitas excedem em muito as despesas". Os recursos da AQI haviam a esta altura eclipsado aqueles da sua liderança baseada no Paquistão, forçando Osama bin Laden à situação embaraçosa de pedir dinheiro do seu subordinado relutante.

Tampouco o seu status nominal inferior na hierarquia da al-Qaeda o deixaria mais ansioso a submeter-se às instruções dos seus superiores. Em julho de 2005, al-Zawahiri enviou-lhe uma carta, amenizada em tons de conselho fraternal, embora a mensagem fosse inequívoca: pare de assassinar xiitas iraquianos. O egípcio acreditava que a AQI deveria estar buscando uma estratégia em três fases. Em primeiro lugar e mais importante, expulsar o invasor norte-americano; em segundo lugar, estabelecer um emirado islâmico nas partes sunitas do Iraque; em terceiro lugar, usar este terreno para planejar ataques terroristas contra outros regimes árabes. Al-Zawahiri aconselhou al-Zarqawi a evitar os "erros do Talibã", que ele acreditava havia entrado em colapso rapidamente demais, pois havia atuado somente em prol de sua base de apoio em Kandahar e na região sul do Afeganistão à custa do resto do país.

Al-Zawahiri estava na realidade flertando com um tipo de nacionalismo jihadista, pelo menos como uma ferramenta tática para evitar que uma organização parasítica alienasse o seu país hospedeiro. Al-Zawahiri era o planejador paciente, enquanto al-Zarqawi era o guerreiro temerário que achava que podia combater qualquer um e todos ao mesmo tempo. Havia um inimigo que al-Zawahiri considerava não ser sábio enfrentar, pelo menos não ainda: o Irã.

Temendo que a resposta da República Islâmica a quaisquer provocações da AQI no Iraque seria formidável (ela já fora assim em resposta à ocupação norte-americana), al-Zawahiri disse a al-Zarqawi que "nós e os iranianos precisamos nos abster de causar danos uns aos outros neste momento em que os norte-americanos estão nos atacando". Esta carta,

composta em julho de 2005, refletiu o que o porta-voz do EI Abu Muhammad al-Adnani lembraria o egípcio em maio de 2014; que "o Irã deve incomensuravelmente à al-Qaeda".

A intenção nunca fora disseminar a carta publicamente; até onde o resto do mundo deveria saber, o alto comando da al-Qaeda olhava para o desempenho do seu emir da Mesopotâmia com certo entusiasmo irrestrito. A CIA vazou a missiva crítica em parte para agravar o que já era uma fissura profunda ocorrendo entre o Xeique dos Chacinadores e seus mestres na Ásia Central. Um bem enorme foi conseguido com isso.

No dia 22 de fevereiro de 2006, quatro terroristas da AQI, trajando uniformes do Ministério do Interior do Iraque, detonaram vários explosivos dentro da Mesquita al-Askari em Samarra, um dos santuários mais sagrados no Islã xiita e um mausoléu para dois dos doze imãs reverenciados da seita.

A mesquita havia sido construída em 944 D.C. e remodelada no século dezenove, embora sua celebrada abóboda dourada, que foi arruinada nas explosões, só tenha sido acrescentada na virada do século vinte. No dia das explosões, o vice-presidente do Iraque, Adel Abdul Mahdi, um xiita, comparou o ataque ao 11/9. O Grande Aiatolá Ali al-Sistani conclamou protestos pacíficos, ao mesmo tempo deixando subentendido que se as Forças de Segurança do Iraque não conseguiam proteger outros locais sagrados, então as milícias xiitas talvez tivessem de fazê-lo. Uma das ONGs do Iraque observou que após as explosões várias centenas de famílias xiitas aterrorizadas deixaram Bagdá, enquanto as forças norte-americanas anunciavam uma missão de emergência, Operação Escalas de Justiça, para mitigar a onda antecipada de violência retaliatória contra os sunitas.

O ataque à Mesquita al-Askari conseguiu, na imaginação internacional, o que al-Zarqawi havia intencionado e o que a maioria dos Iraquianos já estava passando por três anos — uma guerra civil.

O apelo de al-Sistani por moderação não foi seguido pelos Sadristas e pelos Grupos Especiais comandados por iranianos, cujas armas de escolha para serem usadas em presos sunitas incluíam furadeiras e fios elétricos. Corpos foram jogados no Rio Tigre. O Exército Mahdi também erigiu postos de controle em Ghazaliya, uma das várias cidades estrategicamente chaves que ficavam ao longo de uma importante autoestrada de Bagdá a Anbar. Policiais iraquianos sem uniformes foram convocados para parar os carros que passavam e conferir os documentos de identidade dos passageiros; se eles fossem sunitas seriam eliminados, em uma

demonstração elaborada de oficialismo que era na realidade uma forma Sadrista de limpeza étnica.

Os insurgentes sunitas pagaram os xiitas de volta na mesma moeda. A AQI e outros grupos insurgentes islamitas usaram toda sorte de meio pavoroso à sua disposição para expulsar os xiitas de Ameriya Fallujah, uma cidade de maioria sunita a oeste de Bagdá que havia sido reprimida e parcialmente deixada sem alimento pelos Sadristas. O exército e a polícia iraquianos, todos subordinados ao recentemente empossado primeiro-ministro Nouri al-Maliki, outro membro do partido Dawa, foram vistos como cúmplices dos assassinatos e sequestros fora de controle e que al-Maliki parecia estar tolerando. Esta foi uma questão apresentada em um memorando confidencial, subsequentemente vazado, de Stephen Hadley do Conselho de Segurança Nacional da Casa Branca para o Presidente Bush em 2006, após a visita de Hadley a Bagdá.

"Relatórios da não-prestação de serviços em áreas sunitas", dizia o memorando, "a intervenção por parte do gabinete do primeiro-ministro para parar com ações militares contra alvos xiitas e encorajá-las contra alvos sunitas, a remoção dos comandantes mais eficientes por razões sectárias e esforços para assegurar maiorias xiitas em todos os ministérios, quando combinados com a escalada de baixas provocadas pelo Exército Mahdi, como um todo sugere uma campanha para consolidar o poder xiita em Bagdá".

A morte de al-Zarqawi

O paradeiro de al-Zarqawi havia sido um mistério para as forças de coalizão desde a Segunda Batalha de Fallujah, embora, de acordo com Bruce Riedel, ele na realidade tivesse sido capturado algumas vezes pelos iraquianos, que não faziam ideia da identidade do seu prisioneiro. Ele talvez tenha até escapado uma vez da custódia norte-americana às escondidas. A fim de encontrar al-Zarqawi através dos seus lacaios, o COEC e o Serviço Aéreo Especial Britânico (SAS) começaram a reunir membros hierarquicamente inferiores da AQI na primavera de 2006. Em uma investida, durante a qual o líder do grupo na cidade de Abu Ghraib foi capturado, comandos norte-americanos encontraram um vídeo de propaganda não editado de al-Zarqawi manuseando desajeitadamente uma

metralhadora. Este preso e outro operativo com uma patente intermediária na AQI delinearam a rede jihadista em detalhe, fornecendo aos norte-americanos o nome do mais recente conselheiro espiritual de al-Zarqawi, Abd al-Rahman. A partir deste ponto, era uma questão de engenharia reversa do modo de comunicação de al-Rahman com al-Zarqawi, através de uma série de mensageiros. As forças norte-americanas descobriram que o seu alvo estivera se escondendo bem à vista deles o tempo inteiro: a casa em que ele se escondia ficava em Hibhib, uma cidade a noroeste de Bagdá e há apenas dezenove quilômetros do próprio quartel general do COEC na Base Aérea Balad.

No dia 7 de junho de 2006, um drone norte-americano acompanhou silenciosamente al-Rahman fazendo contato com al-Zarqawi. No cair da noite, um F-16 havia largado uma bomba guiada a laser de duzentos e cinquenta quilos sobre o local, seguido por uma segunda cara guiada por satélite. Os soldados iraquianos encontraram al-Zarqawi primeiro, ainda vivo, mas mortalmente ferido. Ele morreu quando os homens de McChrystal chegaram à cena. A inteligência jordaniana, que alegava conhecer al-Zarqawi melhor do que ele um dia conhecera a si mesmo, ganhou o crédito parcial por sua descoberta.

Na morte, o Xeique dos Chacinadores ganhou o tipo de panegírico das principais lideranças da al-Qaeda que haviam lhe escapado em vida. Ele era um "cavaleiro, o leão da jihad", anunciou bin Laden em uma passagem de canonização revisionista. Contrariando todas as palavras anteriores de cautela, ele subitamente endossou completamente o assassinato em massa de xiitas iraquianos por al-Zarqawi como uma retribuição por sua colaboração com os "Cruzados".

A nova estratégia de guerra

A morte de al-Zarqawi dificilmente significou o fim da AQI. O Conselho Consultivo Mujahidin, que ele instalou como uma maneira de domesticar uma franquia com um número demasiado de afiliados estrangeiros, apontou outro emir não nativo: Abu Ayyub al-Masri, um cidadão egípcio que usava outro nome de guerra, Abu Hamza al-Mujahir.

Ele conhecia al-Zawahiri e al-Zarqawi pessoalmente. Al-Masri havia pertencido à al-Jihad nos anos de 1980. Ele viajou para o Afeganistão no

mesmo ano que al-Zarqawi, o qual ele conheceu em um campo de treinamento da al-Qaeda. Quando al-Zarqawi partiu para o Iraque em 2003, al-Masri seguiu com ele.

A indicação de al-Masri foi, ao mesmo tempo, uma continuação e um repúdio do legado de al-Zarqawi. Por um lado, ele aprofundou o programa de Iraquização mais ainda quando, em outubro de 2006, ele declarou que sua franquia fazia parte de um mosaico de movimentos de resistência islâmica nativos, que ele denominou Estado Islâmico do Iraque[05]. O seu domínio eram as províncias de Ninewah, Anbar e Salah ad Din, mas também áreas onde os sunitas não tinham força numérica, como Babil, Wasit, Diyala, Bagdá e Kirkuk, uma cidade cosmopolita e outrora rica em petróleo que fora "Arabizada" por Saddam anos de 1980 e que os curdos até hoje consideram sua "Jerusalém". O líder designado pelo Estado Islâmico do Iraque, Abu Omar al-Baghdadi, acrescentou al-Masri, era um nativo do Iraque que o Conselho Shura Mujahideen havia votado para ser o seu líder, embora nunca aparecesse em vídeos ou gravações de áudio, presumivelmente por razões de segurança. Alguns duvidavam que ele chegasse a existir, até que seu corpo confirmou que sim.

Mas al-Masri tinha uma visão diferente a respeito da finalidade do terrorismo do que o seu predecessor. Após a sua sucessão tornar-se pública, as forças norte-americanas capturaram o emir da AQI para a região sudoeste de Bagdá, o qual, no curso de sua interrogação, abriu o jogo sobre o que dividia os dois comandantes jihadistas. Al-Zarqawi, ele disse, via a si mesmo em termos messiânicos, como o defensor de todos os sunitas contra os xiitas; al-Masri via a si mesmo como um caça-talentos e exportador de terror, para quem o Iraque não passava de um palco na luta contra a "ideologia ocidental no mundo todo". Neste sentido, al-Masri estava mais próximo de al-Zawahiri como um grande estrategista.

— Ele vinha de fora, ele era o cara enviado por al-Zawahiri e bin Laden para ser o seu homem no Iraque — nos contou Joel Rayburn. — Mas ele juntou-se a al-Baghdadi, que era um Salafista iraquiano, então havia esta parceria de dentro e de fora. Al-Baghdadi emprestou a credibilidade de rua para a operação; al-Masri era o muhajid supervisor por trás dele.

A AQI estava então se tornando mais adepta a conduzir a política de poder do Iraque: a pessoa que diziam estar no comando não era necessariamente a pessoa no comando.

O duo al-Masri-al-Baghdadi servia a fins práticos, também. O egípcio era o ponto de referência para uma oferta ininterrupta de combatentes estrangeiros, enquanto o iraquiano não queria casar-se abertamente com a al-Qaeda com medo de perder o apoio sunita entre os insurgentes que acreditavam que estavam lutando uma jihad mais orientada nacionalisticamente. Ambos os homens queriam estabelecer um emirado islâmico sobre as cinzas dos norte-americanos e seus companheiros xiitas, mas a diferença estava na ênfase. A maioria dos grupos sunitas que aderiu ao Estado Islâmico do Iraque protestava — como observa o historiador militar Ahmed Hashim —, pretextando "estarem interessados em liberar o Iraque e não criar um estado islâmico".

Além disso, o Estado Islâmico do Iraque concentrava-se em atacar o que Laith Alkhouri chama de "alvos suaves", como bases militares iraquianas e líderes religiosos xiitas.

— A intenção disso era uma campanha de RP para as facções Salafistas restantes fora da congregação da al-Qaeda — disse Alkhouri. — A mensagem era: "Nós somos o único que é visto como legítimo por todos os grupos jihadi mundo afora. Vocês estão perdendo homens todos os dias. Por que vocês simplesmente não se juntam a nós?". Jayish al-Islami recusou-se a juntar-se a eles, o que é verdadeiro até o dia de hoje. Então al-Masri e al-Baghdadi simplesmente intensificaram a sua campanha de RP. Em última análise, eles recorreram ao assassinato de jihadistas que não se juntavam ao Estado Islâmico do Iraque com o intuito de tomar o seu território operacional. Era algo muito parecido com uma guerra de máfia por áreas de influência.

Mantendo-se fiel ao seu nome, o Estado Islâmico do Iraque também transformou a competência do Conselho Shura Mujahideen criando e ocupando vários outros "ministérios", como um para agricultura, petróleo e saúde. Era a construção de uma nação, ou pelo menos dando a impressão disso. De maneira mais controversa, al-Masri, enquanto reafirmando o seu compromisso com bin Laden, também fez bayat para al-Baghdadi, colocando a AQI hierarquicamente sob a proteção de uma milícia recentemente formada. Em termos jihadistas, isto era como pegar uma amante e apresentá-la como sua segunda esposa para a sua primeira.

Al-Masri estava realmente tentando manter uma posição dúbia: seguir o emir da AQI enquanto também flertando com a secessão absoluta dela para comandar a sua própria operação independente no Iraque. A fissura

profunda e irreparável criada pelas pretensões de al-Baghdadi por um estado e a subordinação de al-Masri de sua facção ao Estado Islâmico do Iraque foram finalmente revelados com o rompimento formal do Estado Islâmico com al-Zawahiri no início de 2014 — por um Ayman al-Zawahiri muito irado. Em maio de 2014 ele emitiu uma declaração na qual ele citava uma terceira parte desconhecida que havia caracterizado al-Baghdadi e al-Masri como idiotas "repulsivos". Se a al-Qaeda tivera um dia esse tipo de animadversão por al-Zarqawi, ela nunca a tornou pública.

Os novos dispositivos explosivos improvisados transportados por veículos

A ascensão do Estado Islâmico do Iraque coincidiu com o aumento, em frequência, e sofisticação, dos ataques de carros-bomba. De acordo com Jessica Lewis McFate, uma analista do Iraque no Instituto para o Estudo da Guerra, uma razão por que o Estado Islâmico hoje em dia projeta uma força militar muito maior do que ele realmente tem, é devida ao seu uso especialista destes dispositivos. Não apenas a extensão da carnificina de atentados a carros-bomba é grande, como a arma é utilizada para perturbar psicologicamente o inimigo antes de uma grande investida militar.

— Na maior parte das vezes, nós vemos estes ataques em postos de controle — disse Lewis. — Nós estamos observando estes carros-bomba ou carros-bomba suicidas mais como uma ferramenta catalisadora de um ataque ou para elevar a tensão para um. Então, por exemplo, o Estado Islâmico conduzirá um ataque com um carro-bomba em algum lugar em Bagdá ou ao longo do Vale do Rio Eufrates, e então testará para ver como as Forças de Segurança do Iraque e as milícias xiitas respondem a estes ataques.

De 2006 em diante, al-Masri havia se especializado em realizar este tipo de ataque em Bagdá e nos arredores da cidade; fábricas para equipar os carros e caminhões com material bélico foram descobertas nos "cinturões" de Bagdá — as cidades e vilarejos que cercavam a capital e onde, até o chamado "surge"[06] , os Estados Unidos haviam mantido uma presença relativamente menor.

O Estado Islâmico do Iraque dividiu Bagdá e os cinturões em seis zonas, cinco centradas em torno da cidade. Cada zona era governada por

seu próprio emir local. Inteligência digital sobre o Estado Islâmico do Iraque, obtida em uma batida do COEC, descobriu que um desses emires, Abu Ghazwan, que dirigia a cidade de trinta mil habitantes de Tarmiya, administrava uma série de células da AQI no norte do Iraque, incluindo aquelas que estavam recrutando mulheres e crianças para missões de ataques suicidas. Abu Ghazwan também conhecia de perto a programação das unidades de patrulha norte-americanas e iraquianas, como evitá-las e como colocar armadilhas para elas. O The Wall Street Journal relatou que, em meados de 2007, um "enorme caminhão-bomba arrebentou a frente da base de soldados em Tarmiya, lançando concreto e vidro voando pelo ar como punhais. Os soldados no pequeno posto avançado passaram as próximas quatro horas lutando por suas vidas contra uma força de 70 a 80 insurgentes". (Mais recentemente, o Estado islâmico atacou Tarmiya com carros-bomba: em junho de 2014 ele explodiu as casas de altos oficiais das Forças de Segurança Iraquianas, assim como de um ex-líder do Despertar tribal).

A visão geral de Abu Ghazwan de como este mini emirado funcionava sugeria que o EI não estava usando Tarmiya somente como uma base de operações terroristas — ele estava ativamente construindo um pequeno estado.

— Nós estamos administrando o distrito, os negócios das pessoas e os serviços administrativos, e temos comitês para governar o distrito chefiado por meu irmão Abu Bakr — ele disse bastante satisfeito consigo mesmo. Realmente, a ocupação da AQI de Tarmiya lembrava o tipo de feudo islâmico que havia caracterizado a zona de quinhentos quilômetros quadrados de Ansar al-Islam no Curdistão iraquiano, ou o domínio do Estado Islâmico na província oriental da Síria de Raqqa. Abu Ghazwan chegava a ter seus meios de transporte municipais para o seu emirado de Tarmiya. Ele dirigia pela cidade em uma picape Nissan branca confiscada da força policial iraquiana e deslocada para ser usada como um veículo do Estado Islâmico. Ele também pilotava um ferryboat tomado de uma planta de tratamento d'água ao longo do Rio Tigre.

A história pessoal de Abu Ghazwan também chamou a atenção para outra tendência alarmante da guerra do EI — a questão da reincidência. Ele fora, um vez, um preso da coalizão, assim como outro homem chamado Mazin Abu Abd al-Rahman, que havia sido solto recentemente do Campo Bucca, uma das maiores prisões administradas pelos Estados Unidos no

Iraque baseada em Basra, e cujo nome era uma homenagem a um oficial bombeiro de Nova York que havia falecido nas Torres Gêmeas em 11/9.

Assim como com a prisão Swaqa de al-Zarqawi, o Campo Bucca ganhou uma reputação merecida por servir ao mesmo tempo como uma academia terrorista e como uma instalação de detenção.

Islamitas reafirmaram sua boa fé pregando para os convertidos, mas também convertendo novos detentos da população geral de criminosos que talvez tivessem caído na prisão como secularistas ou ligeiramente religiosos, apenas para emergir como fundamentalistas violentos. Em Bucca, al-Rahman não apenas aprendeu os pontos mais requintados da sharia, como também fez amizades com construtores de bombas da AQI e, desse modo, graduou-se da custódia norte-americana com um recém-formado especialista na construção de dispositivos explosivos improvisados transportados por veículos. Outro membro da AQI lembrou-se mais tarde como o período em que al-Rahman passou na prisão também promoveu-lhe os contatos necessários para começar sua própria célula jihadista no cinturão ao norte de Bagdá assim que ele fosse solto. Como relembram Michael Gordon e Bernard Trainor:

— Al-Rahman e dois outros homens levaram dois dias para produzir cada carro-bomba na casa de fazenda em Tarmiya, que eles usaram como sua oficina... usando carros roubados trazidos de um estacionamento onde eles haviam sido guardados em Adhamiya e uma combinação de explosivos plásticos e feitos em casa. Na noite anterior a um ataque, o carro-bomba completo seria levado de Tarmiya de volta para Bagdá, onde ele seria guardado durante a noite em um estacionamento ou garagem, antes do terrorista levá-lo até o seu destino final e explodi-lo.

O fundador da AQI havia sido encontrado e morto a dezenove quilômetros de distância do quartel general do COEC na Base Aérea de Balad. Uma importante indústria, em uma casa de campo, para produção de carros-bomba estava prosperando a uns sessenta quilômetros ao norte do Campo Vitória.

5

O DESPERTAR
A vez dos iraquianos de lidarem com o Estado Islâmico do Iraque

— A história do Despertar de Anbar é muito amarga — um ex-alto-oficial no governo iraquiano nos disse próximo do fim de 2014. — As pessoas que lutaram contra a al-Qaeda mais tarde foram abandonadas pelo seu governo. Muitas delas também foram executadas pela al-Qaeda, e algumas chegaram a ser presas pelas forças iraquianas. Até que exista uma mudança perceptível na maneira como as coisas são conduzidas em Bagdá, duvido fortemente que as pessoas estejam dispostas a arriscar suas vidas e começar algo similar contra o EI.

O seu propósito, que reflete o que muitos sunitas iraquianos que entrevistamos disseram, fica mais claro se analisarmos as origens do Despertar. Assim como muitas descobertas propícias, esta aconteceu por acidente.

Sahwa

O programa dos Protetores do Deserto tivera vida curta, mas fora um exercício útil na construção norte-americana de alianças com os membros das tribos de Ramadi. Em 2006, no entanto, a capital provincial de Anbar já havia caído novamente no domínio da AQI.

Os jihadistas estavam tão entrincheirados na cidade que eles recorreram a inovações dignas do Corpo de Engenheiros do Exército norte-americano para colocar DEIs com o intuito de deter ou matar as colunas iraquianas e norte-americanas. Eles usavam serras elétricas para cortar pedaços grandes de asfalto na estrada e preencher as crateras resultantes com materiais explosivos antes de reaplicar uma camada escura aparentemente intocada. Para o olho nu, parecia uma estrada normal — até a bomba explodir, danificando ou destruindo um veículo de combate Bradley ou um tanque Abrams, e matando ou ferindo gravemente os

ocupantes dentro. Os buracos que esses DEIs embutidos deixavam no chão também causavam danos de infraestrutura severos, explodindo os canos de esgoto da cidade e inundando as ruas com sujeira.

Como em outras partes no Iraque, o governo provincial em Ramadi vinha mantendo duas contabilidades, uma para suas obrigações oficiais em prol de Bagdá, e outra para a AQI, que subornava e persuadia com agrados as Forças de Segurança do Iraque e oficiais municipais, usando o seu maior ativo fora o assassinato: a receita do contrabando de petróleo. Barris de petróleo bruto roubado eram importados para Ramadi em uma base regular da Refinaria de Petróleo Bayji ao norte, então exportados para revenda no mercado negro do Iraque. Este havia sido o arranjo das tribos com os Saddamistas por anos. Mas os novos chefes provaram-se mais difíceis de lidar.

Para começo de conversa, os locais desprezavam o governo medieval, especialmente tendo em vista que um dos direitos autoconcedidos da AQI era a resposta da sharia para o droit du seigneur: assim como o EI hoje em dia, os jihadistas em 2006 estupravam as mulheres iraquianas como bem queriam. Os dignitários tribais, também, eram sujeitos ao sequestro ou assassinato. Dois xeiques das tribos Albu Aetha e Albu Dhiyab já haviam sido mortos, e outros estavam sendo vistos como competição para o que havia se tornado a próspera economia de guerra da AQI.

O povo de Ramadi voltou-se lentamente contra o terrorismo. O patrulhamento das ruas à noite arrebanhou seguidores suficientes entre as famílias das vítimas do grupo, além da adesão de policiais iraquianos vingativos e, mesmo, insurgentes rivais cansados dos takfiris. Logo um movimento de resistência genuíno nasceu sob a bandeira de Thuwar al-Anbar, ou os Revolucionários de Anbar. Foi o início do que ficou conhecido como o Sahwa — "Despertar". Estes nativos revolucionários provaram-se tão bem-sucedidos em Ramadi que a AQI chegou a tentar negociar com eles.

O que tornou Ramadi diferente foi que, quando a cidade foi retomada pelas forças norte-americanas e iraquianas, uma estratégia pós-batalha de recrutamento da polícia foi sabiamente implementada, não no centro vulnerável da cidade, que, como com o episódio da fábrica de vidro dois anos antes, foi um alvo fácil para o ataque dos insurgentes, mas nos distritos tribais rurais adjacentes. Manter o Sahwa confinado ao interior encorajou o que já era uma insurreição crescente o suficiente para tornar-se um

movimento oficialmente sancionado, ajudado por uma confiança mútua cada vez maior entre os norte-americanos e as tribos. Um dos principais aliados tribais foi o carismático Abdul Sattar al-Rishawi, cujo conjunto de residências na realidade já havia sido objeto de duas operações das forças dos Estados Unidos antes, após alegações de que ele estava cooperando comercialmente com os insurgentes. Subitamente, a partir do próprio interesse pessoal e pragmatismo que havia catalisado a aliança temporária, al-Rishawi estava pronto para celebrar um novo trato com o inimigo do seu inimigo.

— Pessoas com vínculos com os insurgentes nos recebem para tomar chá — um tenente norte-americano havia dito para o jornalista George Packer sobre uma experiência similar em Tal Afar em 2005, quando H. R. McMaster havia supervisionado a virada temporária daquela cidade fronteiriça baseada muito no mesmo princípio. Al-Rishawi provar-se-ia um dos aliados mais significativos que os Estados Unidos já fizeram no Iraque.

A tentativa da AQI de solapar os seus esforços fracassou porque a insatisfação tribal já havia ganho um corpo significativo. Juntamente com seu irmão, Al-Rishawi formou o Conselho de Emergência de Anbar, que reivindicava representar dezessete tribos Anbari prontas para fazer uma parceria com as forças da coalizão contra a AQI. O conselho rapidamente expandiu-se e foi renomeado com o Despertar de Anbar. Al-Rishawi supervisionou o recrutamento de quatrocentos homens para a força policial do Iraque em outubro de 2006, e então outros quinhentos em novembro. Ele era um sujeito com visão suficiente também para perceber que o recrutamento não se traduzia necessariamente em segurança imediata: todos estes cadetes tinham de ser enviados para a Jordânia para treinamento, criando um vácuo que a AQI certamente exploraria. Al-Rishawi convenceu Nouri al-Maliki a autorizar a formação de batalhões paramilitares temporários para servir em seu lugar. E assim foram criadas as Unidades de Resposta de Emergência, lideradas não por neófitos corruptos ou incompetentes, e sim por membros das tribos que haviam servido no antigo exército iraquiano e que sabiam como lutar. Um pouco antes do Ano Novo de 2007, as Unidades contavam com um pouco mais de dois mil homens.

Para tornar estas soluções específicas permanentes, os Estados Unidos também constituíram perspicazmente subestações de polícia novas por toda a região de Ramadi, criando mais um estímulo psicológico para as tribos — que a leia e a ordem imposta pelos Estados Unidos e mantida pelo Iraque

havia chegado para ficar — que serviu como uma dissuasão para os insurgentes. Os ataques com carros-bomba nas cercanias da cidade caíram como consequência. O sucesso geral de Al-Rishawi provocou-lhe acessos de soberba e confiança em excesso, embora ambos fossem certamente bem-vindos para os ouvidos norte-americanos à época.

— Juro por Deus, se tivermos boas armas, se tivermos bons veículos, se tivermos um bom apoio, posso lutar contra a Al Qaeda até o Afeganistão — disse o xeique para o New York Times, e evidentemente também para o presidente Bush, que o encontrou em uma visita a Bagdá em 2007.

No fim, Al-Rishawi não foi capaz de terminar de ver a al-Qaeda expulsa do Iraque. Ele foi assassinado pelos jihadistas apenas alguns dias após seu encontro com o presidente.

O Despertar de Anbar partiu de baixo para cima em vez de cima para baixo, e desse modo foi tomado ao nível de brigada por outros comandantes de pensamento rápido e dispostos a improvisar que estavam prontos para negociar com aqueles que apenas um dia antes estavam tomando chá com os insurgentes. A eleição de dezembro de 2005 já havia provado que alguns terroristas sunitas eram reconciliáveis com o sistema político iraquiano e não precisavam ser capturados ou mortos.

O Tenente-General Graeme Lamb, auxiliar britânico do General Casey, há muito sustentava a posição de que seria apenas uma questão de tempo até que a presença da AQI se provasse nociva demais para os sunitas e para alguns dos parceiros de campo de batalha menos extremistas dos jihadistas se voltassem para a coalizão em busca de ajuda. A questão era determinar quem poderia ser abordado em troca disso e quem estava fora de cogitação. Os operativos da AQI estavam fora de questão, claramente, mas e quanto aos "afiliados" mais ideologicamente flexíveis da organização no Estado Islâmico do Iraque? Lamb encontrou-se com um emir da Ansar al-Sunna, uma facção salafista que recentemente começara a usar os métodos do Estado Islâmico do Iraque. O emir disse a ele que, embora invasores estrangeiros pudessem e devessem ser combatidos, Ansar al-Sunna sabia que o mal mais premente diante do Iraque eram os decapitadores e estupradores de al-Masri e al-Baghdadi.

— Nós observamos vocês em Anbar por três anos e meio — ele disse a Lamb. — Nós concluímos que vocês não ameaçam a nossa fé ou nosso meio de vida. A al-Qaeda sim.

A “surge”[07]

Solidificar uma revolta popular incipiente contra a AQI significava acrescentar algo à capacidade militar convencional no Iraque. Muito tem sido escrito e debatido a respeito da “surge” de forças norte-americanas no Iraque, que começou em 2007 sob uma nuvem de controvérsia política doméstica em Washington. Supervisionada por Petraeus, a política adotada pelo presidente pedia uma injeção de cinco brigadas de combate adicionais — até trinta mil tropas mais — e uma estratégia de guerra completamente revisada. A nova estratégia demandava confrontar não somente a AQI, mas também a vasta rede de milícias xiitas apoiadas pelo estado e milícias de fachada iranianas que representavam uma ameaça igualmente importante à segurança das forças norte-americanas e dos civis sunitas subitamente sendo convocados para ajudar a expulsar o jihadismo. Não coincidentemente, o arquiteto desta estratégia era o homem responsável por implementá-la.

Petraeus e o Tenente-General Marine James Mattis haviam escrito juntos um novo manual de campo sobre contrainsurgência (COIN), um guia de 282 páginas para rechaçar uma resistência de guerrilha ao estilo maoísta, voltando as comunidades com que ela convivia e cooperava contra ela — ou, para usar uma metáfora maoísta muitas vezes citada, voltando o mar contra os peixes. Uma mistura de atuação de soldados e policiamento, a razão mágica da COIN, como codificada pelo manual Petraeus-Mattis, era 20-para-1.000 — vinte soldados para cada mil civis. (Esta matemática incorporava soldados do exército iraquiano e policiais.)

As tribos sunitas não precisavam ser persuadidas de que caçar a AQI era interessante para elas — elas já estavam fazendo isto mais brava e capazmente que a maior parte do exército iraquiano.

Petraeus tinha visto isso em primeira mão. Ele fora responsável pelo programa de treinamento das Forças de Segurança Iraquianas, um programa que sofrera com a disfunção e corrupção. Muitos dos cadetes provaram-se incompetentes ou sem disposição de luta. Outros roubaram equipamentos e fugiram para revendê-los — em alguns casos, para o próprio inimigo que os Estados Unidos os haviam contratado para derrotar. Em 2007, a Agência de Transparência do Governo Norte-Americano divulgou um relatório declarando que aproximadamente 190.000 AK-47s e pistolas haviam

desaparecido de estoques registrados. Isto significava que armas compradas pelo contribuinte norte-americano estavam provavelmente circulando por aí e matando soldados norte-americanos.

As duas primeiras brigadas da surge foram enviadas para Bagdá, o ninho de vespas para a AQI, que não perdeu tempo em tentar sabotar a nova estratégia COIN. A AQI era mais forte nos cinturões cercando a capital, onde postos avançados norte-americanos recentemente estabelecidos foram alvo de ataques combinados de carros-bombas. Em um único dia em fevereiro, cinco dessas operações mataram quinhentas pessoas. As condições eram particularmente sombrias em áreas com populações sunitas e xiitas misturadas, onde Grupos especiais e insurgentes raptavam, torturavam, matavam e limpavam etnicamente uns aos outros. A solução do exército norte-americano foi uma divisão: ele construiu enormes e extensos muros de concreto para manter cada seita distante da sua rival.

— A chave para Bagdá é este terreno, especialmente o norte e o sul — Jim Hickney nos contou.

— As famílias e as tribos sunitas — elas eram as bases de apoio que a AQI usou em 2005 e 2007.

Em última análise, nós vencemos a batalha por Bagdá porque limpamos os cinturões de apoio que eles passaram anos construindo.

Diyala, então e agora

O fracasso dos Estados Unidos em destruir o ponto de apoio da AQI na capital do Iraque estava enraizado, na realidade, em alguns de seus sucessos enganosos. Quando al-Zarqawi foi morto em Hibhib em junho de 2006, o COEC recuperou uma série de documentos de inteligência da AQI que sugeria que os jihadistas acreditavam que eles estavam perdendo o seu principal reduto, o chamado Triângulo da Morte, na região sul de Bagdá, para os norte-americanos. Al-Zarqawi havia contemplado mais uma mudança de local para seu quartel general um pouco antes de ser morto.

Mas as vitórias territoriais da coalizão ocorriam a um alto custo, pois eram táticas, não estratégicas.

A derrota para a AQI em um lugar significava uma derrota em todo o país? Quanto a isso, autoridades competindo entre si no segmento de defesa dos Estados Unidos discordavam. Uma análise de inteligência militar

encomendada por George Casey Jr., o predecessor de Petraeus, concluiu que todas as marcas registradas da violência Zarqawista — atentados a bomba suicidas, ataques de atiradores de elite, detonações de dispositivos explosivos improvisados — estavam claramente em queda e os jihadistas pareciam estar em menor número também. Além disso, a maior concentração de ataques estava confinada a apenas quarto províncias das dezoito do Iraque; mas metade da população nacional residia nas doze restantes, que coletivamente vivenciavam apenas 6 por cento de todos os ataques. Isto significava que a AQI estava perdendo para valer em todo o Iraque, de acordo com Casey.

A refutação à avaliação sanguínea de Cansey foi oferecida por Derek Harvey. Harvey achou que a metodologia do estudo do general estava errada e tomava de maneira equivocada avanços de curto prazo por de longo prazo. Ele citou um plebiscito comissionado pela AID que havia considerado que os iraquianos confiavam minimamente nas autoridades de segurança do seu próprio governo, mas ainda estavam cheios de admiração pela "resistência armada". Isto não foi um bom presságio, pois o apoio popular era o seu próprio multiplicador de forças, e um fator que poderia manter a segurança nacional do Iraque em um estado de perturbação. Harvey também observou que a maneira como o exército estava contando os ataques terroristas era altamente enganosa, pois ele contava apenas os que haviam sido bem-sucedidos, i.e., que resultavam em vítimas. Mas e os ataques fracassados, os que quase haviam dado certo? Se um DEI detonado não tivesse efetividade ou não ferisse ou matasse pessoas, ele ainda não constituía um ataque e indicava a capacidade continuada da AQI de provocar terror e sua capacidade operacional de fazê-lo?

A análise mais deprimente de Harvey provou-se correta. Tendo em vista que a AQI seguia mudando seus centros de comando de uma cidade para outra, o que havia sido a estratégia focada estritamente no contraterrorismo de Casey não passava de um jogo agonizado de esconde-esconde sem fim aparente.

Em 2007 a AQI já havia constituído um quartel-general novo em Baqubah, a capital provincial da província de Diyala. Como eles haviam feito no ano anterior em Ramadi, os jihadistas tomaram não somente o centro de Baqubah, como as áreas rurais adjacentes na região sul também, que corriam paralelas ao rio Diyala River e proporcionava a eles uma cobertura verde para mascarar seus movimentos e atividades. A base de

recuo do grupo era na cidade próxima de Buhriz, um antigo reduto Baathista onde a AQI havia recorrido a executar publicamente ou raptar locais, se não expulsando-os de suas casas. Quanto ao "governo" da AQI, ela tomou os moinhos de farinha fora da cidade e racionou o alimento para comandar a lealdade daqueles de quem ela não tomou os bens ou assassinou. Buhriz, subsequentemente, tornou-se o local de uma das batalhas mais intensas em toda a Guerra do Iraque.

Ela começou em março de 2007, quando um batalhão Stryker e um esquadrão paraquedista norte-americanos avançaram para tomar a cidade, encontrando uma tempestade de granadas e fogo de atiradores de elite. O inimigo atacava as forças norte-americanas "em pequenos números", usando "subterfúgios", contou o sargento de 1ª classe Benjamin Hanner ao Washington Post.

— Eles são controlados, o seu planejamento é bom, sua rede de inteligência humana e cadeias de aviso antecipado são efetivas. Eles também eram habilidosos na utilização de chamarizes. Eles colocavam vinte e sete DEIs em um trecho de um quilômetro e meio de estrada, mas asseguravam-se que apenas uma de cada três ou quatro bombas fosse operacional.

— Eu nunca tinha visto, ou vi desde então, uma organização assim — Shawn McGuire, um sargento lembrou a Gordon e Trainor. — Eles eram organizados. Eram bem treinados, atiravam e conseguiam acertar coisas. Em vez de apenas ficar pelas esquinas disparando e correndo, eles nos atacavam e manobravam. Era quase como observar soldados norte-americanos treinando.

Os jihadistas também fizeram um uso pesado de outra arma de escolha: dispositivos explosivos improvisados colocados em casas (DEICs), que eram inseridos nas paredes de residências de Buhriz e programados para explodir quando os soldados entrassem. Em 2013 o Estado Islâmico empregou DEICs com um efeito devastador — desta vez contra soldados e policiais iraquianos em Ninewah para coagi-los a abandonar ou desertar suas forças. Dada a facilidade com que o Estado Islâmico saqueou Mosul no ano seguinte, esses ataques claramente enfraqueceram uma autoridade iraquiana já muito por baixo.

Muito depois da batalha de Buhriz ter terminado, Diyala viu um retorno à guerra sectária, com milícias xiitas competindo contra novos sahwats sunitas que estavam empenhados em opor-se ao governo repressivo

al-Maliki. A província também representa um campo de batalha crucial para o Estado Islâmico. Abu Bakr al-Baghdadi pretence a tribo Bobadri em Diyala, onde uma nova a new wilayat (província) do Estado Islâmico foi anunciada em dezembro de 2013. Al-Adnani, o porta-voz do Estado Islâmico, também disse que a guerra jihadista sobre os xiitas do Iraque seria mais concentrada ali.

Leões por cordeiros

A batalha por Buhriz também demonstrou a sabedoria da tentativa de Graeme Lamb de cooptar os insurgentes sunitas menos fanáticos e usá-los a AQI. De todos os grupos para os quais isto provou-se eventualmente possível, nenhum partiu para cima de seus ex-colegas jihadistas com mais fervor do que o Exército Islâmico.

Em uma entrevista com o Washington Post conduzida em 2004, não muito tempo depois da Segunda Batalha de Fallujah, o líder do grupo, Ishmael Jubouri, um membro de uma tribo sunita, insistiu que o seu exército era todo iraquiano, formado por sunitas, xiitas e curdos, e comprometido apenas com a expulsão dos invasores. Talvez, mas o Exército Islâmico também era a maior insurgência Salafista-Baathista no Iraque, e em abril de 2007 já estava tão cansado da AQI que apelou diretamente a bin Laden para refrear sua franquia fora de controle. Quando isso não funcionou, ele apelou para os norte-americanos.

Abu Azzam, um comandante do Exército Islâmico, ofereceu ajudar o exército norte-americano a recuperar o controle dos cinturões infestados de Bagdá — especialmente Abu Ghraib, onde os sunitas enfrentavam a tenaz da AQI e das milícias xiitas. Azzam arranjou um encontro entre as forças norte-americanas e três mil voluntários que sinalizaram sua disposição de alistar-se em uma gendarmaria ao estilo do Despertar. Entre eles havia um membro das Brigadas da Revolução de 1920 chamado Abu Marouf, que tinha sido o número sete na lista dos mais procurados da coalizão para Abu Ghraib. Embora estivessem relutantes em colaborar com um terrorista de alto nível que, semanas antes, estava caçando e matando suas próprias tropas, os norte-americanos concordaram em testar a oferta de Abu Marouf. Após receber uma lista dos dez principais operativos da AQI na cidade

cinturão de Radwaniyah, Abu Marouf retornou dias depois com um vídeo feito com um telefone celular mostrando a captura e execução de um deles.

Abu Marouf era apoiado por uma poderosa tribo Zobai na região de Bagdá, com a qual ele fez ataques arriscados contra a AQI, provando mais ainda sua boa fé. Em Ameriya, um bairro a oeste de Bagdá, um grupo voluntário conhecido como Forsan al-Rafidayn (Cavaleiros dos Dois Rios) dava as coordenadas de alvos jihadistas para os aviões de guerra norte-americanos bombardearem.

Eventualmente, a Sahwa passou de uma coleção de ações cívicas localizadas para uma parte institucionalizada da estratégia COIN de Petraeus, com Conselhos de Despertar respondendo diretamente ao exército norte-americano e aos governos provinciais iraquianos. Inicialmente chamado de programa de Cidadãos Locais Preocupados, logo ele tornou-se mais conhecido pelo nome mais evocativo Filhos do Iraque. Sem dúvida, temeroso de ver uma reedição do primeiro fracasso do treinamento e equipamento das Forças de Segurança do Iraque, Petraeus rastreou os voluntários do Despertar tomando seus dados biométricos e catalogando-os em um banco de dados central.

— A surge é mal compreendida — nos disse Ali Khedery, o diplomata norte-americano há mais tempo servindo continuamente no Iraque. — Ela dizia menos a respeito de um aumento repentino no número de tropas e mais sobre uma intensificação da diplomacia com as lideranças do Iraque para forçá-las a trabalharem juntas e fecharem acordos políticos. A meta era ganhar tempo para que os políticos chegassem a um consenso uns com os outros. É por isso que você viu uma redução na violência em noventa por cento dos picos pré-surge até o momento da eleição provincial de 2009.

Não coincidentemente, aquela eleição foi em grande parte vencida, nas províncias sunitas, pelas próprias figuras tribais que haviam canibalizado a AQI. O irmão de al-Rishawi ganhou um assento no Conselho Provincial Anbar. Nas províncias de Diyala e Ninewah, coalizões sunitas da mesma maneira se saíram vencedoras.

A AQI nas cordas

Em um relatório de notícias no Pentágono em junho de 2010, o General Odierno afirmou que, no mesmo período de três meses, as forças

norte-americanas haviam “prendido ou matado 34 dos principais 42 líderes iraquianos da al Qaeda. Eles estão claramente tentando reorganizar-se. Eles estão passando por um pouco de dificuldades… Eles perderam sua conexão com as lideranças mais importantes da al-Qaeda no Paquistão e Afeganistão.”

A AQI estava sendo castigada por uma combinação de ataques do COEC, brigadas do surge norte-americano, milícias dos Filhos do Iraque e suas próprias comunicações ruins. Por anos, a Agência de Segurança Nacional estivera grampeando a conversa telefônica entre os jihadistas no campo, passando interceptações para a CIA e o COEC, que então rastreava, prendia ou os eliminava.

— Era Darwinismo — disse Derek Harvey. — Todos os caras que eram idiotas o suficiente para usarem telefones celulares em Bagdá seguiam sendo acertados um depois do outro. Foi a sua maneira de abater o rebanho, embora tenha provocado o efeito colateral negativo de deixar os operativos mais espertos e poderosos intocados, aqueles que eram bons com contra inteligência interna e um acesso indetectável aos principais líderes. A opacidade do Estado Islâmico hoje é um reflexo desta permuta.

Distinto da surge e do Despertar, mas igualmente auspicioso, foi o fato de que a sorte da AQI começou a minguar em 2007 na imaginação iraquiana, coincidindo com a emergência de algo que lembrava uma identidade nacional pós-Saddam, que transcendia o sectarismo e a sangria fratricida.

Em 2007, a cantora iraquiana Shada Hassoun venceu a Star Academy, o equivalente no Oriente Médio ao American Idol, por uma interpretação emocionante da balada “Bagdá”, que ela cantou enrolada na bandeira do seu país. Mais tarde, naquele ano, o Iraque ganhou o torneio de futebol da Copa da Ásia, vencendo a Arábia Saudita. A celebridade da AQI, enquanto isso, ofuscava-se em sua principal faixa demográfica — sunitas jovens. Em Iraq After America, Joel Rayburn relembra uma história reveladora contada a ele por um comandante de polícia em Habbaniyah, uma cidade em Anbar, nesta época:

“Saindo de sua casa na véspera do Natal de 2007, ele ficou surpreso em encontrar os rapazes do seu bairro lançando fogos de artifício, com suas namoradas e bebendo álcool — todas atividades distintamente cristãs que a Al Qaeda havia banido. O policial confuso havia brincado com os jovens: ‘Vocês estão celebrando como cristãos, mas ano passado vocês eram todos

da Al Qaeda!' Os rapazes haviam rido, lembrou-se mais tarde o policial, respondendo: 'Al Qaeda? Aquilo foi ano passado!'".

Que os takfiris podiam ser reduzidos ao nível de uma moda passageira provar-se-ia uma lição valiosa para o comando central do exército norte-americano (CENTCOM) aprender no Iraque, e uma lição mais difícil ainda para ele se lembrar quando esta moda retornou com tudo cinco anos mais tarde.

À medida que a reputação da AQI se diluía externamente, a sua tomada de decisões interna também estava aparentemente em crise. O Mulá Nadhim al-Jibouri era originalmente da cidade de Dhuluiya, logo ao norte de Bagdá, e havia participado do Conselho Shura Mujahideen de al-Zarqawi. Ele então juntou-se ao Despertar antes de mudar-se por um tempo para a Jordânia, onde grande parte do alcance Islâmico das tribos estava sendo conduzido remotamente. Al-Jibouri aparecia na televisão nacional jordaniana frequentemente, denunciando a AQI por suas atrocidades em seu país natal. Então, na primavera de 2011, ele voltou para Bagdá para reuniões de reconciliação com o governo de al-Maliki. Al-Jibouri deu uma entrevista para uma estação de televisão iraquiana. No dia seguinte, ele foi assassinado com tiros disparados por um carro em movimento na região oeste da capital.

Vários meses antes da sua morte, ele havia conduzido uma chamada por Skype com membros do exército norte-americano. De acordo com um dos oficiais que participaram da conversa, al-Jibouri confirmou que a criação do Estado Islâmico do Iraque era na realidade um golpe da AQI, que havia buscado trajar o seu próprio jihadismo estrangeiro em uma fantasia nacionalista. Mas outros insurgentes sunitas não se deixaram enganar. O Estado Islâmico do Iraque gerou uma rejeição entre nacionalistas que não haviam lutado e morrido apenas para ver um emirado Zarqawista instalado na Zona Verde. Muitos desses insurgentes, além disso, somente haviam aceito a AQI em uma base especificamente militar.

— O Estado Islâmico do Iraque representou uma tentativa da al-Qaeda de sequestrar o canal político da insurgência iraquiana — disse al-Jibouri.

Todos os movimentos totalitários prosperam sobre mitos que transcendem ou apagam fronteiras nacionais, mesmo aqueles que começam como expressões de nacionalismo e então têm de justificar retroativamente sua inevitável anexação de terras estrangeiras. A AQI não foi diferente. Pelos primeiros anos da guerra, ela havia criado uma percepção dual

ponderosa de si mesma — primeiro, como a vanguarda de uma insurgência iraquiana comprometida em ver os invasores ocidentais destruídos e expulsos, e segundo, como a guardiã de um patrimônio sunita roubado. Em seu extremismo apocalíptico, ela apagou ambas as percepções. O exército de Petraeus havia administrado a ponderosa droga da guerra de contrainsurgência, que ajudou os próprios anticorpos do Iraque, por sua vez, a destruírem um patógeno estrangeiro e mortal.

Mas isso foi com quase 170.000 soldados norte-americanos no Iraque. Hoje em dia, o desafio é muito mais difícil porque as tribos não confiam em Bagdá, e com raras exceções, não pretendem formar parcerias com milícias xiitas contra o Estado Islâmico.

— As pessoas não acreditam mais no termo Despertar, pois quando o governo iraquiano terminou de usar as tribos, ele voltou-se contra os Filhos do Iraque — nos disse o Dr. Jaber al-Jabberi, um consultor político importante do ex-primeiro-ministro adjunto Rafi al-Issawi. — Ele não deu a elas direitos, não lhes pagou seus salários e colocou muitos deles na cadeia. Não creio que as tribos farão outro Despertar. O que elas precisam é de uma Guarda Nacional provincial, que pode ser parte das Forças de Segurança Iraquianas, mas formada por membros das tribos, que podem funcionar não como um exército ou polícia, mas como uma milícia.

O Exército Islâmico havia tomado todas as precauções para não ver nada desse tipo ocorrer novamente. Sahwat é um termo de abuso frequente em sua propaganda; o EI se orgulha de destruir as casas de membros das tribos que se opõem a ele e de permitir que ex-milicianos do Despertar se "arrependam" e juntem-se novamente ao EI.

— Ninguém falou comigo sobre um novo Despertar, de formar uma guarda nacional — contou ao Guardian, em outubro de 2014, o Xeique Ahmed Abu Risha, irmão de al-Rishawi. Naquele mesmo mês uma cova coletiva com 150 corpos foi descoberta em uma vala em Ramadi. Todos os corpos pertenciam à tribo Albu Nimr.

6

SINTOMAS DA RETIRADA
Estado Islâmico do Iraque e Maliki esperam a saída dos Estados Unidos

O sucesso do Sahwa e da contrainsurgência significou que mais jihadistas não estavam somente sendo mortos em batalha, mas reunidos como combatentes inimigos e encarcerados em centros de detenção administrados pelos norte-americanos no Iraque. O atual líder do Estado Islâmico e uma série dos seus tenentes foram um dia prisioneiros dos Estados Unidos; eles foram soltos porque os Estados Unidos os consideraram desprezíveis ou porque o governo al-Maliki tinha outros motivos que as questões de segurança militar. O fracasso de antevisão, muitos ex-oficiais dos Estados Unidos nos disseram, teve a ver com a forma como esses prisioneiros foram identificados e categorizados uma vez em custódia.

— Caras que nós identificamos e dissemos que eram determinada coisa em uma organização — nós fizemos isso porque facilitava compreendê-los — nos disse um ex-oficial da administração Bush. — Então a gente diria: "Bem, ele é o emir". Grande coisa, ele é o emir. É o quinto cara abaixo dele que conta.

Universidade do terror

A AQI e o Estado Islâmico do Iraque não estavam somente usando as prisões administradas pelos Estados Unidos como "universidades jihadi", de acordo com o Major-general Doug Stone; eles estavam ativamente tentando infiltrar estas prisões para cultivar novos recrutas. Em 2007, Stone assumiu o controle sobre todo o programa de detenção e interrogação no Iraque, com um objetivo de reabilitar a reabilitação. Não apenas a internacionalmente publicada e condenada tortura de detentos na prisão de Abu Ghraib havia deixado uma nódoa permanente sobre a ocupação e a credibilidade dos Estados Unidos na guerra, como centros de detenção

adaptados também haviam sido usados como um pouco mais do que licenças de networking social para jihadistas. O Campo Bucca, baseado na província sulista de Basra, era especialmente conhecido.

De acordo com uma estimativa do exército norte-americano, Bucca hospedava 1.350 terroristas takfiri durões em meio a uma população geral de 15.000, no entanto havia pouca ou nenhuma supervisão quanto a quem podia se socializar com quem. Devido a um pico nas operações militares coincidindo com a surge, o número de detentos quase dobrou para 26.000 quando Stone assumiu o comando em 2007.

— A intimidação era semanal, os assassinatos bimestrais — lembrou Stone em uma entrevista. — Era um lugar bastante desagradável, que estava fora de controle quando cheguei lá. Eles usavam cigarros e isqueiros para queimar suas tendas e colchões, e quando nós tentávamos reconstruir as tendas, eles apenas as queimavam de novo. Nós achamos que eles iam queimar toda a maldita prisão.

Stone introduziu um programa de desradicalização, com apresentações de imãs muçulmanos moderados que usavam o Alcorão e as hadith para tentar persuadir extremistas de que a sua interpretação do Islã era distorcida. Ele começou a compartimentalizar os detentos no que eram conhecidas como Unidades de Habitação de Detentos Modulares (UHDM). — Antes disso, nós tínhamos caras em blocos de acampamento de mil homens. Nós usamos as UHDMs para segregar aqueles que haviam sido intimidados ou espancados daqueles que haviam intimidado ou agredido.

Durante os dezoito meses que comandou a prisão, Stone liderou, supervisionou ou consultou mais de oitocentas mil interrogações de detentos, observando diversas "tendências" entre a população da AQI. Em uma apresentação de PowerPoint que ele preparou para o CENTCOM, resumindo seus achados, Stone corroborou grande parte do que o Mulá Najim Jibouri havia contado aos oficiais militares a respeito deste período, a saber, que combatentes estrangeiros eram vistos desfavoravelmente como "Iraquianos que estavam tentando reassumir papéis de liderança".

Baathistas estavam "tentando usar a bandeira do Estado Islâmico do Iraque para recuperar controle de algumas áreas". Jihadistas se preocupavam mais com suas cidades natais ou áreas locais do que a respeito do terrorismo global ou regional. O uso da AQI de mulheres e crianças como terroristas suicidas havia "enojado" muitos. O dinheiro, não a ideologia, era a principal motivação para juntar-se à AQI. Por fim, o emir da

AQI, Abu Ayyub al-Masri "não era uma figura influente para a maioria... no entanto, detentos mais jovens e impressionáveis" eram dominados pela figura do emir do estado Islâmico do Iraque, Abu Omar al-Baghdadi.

No início do seu comando, Stone notou um fenômeno estranho que dizia respeito exclusivamente aos detentos takfiri — eles entravam no Campo Bucca pedindo para serem colocados no bloco da AQI, muitas vezes com um conhecimento prévio de como a prisão funcionava e como os detentos eram alojados.

— Às vezes os caras deixavam-se ser pegos. Então no processo de admissão, eles pediriam para ser colocados em um alojamento específico que abrigava um monte de caras da al-Qaeda. Os takfiris eram extremamente bem organizados em Bucca; eles combinavam onde o seu pessoal dormiria e para onde eles seriam levados com base em sua reza de sexta-feira à noite. Na realidade, uma das áreas grandes de celas foi apelidada de Campo Califado. Quanto mais eu ouvia isso, mais eu comecei a pensar: mesmo que eles não consigam, eles certamente acreditam que podem.

A cultura de prisão no Iraque era de tal forma que qualquer pessoa pega pelas forças norte-americanas sem qualquer forma de identificação daria o seu nome e então teria seus dados biométricos processados. Escaneamentos de íris, impressões digitais e amostras de DNA eram coletados de todos os detentos. Mas muitas vezes os nomes dados durante o processo de admissão eram falsos.

— Alguns deles teriam um nome diferente para cada interrogação. Era apenas através da biometria que mais tarde pudemos acompanhar as taxas de reincidência — disse Stone.

No início do seu comando, disse Stone, ele cruzou com um detento cujo sobrenome listado era Baghdadi. Não havia nada inerentemente surpreendente a respeito disso — insurgentes muitas vezes assumem o nome de sua cidade ou país de origem (ou a cidade ou país que eles gostariam que as pessoas pensassem que fosse sua cidade natal ou país de origem) como um nom de guerre.

Mas este Baghdadi se destacava dos outros, disse Stone.

— O seu nome apareceu em uma lista de pessoas que eu tinha. Eles o listavam como um cara que tinha contatos significativos com a al-Qaeda. Os psicólogos o classificaram como alguém que realmente queria ser alguém na vida — não na categoria de um sociopata, mas um cara sério que

tinha um plano sério. Ele chamava a si mesmo de imã e não se via como um descendente de Maomé — nós tínhamos alguns desses em Bucca — mas alguém com uma orientação religiosa muito forte. Ele conduzia um tribunal da Sharia, assim como serviços de sexta-feira a partir da condição de um imã.

Este Baghdadi era pensativo e dificilmente causaria problemas na prisão.

— Nós tínhamos centenas como ele no que nós havíamos chamado de "categoria de liderança" — disse Stone. — Nós terminamos nos referindo a ele como "irreconciliável", alguém para quem os sermões de imãs moderados não fariam a menor diferença. Então aqui está este sujeito calado e modesto que tinha um ponto de vista religioso muito forte, e o que ele faz? Ele começa a se encontrar com os "generais". Com isso quero dizer que nós tínhamos um monte de criminosos e sujeitos que estavam no exército iraquiano e que se chamavam de generais, mas eram oficiais de baixa patente no exército de Saddam.

Todos os ex-oficiais de alta patente do exército iraquiano e Baathistas fanáticos, incluindo o próprio Saddam, estavam detidos no Campo Cropper, outro centro de detenção administrado pelos Estados Unidos baseado no Aeroporto Internacional de Bagdá. Cropper também era o centro de processamento para detentos do Campo Bucca.

— Alguns dos generais compartilhavam da perspectiva religiosa de Baghdadi e juntaram-se aos takfiris — barbas grandes e tudo mais.

Stone disse que ele acredita que este homem era na realidade um chamariz enviado pelo Exército Islâmico do Iraque para se passar pelo esquivo Abu Omar al-Baghdadi a fim de penetrar Bucca e usar o seu tempo lá para forjar novos guerreiros sagrados.

— Se você estava procurando formar um exército, a prisão era o lugar perfeito para fazê-lo. Nós proporcionávamos a eles atendimento médico e odontológico, os alimentávamos e, de maneira mais importante, evitávamos que fossem mortos em combate. Quem precisa de uma casa segura em Anbar quando há uma prisão norte-americana em Basra?

Um ex-membro do Estado Islâmico entrevistado pelo Guardian, confirmou a avaliação de Stone.

— Nós jamais conseguiríamos nos reunir desse jeito em Bagdá, ou em qualquer outra parte — Abu Ahmed disse ao jornal. — Teria sido proibitivamente perigoso. Aqui, nós não estávamos somente seguros, como

estávamos a apenas algumas centenas de metros de toda a liderança da al-Qaida.

Abu Ahmed relembrou como os detentos jihadistas anotavam os números de telefone e cidades natais uns dos outros nas faixas elásticas das suas cuecas e tinham uma rede de contatos pronta para quando fossem soltos.

— Quando saímos, nós ligamos. Todas as pessoas que eram importantes para mim estavam escritas no elástico branco. Eu tinha os seus números de telefone, seus vilarejos. Em 2009 muitos de nós já haviam voltado a fazer o que fazíamos antes de sermos pegos. Mas dessa vez estávamos fazendo melhor.

Que um al-Baghdadi chamariz estivesse recrutando a partir das patentes mais baixas ou médias do antigo exército iraquiano fazia todo o sentido para Richard, o ex-oficial do Pentágono.

— Nós tendemos a olhar para o exército iraquiano como uma piada, mas tratava-se de um exército profissional, um exército muito grande — ele disse. — O que nós consideraríamos como oficiais médios — como capitães, majores, subtenentes — nós não daríamos atenção para esses caras no Iraque. Nos exércitos árabes, normalmente esses são os caras que são verdadeiros profissionais.

Os caras que passam da patente de major, os generais de verdade no exército de Saddam, têm conexões tribais, dinheiro de família. Eles compram o seu acesso. Os oficiais médios é que importam. Esses caras sabem o que fazem. De que outra maneira eles ganhariam dinheiro? Suas famílias estão passando fome, eles precisam ganhar dinheiro. "Vou preparar uma emboscada para um comboio, ajeitar algumas cargas em um DEI e esses caras vão me pagar". Eventualmente eles tornaram-se muito bem-sucedidos e juntaram-se a vários grupos insurgentes, incluindo a al-Qaeda.

Em torno de 70 por cento dos detentos do Campo Bucca em 2008 estiveram lá por aproximadamente um ano.

— O que isso significou na realidade — escreveu Craig Whiteside, professor no Naval War College em Newport, Rhode Island, em um ensaio para o website War on the Rocks — que o detento médio no Campo Bucca ficou preso por um ano ou dois antes de ser solto, apesar de ter se envolvido em atos de violência relativamente sérios contra a coalizão ou o governo iraquiano.

Houve até exemplos de insurgentes que foram mandados e então soltos do Campo Bucca múltiplas vezes — apesar de se especializarem em bombas de beira de estrada.

Al-Maliki vs. Washington

O Campo Bucca foi fechado em 2009 conforme o Acordo de Status de Forças (SOFA) assinado entre Washington e Bagdá, que deixou claro que os prisioneiros mantidos pelos Estados Unidos deveriam ser libertos ou transferidos para custódia iraquiana, e que as tropas norte-americanas se retirariam das cidades iraquianas até o dia 30 de junho de 2009, passando todas as responsabilidades de segurança para seus colegas iraquianos. Em dezembro de 2008 o presidente Bush e o primeiro-ministro al-Maliki assinaram SOFA em Bagdá em uma cerimônia mais lembrada por sua interrupção violenta — um membro do público jogou seus sapatos em Bush — do que por seu avanço diplomático.

Na realidade, ao final de 2008, os soldados norte-americanos já estavam em grande parte confinados aos arredores das cidades do Iraque e estavam agindo mais como uma solução provisória para conflitos sectários do que qualquer coisa. Eles protegiam comunidades sunitas e misturadas de esquadrões da morte xiitas, que operavam com impunidade por parte do estado, e protegiam as comunidades xiitas da violência igualmente extrema da insurgência sunita restante.

SOFA foi certamente vendido como uma importante vitória de al-Maliki sobre os Estados Unidos em vez de um pacto mutuamente acordado marcando o fim para uma guerra. A sua data de implementação, 30 de junho de 2009, foi transformada em um feriado nacional comemorando a "repulsão dos invasores estrangeiros". Mas foi o que o primeiro-ministro fez com sua nova autoridade de internamento que teve as piores repercussões para o Iraque.

— A vasta maioria dos prisioneiros foi simplesmente solta, mesmo os sunitas malucos — disse Joel Rayburn, que fez um estudo detalhado do SOFA e suas consequências para a segurança do Iraque.

— Maliki achou que à altura de 2008 e 2009, nós só estávamos segurando pessoas inocentes que haviam sido pegas em uma braçada. O grande problema era que nós capturaríamos alguém com base em

inteligência — sejam sinais de inteligência ou inteligência humana — e então não seríamos capazes de compartilhar nossa metodologia com os iraquianos para explicar por que o sujeito capturado era um sujeito ruim. Se fosse inteligência em que você tinha de tirar fora todas as fontes, os iraquianos diriam: "Baseado em quem disse isso?". Eles a rejeitariam. Todo o sistema legal iraquiano é baseado na autoridade da palavra de testemunhas. Se você consegue duas testemunhas para dizer algo, então sua versão é inabalável.

Um número suficiente de jihadistas incorrigíveis da AQI também foi solto da prisão após o fim da supervisão norte-americana do sistema penal de guerra iraquiano, como o falecido Anthony Shadid, então um correspondente estrangeiro para o Washington Post, relatou em março de 2009.

Naquele mês, 106 prisioneiros foram soltos e seguiram direto para a mesquita Umm al-Qura em Bagdá — entre eles, Mohammed Ali Mourad, o ex-motorista de al-Zarqawi. Apesar de seu provável envolvimento em dois ataques com carros-bomba contra uma estação de polícia, Mourad havia sido liberado do Campo Bucca após ter sido suspeito de ter fundado uma nova célula jihadista consistindo de companheiros de prisão. Shadid citou um alto oficial de inteligência no Ministério do Interior do Iraque que avaliou que 60 por cento dos detentos libertos, não importa se fossem sunitas ou xiitas, estavam retomando os seus velhos hábitos novamente e retornando às insurgências ativas ou Grupos Especiais.

— A al-Qaeda está se preparando para a partida dos norte-americanos — disse o oficial. — E eles querem iniciar uma revolução.

Quando Bagdá não oficializava a sua liberdade, os jihadistas resolviam a questão com suas próprias mãos, montando fugas de prisões dos seus associados encarcerados, muitas vezes pagando ou intimidando o pessoal do Ministério do Interior para ajudar.

— Era fácil capturar o pessoal da al-Qaeda — nos contou Rayburn. — Nós os pegávamos às dúzias, mas eles tinham todo um sistema para trazer os seus caras de volta para a rua, seja assegurando que o seu caso fosse arquivado no tribunal ou que através de suborno eles pudessem ser soltos mais cedo ou, como último recurso, que uma fuga física da prisão ocorresse. Eles tinham até, em determinado momento em 2008 ou 2009, um "emir dos detentos" — um sujeito que era responsável por soltar jihadistas da prisão — da mesma maneira que eles tinham um "emir de fronteira" que

coordenava os corredores de ratos para combatentes estrangeiros vindos da Síria para o Iraque. “Ei, o julgamento de Ahmad vai acontecer em breve, aqui está uma lista de testemunhas-chave. Procure-as para que se retratem ou vão embora, ou simplesmente as mate”. Mosul foi o pior lugar no país para isso. Jamais conseguimos trabalhar bem com os sistemas prisional e de justiça nesta cidade.

O despertar colocado para dormir

A definição de al-Maliki das ameaças a um Iraque pós-Estados Unidos derivavam dos seus próprios preconceitos políticos e sectários. Detentos cujo único crime fora combater as forças norte-americanas não eram considerados verdadeiros criminosos necessitando de mais encarceramento.

Membros do Despertar, no entanto, que previamente haviam lutado contra Forças de Segurança do Iraque ou milícias xiitas, não foram sujeitos ao mesmo verniz magnânimo da reabilitação.

Casos de criminosos há muito tempo aguardando julgamento contra os Filhos do Iraque seguiram abertos mesmo após os suspeitos terem sido oficialmente aceitos como milicianos sancionados pelo estado. Sem utilidade mais para al-Maliki, e com uma proteção cada vez menor dos Estados Unidos, eles foram, em vez disso, perseguidos e oprimidos pelo governo que eles haviam servido.

Muitos também foram presos por razões de “terrorismo” espúrias.

— Os sunitas sempre falam a respeito da soltura de prisioneiros que foram condenados ilegalmente ou extrajudicialmente — um ex-oficial do governo iraquiano nos relatou. — O arquivamento de todos esses casos de terror é uma demanda fundamental deles agora.

As condições eram especialmente sombrias na província de Diyala, que havia sido pacificada a um alto custo nos anos anteriores e que mesmo assim caíra no caos novamente após a surge. Em agosto de 2008, o primeiro-ministro havia despachado agentes das Forças Operacionais Especiais do Iraque — uma das poucas unidades de contraterrorismo efetivas no aparato de segurança do Iraque — para o gabinete do governador de Diyala para prender um conselheiro local e o presidente da Universidade de Diyala, um sunita. A operação resultou na morte do secretário de imprensa do governador.

No verão de 2009, a 3ª Brigada Stryker da 2ª Divisão de Infantaria norte-americana havia retornado a Diyala, onde ela havia passado um ano observando o ataque sistemático ao poder político sunita. Não era suficiente que a AQI estivesse caçando sunitas que a haviam repudiado; qualquer pessoa afiliada ao Despertar era alvo de prisão pelo estado a partir de provas dúbias ou não existentes. Tal justiça perniciosa não se aplicava aos prisioneiros xiitas, no entanto, muitos dos quais eram soltos de volta na sociedade sem serem questionados — ou assim alegou o governador de Diyala, que deixou o Iraque em 2012 após uma campanha sistemática de intimidação por oficiais apontados por al-Maliki após o assassinato do seu secretário de imprensa. De maneira mais sinistra, descobriu a brigada Stryker, o governo central não estava mais pagando os salários de membros do Despertar. Após um mês ou dois sem pagamento, eles eram propensos a abandonar seus postos ou mesmo retornar aos braços da insurgência que eles haviam repudiado previamente.

A situação não era melhor em Anbar. Shadid entrevistou o Coronel Saad Abbas Mahmoud, o chefe de polícia de al-Karmah, a nordeste de Fallujah. Mahmoud alegava quase ter sido assassinado vinte e cinco vezes, através de meios toscos e criativos.

— Entregaram a ele um Alcorão aparelhado com explosivos enterrados nas páginas entre suas capas verdes, então, menos de duas semanas mais tarde — relatou Shadid —, seu prato de dulaymiya, uma mistura de frango, cordeiro, um naco de gordura e arroz, foi envenenado, mandando-o para o hospital por dez dias. Quando ele saiu, duas bombas detonaram próximas de sua casa em Fallujah.

Mahmoud era responsável por três mil Filhos do Iraque em al-Karmah que eram pagos com miseráveis US$ 130 por mês — ou deveriam receber isto. Eles não haviam recebido seus salários em três meses.

O plano original para o Despertar era integrar esses voluntários em uma forma mais oficial de serviço de governo, contratando-os para trabalhar em ministérios do estado, por exemplo. A agência iraquiana que faria esta transição para eles era chamada de Comitê de Seguimento e Implementação para Reconciliação Nacional (CSIRN), e embora fosse verdade que, em 2010, quase trinta mil voluntários haviam deixado de ser vigias voluntários para se tornarem candidatos certificados para um emprego no estado, eles ainda tinham de competir por empregos no estado, muitos dos quais eram de um nível extremamente baixo. Al-Maliki mostrou

pouco interesse em levar adiante um programa originalmente preparado pelos Estados Unidos.

Mulá Nadim Jibouri alegou, antes de ser assassinado, que em meados de 2010, 40 por cento realmente da AQI eram compostos de desertores ou dissidentes dos Filhos do Iraque. Este número talvez seja exagerado, mas ele era certamente plausível dados dois eventos-chave aquele ano que ajudaram a aprofundar as fissuras reemergindo entre as tribos e o governo central.

O primeiro foi a eleição nacional do Iraque, que al-Maliki não venceu tão facilmente quanto ele esperava e tecnicamente não a venceu de maneira alguma. A avaliação norte-americana de suas tendências ditatoriais era de tal sorte, mesmo antes das urnas serem abertas, que Odierno temia que uma derrota para o incumbente pudesse resultar em seu golpe ou cancelamento da democracia a fim de manter o poder. Muitos sunitas dizem que é exatamente isto que aconteceria de qualquer forma.

Mesmo antes da eleição, a Comissão de Justiça e Responsabilidade — a sequência burocrática da Comissão de des-Baathificação da APC — baniu mais de quinhentos candidatos concorrendo para o parlamento devido aos seus laços com o Partido Baath. Naturalmente, a maioria desses era sunita e parte da aliança Iraqiya liderada pela facção do ex-primeiro-ministro interino Ayad Allawi.

(Allawi, apesar de ser um xiita, era visto como a melhor esperança do eleitorado médio sunita para recuperar o cargo de primeiro-ministro.) Odierno, com boa razão, viu que por trás desta campanha geral de deslegitimação escondia-se a mão da Força Quds do Irã.

Apesar da trapaça pré-eleitoral, a votação desenrolou-se tranquilamente no dia 7 de março de 2010, com uma participação de 60 por cento do eleitorado e pouca violência divulgada país afora. A única pessoa para quem a eleição não foi tão tranquila assim, foi al-Maliki.

O bloco Iraqiya de Allawi venceu dois assentos mais do que a Coalização Estado da Lei, garantindo uma margem de vitória de 91 a 89. Iraqiya chegou a ter um desempenho extraordinariamente bom no sul xiita, recebendo algo em torno de duzentos mil votos. O novo parlamento havia sido aumentado em cinquenta assentos, de 275 a 325 no total, mas o acréscimo de legisladores não correspondeu à quase categórica limpeza que a eleição representou. Houve 262 assentos que foram para candidatos de primeira vez, significando que quase o equivalente do parlamento anterior

havia sido eliminado. Em todos os sentidos, o voto de al-Maliki havia sido fora do esperado. Ele precisaria formar um governo fazendo uma parceria com qualquer um dos outros blocos mais importantes. A derrota desencadeou sua paranoia com toda força.

Apesar de a eleição ter sido considerada justa pelos monitores das Nações Unidas, al-Maliki acusou o corpo de conspirar com a comissão eleitoral do Iraque para derrubá-lo. Era tudo um esquema neo-Baathista, incitado pelos Estados Unidos e ele demandava uma recontagem.

Al-Maliki usou todos os meios à sua disposição — incluindo releituras legais da constituição — para empurrar a eleição na direção do poder para o seu governo.

No entanto, a comissão eleitoral certificou a vitória de Iraqiya. No dia seguinte, o presidente do Iraque, Jalal Talabani, voou para Teerã para negociações entre a Coalizão do Estado da Lei e a Aliança Nacional do Iraque. Iraqiya precisava ser parado a todo custo, mesmo se isto significasse que partidos xiitas rivais tivessem de trabalhar juntos sob a supervisão e benção do seu patrocinador estatal estrangeiro, o Irã. O novo governo seria finalmente decidido através dessas negociações e através de mais manobras judiciais. Al-Maliki eventualmente formou um governo de unidade nacional que também incluiu os curdos e Iraqiya — mas com o incumbente retornando como primeiro-ministro.

Odierno, por sua vez, percebeu como a manipulação flagrante e a interferência iraniana na eleição de um estado soberano seriam vistas pelos sunitas iraquianos. Da mesma forma Ali Khedery, o ex-diplomata norte-americano que chegou à Zona Verde na carona da invasão de 2003, e serviu como assistente de Ryan Crocker durante o período da surge e do Despertar. Khedery sustenta hoje em dia que a maneira como os Estados Unidos lidaram com a eleição de 2009 apenas exacerbou as queixas sunitas no Iraque, convencendo muitos de que eles estavam sendo intencionalmente mantidos afastados do poder. A história do período pós-eleição não ajudou em dispersar esta pressuposição. O embaixador Hill havia comparado uma vitória de Iraqiya com o retorno dos Afrikaners na África do Sul. Há um registro do vice-presidente Joseph Biden, que o presidente Obama colocou no comando da política iraquiana da sua administração, dizendo: “Maliki odeia os malditos sunitas”, mas mesmo assim aquiesceu em relação ao retorno deste incumbente sectário.

— Eu conheço um sujeito, um dos iraquianos mais pacíficos e moderados que você possa imaginar — Khedery nos contou. — Ele fora um Baathista de nível inferior, um dos engenheiros de Saddam. Ele diz: "Olhe, eu nunca fui sectário antes. Nunca gostei do Irã, nós lutamos uma guerra com eles. Eu amo meu país, sou um nacionalista. Mas tornei-me sectário porque não há espaço mais para você ser um moderado ou secularista. Nós somos perdedores. Tornei-me tão sectário quanto às pessoas que eu costumava odiar".

Desengajamento diplomático

Tanto quanto as consequências da surge foram debatidas nos círculos de política dos Estados Unidos, da mesma forma o foi a sabedoria (ou falta de) de uma retirada de tropas categórica do Iraque em 2011. Isto proporcionou as condições para a reconstrução fácil do Estado Islâmico do Iraque? Isto poderia ter sido evitado com uma diplomacia mais ágil e vigorosa da administração Obama, que tinha a intenção de renovar e estender o SOFA, mas que chegara tarde à mesa de negociação e com o ar de estar menos interessado em manter uma guarnição norte-americana pós-guerra do que o supostamente duro de negociar al-Maliki?

Na realidade houve pouco debate entre os oficiais tanto dos exércitos norte-americano quanto iraquiano a respeito da necessidade de se estender o SOFA. O presidente do conselho dos Chefes do Estado Maior de Obama, Almirante Mike Mullen, havia defendido que fosse deixado um mínimo de dezesseis mil tropas, um número considerado alto demais pela equipe de segurança nacional da Casa Branca.

— Aposto a minha vice-presidência que Maliki estenderá o SOFA — havia dito Joe Biden. Mas al-Maliki não o fez, devido ao fato de que o número de tropas minúsculo que Obama finalmente decidiu manter — 3.500 soldados posicionados permanentemente no Iraque, com 1.500 mais realizando uma rotação em intervalos regulares para o treinamento de forças iraquianas e a condução de operações de contraterrorismo — não valia o custo de ter de discutir com seu próprio parlamento profundamente dividido, que tinha de ratificar qualquer acordo bilateral.

O que o debate a respeito do desengajamento militar obscurece, no entanto, é que os Estados Unidos retirou-se politicamente do Iraque mais

cedo ainda e discutivelmente com consequências mais duradouras para a instabilidade futura do país.

O Coronel Rick Welch administrou o programa de líderes tribais nacional para o exercito norte-americano durante o Despertar e ajudou a transferir a responsabilidade pela continuidade da extensão tribal sunita e xiita para o Departamento de Estado. O que ele encontrou foi um serviço diplomático norte-americano mal equipado para assegurar que os Filhos do Iraque continuassem do lado certo do conflito. Como relembrou Welch:

"A piada do dia na embaixada era: 'Se você quiser saber o que a embaixada está fazendo, vá até o [comissário] na quinta-feira, e veja quanto álcool há na prateleira e compare isso com o que havia no sábado'.

Era como se o Iraque não fosse ainda uma zona de guerra ou conflito. O momento em que o país precisava as mentes mais aguçadas e inteligentes que compreendessem o país era no período pré-eleição e imediatamente pós-eleição, pois Maliki manobrou rápido com a sua suprema corte. E os Filhos do Iraque, os líderes tribais, reclamaram sobre o que ele estava fazendo. Eles chamaram a sua manobra de 'purgação'. No entanto, a posição do Departamento de Estado era: 'Nós sentimos muito em ouvir isso, mas o Iraque é um país soberano. Não podemos interferir'.

Lembro-me deste líder tribal moderado com esta expressão de incredulidade no seu rosto. 'Vocês não podem intervir?', ele perguntou. 'Sim, não podemos intervir'. 'Não acabei de ouvir o presidente Obama autorizar o bombardeio da Líbia? Não se tratava de um país soberano? E não ouvi o presidente Obama intervir no Egito e dizer que Mubarak precisava ir embora? E não ouvi o presidente intervir na Síria e dizer que Assad precisa ir embora? Vocês não têm sanções contra o Irã, outro país soberano? Vocês não invadiram o nosso país e não estão aqui ainda? Não é que vocês não possam intervir — nós os observamos intervindo a toda nossa volta para remover ditadores de longa data. O que nós ouvimos vocês dizerem é que vocês não interferirão para impedir um ditador em ascensão aqui mesmo e restaurar a democracia que vocês trouxeram para nós".

Contra o prognóstico rosado de Obama em 2011 de que o Iraque era um sucesso democrático, Saleh al-Mutlaq, primeiro-ministro adjunto de al-Maliki, havia ido à CNN e dito que o Iraque estava decaindo para uma "ditadura".

— Trata-se de um show de um partido e de um homem só. Sim, al-Maliki é o pior ditador que já vimos em nossa história — observou al-

Mutlaq sem o menor traço de ironia sobre o ditador que havia sido derrubado em 2003. Os Estados Unidos, ele acusava, estavam sendo cegos e estúpidos em pensar que tinham o tipo de influência sobre Bagdá que o país acreditava ter. — Todo o conjunto do governo, do presidente ao primeiro-ministro, foi uma decisão do Irã — ele disse.

Para reagir a esta crítica do seu próprio gabinete, al-Maliki ordenou que tanques cercassem a casa de al-Mutlaq, assim como as casas de Rafi al-Issawi, agora o primeiro-ministro, e seu vice-presidente, Tariq al-Hashimi. No dia 18 de dezembro, al-Hashimi fugiu para o Curdistão iraquiano após as forças de al-Maliki terem segurado seu avião na pista do Aeroporto Internacional de Bagdá enquanto ele aguardava sua decolagem. Al-Hashimi foi liberado para partir, mas três dos seus guarda-costas foram detidos por "atividade terrorista suspeita" (um mais tarde morreu em custódia). No dia seguinte, uma ordem de prisão foi emitida para o próprio al-Hashimi. Ele seguiu no exílio no Curdistão iraquiano antes de mudar-se para a Turquia. Em 2012, ele foi condenado à morte por enforcamento, mesmo ausente no tribunal, por um judiciário amplamente visto como agindo sob as instruções pessoais de al-Maliki.

Estas e outras repressões sobre políticos sunitas precipitaram protestos ao estilo da Primavera Árabe em áreas sunitas por todo o Iraque — e uma reação de al-Maliki, que apenas os agravou.

No dia 23 de abril de 2013, três dias após as eleições provinciais do Iraque terem sido realizadas, as Forças de Segurança do Iraque arrasaram com um local de protesto em Hawija, perto de Kirkuk.

Elas alegaram estar procurando pelo assassino de um soldado iraquiano no local, e embora as histórias sejam divergentes quanto ao que aconteceu em seguida, o resultado não é discutido: vinte sunitas foram mortos e mais de cem feridos. A violência em Hawija levou à violência sunita por todo o Iraque, atingindo as estações de polícia e postos de controle. O porta-voz do parlamento iraquiano, Osama al-Nujaifi pediu a renúncia de al-Maliki em resposta à carnificina. Confrontos se espalharam para Mosul e Bagdá, onde mesquitas sunitas sofreram ataques explosivos e oficiais de segurança iraquianos foram arrancados de seus carros e assassinados; e, então, para cidades xiitas, onde ocorreram ataques terroristas ao estilo da AQI. Sunitas passaram a clamar por uma revolução nacional armada, agitando o Exército Naqshbandi de al-Douri e milícias Sahwa.

Derrubando as Paredes

Pouco ajudou a estabilidade como um todo do Iraque durante este período carregado de 2012-2013 usado pela AQI para executar sua campanha Derrubando as Paredes, que foi caracterizada por oito ataques audaciosos sobre prisões iraquianas, todos projetados para soltar ex-operativos e reabastecer os quadros da organização.

Jessica Lewis McFate do Instituto para o Estudo da Guerra separou o crescimento da campanha do Estado Islâmico em quatro fases distintas. A primeira viu quatro ataques às prisões, incluindo um contra a prisão Tasfirat em Tikrit em setembro de 2012, uma operação que libertou cem detentos, quase metade deles acredita-se serem operativos da al-Qaeda destinados à execução pelo estado. A segunda fase teve como alvo locais ao longo da Linha Verde — o ponto de demarcação entre o Iraque propriamente dito e a zona semiautônoma do Governo Regional do Curdistão — sem dúvida projetada para capitalizar sobre as tensões políticas e econômicas atritando-se entre Erbil e Bagdá. A terceira fase viu o retorno de carros-bomba e afins em Bagdá e a região dos cinturões, tendo como alvo Forças de Segurança do Iraque e áreas civis xiitas. Aqui os jihadistas buscaram explorar outro golfo que se abria cada vez mais na sociedade iraquiana: aquele entre o governo al-Maliki e manifestantes sunitas que, inspirados pela Primavera Árabe, mas fundamentalmente impelidos pela perturbação local, haviam tomado as ruas de Fallujah e em outras partes. A quarta e última fase começou em meados de maio de 2013 e tinha a intenção de aterrorizar os xiitas, claramente para precipitar outra guerra civil sectária e o retorno das milícias xiitas. Quase metade das ondas de carros-bomba durante o período Derrubando as Paredes, descobriu Lewis McFate, ocorreu nesta fase, coincidindo com os protestos sunitas, que culminaram na mais bem-sucedida fuga de uma prisão de toda a campanha: a libertação de julho de 2013 de quinhentos detentos da prisão de Abu Ghraib. De acordo com a administração Obama, enquanto ataques a bomba suicidas tiveram uma média entre cinco e dez por mês nos anos de 2011 e 2012, do período abrangendo os últimos três meses do Derrubando as Paredes, este número saltou para trinta ao mês.

Até o fim do verão, mais de setecentos iraquianos estavam sendo mortos a cada mês, e as condições para a rejeição aos sunitas, transformada em extremismo jihadista em força, haviam retornado. Ao final de dezembro, em resposta à fúria assassina do Estado Islâmico, al-Maliki enviou forças de segurança para Ramadi para colocar um fim aos protestos antigovernamentais. Eles retiraram-se diante da resistência tribal. O EI então saqueou Fallujah no Dia do Ano-Novo de 2014 e anunciou que havia se tornado um "emirado Islâmico" comprometido em defender os sunitas de al-Maliki.

— Maliki pressionou os sunitas de tal maneira que eles tiveram de se insurgir — disse Rick Welch.

— Eles tentaram conseguir reformas, mas não tiveram sucesso. A honra tribal estava em jogo e o pensamento de vingança também. Maliki fez esta crise.

7

Testa de Ferro de Assad
Síria e Al-Qaeda

A ressurgência do Estado Islâmico do Iraque coincidiu com a sua tomada de uma grande faixa de território na sua vizinha Síria, um fato que o regime de Bashar al-Assad tentou explorar para reivindicar sua condição de vítima nas mãos do terrorismo internacional. A alegação absurda do regime de Assad foi provada falsa pela descoberta de provas legais irrefutáveis de que a Síria ajudou a manter a AQI respirando antes da retirada dos Estados Unidos do Iraque. Al-Rishawi, o líder do Despertar de Anbar, disse ao New York Times antes de ser assassinado pela AQI: — A mão da Síria está em tudo isso. A Síria tem feito coisas ruins.

Estava mesmo. Al-Assad havia conseguido unir um coro de acusadores globais variados — desde o exército norte-americano, passando pelos Filhos do Iraque, seus próprios ex-diplomatas e oficiais de segurança, inúmeros rebeldes sírios e mesmo o governo de al-Maliki — afirmando e condenando seu patrocínio estatal do Zarqawismo. A proliferação do Estado Islâmico tanto no Iraque, quanto na Síria, não pode ser compreendida sem se examinar a colaboração de longa data de Damasco com sua organização precursora.

Islamismo de Hafez

Nós vimos como o Baathismo secular iraquiano tinha o hábito, no século passado, de acomodar-se com o Islamismo a fim de antecipar-se ao seu potencial revolucionário. A contrapartida Síria não era diferente.

O levante da Irmandade Muçulmana na Síria, que começou em 1976 e foi brutalmente oprimido em 1982 pelas forças leais a Hafe al-Assad, havia tendido a obscurecer a aliança estratégica do regime com uma série de partidos e paramilitares islamitas sunitas, alianças cuja premissa era baseada em necessidades geopolíticas mutuamente benéficas: fundamentalmente, confrontar os Estados Unidos e Israel. Como o

acadêmico Eyal Zisser observou, em meados da década de 1990, Hafez al-Assad não era mais o temido vingador daqueles buscando um casamento entre a mesquita e o estado, pois "Damasco começou a ver os islamitas como talvez o único meio possível através do qual incrementar a sua posição regional, ganhar influência em países vizinhos e trazer tranquilidade doméstica para a própria Síria".

Quando o velho al-Assad morreu em 2000, e seu filho que estudara oftalmologia em Londres ascendeu à presidência, este arranjo cresceu. Até há pouco tempo, por exemplo, apesar de uma lei síria banindo a Irmandade como um partido ou organização, Damasco não via problema em receber Khaled Mashal, o presidente do Politburo do Hamas. Hoje em dia, o regime apoia-se fundamentalmente em ativos paramilitares do Hezbollah e do Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica do Irã — ambas as entidades designadas como terroristas pelos Estados Unidos — para continuar sua extenuante guerra de atrito contra uma legião de insurgências domésticas e com apoio estrangeiro. Estas, é claro, são constituídas por rebeldes islâmicos e jihadistas, alguns dos quais ex-prisioneiros do regime, se não ex-cúmplices dele no Iraque.

Mesmo antes de os Estados Unidos terem derrubado Saddam, al-Assad havia embarcado em uma política de facilitar o movimento de combatentes estrangeiros para o Iraque a fim de desestabilizar a ocupação. Um escritório situado de frente para a embaixada dos Estados Unidos em Damasco chegou a ajudar futuros insurgentes a reservarem sua passagem de ônibus para a fronteira Síria-Iraque. Em 2007, o CENTCOM anunciou que havia capturado um "líder Fedayeen Saddam envolvido no estabelecimento de campos de treinamento na Síria para combatentes iraquianos e estrangeiros", embora o nome da pessoa não tenha sido divulgado.

Naquele mesmo ano, forças norte-americanas mataram Muthanna, um homem designado como o emir da al-Qaeda para a região da fronteira Síria-Iraque, na cidade de Sinjar. De acordo com o Major-general Kevin Bergner, o porta-voz das forças de coalizão, Muthana atuou como um "facilitador-chave do movimento de terroristas estrangeiros" de um país para o outro. Assim como com outros alvos de alto valor, Muthana possuía um arquivo de inteligência útil, que tornou-se conhecido como os Registros de Sinjar. Um estudo publicado em 2008 pelo Centro de Combate ao Terrorismo em West Point (CTC) analisou estes registros e encontrou que mais da metade dos 376 combatentes estrangeiros no Iraque listaram sua ocupação como

“terrorista suicida”, indicando mais uma vez a natureza dispensável de jihadistas não iraquianos para a AQI; e também sublinhando uma razão por que enviar esse tipo de “bucha de canhão”, para suas mortes no exterior, não era visto como algo potencialmente contraproducente para Damasco. Os Registros de Sinjar também confirmaram que os combatentes estrangeiros estavam entrando no Iraque a partir da província de Deir Ezzor, tipicamente usando a cidade fronteiriça síria de Albu Kamal, que encontra-se adjacente à cidade iraquiana de Qa’im — onde al-Zarqawi estabeleceu seu quartel general após fugir de Fallujah em 2004 e quando um proto-Despertar começou no ano seguinte. O fluxo, concluiu o CTC, veio em três “ondas” distintas.

A primeira começou um pouco antes da invasão, quando Saddam exortou árabes de toda a região para juntar-se à insurgência que estava por vir. Isso pôs em campo uma série de membros de tribos beduínas provinda de Deir Ezzor e Hasaka, assim como outros jihadistas conseguidos pelo Xeique Ahmad Kuftaro, acadêmico islâmico da Síria, que não perdeu tempo em emprestar uma legitimidade de estado aos sermões incendiários soprando para fora das mesquitas e madrassas em seu país. “Em vilarejos e cidades fronteiriças”— afirmou o estudo do CTC — “as casas foram doadas por voluntários para viver enquanto notáveis locais — tanto figuras religiosas, quanto tribais — organizavam transporte e acomodações para eles no Iraque. De acordo com fontes locais, centenas de combatentes passaram por Albu Kamal e [Hasaka] um pouco antes da invasão norte-americana, levando a rápidos aumentos no custo de moradia, alimento e armas — o que como um todo beneficiou, e muito, os locais. As autoridades sírias monitoraram o fluxo, mas não tomaram medida alguma para pará-lo”.

A segunda onda chegou com a Primeira Batalha de Fallujah, quando o novo show do regime de al-Assad de tentar impedir os corredores de ratos foi eclipsado pela corrupção endêmica: oficiais Mukhabarat sírios foram subornados para deixar os sírios cruzarem a fronteira de qualquer maneira.

A terceira onda seguiu a Revolução do Cedro de 2005, que trouxe um fim para a ocupação militar do Líbano pela Síria e foi instigada pela versão popular ao assassinato do ex-primeiro-ministro libanês Rafik Hariri, pelo qual um tribunal das Nações Unidas indiciou membros do Hezbollah, o aliado terrorista de al-Assad.

“Falem com a gente”

Al-Assad, é claro, sempre negou orquestrar ou coordenar as atividades jihadistas no Iraque de qualquer maneira, e chegou a ressaltar sua suposta cooperação com Washington na guerra contra o terror. No entanto, muitos dos seus ex-oficiais do regime dizem agora que o seu patrocínio de estado da AQI era dificilmente um segredo e foi fundamentado de maneira bastante clara em dois motivos separados, mas relacionados. O ditador havia esperado que isso fosse uma advertência severa para a administração Bush depois do Iraque, e como o livro The 9/11 Wars de Jason Burke mostra, ele também queria desviar a atenção dos islamitas do seu regime, mantendo-os preocupados com o seu vizinho.

— Para Assad o problema era muito maior do que os Estados Unidos invadindo países árabes para promover a mudança de regimes — nos contou Bassam Barabandi, um ex-diplomata na embaixada síria em Washington, DC. Após o levante de 2011, Barabandi ajudou veladamente centenas de ativistas e dissidentes a obterem passaportes para seus parentes que estavam tentando fugir de um país destruído pela guerra. — Assad compreendeu que parte da estratégia de Bush no Iraque era terminar o domínio minoritário dos sunitas sobre a maioria xiita. Ele temia que fosse o próximo. A partir daí, ele começou a trabalhar com os mujahidin; ele fez tudo que foi possível para convencer os norte-americanos: “Não venham atrás de mim, de outra maneira vou mandar mais terroristas para o país ao lado matar os seus soldados”.

Por aproximadamente cinco anos, a resposta norte-americana a este ultimato foi fundamentalmente diplomática, e al-Assad às vezes aquiescia às demandas de Washington, deixando a impressão de que ele estava desaparelhando as redes jihadistas em seu solo. Era tudo uma dissimulação, disse Barabandi, parte da estratégia para usar a facilitação do terrorismo pela Síria como um instrumento de barganha. O ex-diplomata nos descreveu como Sabawi Ibrahim al-Hassam al-Tikriti, o meio irmão de Saddam que estivera se escondendo na Síria e era procurado tanto pelos norte-americanos quanto pelos iraquianos, finalmente foi entregue pelo regime sírio.

— Os norte-americanos procuraram Assad em 2005 e pediram por sua ajuda para pegar Sabawi — disse Barabandi. — Ele estava na fronteira da Síria e do Iraque, e estava liderando os terroristas Baathistas. Bashar o

estava protegendo, é claro. Na prática, os norte-americanos e iraquianos estavam pedindo por sua ajuda: “Nós tentaremos melhorar nossas relações com você em troca”.

Assad concordou. Imad Moustapha [o embaixador sírio para os Estados Unidos na época] estava no encontro em Damasco com o subsecretário de estado norte-americano, quando isto foi discutido e decidido. Imad nos contou a história. Na verdade, ele contou a todos essa história. Após dois dias, Assef Shawkat [alto oficial de inteligência da Síria e cunhado do próprio Assad] contatou Imad para lhe falar para dizer aos seus amigos norte-americanos que Sabawi estaria em tal e tal área do Iraque. Eles informaram os norte-americanos exatamente onde ele estava, e eles o capturaram.

Tony Badran, um especialista na Síria na Fundação para a Defesa de Democracias baseada em Washington, caracterizou o apoio de al-Assad à al-Qaeda como uma forma de chamar a atenção.

— Ele acredita que a sua longevidade encontra-se em ser percebido como um poder regional indispensável, e assim a sua política externa em relação ao Ocidente é: “Vocês precisam falar com a gente. Apenas peguem o telefone e falem com a gente; não importa o que será discutido, nós só queremos ouvir de vocês”. Para Assad, a capacidade de se exibir que os Estados Unidos é um interlocutor, é uma questão de projeção de poder. Possibilita que ele finja ser fundamental para a paz Árabe-Israel ou uma força real para o contraterrorismo. Ele cria os problemas que ele então ó, tão magnanimamente se oferece para solucionar.

Abu al-Qaqa e Shaker al-Absi

Badran mencionou, como um exemplo, o caso curioso de um clérigo curdo islamita chamado Xeique Mahmoud Gul Aghasi, mais comumente conhecido como Abu al-Qaqa. Tendo exortado que os soldados norte-americanos fossem “abatidos como gado” no Iraque, foi permitido a al-Qaqa pregar abertamente em Aleppo — seguindo sua breve prisão pelo regime depois de 11/9 — apesar de sua defesa veemente da transformação da Síria em um estado islâmico seguidor da Sharia. Como relembrado pelo jornalista Nicholas Blanford, que entrevistou o clérigo em 2003, al-Qaqa organizou “festivais denunciando os [Estados Unidos] e judeus. Muitos

desses festivais foram prestigiados por oficiais sírios, e alguns seguidores de al-Qaqa passaram a suspeitar de seu líder.

Essas suspeitas intensificaram-se quando ficou-se sabendo que al-Qaqa havia entregue uma lista de Wahhabis na Síria para a agência de segurança do estado. Estaria al-Qaqa jogando um jogo duplo, pregando a jihad enquanto entregando jihadistas para as autoridades?".

Blanford argumentou que al-Qaqa era tolerado pelo regime desde que ele permanecesse no negócio de exportação de terroristas; rejeitar ataques em casa era o preço por encaminhar jihadistas.

Por isso na parede da mesquita de al-Qaqa em Aleppo havia uma placa exibindo "uma bomba com uma linha vermelha traçada sobre ela".

A relação dos Mukhabarat com este demagogo era dificilmente o segredo mais bem guardado na Síria.

— Abu al-Qaqa era um fenômeno estranho — disse Muhammad Habash, um ex-deputado sírio que, em 2008, liderou o programa de desradicalização na prisão de Sednaya em Damasco. — Ele estava pregando sobre a jihad em uma mesquita localizada em um dos bairros mais populosos de Aleppo. Na mesquita de Sakhour, ele não apenas pregava sobre a jihad, como mantinha um treinamento militar para jovens indo para o Iraque. Com um sermão como este, um imã normalmente passaria o resto de sua vida na prisão, juntamente com a sua família e parentes e aqueles que compareciam ao sermão.

Habash nos contou que ele encontrou-se com al-Qaqa pela primeira vez em 2006:

"Eu estava dando uma aula no Centro de Pesquisa Islâmica e alguém se levantou para falar. Ele falava com tamanho carisma que pedi para encontrar-me com ele mais tarde em meu gabinete. Eu disse a ele: 'Gostaria de conhecê-lo, o senhor tem uma presença tão forte quando fala'. Ele estava acompanhado por dois jovens que estavam ouvindo atentamente ao que ele estava dizendo, e ele estava buscando trazê-los para a conversa. Ele parecia ter fortes habilidades de liderança. Eu contei a ele de meus planos em Aleppo tendo em vista que ela fora anunciada como a nova capital da cultura islâmica aquele ano.

Eu tinha um projeto de reforma islâmica, e queria a ajuda de alguém como ele em Aleppo. Ambos concordamos que havia algum espaço para esse tipo de ativismo sob este regime. Quando ele foi embora, uma pessoa veio até mim e me disse que ele era Abu al-Qaqa e me perguntou porque eu

falara com ele. Não acreditei no que acontecera. Ele estava usando um terno e gravata, e tinha uma barba bem aparada. Sua presença não dava indicação nenhuma de seu infame lado violento".

Seguindo aquele encontro inicial, Habash encontrou-se com al-Qaqa regularmente.

— Ele falava comigo orgulhosamente a respeito de seu papel na prevenção de uma invasão norte-americana da Síria. Ele era uma ferramenta para o regime e no fim levou um tiro.

Outro caso famoso ainda foi o de Shaker al-Absi, o líder palestino de um grupo militante ligado à al-Qaeda, chamado Fatah al-Islam, que também trabalhou com al-Zarqawi no planejamento do assassinato do funcionário da USAAID, Laurence Foley, em 2002.

— Shaker al-Absi foi o mentor do assassinato de Foley, formulado em Damasco — disse David Schenker, anteriormente o principal assistente de políticas sobre o Levante do Pentágono e agora diretor do Programa sobre Política Árabe no Instituto Washington para Políticas no Oriente Próximo.

— Estou 100 por cento convencido de que o assassinato foi planejado na Síria com o envolvimento, tolerância, permissão e apoio de Assad. Na realidade, não creio haver qualquer debate quanto a isso mais. O segredo não está em Zarqawi, e sim al-Absi, que estava na Síria, e então foi à Jordânia para supervisionar o assassinato.

Os jordanianos sentenciaram ambos al-Zarqawi e al-Absi à morte em um julgamento sem a sua presença e pediram a extradição do último de Damasco. Al-Assad recusou-se e alegou ter colocado al-Absi na prisão.

— De acordo com relatórios na imprensa árabe, ele foi subsequentemente solto e terminou administrando um campo de treinamento terrorista para operativos da al-Qaeda, indo para o Iraque a partir do território sírio — disse Schenker.

Desconsiderando o que aconteceu com ele na Síria, al-Absi foi claramente liberado para sair do país em 2007, pois ele liderou a rebelião armada do Fatah al-Islam contra as Forças Armadas Libanesas (FAL) no campo de refugiados palestino de Nahr al-Bared. Embora as FAL tenham acabado com a rebelião, al-Absi nunca foi pego. O Fatah al-Islam mais tarde postou em seu site que ele havia retornado à Síria, onde ele talvez tenha sido morto pelos serviços de segurança. De acordo com Schenker, ele havia na realidade sido "exportado" para o Líbano em 2007 e mantido vínculos com a Mukhabarat síria durante todo o cerco Nahr al-Bared.

— Como nós sabemos disso? Havia um clérigo libanês [pró Assad] chamado Fathi Yakan, da área de Trípoli, que foi várias vezes ao campo para servir como um intermediário para contatar Absi.

Cerca de uma semana depois, ele apareceu em fotos com Assad em Damasco.

O assassinato de Abu Ghadiyah

A maioria dos insurgentes que a Síria enviou para o Iraque havia sido hospedada sob os auspícios do próprio cunhado de al-Assad, Assef Shawkat, que foi morto em uma conspiração de assassinato impressionante em Damasco em 2012, que varreu a "célula de gerenciamento da crise" do regime, o comitê de segurança especial responsável pela destruição da revolução Síria. Originalmente acreditava-se que o atentado havia sido realizado por rebeldes sírios que infiltraram a célula, mas evidências novas emergiram sugerindo que este assassinato possa ter sido um trabalho interno, levado adiante por membros linha-dura apoiados pelo Irã contra Shawkat, que defendia negociar com a oposição anti-al-Assad.

A história de Shawkat não dá indicação de ele ser um sujeito fraco. Um dos seus tutelados jihadistas era um homem conhecido como Badran Turki Hishan al-Mazidih, ou Abu Ghadiyan, um iraquiano de Mosul que o Departamento do Tesouro norte-americano designou como terrorista em fevereiro de 2008. O Departamento do Tesouro alegava que Abu Ghadiyah fora apontado como comandante de logística da AQI em 2004 por al-Zarqawi e havia subsequentemente tomado ordens de Abu Ayyub al-Masri com a morte do jordaniano.

"Na primavera de 2007, Abu Ghadiyah facilitou o movimento de operativos da AQI para o Iraque através da fronteira síria" — afirmou a designação, enquanto também listando e sancionando o resto da rede baseada na Síria de Abu Ghadiyah. De acordo com um cabo do Departamento de Estado, subsequentemente publicado pela Wikileaks, "Bashar al-Asad tinha plena consciência de que o seu cunhado... tinha conhecimento detalhado das atividades do facilitador da AQI, Abu Ghadiyah".

Abu Ghadiyah evidentemente fazia parte do negócio da família. Seu "braço direito" era também o seu primo Ghazy Fezzaa Hishan, também

conhecido como Abu Faysal, que residia em Zabadani, uma cidade a nordeste de Damasco conhecida por ser uma interseção importante para o contrabando e transporte de armas da Síria para o Líbano. Em setembro de 2006, Abu Ghadiyah e Abu Faysal, de acordo com o Tesouro, "planejaram usar foguetes para atacar múltiplos postos avançados das forças da Coalizão e estações de polícia iraquianas em uma tentativa de facilitar uma tomada da AQI na região oeste do Iraque".

Outro membro da rede era o irmão de Abu Ghadiyah, Akram Turki Hishan al-Mazidih, ou Abu Jarrah, também baseado em Zabadini e responsável pelo contrabando de armas e, como observou o governo norte-americano, "ordenar a execução de todas as pessoas que forem descobertas trabalhando com o governo iraquiano ou as forças norte-americanas".

Finalmente, havia outro primo, Saddah Jalut Al-Marsumi, conhecido como Saddah. Ele era um financiador da al-Qaeda que ajudava o seu clã empreendedor a transportar terroristas suicidas da Síria para o Iraque.

O predecessor de Abu Ghadiyah, o sírio Sulayman Khalid Darwish (que também era, de maneira bastante confusa, conhecido como Abu Ghadiyah), havia sido morto pelo COEC em Qa'im em 2005. O valor estratégico daquela cidade é que ela se encontra logo do outro lado da cidade fronteiriça síria de Albu Kamal, e funciona um pouco como El Paso para Juarez: um portal transnacional através do qual homens e dinheiro podem fluir em qualquer direção.

Em 2008, diversas tentativas diplomáticas dos Estados Unidos para acabar com os corredores de ratos de Abu Ghadiyah já haviam fracassado. Petraeus chegara a pedir permissão da administração Bush para negociar com al-Assad diretamente em Damasco, na esperança de que outra negociação no estilo de Sabawi pudesse ser conseguida. A Casa Branca disse não. Outras tentativas de persuadir al-Assad, através do Conselho de Segurança da ONU, fracassaram.

Em outubro de 2008, a persuasão acabou. O COEC de Stanley McChrystal, supervisionado pela CIA, foi autorizado a conduzir um ataque secreto através da fronteira em Albu Kamal para matar Abu Ghadiyah, que o comando fez em 26 de outubro, em uma operação especial que lembrou o assassinato de Osama bin Laden em Abbottabad em 2011.

Apesar da natureza de habeas corpus irrefutável da evidência, al-Assad continuou a negar qualquer envolvimento no envio de terroristas para o Iraque. Semanas depois do ataque, o Secretário de Relações Exteriores

britânico, David Miliband, viajou para Damasco e mais uma vez tentou a cura do diálogo. Ele pediu a al-Assad para acabar com suas atividades nocivas e encontrou apenas mais protestos de ignorância e inocência. Maura Connelly, a encarregada de negócios na embaixada norte-americana em Damasco, relembrou o encontro em um cabo do Departamento de Estado:

"Bashar alegadamente reclamou a respeito da operação militar norte-americana de 26 de outubro em Albu Kamal. Miliband respondeu que os Estados Unidos haviam atingido o conhecido facilitador [combatente estrangeiro] Abu Ghadiyah. O que a Síria precisava fazer era cooperar com os Estados Unidos e o Ocidente. Miliband perguntou por que a Síria não havia tomado medidas contra Abu Ghadiya quando os Estados Unidos haviam fornecido muitas informações sobre a sua presença na Síria. 'Mesmo se Abu Ghadiya estivesse lá (em Albu Kamal), o ataque norte-americano não era a maneira correta de se lidar com a questão', respondeu [al-Assad]."

Talvez tenha sido com o episódio precedente em mente que, um ano depois, Connelly descreveu em uma minuta sua impressão geral de lidar com um regime cujos "oficiais em todos os níveis mentem. Eles persistem em uma mentira mesmo diante de provas em contrário. Eles não ficam constrangidos de serem pegos em uma mentira".

Embora o episódio tenha chamado pouca atenção da mídia à época, a acusação mais condenatória da aliança jihadista-al-Assad veio na forma de uma decisão judicial civil da Corte Federal dos Estados Unidos emitida em 2008, que julgou Damasco responsável pelo rapto e assassinato de Olin Eugene "Jack" Armstrong e Jack Hensley, dois empreiteiros norte-americanos que foram decapitados da maneira terrivelmente característica dos agentes da AQI.

As famílias de Armstrong e Hensley haviam originalmente entrado com sua ação não somente contra o regime, mas também contra o seu aparato de inteligência militar e al-Assad e Shawkat pessoalmente. No entanto, a corte, citando a Lei de Imunidades a Soberanias Estrangeiras (LISE) — que estabelece limitações sobre ações judiciais impetradas nos Estados Unidos contra estados estrangeiros — e o fato de que al-Assad e Shawkat jamais foram intimados, listou apenas a Síria como a única ré. A sentença, escrita pela Juíza Rosemary Collyer, trouxe tudo à tona — Shaker

al-Absi, Abu al-Qaqa, o primeiro Abu Ghadiyah e o assassinato de Foley — e concluiu que a "Síria forneceu uma assistência substancial a Zarqawi e à al-Qaeda no Iraque e que isto levou às mortes por decapitação de Jack Armstrong e Jack Hensley", e que a "provisão de apoio material e recursos por parte da Síria era inevitavelmente aprovada e supervisionada pelo presidente Assad e o general Shawkat, atuando dentro do alcance de suas capacidades oficiais". O regime apelou desta decisão em maio de 2011; ele perdeu.

Recolheu?

A sabedoria convencional nos círculos de contraterrorismo norte-americanos manteve que a aliança de al-Assad com a AQI terminou mais ou menos em 2008, após Abu Ghadiyah ter sido morto, pois o regime "recolheu" suas redes jihadistas na região leste da Síria e prendeu os combatentes estrangeiros que retornavam. Novas provas, no entanto, complicam esta avaliação.

Em dezembro de 2014, Martin Chulov, do jornal Guardian, publicou um perfil aprofundado a respeito do EI, confirmando o que há muito vinha sendo uma alegação apresentada pelo governo de al-Maliki — de que al-Assad era cúmplice em uma série de ataques devastadores contra instituições estatais iraquianas em 19 de agosto de 2009. Operações de carros-bomba em sequência atingiram os Ministérios das Relações Exteriores e de Finanças do Iraque, assim como um comboio da polícia em Bagdá. Mais de cem pessoas foram mortas, incluindo empregados e jornalistas do governo, e em torno de seiscentas mais foram feridas.

Al-Maliki havia imediatamente acusado os Baathistas de estarem por trás de ambas as conspirações e disse que o ataque de Al Rashid fora projetado para assassiná-lo, pois ele deveria ter comparecido a um evento no hotel no mesmo dia. Em novembro de 2009 o seu governo divulgou o que ele alegava serem as confissões obtidas de três operativos Baathistas envolvidos nas explosões de agosto.

Em um primeiro momento, Bagdá relutou em apontar qualquer culpa diretamente ao regime de al-Assad, insistindo somente que as conspirações haviam sido formuladas na Síria. Mas al-Maliki chamou de volta o seu embaixador de Damasco após o regime deixar de entregar a Bagdá dois

Baathistas fugitivos. Al-Assad respondeu sacando seu próprio enviado de Bagdá. Um dos homens que ele recusou-se a entregar era Muhammad Younis al-Ahmed, que ele alegou que já havia sido expulso do seu território. Por um curto período, al-Assad havia tentado fazer de al-Ahmed um líder controlado pela Síria de uma insurgência Baathista iraquiana para rivalizar com o mais estabelecido e autofinanciado Exército Naqshbandi liderado por al-Douri, que também estava sendo protegido em solo sírio.

À medida que 2009 passava, as alegações de Bagdá contra seu vizinho tornaram-se mais sérias. O Ministro das Relações Exteriores iraquiano, Hoshyar Zebari, disse a membros da mídia em Bahrain que "a inteligência confirma que Baathistas Saddamistas estão trabalhando a partir de solo sírio e gozam do apoio dos serviços de inteligência [sírios]". O Major-general Hussein Ali Kamal, diretor de inteligência no Ministério do Interior iraquiano, estava absolutamente convencido de que este era o caso. Bem respeitado pelos diplomatas e oficiais norte-americanos por seu profissionalismo, Kamal, que morreu de câncer em junho de 2014, disse a Chulov que ele obteve provas concretas da realização e supervisão, por parte da Síria, de "dois encontros secretos" entre agentes da al-Qaeda e Baathistas iraquianos em 2009. Ambos os encontros ocorreram em Zabadani. Chulov descreveu a reconstrução de Kamal destes encontros: "Ele apresentou suas provas, usando mapas que marcavam as rotas que eles usaram para entrar na região oeste do Iraque e confissões que ligavam suas jornadas a oficiais de nível médio específicos nas unidades de inteligência militar sírias".

Kamal aparentemente tinha um ativo que usava um gravador em um dos encontros de Zabadani, que ele disse que foi liderado pelos Baathistas. "Ele é a fonte mais sensível que já tivemos", ele contou a Chulov. "Até onde sabemos, esta é a primeira vez que houve um encontro a um nível estratégico entre todos esses grupos. Isto marca um novo ponto na história".

As forças norte-americanas ainda estavam posicionadas no Iraque a esta altura, mas o objetivo compartilhado pela inteligência síria, os Baathistas e a al-Qaeda era, em vez disso, desestabilizar o governo de al-Maliki. Kamal repassou para Chulov que uma fonte dentro da Síria havia lhe dito que os conspiradores notaram uma elevação nos níveis de segurança iraquiana em torno dos alvos originais e assim haviam decidido sobre outros. O general iraquiano lutou em vão por meses para tentar

descobrir onde os alvos novos poderiam estar, até que as explosões terríveis de agosto o informaram.

O guia para o contraterrorismo de Ali Mamlouk

Ninguém explicou melhor tanto o motivo quanto a natureza da colaboração da Síria com o jihadismo sunita que Ali Mamlouk, diretor de inteligência geral de Assad. Em fevereiro de 2010, Mamlouk surpreendeu os diplomatas norte-americanos em Damasco aparecendo em um encontro entre o Coordenador para o Contraterrorismo do Departamento de Estado, Daniel Benjamim, e o Vice-Ministro de Relações Exteriores da Síria, Faisal al-Miqdad. Mamlouk chegou, como ele explicou, estimulado por al-Assad, que alegava estar procurando estabelecer relações Síria-Estados Unidos melhores sob o novo presidente norte-americano. Obama chegara à presidência prometendo uma nova política de engajamento com Damasco, e Mamlouk, obviamente capitalizando na oportunidade que a estratégia de desestabilização do regime havia criado, explicou que a repressão ao terrorismo seria contingente em ver esta política de engajamento sendo levada adiante como algo próximo de uma normalização completa das relações bilaterais. Como retransmitido em um cabo do Departamento de Estado a respeito do encontro, Mamlouk e al-Assad buscavam três novas disposições por parte de Washington, todas as quais confirmaram o comentário de Tony Badran sobre a finalidade do regime ao comportar-se mal: “(1) a Síria tem de poder assumir a liderança em quaisquer ações regionais; (2) a política é uma parte integral do combate ao terrorismo, e um “guarda-chuva político” de relações bilaterais Estados Unidos-Síria melhores deve facilitar a cooperação contra o terrorismo; e (3) a fim de convencer o povo sírio de que a cooperação com os Estados Unidos os estava beneficiando, progresso precisa ser feito a respeito de questões relacionadas a sanções econômicas contra a Síria, incluindo peças sobressalentes para aeronaves e um avião para o presidente [Assad]”.

Mas então Mamlouk fez uma admissão interessante. Ele explicou o seu próprio método particular de lidar com jihadistas como “prático, não teórico... Em princípio, não atacamos ou os matamos imediatamente. Em vez disso, passamos a fazer parte de suas células e somente no momento oportuno tomamos a iniciativa”. Mas o que constituía um “momento

oportuno" para a Síria não constituía necessariamente um momento oportuno para os Estados Unidos, como a década anterior havia mostrado amplamente.

Este reconhecimento da infiltração estatal de células jihadistas era algo meramente edificante, ou ele continha uma ameaça implícita? A resposta a esta questão encontrava-se no ponto seguinte de Mamlouk a Daniel Benjamim, quando ele lembrou ao diplomata norte-americano que combatentes estrangeiros ainda estavam entrando furtivamente no Iraque através da Síria — isto foi aproximadamente dezesseis meses depois do assassinato de Abu Ghadiyah e em torno de sete meses desde que a última série de atentados com carros-bomba havia sacudido Bagdá. No entanto, continuou Mamlouk, o regime estava reprimindo o terrorismo e "com toda certeza continuaremos a fazer isso, mas se nós começarmos a cooperar com vocês, isso levará a melhores resultados e poderemos proteger melhor nossos interesses".

O regime sírio já foi comparado por outros diplomatas norte-americanos a uma família mafiosa.

Mamlouk fez à nova Casa Branca uma oferta que ela não poderia recusar.

8

RENASCIMENTO
Estado Islâmico do Iraque sob o domínio de Abu Bakr al-Baghdadi

A história do Estado Islâmico, de acordo com a reconstrução do Dabiq, foi uma busca utópica de onze anos tornada mais doce através do sofrimento, e uma busca que terminou em 2014 com o estabelecimento do califado. Abu Omar al-Baghdadi construiu o "primeiro estado em tempos 'modernos' estabelecido exclusivamente pelos mujahidin — os participantes ativos na jihad — no coração do mundo muçulmano a apenas uma pedrada de distância" de Meca, Medina e Jerusalém.

E mesmo através da Sahwa e a surge, assim como a eliminação da sua própria liderança, aquele estado havia perseverado, recuando "na maior parte para as regiões desérticas de al-Anbar, onde seus soldados reagruparam-se, planejaram e treinaram".

A morte de al-Masri e al-Baghdadi

Em junho de 2008, Stanley McChrystal havia sido substituído como o comandante do COEC pelo Vice-Almirante William McRaven, um SEAL da Marinha que mais tarde coordenou a Operação Lança de Netuno, o ataque em Abbottabad, Paquistão, que matou bin Laden em 2011. Embora em 2010 a maioria das operações do COEC já fosse no teatro Afeganistão-Paquistão — em linha com o compromisso da administração Obama de diminuir sua participação no Iraque e vencer a "guerra boa" contra o núcleo da al-Qaeda e do Talibã no Afeganistão — a equipe de McRaven conseguiu uma série de vitórias importantes contra a franquia mesopotâmica.

A primeira foi a morte de Abu Khalaf, o parente de Abu Ghadiyah que assumiu a responsabilidade brevemente pela rede de facilitação baseada na Síria após a morte deste em outubro. Um oficial norte-americano disse mais tarde que "Khalaf era talvez o mais perigoso facilitador da AQI no Iraque" e que a sua morte deixou um "vácuo na hierarquia da AQI".

A segunda veio após as forças iraquianas prenderem Manaf Abd al-Rahim al-Rawi, o emir da al-Qaeda em Bagdá, conhecido por seus subordinados como "o ditador". Al-Rawi havia colaborado com os Baathistas e a inteligência síria para perpetrar a série devastadora de atentados a bomba em Bagdá em 2009, todos dirigidos ao governo de al-Maliki em vez do exército norte-americano. E os iraquianos inicialmente mantiveram a sua prisão um segredo. Foi apenas após os norte-americanos terem capturado o seu irmão gêmeo que eles forçaram al-Maliki a permitir que eles interrogassem o ditador, que convenientemente passou informações sobre a sua rede. Al-Rawi nomeou dois mensageiros que o COEC rastreou em abril de 2010 até um local na região tártara ao longo da divisa de Salah ad Din com Anbar.

A casa segura do mensageiro no fim das contas continha ninguém mais que Abu Ayyub al-Masri, escondendo-se em um subsolo secreto acessível somente através de uma porta debaixo da pia da cozinha. A pessoa que lhe fazia companhia era um homem que alguns haviam duvidado que existisse: Abu Omar al-Baghdadi.

— Sua morte foi um reflexo da fraqueza do Estado Islâmico do Iraque — Laith Alkhouri, o especialista em contraterrorismo, disse. — Masri andara pregando sobre a cautela operacional para os muçulmanos, como assegurar as suas comunicações e por aí afora, e evitar ser atingido pelos norte-americanos. O poder que ele tinha no comando da AQI girava mais em torno das relações públicas. Ele havia publicado um documento para apoiadores que era um guia passo a passo mostrando a eles como eles poderiam polir a imagem da jihad global. Ele queria que os seus recrutas aprendessem como invadir sites e casar o avanço científico com a ideologia islâmica.

Mas este foco nos aspectos mais publicitários do takfirismo aconteceu de coincidir com o ponto mais baixo da popularidade e intrepidez do Estado Islâmico do Iraque, devido a algumas das piores tomadas de decisão táticas por seus comandantes desde que a guerra começara. Oitenta por cento da liderança tinham sido mortos juntamente com eles. Tampouco o "rosto iraquiano" supostamente criado pela indicação de al-Baghdadi como emir estava realmente funcionando mais. O próprio al-Baghdadi tinha pretensões de algo mais elevado do que seu papel nominal como caporegime da insurgência sunita, pelo menos julgando pelo nome que ele outorgou a si mesmo — "Emir dos Crentes" — uma honraria normalmente reservada

para somente as posições mais altas da soberania islâmica. (Mulá Omar, o líder fugitivo do Talibã, é chamado assim.)

— A adoção deste título — disse Laith Alkhouri — criou uma questão enorme para os jihadistas incertos a respeito de qual a direção que o Estado Islâmico do Iraque estava tomando.

Esta questão seria respondida pelo sucessor de Baghdadi, Ibrahim Awwad al-Badari.

O novo al-Baghdadi

Al-Badari, que assumiu o nom de guerre Abu Bakr al-Baghdadi, foi na realidade apontado pelo Conselho Shura do Estado Islâmico do Iraque como um substituto singular para dois comandantes assassinados. Ele saiu aparentemente de lugar nenhum. O que se sabe dele tanto no Iraque quanto dentro dos círculos de inteligência norte-americanos veio à luz após o Estado Islâmico reinar triunfante sobre dois países e na corrida da mídia subsequente para descobrir a identidade desta nova figura tenebrosa. Como resultado, grande parte da biografia do segundo al-Baghdadi ainda paira não muito distante acima do nível do rumor ou especulação, algumas coisas passadas, na realidade, por propagandistas jihadistas adversários com a intenção de escandalizar ou deslegitimar o califa sendo apresentado como uma figura com mais autoridade do que Ayman al-Zawahiri. Mas esta fissura em campos pró e contra levou tempo.

— Ninguém achou que ele queria competir com a al-Qaeda — disse Alkhouri. — Em comunicações secretas, ele não só jurou lealdade a al-Zawahiri, como perguntou se o seu juramento deveria ser feito publicamente ou em segredo. Al-Zawahiri respondeu que ele deveria ser mantido em segredo para evitar complexidades e tirar um pouco da pressão sobre o Estado Islâmico do Iraque.

Nascido em 1971 próximo da cidade de Samarra, al-Baghdadi tornou-se um acadêmico de estudos islâmicos, obtendo tanto um bacharelado, quanto um doutorado no assunto da Universidade de Ciências Islâmicas no subúrbio de Adhamiya em Bagdá. Dizem que viveu em alojamentos modestos junto a uma mesquita local em Tobchi, um distrito a oeste de Bagdá que era relativamente misturado entre residentes sunitas e xiitas. Assim como a maioria dos assassinos em massa relembrados por aqueles

que os conheceram em sua menoridade, seus amigos e conhecidos dizem que ele era do tipo calado e retirado que de maneira alguma lembrava o fanático perigoso da imaginação recente. ("Vizinhos Lembram Matador em Série como um Matador em Série" sendo uma manchete confinada somente às páginas satíricas do Onion[08], aparentemente). Al-Baghdadi usava óculos, jogava futebol muito bem e se portava de uma maneira adequada a um acadêmico.

Dr. Hisham al-Hashimi, um especialista no Estado Islâmico que consulta com o governo iraquiano, encontrou al-Baghdadi no fim da década de 1990.

— Ele não tinha o carisma de um líder — al-Hashimi nos contou. — Quando o encontrei, ele era extremamente tímido e não falava muito. Ele estava interessado em estudos religiosos e o foco do seu interesse era o Alcorão. Ele vinha de uma família rural pobre, e não invejava as pessoas urbanas, como os outros muitas vezes são. Sua ambição estava limitada a obter um emprego no governo aproveitando a dotação estatal para o sacerdócio islâmico.

De acordo com um de seus vizinhos, Abu Ali, que falou ao Daily Telegraph, al-Baghdadi chegou em Tobchi quando ele tinha dezoito anos de idade:

— A mesquita aqui tinha o seu próprio imã. Quando ele estava fora, estudantes religiosos tomavam o seu lugar. [Al-Baghdadi] liderava as rezas às vezes, mas não dava sermão algum.

Ele tornou-se mais reacionário à medida que o tempo passou, lembrou Abu Ali, relembrando a reação de al-Baghdadi a um casamento em Tobchi no qual homens e mulheres estavam "dançando na mesma sala. Ele passou caminhando na rua e viu isso. Ele gritou: 'Como podem homens e mulheres estar dançando juntos desse jeito? Isso vai contra a religião'. Ele parou a dança".

Wael Essam, o jornalista palestino com ampla experiência cobrindo o Iraque, falou com muitos sunitas que eram colegas de al-Baghdadi durante seus dias acadêmicos na Universidade para Ciências Islâmicas. Al-Baghdadi, eles alegavam, era membro da Irmandade Muçulmana ou um afiliado dela quando ele matriculou-se. Suas inclinações salafistas vieram mais tarde, com o seu currículo já bem adiantado.

— Al-Baghdadi era próximo de Mohammed Hardan, um dos líderes da Irmandade — disse Essam. — Hardan havia partido para lutar com os

mujahidin no Afeganistão e retornou nos anos de 1990 e adotou uma clara ideologia salafista. Al-Baghdadi juntou-se ao grupo de Hardan de maneira organizacional e ideológica. Ele também juntou-se brevemente ao Jaysh al-Mujahideen [o Exército dos Mujahidin, um grupo militante islâmico].

Até em torno do ano 2000, al-Baghdadi tinha um doutorado, uma esposa e um filho. Até 2003, os Estados Unidos ocuparam o Iraque, embora o futuro líder do Estado Islâmico ainda não fosse um insurgente. Abu Ali disse ao Telegraph que al-Baghdadi não tinha um ressentimento discernível contra as forças norte-americanas naquele momento:

— Ele não era como os "sangue quente". Ele deve ter sido um planejador discreto.

Tão discreto que até o fim de 2003 ele havia fundado sua própria facção islâmica, Jaysh Ahl al-Sunnah wa al-Jamaah (o Exército do Povo da Comunidade Sunita); um ano depois disso, ele estava matriculado em outro tipo de universidade — Campo Bucca.

Contrário às inúmeras alegações na imprensa ocidental que sugerem que al-Baghdadi foi solto de Bucca em 2009, quando o campo foi fechado, ele na realidade cumpriu apenas uma única pena de um ano inteiro no centro de detenção, em 2004.

— Ele estava visitando um amigo seu em Fallujah chamado Nessayif Numan Nessayif — nos lembrou al-Hashimi. — Com ele estava outro homem, Abdul Wahed al-Semayyir. A inteligência do exército norte-americano prendeu todos eles. Baghdadi não era o alvo — era Nessayif. Ele foi preso em 31 de janeiro, 2004, e solto em 6 de dezembro, 2004. Ele nunca mais foi preso. Tudo que se diga em contrário está incorreto.

Abu Ahmed, o ex-alto membro do Exército Islâmico e que conheceu al-Baghdadi em Bucca, disse ao Guardian que os administradores da prisão em um primeiro momento acreditaram que al-Baghdadi seria uma espécie de solucionador de problemas. Seu PhD em estudos islâmicos conferia uma sabedoria jurisprudencial a respeito dele que os detentos jihadistas discutindo entre si pareciam ter deferência. Como tal, os norte-americanos o deixaram se deslocar em meio aos diferentes blocos do campo em Bucca, ostensivamente para solucionar conflitos; em vez disso, al-Baghdadi usou a indulgência para alistar mais recrutas. Em tempo, de acordo com Abu Ahmed, ele começou a causar problemas na prisão, usando "uma política de conquistar e dividir para conseguir o que ele queria, que era status. E funcionou".

Quando al-Baghdadi foi solto no fim de 2004, devido às avaliações dos Estados Unidos de que ele apresentava um risco de baixo nível para a coalizão ou as instituições iraquianas, ele tornou-se mais extremista em sua orientação, de acordo com Essam. Em 2007, ele juntou-se ao Conselho Shura Mujahideen, que al-Zarqawi havia instituído para nacionalizar a insurgência. No entanto, o purismo e a formação volúvel de alianças de al-Baghdadi significava que ele não estava realmente interessado em trabalhar com um consórcio ideologicamente diverso de grupos insurgentes, mesmo que a al-Qaeda fosse primus inter pares. Um comandante da AQI de Fallujah disse a Essam que al-Baghdadi voltou-se contra praticamente todas as facções a que ele já se aliou um dia.

— Ele deixou a Irmandade Muçulmana e então os declarou apóstatas e agentes do [ex-embaixador dos Estados Unidos para o Iraque, Zalmay] Khalilzad. Ele também deixou os Jaysh al-Mujahideen e engajou-se em hostilidades contra eles, especialmente em al-Karmah [uma cidade a noroeste de Fallujah]. Al-Baghdadi sempre foi muito consistente a respeito da sua posição sobre grupos militantes sunitas afins que não fizessem parte da sua própria organização. Ele diria: "Combatê-los é uma prioridade maior do que combater os norte-americanos".

A sua insistência sobre a necessidade de uma guerra fratricida — ou fitna entre e em meio aos sunitas — se tornaria uma marca registrada da liderança de al-Baghdadi na expansão do Estado Islâmico na Síria e no Iraque. Essem também mantém que, contrário à crença popular de que al-Baghdadi veio de lugar nenhum, ele na realidade era bem conhecido tanto dos iraquianos, quanto dos norte-americanos.

— O seu tio era Ismail al-Badri, membro da Associação Ulema muçulmana do Iraque, que é considerada uma organização apóstata pelo seu sobrinho. A cunhada de al-Baghdadi também é casada com um líder do Partido Islâmico Iraquiano, o veículo da Irmandade no Iraque. Antes de os norte-americanos terem se retirado, ele foi preso múltiplas vezes devido ao seu parentesco com Abu Bakr.

Além disso, de acordo com al-Hashimi, a ascensão de al-Baghdadi a emir do Estado Islâmico do Iraque foi decidida esmagadoramente, por nove de onze membros do Conselho Suhra. Havia três razões para esta escolha. Primeiro, ele pertenceu à confederação tribal Quraysh, considerada uma das mais veneráveis no Oriente Médio, graças à sua proximidade ao Profeta Maomé. (Diz-se que Abu Omar al-Baghdadi também é originário desta

tribo, a fonte de todos califas islâmicos.) Segundo, o próprio al-Baghdadi havia sido membro do Conselho Shura do Estado Islâmico do Iraque e, portanto, esteve próximo de Abu Omar. Finalmente, ele foi escolhido devido à sua idade: ele era uma geração mais jovem que os outros candidatos viáveis para emir e era visto como alguém com maior poder de resistência para liderar o Exército Islâmico do Iraque para fora da depressão uma vez que as forças norte-americanas deixassem o Iraque. Hoje, o Estado Islâmico o reverencia como um "mensageiro". "Quem quer que venha a você enquanto sua condição estiver unida atrás de um único homem, e desejar acabar com sua solidariedade ou romper sua unidade, então mate esta pessoa", proclamou o Dabiq, exortando todos os muçulmanos a jurarem lealdade a al-Baghdadi.

Fantasmas de Saddam II

A ascensão de al-Baghdadi proclamou mais uma mutação do Estado Islâmico, ou melhor, uma regressão dele na história da insurgência sunita. Havia visivelmente muitos mais ex-Baathistas nos altos escalões, devido sem dúvida à continuada iraquização da organização. Como observou o general Odierno em seu relatório de notícias em junho de 2010 no Pentágono, a liderança da AQI havia sido praticamente destruída em um espaço de tempo muito curto — trinta e quatro dos principais quarenta e dois operativos foram removidos do campo de batalha de uma maneira ou outra — e a franquia havia perdido a sua capacidade de coordenar-se com o quartel general da al-Qaeda no Paquistão. O vácuo que isto criou no topo significou que, antes que al-Zawahiri e bin Laden pudessem apontar um novo emir de longe, a ala iraquiana do Estado islâmico foi capaz de decidir entre um de seus pares em Abu Bakr.

De acordo com oficiais norte-americanos, esta foi a história interna contada por dois membros descontentes da al-Qaeda vários anos mais tarde. A razão para o seu descontentamento era por acreditarem que a ascensão de al-Baghdadi, qualquer que fosse o seu nível de educação, representava a tomada do movimento jihadista-salafista dentro do Estado Islâmico do Iraque por pessoas sem fortes credenciais salafistas-jihadistas — os Baathistas.

Não há dúvida entre os analistas ou aqueles que conhecem al-Baghdadi de que ele é um takfirista verdadeiramente crente. Mas, como já vimos, mesmo terroristas ultraconservadores utilizam-se do seu próprio quem é quem, fundamentalmente na forma de conexões filiais ou tribais que os capacitam a alavancar um direito de nascimento concedido a eles pelas próprias sociedades ou regimes que eles buscam destruir. Terá al-Baghdadi se beneficiado dos seus laços com os Baathistas? Levando-se em consideração o que é conhecido de sua biografia e educação, a probabilidade é forte.

De acordo com Derek Harvey, "ele claramente não é Zarqawi. Mas o alcance e tamanho da organização e tudo que a envolve, de empreendimentos financeiros à administração, passando pelo gerenciamento de oito comandos regionais separados até sua parceria tática com o Exército Naqshbandi e sua ligação tribal — eu vejo um estilo Baathista em tudo isso. E sei que um dos mentores de Baghdadi na Universidade de Ciências Islâmicas era próximo de Izzat al-Douri. Al-Douri operou continuamente a partir de Raqqa e a região nordeste da Síria desde o princípio da emergência do Estado Islâmico na Síria".

Al-Hashimi destacou que al-Baghdadi havia buscado em sua juventude seguir uma carreira aproveitando uma dotação de Saddam para o sacerdócio islâmico.

— Eu tive uma conversa com um ex-oficial iraquiano que foi um alto funcionário no regime de Saddam e de al-Maliki — um oficial norte-americano na ativa nos contou.

"Eu perguntei a ele especificamente a respeito de al-Baghdadi. 'Você sabia quem ele era?' Não especificamente, mas ele sabia a sua formação e a rede social maior de onde ele vinha. No tempo de Saddam, de onde este sujeito veio e de onde a sua família veio era um forte reduto Saddamista-Baathista. As pessoas que vinham de Samarra eram muito próximas do regime.

Al-Baghdadi foi para a Universidade Islâmica de Bagdá exatamente na mesma época da Campanha da Fé de Saddam — em outras palavras, em uma época em que o Partido Baath estava controlando as admissões. Não havia como você entrar na Universidade Islâmica à época sem ser avaliado cuidadosamente e aprovado pelo partido, e não havia como você ser avaliado cuidadosamente e aprovado pelo partido sem ter uma rede familiar maior de tios e primos e por aí afora que estivessem no regime e apoiando

você. Então, sim, al-Baghdadi talvez não tenha sido ele mesmo um Baathista, mas garanto a você que ele tinha muitos membros em sua família Baathistas que o colocaram na Universidade Islâmica".

Como já examinamos, a insurgência antinorte-americana no Iraque tirou sua força do revanchismo sunita. Uma maneira de vermos o Baathismo historicamente é como um dos expoentes entre muitos do poder político sunita. Ele competiu no seu auge com o nacionalismo pan-árabe, como exposto pelo presidente egípcio Gamal Abdel Nasser, o islamismo da irmandade de Sayyed Qutb e o jihadismo-salafista de bin Laden. Realmente, a Campanha da Fé Islâmica tinha a intenção de evitar a usurpação do Baathismo pelo Salafismo. Hoje em dia, a ideologia socialista secular vive um estado de coexistência e competição tênue com o takfirismo formador de um califado do Estado Islâmico. Amatzia Baram e Pesach Malovany, dois estudiosos do Iraque contemporâneo, levam esta tese mais longe ainda e fazem uma defesa intrigante de vermos al-Baghdadi como o herdeiro de direito de Saddam Hussein. Por um lado, eles argumentam, embora ele seja originalmente de Samarra, seu nom de guerre escolhido, al-Baghdadi, imediatamente situa a capital do Iraque como o centro de gravidade do Estado Islâmico, que ela era sob o califado Abbasid, em si um marco fundamental islâmico para o falecido ditador iraquiano.

— Saddam jamais se declarou um califa — escrevem Baram e Malovany —, mas sua conexão conceitual com o califado Abbasid centrado em Bagdá era profunda. Um dos apelidos vinculados ao seu nome era "Al-Mansur", que significa "Vitorioso pela graça de Deus", mas também era o nome do califa Abbasid mais importante... Saddam também deu nomes derivados da história Abbasid a inúmeras unidades militares que ele estabeleceu... Então, até quanto ao papel central do Iraque e Bagdá, Abu-Bakr al-Baghdadi é um discípulo de Saddam.

— A brutalidade, o traço comercial, como o Estado Islâmico está se comportando dentro e fora do campo de batalha — realmente não apresentam diferença alguma dos Saddamistas, em minha opinião — diz Derek Harvey, que certamente saberia isso.

Há também um paralelo sombrio entre o ódio aos xiitas de Saddam e al-Baghdadi. Os Baathistas massacraram 150.000 xiitas durante o reino de Saddam, de maneira mais notória durante a supressão do levante xiita e curdo contra o seu regime em março de 1991, no fim da Primeira Guerra do Golfo. Quando seus tanques adentraram Najaf em 1991, eles tinham o

slogan “La Shià bàd al-yawm” (“Nenhum xiita depois de hoje”) pintado nas suas laterais.

Se há uma diferença na ideologia do sectarismo assassino, então, é uma diferença de escala. Por toda a sua selvageria, Saddam não tornou buscar a destruição absoluta dos xiitas como uma questão de estado, tampouco ele poderia — eles ainda eram tolerados nos escalões superiores do exército iraquiano e no Partido Baath, mesmo após os massacres de 1991. Al-Baghdadi, no entanto, até o momento demonstrou uma intenção pura e simplesmente de aniquilação, seguindo a tradição patológica sombria de al-Zarqawi. Para o Exército Islâmico, os xiitas são religiosamente vazios, enganosos e marcados apenas para morrer.

Todos os homens do emir

O insight de Harvey é ainda mais irresistível pelo fato de que o alto comando do Estado Islâmico consiste de ex-Saddamistas ou Saddamistas em recuperação, aqueles que ocuparam postos de elite no exército iraquiano ou Mukhabarat. Al-Hashimi credita dois homens em particular por ajudar al-Baghdadi a avançar no Estado Islâmico.

O primeiro é Abu Abdul-Rahman al-Bilawi (nome real: Adnan Ismael Najm), que foi morto durante o cerco a Mosul pelo Estado Islâmico em junho de 2014. Ele aderiu à AQI durante a era de al-Zarqawi e fora o chefe do conselho militar geral para o Estado Islâmico de al-Baghdadi, com uma atuação compreendendo todas as dezoito províncias do Iraque. Originalmente de al-Khalidiya em Anbar, Bilawi fora anteriormente um capitão no exército de Saddam. Ele, também, havia sido detido no Campo Bucca, embora cerca de um ano antes do confinamento de al-Baghdadi.

O segundo influenciador, de acordo com al-Hashimi, é Abu Ali al-Anbari, um nativo de Mosul e o homem do Estado Islâmico responsável pelas operações na Síria. Antes de tornar-se um jihadista, al-Anbari também fora um oficial no exército de Saddam. Em algum ponto entre esses dois momentos, de acordo com o Wall Street Journal, ele fora afiliado ao Ansar al-Islam antes de o grupo expulsá-lo seguindo acusações de corrupção financeira. Militantes do Iraque e da Síria acreditam que al-Anbari foi selecionado como assistente de al-Baghdadi no Levante devido ao seu pragmatismo político; seu “conhecimento das regras da Sharia Islâmica não

é considerado tão amplo quanto o de outros líderes importantes", relatou o Journal.

Abu Ayman al-Iraqi, outro membro do Conselho Militar do Estado Islâmico, fora anteriormente um tenente-coronel na inteligência da força aérea de Saddam, de acordo com um depósito de documentos internos recuperados pelas forças iraquianas. Outro ex-detento dos Estados Unidos, seu nom de guerre anterior, sob o domínio Baathista, era Abu Muhannad al-Suweidawi. Al-Iraqi era tão ligado ao seu solo nativo que Laith Alkhouri nos disse que ele precisou de ajuda para migrar para o país vizinho.

— No momento que o Exército Islâmico expandiu-se para a Síria, al-Iraqi foi junto. De maneira alguma ele iria sozinho à Síria. Ele não conseguia andar pelo lugar sozinho. Ele liderou o Estado Islâmico em Aleppo e Latakia, e deve ter sido o sujeito mais importante para a segurança do grupo em Deir Ezzor. Ele está liderando grande parte dos atuais esforços do Estado Islâmico contra as facções rebeldes da Síria.

Outro formado tanto em Bucca quanto no regime Baath, foi Fadel Ahmed Abdullah al-Hiyali (também conhecido como Abu Muslim al-Turkmani e Haji Mutazz). Em dezembro de 2014, o general Martin Dempsey, presidente do conselho dos Chefes do Estado Maior, alegou que al-Turkmani foi morto por ataques aéreos dos Estados Unidos, embora jihadistas digam que foi em novembro. Antes disso, acredita-se que al-Turkmani ocupava uma posição possivelmente igual àquela de al-Anbari na hierarquia do Estado Islâmico. Um ex-tenente-coronel nas Forças Especiais do Iraque, ele aparentemente foi uma das muitas vítimas da dispersão do exército iraquiano em 2003 por Paul Bremer, o enviado norte-americano que administrou o Iraque após a guerra. Al-Turkmani juntou-se a outro grupo insurgente sunita antes de aderir à AQI.

Dizem que Baghdadi escolheu al-Suweidawi e al-Turkmani a dedo durante sua detenção no Campo Bucca.

Em alguns casos os rejeitados pelo Diabo também eram obra de Bremer e Maliki. O New York Times relatou em agosto de 2014 que após a queda de Mosul, um ex-general não identificado de Saddam ligou para alistar-se nas Forças de Segurança do Iraque. Seu alistamento foi recusado.

Agora um membro do Estado Islâmico, diz-se que ele deixou claro para o exército que não o quis: "Nós chegaremos logo em vocês, e vou cortá-los em pedaços".

— Os Baathistas originariamente disseram que o seu retorno ao poder seria baseado no Islã — nos disse Harvey. — Foi isso que as cartas de Saddam e a sua orientação disseram.

Michael Pregnet, um ex-oficial de inteligência dos Estados Unidos que aconselhou os peshmerga curdos no Iraque, argumenta que a tentativa do Exército Islâmico de mascarar ou suprimir o currículo dos seus altos-comandantes faz parte da sua estratégia de guerra.

— Eles não podem usar a sua velha afiliação como uma ferramenta de recrutamento para conseguir que as pessoas venham e lutem. Um retorno ao Baathismo não é um grande atrativo a ser ressaltado, especialmente se você alega estar comprometido com a derrota do Baathismo na Síria. É como um soldado das forças especiais do exército subitamente tornar-se membro do Ramo Davidiano.

De Tbilisi a Aleppo

Há uma exceção proeminente à preferência de al-Baghdadi por iraquianos em detrimento de mujahidin estrangeiros em posições de influência no Estado Islâmico. Conhecido internacionalmente como o "jihadista de barba vermelha", Abu Omar al-Shishani, ou Tarkhan Batirashvili, como ele nasceu, é um checheno étnico, próximo dos seus trinta anos, da região do Desfiladeiro de Pankisi na Geórgia e que na realidade serviu no exército georgiano treinado pelos Estados Unidos como um oficial de inteligência militar. Ele combateu na Guerra Russo-Georgiana de 2008, mas foi diagnosticado mais tarde com tuberculose, de acordo com seu pai, Teimuraz, e assim foi dispensado do exército.

Os homens da família Batirashvili eram todos cristãos, mas os filhos de Teimuraz tornaram-se muçulmanos radicais. Al-Shishani chegou a bater o telefone quando ficou sabendo que seu pai não havia se convertido ao Islã.

Ele foi preso pela posse de armas e cumpriu pena em uma prisão georgiana, onde sua evolução em um salafista linha dura pode ter ocorrido. Solto em 2010 como parte da anistia geral da Geórgia para prisioneiros, al-Shishani viajou algum tempo depois para a Turquia e então atravessou a fronteira para a Síria.

— Agora ele diz que partiu por causa de sua fé, mas eu sei que ele o fez porque nós éramos pobres — disse Teimuraz à BBC.

O checheno emergiu pela primeira vez na Síria em 2013 como chefe da sua própria célula jihadista inspirada na al-Qaeda, Jaysh Al-Mujahireen Wal-Ansar (o Exército de Emigrantes e Guerrilheiros), que consistia fundamentalmente de muçulmanos da ex-União Soviética. O serviço de segurança doméstica russo, a FSB, calcula que até quinhentos cidadãos russos estão lutando na Síria, com centenas mais de outros países que faziam parte da União Soviética, uma estatística que não pode ser confirmada independentemente. No entanto, vale observar que a Rússia aparece proeminentemente na propaganda do Estado Islâmico como uma nação inimiga, sem dúvida devido à sua classe guerreira do Cáucaso e desejo de recrutar mais.

Al-Shishani juntou-se formalmente ao Estado Islâmico e agregou seu Exército de Emigrantes e Guerrilheiros às suas tropas em dezembro de 2013, após fazer a bayat a al-Baghdadi. Desde então, com a notícia da sua morte em combate divulgada reiteradas vezes — tipicamente nas mãos das guerrilhas curdas — ele chegou agora a chamar a atenção especial até de Ramzan Kadyrov, o senhor de guerra-presidente da Chechênia escolhido a dedo por Vladimir Putin. Em novembro de 2014, Kadyrov anunciou uma das muitas mortes alegadas de al-Shishani, o "inimigo do Islã", em sua plataforma de mídia social favorita, Instagram, antes de deletar o anúncio. Isto gerou a especulação de que o checheno talvez tenha sido morto na realidade na Síria e de que o obituário de Kadyrov era a maneira do FSB de confirmar a notícia. Qualquer que tenha sido o caso, a principal função do georgiano para o Estado Islâmico parece ser o papel de seu Patton celebrado dos muhajireen.

Chechenos, como regra, são vistos por outros jihadistas do Estado Islâmico como os guerreiros mais formidáveis que há, devido a décadas de experiência lutando uma insurgência extenuante contra o exército russo.

— Shishani é o comandante mais visível, mesmo enquanto o comando e controle ainda seja dirigido por Baghdadi e ex-Baathistas — de acordo com Chris Harmer, um analista no Instituto para o Estudo da Guerra. — Os chechenos são uma classe diferenciada dos outros jihadistas estrangeiros. Se eu estou no Conselho Militar do Estado Islâmico, não vou pegar um sujeito que tem experiência lutando contra os russos e transformá-lo em um terrorista suicida. Vou torná-lo um comandante de pelotão.

Por mais de um ano, o gênio de al-Shishani como estrategista militar foi proclamado e tomado como uma certeza inabalável entre os observadores do conflito sírio após o Exército de Emigrantes e Guerrilheiros ter um papel decisivo em saquear a base aérea de Menagh em Aleppo, uma instalação que fora cercada por meses por rebeldes de todos os tipos, incluindo o Estado Islâmico. Alguns deles chegaram a fazer incursões impressionantes dentro da base apenas para serem rechaçados de volta pelos soldados sírios. Menagh finalmente caiu após al-Shishani despachar dois suicidas (consta que um deles saudita) que detonaram uma bomba improvisada levada em um veículo blindado que eles dirigiram direto até a base do centro de comando. Em grande parte um estímulo moral para a causa anti-Assad, a operação Menagh foi generosamente creditada, por outros rebeldes, como uma importante vitória do Estado Islâmico sobre o regime (deixando de lado que al-Shishani e seus Emigrantes e Guerrilheiros só entrariam para valer no EI seis meses mais tarde).

Ultimamente, este retrato heroico passou por um escrutínio revisionista por antigos camaradas de al-Shishani que combateram ao seu lado e dizem que a sua lenda é um exagero dos tabloides.

Como a Radio Free Europe / Radio Liberty noticiou em novembro de 2014, outro jihadista checheno chamado Khalid Shishani acredita que seu homônimo é na realidade um comandante de campo desprezível.

— Umar Shishani é uma pessoa que é absolutamente inútil em termos militares — escreveu Khalid em uma declaração postada para fóruns jihadistas russos. — Ele não tem conhecimento de táticas militares — e isso colocando a questão gentilmente. Observem que é apenas a mídia de massa infiel (i.e., o Ocidente) que escreveu sobre o gênio militar de Umar Shishani. Eles aumentaram enormemente a sua identidade e o apresentaram como um gênio militar especialista, o que é o posto completo do quadro real. Essa pessoa sabe usar os mujahedin apenas como bucha de canhão, e só.

Mesmo se atribuirmos isto a uma inimizade pessoal ou uma briga interna, deve-se dizer que a reputação de al-Shishani foi melhor servida pelo Daily Mail do que pelos especialistas salafistas-jihadistas. Alkhouri disse que ele é motivo para inúmeras piadas nos fóruns jihadistas online, pois o seu conhecimento do islã é “ridículo”, e seu árabe falado pior ainda.

A administração de uma “onda”

A transformação de combatentes estrangeiros em Saladinos contemporâneos é na realidade uma das principais plataformas do recrutamento jihadista, retrocedendo até os dias de al-Zarqawi.

Afinal de contas, mesmo o fundador jordaniano da AQI havia aparecido como um Zé Buscapé com um rifle até que seu departamento de tecnologia editou-o completamente até o formato de um emir.

— Olhe para quem são esses combatentes estrangeiros, em primeiro lugar — Richard, o ex-contraterrorista, disse. — Na maioria dos casos, eles são aventureiros que não têm onde cair mortos em seu país natal, seja a Bélgica, Manchester, Argélia, Iêmen ou, ok, Geórgia. Eles se empolgaram através da mídia social ou propaganda fora da mesquita e partiram para lutar a jihad. Esses são os mesmos caras com quem os militares mundo afora contaram desde sempre para serem recrutas ou soldados. Eles são garotos de dezenove anos, cabeças-duras, procurando fazer algo em suas vidas porque não têm nada para fazer lá em sua Bélgica natal.

O sensacionalismo ocidental contribuiu perversamente tanto para a atração ou glamour do Estado Islâmico quanto para o seu apelo sinistro aos jovens e insatisfeitos. Histórias sobre adolescentes austríacas bonitas e de classe média partindo para lutar e casar com os takfiris — e as que as copiam e são impedidas a caminho antes que possam chegar à Síria — continuam a gerar manchetes da mesma maneira que o último casamento de Charles Manson. As pessoas são fascinadas pelo espetáculo psicopático do Estado Islâmico, e especialmente por aquelas pessoas que elas veem como se “fossem elas”, mas que são atraídas de tal maneira pelo EI que abandonam vidas aparentemente confortáveis no Ocidente pelo jihadismo.

Scott Atran, um antropólogo na Universidade de Michigan, fez um estudo minucioso das motivações psicológicas e sociais por trás do jihadismo, e argumenta que o EI realmente não é diferente dos movimentos revolucionários românticos que se aproveitaram do derramamento de sangue através da história.

— Você não consegue inspirar as pessoas a matarem pessoas e ferirem os outros sem uma virtude moral — ele nos disse. — É muito parecido com a Revolução Francesa. Quando Robespierre introduziu o terror como uma ferramenta de democracia, eles o ostentavam bastante.

Quem se juntaria ao Estado Islâmico? Em 1940, George Orwell escreveu um ensaio no qual ele se perguntava uma questão similar a respeito de um livro que defendia o que ele resumiu como um "império horrível desprovido de cérebro no qual, essencialmente, nada jamais acontece fora o treinamento de jovens para a guerra e a interminável criação de novos combatentes para servir como bucha de canhão". Como uma visão "tão monstruosa" poderia ser apresentada quando a democracia liberal estava ali para acabar com tal barbarismo? — ele se perguntou. E por que uma nação estava lançando-se aos pés de um homem que oferecia "luta, perigo e morte" onde outras formas de governo estavam oferecendo uma "vida aprazível"? Orwell estava criticando Mein Kampf.

9

REVOLUÇÃO TRAÍDA
A Jihad Chega à Síria

Em 31 de janeiro, 2011, Bashar al-Assad deu uma entrevista para o Wall Street Journal. Refletindo sobre as revoluções que haviam varrido a Tunísia, Egito e Líbia, ele estava com um humor orgulhoso a respeito das chances de um levante similar chegar ao seu próprio país.

— A Síria está estável — ele proclamou. — Por quê? Porque você precisa estar muito próximo das crenças do povo. Esta é a questão fundamental.

Al-Assad estava certo: esta era a questão fundamental.

Apenas três dias antes desta entrevista ocorrer, soldados do seu regime haviam dispersado uma vigília com velas organizada em solidariedade aos manifestantes egípcios em Bab Touma, um bairro cristão na Cidade Antiga de Damasco. Então, em 17 de fevereiro, um protesto espontâneo irrompeu no mercado no bairro de al-Hariqa da capital, após um oficial de polícia insultar o filho de um mercador local. Embora o protesto tenha sido direcionado cuidadosamente contra o comportamento do oficial de polícia, o slogan transcendeu um único crime: "O povo sírio não será humilhado". Esta demonstração chegou a um fim depois do Ministro do Interior da Síria apresentar-se no local e se dirigir à multidão irada e pedir desculpas. Era tarde demais. Mais demonstrações irromperam e se espalharam contra as atrocidades sendo cometidas por Kadafi na Líbia e, implicitamente, pelo ditador dinástico em casa, que havia agora mesmo descrito seu reino como inabalável.

"O povo quer a queda do regime"

Um movimento de reforma tornou-se uma revolução plena após um incidente-estopim na cidade de Deraa. Quinze garotos estudantes, alguns tão novos, com dez anos de idade, foram presos pelas forças de segurança do regime sob a supervisão do primo de al-Assad, general Atef Najib, por

picharem palavras pró-democracia nas paredes da sua escola. Alguns dos slogans eram adotados das transmissões de TV sobre outros países, mas uma frase especialmente criativa, que rima em arábico, dizia: "É sua vez, Doutor", referindo-se ao diploma em oftalmologia de al-Assad. Um relato comum do que se seguiu diz que quando as famílias dos detentos disseram a Najib que estes eram seus únicos filhos, ele respondeu: "Mandem-nos suas esposas e faremos filhos novos para vocês".

Protestos similares logo irromperam em Damasco, Homs, Baniyas e, então, por toda a Síria. A resposta foi a violência de estado disseminada. Muitos manifestantes e ativistas pacíficos levaram tiros da polícia, polícia de choque, Mukhabarat e milicianos pró-al-Assad. Outros foram presos e levados à força para uma série de prisões de segurança. Como documentado pelo Observatório de Direitos Humanos, a polícia secreta usou uma ampla gama de torturas contra seus presos, incluindo: surras com canos, chicotes, choques elétricos, queimaduras com ácidos, extrações de unhas, bastonadas e falsas execuções. Detentos de todos os gêneros e idades também foram estuprados. Uma mulher detida na Divisão Palestina da Inteligência Militar em Damasco, uma das prisões Mukhabarat mais temidas na Síria, disse à BBC o que aconteceu com uma colega presa.

— Eles inseriram um rato na sua vagina. Ela estava gritando. Depois vimos sangue no chão. Ele disse a ela: "Está bom assim para você?" Eles estavam gozando dela. Era óbvio que ela estava em agonia. Nós podíamos vê-la. Depois disso ela não se mexeu mais.

A ameaça do general Najib não fora vazia, à medida que o estupro foi sistematicamente usado pelo regime de al-Assad desde os primeiros dias do levante. De acordo com Farha Barazi, um ativista dos direitos humanos baseado na Virgínia, muitos estupros resultaram em gravidezes não desejadas, com ginecologistas sírios vendo vítimas tão jovens quanto onze anos de idade. Em abril de 2012, Barazi recontou para estes autores a história de "Salma", uma garota jovem de Baba Amr, Homs, cuja casa foi atacada pelos shabiha, gangues mercenárias leais a al-Assad.

— Ela disse a eles: "Por favor, por favor, vocês não têm irmãs? Não têm mães? Apenas me deixem, por favor não na frente do meu pai".

Os shabiha amarraram o pai de Salma a uma cadeira na sua própria casa e o forçaram a ver enquanto três ou quatro homens estupravam a sua filha.

— Eles o forçaram a ficar de olhos abertos e ver — disse Barazi. — Nós documentamos onze casos, até o momento, de mulheres precisando de abortos porque foram estupradas. Nós tivemos de levar todas elas de Baba Amr ou Idlib para Aleppo, onde é mais seguro realizar este procedimento. Elas estão todas seguras agora, mas quando liguei para algumas delas, elas estavam fora de si. Todas sofreram traumas psicológicos severos por causa do que passaram.

Desde a entrevista de Barazi quase três anos atrás, estes casos documentados aumentaram exponencialmente. Aproximadamente 200.000 pessoas foram mortas na Síria e outras 150.000

ainda estão detidas em prisões do regime, de acordo com "Caesar", codinome usado por um fotógrafo da polícia militar síria que desertou e contrabandeou para fora do país em torno de cinquenta mil fotografias descrevendo atrocidades terríveis contra os detentos.

— O que está acontecendo na Síria é um massacre genocida que está sendo liderado pelo pior de todos os terroristas, Bashar al-Assad — testemunhou Caesar diante do Congresso norte-americano em julho de 2014. Stephen Rapp, o embaixador especial para crimes de guerra do Departamento de Estado, disse que essas revelações constituem uma "prova sólida do tipo de engrenagem de morte cruel que não víamos francamente desde os nazistas".

"Assad, ou queimamos o país"

Em seu poema épico "Child of Europe", que aborda, em uma série de parelhas de versos irônicos, as depravações intelectuais e morais do totalitarismo, Czeslaw Milosz ofereceu esta apóstrofe para o nascimento do século vinte: "Aprenda a prever um fogo com uma previsão certeira / Então queime a casa completamente para acertar a previsão". Al-Assad recorreu a uma lógica muito parecida quando se viu diante de meses de protestos pedindo a sua saída.

Desde o começo, ele havia descrito seus oponentes — mesmo aqueles que estavam pedindo somente reformas econômicas modestas — como terroristas da al-Qaeda, mercenários dos Estados Unidos, Arábia Saudita, Qatar e Israel — certamente uma das coalizões mais elaboradas das nações de boa vontade na história moderna. A meta desta campanha de propaganda

e desinformação aparentemente boba, mas consistente, era simples. Como nós vimos, al-Assad estava sempre desesperado para vencer a atenção e a cooperação do Ocidente, mesmo enquanto subornando o terrorismo contra ele. Diante de uma revolução, e culpando o Ocidente pelos mesmíssimos crimes que ele mesmo há muito cometia, al-Assad procurou assegurar a sua longevidade política através de uma profecia que realizasse a si mesma. O seu regime tomou a iniciativa de várias medidas para trazer o islamismo violento para casa, de volta para a Síria. Não foi coincidência que um dos slogans favoritos dos seus defensores era "Assad, ou queimamos o país".

Qusai Zakarya é um refugiado palestino que vivia no subúrbio de Damasco de Moadamiyeh e sobreviveu tanto ao ataque de armas químicas de agosto de 2013 do regime, quanto uma campanha de meses de fome imposta sobre a sua cidade antes que ele fosse capaz de deixar a Síria sob circunstâncias complicadas.

— Desde o início, se você fosse sunita e especialmente palestino, você era tratado como algo abaixo de um ser humano pelas forças de Bashar — Zakarya nos disse. — Não há Deus, a não ser Bashar — os shabiha diriam enquanto chutavam os manifestantes ou puxavam o cabelo de suas cabeças ou barbas. Isso era muito deliberado. Também era genial.

O que Zakarya queria dizer era que o abuso verbal, psicológico e corporal lançado sobre os sunitas tinha o intuito de radicalizá-los e levá-los a atos de extremismo.

— Assad usou muitas das forças alauitas para reprimir a oposição em áreas-chave — disse Shiraz Maher, um especialista em radicalização (e ele mesmo um ex-islamita) no King's College em Londres. — Era a tortura física misturada com uma campanha para zombar dos aspectos fundamentais da crença sunita. Foi isso que chamou a atenção e ira mundo afora, acima e além do que atraiu o sujeito médio no Oriente Médio a prestar atenção no que estava acontecendo na Síria.

Assad colocou fogo no mundo muçulmano sunita. É por isso que começou a tendência de combatentes estrangeiros do Golfo e África do Norte.

Acender este estopim provou-se extraordinariamente fácil após décadas de desgoverno ditatorial.

O sectarismo na Síria, assim como no Iraque, pré-datava há muito tempo a guerra civil e era tanto o subproduto de uma seita minoritária dominando uma maioria rebelde quanto de uma antiga disputa entre

muçulmanos a respeito da linhagem do Profeta no século sete. Neste caso, era a minoria alauita, mormente uma ramificação cultural dos xiitas, que constituem entre 8 e 15 por cento da população da Síria, governando os sunitas, que constituem aproximadamente 75 por cento. Como no Iraque de Saddam, a seita majoritária também estava bem representada em todos os níveis do governo; por exemplo, a esposa de al-Assad, Asma al-Assad, é sunita, como têm sido vários altos oficiais militares e de segurança do regime. E embora sempre tenha sido o caso que as minorias estiveram representadas no movimento de protestos inicial, a demografia na Síria provou-se destino revolucionário: os sunitas eram vistos como quem enfrentava o regime em grande número — e na maioria das vezes eram mesmo. A expectativa desta contingência havia criado uma república de medo e paranoia na Síria Assadista.

Em 2010, Nibras Kazimi publicou um estudo incrivelmente presciente intitulado Syria Through Jihadists Eyes: A Perfect Enemy, que traz uma série de histórias reveladoras, todas tiradas de suas muitas entrevistas com sírios de diversas formações religiosas, étnicas e socioeconômicas no país.

Kazimi encontrou um "cirurgião plástico nascido em Damasco", por exemplo, cujo pai era um alto oficial alauita no Exército Árabe Sírio e fora um amigo pessoal de Hafez al-Assad. O cirurgião aparecia em uma fotografia com Hasan Nasrallah, o líder do Hezbollah libanês. Como um dos beneficiários do Assadismo, este homem deveria ser, escreve Kazimi, "o retrato de uma classe média alta [alauita] assimilada, confiante de sua posição na sociedade síria. Mas ele não é. Quando ele dirige o seu Volvo último modelo, ele mantém uma submetralhadora junto de si no banco do passageiro. Ele disse: 'Você sabe que os sunitas têm um ditado, mal'oon baba Hassan ('Maldito é Baba Hassan')? Você sabe quem é Baba Hassan? Ele é Ali bin Abi Taleb, o pai de Hassan e o primeiro dos doze imãs xiitas. Eles nos odeiam. É isso que eles são... Se dada uma chance, eles vão nos massacrar". De uma disfunção social como esta, nasceu uma estratégia contrarrevolucionária.

— O sectarismo foi cuidadosamente produzido por Assad desde o início como uma ferramenta de sua supressão — disse Maher. — "Este não é um levante pacífico, é sectário, os sunitas estão se rebelando e vão matar todas as minorias". Esta era a linha original, e sua intenção era conseguir duas coisas. Primeiro, distanciar o resto da Síria dos sunitas que estavam rebelando-se, de maneira que os dissidentes alauitas e cristãos não

adeririam ao levante, embora alguns tenham. Segundo, provocar preocupação na comunidade internacional a respeito do que estava ocorrendo — a saber, que minorias seriam todas massacradas por terroristas.

Os shabiha foram os principais protagonistas do avanço desta agenda. Chamados "fantasmas" devido aos carros Mercedes Shahab nos quais eles costumavam contrabandear tudo, de cigarros e drogas a alimento e armas para a economia de mercado cinza da Síria nos anos anteriores à revolução, esses bandidos opressores — a maioria deles alauita —, foram recrutados por Damasco para cometer alguns dos piores crimes contra a humanidade. De acordo com um que foi detido pelos rebeldes em 2012, cada shabih recebia US$ 460 por mês, mais outros US$ 150 de bônus por cada pessoa que ele matasse ou capturasse.

— Nós adoramos Assad porque o governo nos deu todo o poder — se eu quisesse pegar algo, matar uma pessoa, estuprar uma garota, eu podia — ele se exibiu.

Na região Houla de Homs, em maio de 2012, os shabiha misturaram-se com os soldados regulares do exército sírio e foram de casa em casa na cidade de Taldou, seguindo o bombardeio de artilharia constante sofrido, cortando as gargantas de mais de cem pessoas. A maioria delas era mulheres e crianças. (Os shabiha eram prontamente identificáveis, testemunharam os locais mais tarde, por seus tênis brancos; soldados sírios usavam botas negras). Al-Assad culpou a al-Qaeda pelo massacre. No entanto, uma investigação pelas Nações Unidas encontrou uma "base razoável para acreditar que os perpetradores... estavam alinhados com o Governo".

Em uma leitura no princípio do que mais tarde tornar-se-ia a principal estratégia de guerra de al-Assad, a porta-voz do Departamento de Estado, Victoria Nuland, acusou o Irã de ser um cúmplice no massacre.

— Os iranianos claramente deram apoio, treinamento e aconselhamento para o exército sírio, mas essa força de bandidos shabiha espelha a mesma força que os iranianos usam — disse Nuland. — Os Basij [uma força paramilitar voluntária originalmente formada pela Guarda Revolucionária do Irã para ajudar a combater na Guerra Irã-Iraque] e os shabiha são o mesmo tipo de coisa e claramente refletem as táticas e técnicas que os iranianos usam para sua própria supressão de direitos civis.

Nuland observou que no mesmíssimo fim de semana que o massacre Houla havia sido perpretado, o Comandante Adjunto da Força Quds, Esmail

Ghani, reivindicou crédito por exercer um papel "físico e não físico" na guerra da Síria.

A guerra de Suleimani

Este papel só aumentaria no ano subsequente quando provas emergiram de que a Força Quds e o Hezbollah libanês também estavam treinando um exército de guerrilha Basij mais profissionalizado, a chamada Força de Defesa Nacional, e o fizeram tanto na Síria quanto no Irã. Com um número tão grande quanto cem mil recrutas, essas tropas irregulares tornaram-se ultimamente um dos principais baluartes do regime diante dos sucessivos fracassos do exército sírio de debelar os rebeldes e recuperar o território sozinho. Novamente, o legado do Assadismo influi na atual guerra civil: muitos dos soldados rasos são sunitas que abandonaram, desertaram do exército, ou mesmo foram confinados ao quartel porque seus oficiais (alauitas) comandantes temiam que o fizessem.

Outros soldados de infantaria foram mortos pelos rebeldes em três anos de combates.

— O exército sírio não poderia suportar esta crise de três anos porque qualquer exército estaria exausto — disse o operativo do CGRI, Sayyed Hassan Entezari, explicando a gênese e a necessidade da Força de Defesa Nacional. — O Irã veio e disse: "Por que vocês não formam apoio popular para si mesmos e pedem ajuda para o seu povo... Nossos garotos foram a uma das maiores regiões alauitas. Eles disseram ao líder de uma das principais tribos para conclamar sua juventude para pegar em armas e ajudar o regime.

Cada brigada da Força de Defesa Nacional é supervisionada por um oficial CGRI que atua como um comissário infiltrado assegurando disciplina ideológica.

A Reuters conduziu entrevistas com vários cadetes deste programa CGRI em abril de 2013. Todos eram de Homs e a maioria era de alauitas, embora alguns fossem oriundos de outras seitas minoritárias. Um entrevistado, Samer, era um dos raros cristãos que havia passado por treinamento no Irã. Ele disse à agência de notícias:

— Os iranianos seguiam nos dizendo que esta guerra não é contra os sunitas, mas pelo bem da Síria. Mas os alauitas no curso seguiam nos

dizendo que eles querem matar os sunitas e estuprar suas mulheres por vingança.

O campo no qual Samer deve ter treinado é chamado Amir Al-Momenin (Comandante dos Fiéis), localizado a aproximadamente vinte e quatro quilômetros de Teerã; é onde os mísseis balísticos da Força Quds estão guardados. De acordo com um oficial militar iraniano que falou com o Wall Street Journal em setembro de 2013, é dito aos recrutas que "a guerra na Síria é como uma batalha épica pelo islã xiita, e se eles morrerem, eles serão mártires do mais elevado grau".

De maneira pouco surpreendente, a Força de Defesa Nacional já foi implicada em massacres antisunitas, um deles tendo ocorrido na cidade de al-Bayda e em alguns bairros na cidade de Baniyas, na província costeira de Tartous. Em maio de 2013, testemunhas entrevistadas pelo Observatório de Direitos Humanos testemunharam que "forças do governo e pró-governo entraram em casas, separaram os homens das mulheres e crianças pequenas, reuniram os homens de cada bairro em um local, e os executaram com tiros a curta distância... Em muitos casos, as forças pró-governo queimaram os corpos daqueles em que eles haviam atirado há pouco".

Embora al-Bayda e Baniyas sejam o lar de uma população cristã minoritária, todas as testemunhas cristãs que falaram com a ONG disseram que as forças pró-regime "apenas mataram sunitas e queimaram casas de sunitas". O regime, enquanto isso, alegou que havia matado "terroristas".

O envolvimento do Irã na Síria espelhou fortemente o seu envolvimento no Iraque ocupado pelos Estados Unidos, com uma exceção clara e irônica: agora ele parece ser a força militar de ocupação, tentando desesperadamente manter unido um exército nativo trôpego e indisciplinado. As milícias de Suleimani assumiram cada vez mais responsabilidades militares à medida que as forças convencionais de al-Assad deterioraram-se, morreram ou fugiram. Isto resultou em fatalidades de autoridades importantes iranianas, mais famosamente aquela do comandante sênior da Força Quds, Hassan Shater, que foi morto em uma estrada que ligava Damasco a Beirute. Notavelmente, Teerã não tem contado apenas com operativos do seu braço de inteligência estrangeira do CGRI para "auxiliar e treinar" o exército convencional de al-Assad, como também com operativos das Forças Terrestres do Corpo da Guarda Revolucionária, homens com ampla experiência na repressão de insurgências etnicamente impelidas, como entre os azerbaijanos na

província do Azerbaijão Ocidental no Irã. Vários membros das Forças Terrestres do CGRI, incluindo um comandante de brigada, estavam entre os quarenta e oito iranianos capturados pelos rebeldes sírios e subsequentemente soltos em janeiro de 2013 como parte de uma troca de prisioneiros.

Um relatório publicado pelo Instituto para o Estudo da Guerra encontrou que, em um aspecto interessante, as táticas de contrainsurgência do Irã na Síria talvez estejam replicando conscientemente as táticas norte-americanas no Iraque. Em Homs, a cidade conhecida como o "local de nascimento da revolução", sobre a qual o exército sírio promoveu um cerco inclemente em 2012, assim que os rebeldes foram expulsos, o regime construiu um muro de concreto de três metros semelhante ao que as forças norte-americanas haviam construído em torno de Sadr City em 2008. "Observadores iranianos trabalhando com testas de ferro em Sadr City à época teriam visto a efetividade da campanha em primeira mão e poderiam ter aconselhado o regime de Assad a adotar uma abordagem similar", concluiu o relatório.

— A Síria é ocupada pelo regime iraniano — declarou o ex-primeiro-ministro sírio Riyad Hijab após sua defecção em agosto de 2012. — A pessoa que governa o país não é Bashar al-Assad, mas Qassem Soleimani, o comandante da Força Quds do regime iraniano.

Já em maio de 2011, Suleimani e seu assistente, Mohsen Chizari — o mesmo operativo que havia sido detido pelo COEC em 2006 após comparecer a uma reunião na sede do CSRII — foram condenados pelo governo norte-americano por sua "cumplicidade... nos abusos de direitos humanos e repressão do povo sírio". Suleimani foi designado especificamente como sendo o "conduto para o apoio material iraniano" ao Diretório de Inteligência Geral da Síria. Tal apoio, como mais tarde se ficou sabendo, incluía o tráfico de armas, munições e pessoal da Força Quds em aviões civis e militares através do espaço aéreo iraquiano até Damasco, gerando várias cobranças diplomáticas de Washington a Bagdá, todas recebidas com negativas pelo governo de al-Maliki de que qualquer corredor aéreo desta natureza existisse. (Em 2012, quando os iraquianos pararam de negá-lo, eles alegaram que era "ajuda humanitária" e que os Estados Unidos haviam fracassado em providenciar qualquer prova de armas sendo transferidas.) De acordo com a inteligência norte-americana, o companheiro de Suleimani na empreitada de contrabandear homens e armas

para a Síria via Iraque é Hadi al-Amiri, o comandante da Brigada Badr, que al-Zarqawi tornou um chamariz para o recrutamento sunita da AQI em 2004. Em 2013 al-Amiri era o Ministro do Transporte do Iraque.

Isto pode explicar por que o "derramamento" da guerra de um país para outro país não ficou meramente confinado ao movimento de jihadistas sunitas. Em janeiro de 2014, o Centro de Informação Terrorista e de Inteligência Meir Amit em Israel calculou que, na realidade, havia mais combatentes xiitas ajudando Assad do que combatentes sunitas estrangeiros tentando derrubá-lo.

Jaafar Athab, um membro do Asa'ib Ahl al-Haq, o grupo responsável pela morte de cinco soldados norte-americanos em Karbala em 2007, foi morto na Síria em 2012, e seu corpo foi trazido de volta a Bagdá, onde foi realizado seu funeral na Praça Tahrir sob a supervisão das Forças de Segurança do Iraque. O Kata'ib Hezbollah também perdeu milicianos xiitas na Síria. Da mesma maneira, o Exército Mahdi de Muqtada al-Sadr, que organizou um Grupo Especial Xiita-Alauita formado por "[quinhentos] iraquianos, sírios e... outras nacionalidades" chamado de brigada Abu al-Fadhal al-Abbas. Phillip Smith, um especialista nos Grupos Especiais, documentou em agosto de 2013 como a própria página do Facebook da Brigada Badr havia anunciado uma presença robusta de 1.500 combatentes na Síria e funerais públicos para seus membros mortos no Iraque. A maioria desses combatentes colocava a sua participação na guerra de Assad em uma linguagem estritamente defensiva; eles estavam partindo, eles diziam, para "proteger santuários sagrados". Embora seja verdade que muitos militantes xiitas-alauitas tenham sido enviados para locais religiosos, notavelmente a mesquita Sayyida Zeinab nos subúrbios de Damasco, esta guarda da arquitetura sagrada tornou-se um eufemismo sectário ou código para o que era, na realidade, uma guerra sagrada islâmica xiita — ou contrainsurgência à la Suleimani.

O Irã chegou a enviar milhares de refugiados afegãos para lutar em prol de al-Assad, oferecendo-os direitos de residência e até US$ 500 por mês. Outros eram alegadamente ex-combatentes do Talibã que tornaram-se mercenários iranianos para lutar "contra aqueles que estão sendo assistidos pelos norte-americanos na Síria".

Nenhuma força auxiliar comandada pelo CGRI tem sido mais fundamental para a sobrevivência de Assad até o momento do que o Hezbollah libanês, que foi praticamente responsável sozinho pela expulsão

dos rebeldes sírios da cidade de al-Qusayr, que encontra-se ao longo de um corredor de abastecimento sírio-libanês vital.

— O Hezbollah está liderando as operações em Qusayr — um paramilitar do Partido de Deus confessou para o NOW Lebanon. — O exército sírio só está exercendo um papel secundário, enviando suas tropas após uma área estar completamente "limpa" e assegurada.

É claro, o que ele quis dizer com áreas "limpas" é descrito de maneira mais precisa como limpeza étnica.

— Ocorreram exemplos óbvios de limpeza religiosa em diferentes áreas de Homs — um ativista sírio chamado Abu Rami disse ao Guardian em julho de 2013. — Faz parte de um plano xiita maior que fica óbvio com o envolvimento das milícias iranianas e do Hezbollah. E também faz parte do projeto de estado alauita pessoal de Assad.

O projeto aludido era a suposta criação de um estado remanescente alauita na costa síria. Por um tempo, quando ele ainda estava sofrendo perdas territoriais, o regime sutilmente deixou subentendido que este seria seu plano de emergência se Damasco tombasse, uma maneira de telegrafar para o Ocidente que o regime seguiria protegendo uma minoria alauita vulnerável diante do que fora, original e consistentemente, retratado como a causa rebelde: um plano supremacista sunita para o extermínio.

Segunda entrevista de Bashar

Em um contraste marcante com sua entrevista serena para o Wall Street Journal em 2011, a primeira entrevista pós-levante de al-Assad para um jornal ocidental foi uma previsão do fim dos tempos.

— A Síria é o centro agora desta região — ele disse ao Sunday Telegraph. — Ela está sobre a falha sísmica, e se você brincar com o solo, você causará um terremoto... Você quer ver outro Afeganistão, ou dezenas de Afeganistãos? Qualquer problema na Síria incendiará toda a região.

A metáfora do fogo de novo. Ausente, é claro, desta previsão apocalíptica estava qualquer menção a respeito de quem eram os incendiários originais. Mas isso tinha pouca importância, pois ela dera certo.

Não apenas a OTAN e Washington descartaram uma intervenção militar ativa na Síria na forma de uma zona de bloqueio aéreo ou o

estabelecimento de “áreas seguras” em partes do país, como eles assumiram uma postura igualmente de cautela e distanciamento dos inimigos de al-Assad, de uma maneira que só pode ter agradado a ele. Quando Hillary Clinton deixou o governo, ela criticou o presidente Obama por não ter colaborado com os rebeldes nacionalistas ou seculares mais cedo — um suposto fracasso de política para o qual ela atribuía o crescimento do Estado Islâmico.

Mas em fevereiro de 2012, quando ela ainda era secretária de estado, ela disse à CBS:

— Nós sabemos que a al Qaeda — Zawahiri, está apoiando a oposição na Síria. Nós estamos apoiando a al Qaeda na Síria? O Hamas está agora apoiando a oposição. Nós estamos apoiando o Hamas na Síria?

Não saber quem ou o que era a oposição seguiria a postura pública da Casa Branca por anos daí em diante, até que ela solucionou este mistério e professou-se pouco impressionada com a sua descoberta.

— Esta ideia de que nós poderíamos fornecer algumas armas leves ou mesmo armas mais sofisticadas para o que era essencialmente uma oposição formada por médicos, agricultores, farmacêuticos e por aí afora, e que eles seriam capazes de lutar não somente contra um estado bem armado, mas também contra um estado bem armado apoiado pela Rússia, apoiado pelo Irã, um Hezbollah experiente no campo de batalha, isto nunca esteve entre nossas opções — disse o presidente Obama ao New York Times tão tarde quanto agosto de 2014, mesmo após a CIA ter começado a armar e treinar um pequeno número de rebeldes.

No entanto, a avaliação do presidente sofria de dois problemas. Primeiro, sua caracterização dos rebeldes não era verdadeira. O Centro de Documentação de Violações, uma fonte de oposição síria — confiável por seu empirismo — conduziu uma pesquisa de mortes rebeldes na guerra e encontrou que médicos representavam estatisticamente insignificantes 1 por cento das baixas, enquanto professores e agricultores ainda menos do que isso. Soldados, por outro lado, constituem a maioria das fatalidades, em 62 por cento. Como o embaixador Frederic Hof, ex-conselheiro especial de Obama sobre a Síria no Departamento de Estado, lembrou ao presidente, a Síria tem um exército conscrito, significando que a maioria dos homens adultos tem alguma experiência militar anterior. Com base em nosso trabalho jornalístico a partir de Antakya, Turquia, podemos atestar que um

único campo de refugiados abriga milhares de desertores de baixo e médio escalão do exército sírio.

Além disso, a expectativa de que os rebeldes sírios não conseguiriam derrotar um exército sírio combalido e exaurido, mesmo apoiado por testas de ferro iranianos e equipamentos russos, parecia esquisita levando-se em consideração que a política que Obama adotou em última análise foi treiná-los para derrotar o Estado Islâmico, os herdeiros de uma insurgência que fustigou o exército mais poderoso da Terra no Iraque por quase uma década. Dado que a razão de ser destes rebeldes era combater o regime, não o Estado Islâmico, os contrainsurgentes testas de ferro dos Estados Unidos — basicamente Sírios Livres do COEC — estavam destinados a causar ressentimento e descontentamento.

— Os norte-americanos estão usando mentiras para conseguir informações [sobre jihadistas] — um rebelde disse à Newsweek em fevereiro de 2013. — Se você perguntar a qualquer rebelde na Síria agora mesmo, ele dirá que os Estados Unidos são nosso inimigo.

Isto era um exagero, mas tornou-se mais verdade após o ataque de gás sarin de al-Assad sobre os rebeldes e civis em Damasco em agosto de 2013. Quando os Estados Unidos deixaram de reagir militarmente, de acordo com a própria "linha vermelha" de Obama, muitos perderam a paciência de vez com as promessas norte-americanas vazias ou não respeitadas. Não muito tempo depois de Obama ter assinado um acordo com Vladimir Putin para desabilitar o programa de armas químicas sírio, muitos rebeldes apoiados pelo Ocidente abandonaram o campo, amotinaram-se ou convidaram o Estado Islâmico a atacar seus armazéns sírios cheios de ajuda e provisões enviadas pelos EUA.

A anistia dos jihadistas

Embora a desilusão rebelde com os Estados Unidos e suas verdadeiras prerrogativas na Síria tenham levado um tempo para vir à tona, al-Assad perdeu pouco tempo garantindo que os extremistas dominassem a insurgência. Em 31 de maio, 2011, passados apenas alguns meses de revolta, ele emitiu uma anistia geral como parte do seu pacote de "reformas", na maior parte gestos simbólicos com a intenção de aplacar o movimento de protesto. Na realidade, a anistia foi mais uma armadilha do

que um bálsamo. Embora sua intenção fosse libertar todos os "prisioneiros políticos" da Síria, ela foi aplicada seletivamente — um número suficiente de manifestantes e ativistas foi mantido na prisão, enquanto um número desconhecido de salafistas-jihadistas foi libertado. Destes, muitos fazia pouco que estavam nos corredores de ratos para o Iraque, apenas para retornar à Síria e serem algemados e presos pelo mesmo Mukhabarat que os havia enviado para lá em primeiro lugar.

Muhammad Habash, o ex-parlamentar sírio, disse que o regime tinha de saber que pelo menos alguns dos islamitas que ele estava soltando pegariam em armas contra o estado. Três homens o fizeram: Zahran Alloush, Hassan Abboud e Ahmad Issa al-Sheikh, os atuais ou ex-líderes salafistas das mais bem organizadas brigadas rebeldes na Síria. Há uma fotografia famosa deles parados em fila, só sorrisos, um pouco depois de terem sido declarados homens livres por al-Assad. Futuros membros do EI também foram anistiados, incluindo Awwad al-Mahklaf, que é agora um emir local em Raqqa, e Abu al-Ahir al-Absi, que cumpriu pena na prisão de Sednaya em 2007 por ser membro da al-Qaeda.

Em agosto de 2012, após seu irmão Firas ter sido morto próximo da fronteira turca, al-Absi assumiu o controle do Conselho Shura Mujahideen, um grupo que Firas havia começado. Em meados de julho de 2014, de acordo com o Departamento de Estado norte-americano, al-Absi tornou-se o líder provincial do EI para Homs, na região de Aleppo.

Habash, como mencionado anteriormente, estivera no comando do programa de desradicalização em Sednaya em 2008 após se voluntariar ao papel para a Agência de Segurança Nacional da Síria.

— O Salafismo poderia ter sido controlado ou reformado — ele nos disse. — O regime levou os salafistas e sufis à violência. A ideologia foi parte da razão, mas deixe-me lhe dizer uma coisa: se Ghandi passasse três meses na Síria, ele seria um extremista jihadi.

Prisões na Síria são alcunhas para islamização — universidades terroristas no coração do Oriente Médio, não obstante onde o corpo docente muitas vezes encoraja seus estudantes a aprenderem.

Um caso revelador foi contado aos autores por Fawaz Tello, um dissidente sírio de longa data que foi preso pelo regime em 11 de setembro, 2001, quando, compreensivelmente, a atenção do mundo estava desviada para outra parte. Ele fora um ativista associado à Declaração de Damasco, um movimento político pró-reforma que gozou de um breve momento de

prosperidade nos dias iniciais da presidência "reformista" do delfim, apenas para ser sumariamente reprimido em seguida. Tello foi mandado para a prisão Adra, a nordeste de Damasco, onde ele conheceu Nadeem Baloosh.

— Ele era um rapaz de Latakia — disse Tello. — Ele estivera na Turquia, e quando retornou à Síria, a inteligência turca informou o Mukhabarat e eles o prenderam. Ele passou mais de um ano em Adra. Baloosh era vizinho da cela de Tello, e durante este tempo, os dois travavam discussões à noite, "gritando" através das portas. — Descobri que não tinha compatibilidade nenhuma com este homem. Ele tinha pontos de vista muito extremistas. Mas ele também estava conversando com outros islamitas nas outras celas e estava disseminando sua ideologia. Ele não fora um membro da al-Qaeda, tampouco havia participado de qualquer campo de treinamento. Ele era apenas um salafista, mas não violento. Um monte de pessoas colocadas na prisão era assim. Durante seu tempo na prisão, era como se estivessem indo a uma faculdade jihadista — incluindo Baloosh.

Após Tello ter sido solto de Adra, Baloosh foi transferido para Sednaya onde, em 2008, ele tornou-se um dos seis líderes de uma notória revolta na prisão, cujos eventos e consequências foram relatados de forma um tanto atenuada, embora pelo menos vinte e cinco pessoas tenham sido mortas e noventa mais resultaram feridas.

— Logo após ele e os outros terem assumido o controle da prisão, eles executaram um punhado de detentos — relembrou Tello —, alegando que eles eram informantes do regime. Baloosh foi pessoalmente responsável por executar um desses detentos. Sua vítima não era um informante, ele simplesmente não concordava com a ideologia de Baloosh.

Quando o regime finalmente recuperou controle de Sednaya, ele executou os seis líderes da revolta — exceto Nadeem Baloosh.

— Ele não foi condenado à morte e foi solto em 2010, bem antes de completar sua pena original, que deveria ir até 2015. Ele voltou para Latakia e abriu uma loja.

Nos primeiros dias do levante sírio, Baloosh juntou-se às demonstrações pacíficas em Latakia, a província costeira onde a família al-Assad reivindica sua ancestralidade. No entanto, ele foi expulso por outros ativistas devido aos seus slogans agressivamente sectários contra os alauitas — e isso no coração alauita sírio.

— Eles não o aceitaram. Menos de um ano depois, talvez nove meses, alguns rebeldes pegaram em armas contra o regime em Latakia. Eles

correram para as montanhas e formaram batalhões.

Baloosh era um deles. Ninguém o estava seguindo, mas ele foi para as montanhas e estabeleceu o seu próprio batalhão. O seu batalhão então juntou-se ao Jabhat al-Nusra — disse Tello, referindo-se à franquia da al-Qaeda na Síria.

Embora Baloosh tenha sido solto de Sednaya antes do movimento de protestos ter começado, a sua história geralmente segue àquela contada pelos oficiais sírios e estrangeiros nos últimos anos a respeito da formação das atuais numerosas células terroristas do país. Por exemplo, em janeiro de 2014, o Major-general Fayez Dwairi, um ex-oficial de inteligência militar sírio que ajudou a comandar a pasta ministerial do reino para a crise síria, afirmou ao jornal baseado em Abu-Dhabi, o National:

— Muitas das pessoas que estabeleceram o Jabhat Al Nusra foram capturadas pelo regime em 2008 e estavam na prisão. Quando a revolução começou, eles foram soltos seguindo o conselho de oficiais da inteligência síria, que disseram a Assad: "eles farão um bom trabalho para nós. Há muitas desvantagens ao deixá-los partir, mas há mais vantagens, pois convenceremos o mundo que estamos enfrentando o terrorismo islâmico".

Em um exemplo mais digno de nota ainda, um veterano de doze anos do próprio Diretório de Inteligência Militar da Síria disse ao mesmo jornal que a anistia geral de al-Assad em 2011 foi projetada para semear o terrorismo na Síria por seu valor de propaganda.

— O regime não apenas abriu a porta das prisões e deixou os extremistas saírem, ele facilitou o seu trabalho, em sua criação de brigadas armadas — disse o oficial de inteligência, um alauita que havia desertado de sua unidade na região norte da Síria no verão de 2011, ao National. — Isto não é algo de que ouvi rumores a respeito, na realidade ouvi as ordens, eu vi isto acontecendo. Essas ordens vinham do quartel-general [da Inteligência Militar] em Damasco.

O regime também disponibilizou uma abundância de armas para estes extremistas em Idlib e Deraa, acrescentou o oficial.

Nawaz Fares foi o ex-embaixador sírio no Iraque, um país que, como examinamos em um capítulo anterior, al-Assad tinha a intenção de desestabilizar com o terrorismo ainda até o fim do ano de 2009. Fares desertou em julho de 2012 e disse à imprensa que Damasco ainda estava brincando com o fogo jihadista, com a revolução já bem adiantada. Fares estava em uma posição para saber em primeira mão como esta colaboração

havia funcionado; antes de mudar-se para a embaixada síria em Bagdá, e após a derrubada de Saddam, ele havia servido como um chefe de segurança do regime assim como governador provincial próximo da fronteira síria-iraquiana. Ele lembrou para o Sunday Telegraph como havia "recebido ordens verbais de que qualquer servidor civil que quisesse ir [para o Iraque], teria sua viagem facilitada, e que a sua ausência não seria notada". Ele também disse que conhecia diversos "oficiais de ligação" do regime que estavam coordenando com operativos da al-Qaeda até o momento de sua deserção — o verão de 2012. De maneira mais intrigante, alegou Fares, todos os ataques terroristas em larga escala que haviam ocorrido na Síria, começando no fim de 2011, foram "perpetrados pela al-Qaeda através de sua cooperação com as forças de segurança", incluindo um ataque especialmente devastador cujo alvo fora um prédio de inteligência militar em um subúrbio de Damasco em maio de 2012.

Seriam estas alegações inventadas ou politicamente motivadas? Talvez, embora no caso do oficial de inteligência alauita, vale mencionar que ele disse ao National que ainda preferia o governo de al-Assad à vitória de uma oposição radicalizada. Qualquer que seja a verdade, essas alegações são fundamentadas na premissa plausível de um conluio passado comprovado entre Damasco e a AQI que estendeu-se quase até 2010. Então se o regime terminou categoricamente a sua relação com os jihadistas no espaço de um ano entre os bombardeios em Bagdá e a deflagração da revolta em Deraa, este um dos casos mais dramáticos de tiro pela culatra na história moderna.

Como o Estado Islâmico do Iraque chegou à Síria

Alguns meses antes do último soldado norte-americano deixar o Iraque, Abu Bakr al-Baghdadi despachou um punhado de operativos para a Síria. De acordo com o jornalista Rania Abouzeid, que estava infiltrado entre os jihadistas na Síria, oito homens atravessaram para a província de Hasaka, a noroeste do país, em agosto de 2011, durante o Ramadan. Entre aqueles fazendo a jornada estava Abu Mohammed al-Jolani, um sírio de Damasco que havia combatido com o Estado Islâmico do Iraque e estava prestes a redirecionar a sua atenção contra o regime que provavelmente havia um dia facilitado seu tráfego na direção oposta.

Embora existam rumores de que al-Jolani, que tem trinta e poucos anos, também tenha sido solto de Sednaya sob a anistia geral, não há provas concretas para corroborar esta alegação. O Major-general Dwairi disse ao National que al-Jolani esteve sob custódia do regime em determinado momento, mas ele não especificou o tempo ou a prisão. O primeiro ponto de contato de al-Jolani em Hasaka, relatou Abouzeid, foi um ex-detento de Sednaya que deu abrigo ao grupo do Estado Islâmico do Iraque, que consistia de "vários sírios, um saudita e um jordaniano", durante sua primeira noite na Síria. (O que foi estabelecido com certeza é que al-Jolani havia sido um detento no Campo Bucca, onde ele foi identificado erroneamente pelas forças dos Estados Unidos como um curdo iraquiano de Mosul.)

A célula de al-Jolani alegadamente realizou uma série de ataques com carros-bomba em Damasco contra os serviços de segurança e o exército no fim de 2011, mas não reivindicaram crédito por eles até 23 de janeiro, 2012, quando Jabhat al-Nusra declarou sua formação como um grupo.

Al-Jolani também cuidou para esconder os seus laços organizacionais com o Estado Islâmico do Iraque e a AQI. Isto ocorreu de tal maneira, que mesmo membros da sua própria célula não tinham muita certeza de qual era a direção que o Jabhat al-Nusra estava tomando ou como ele havia realizado seus ataques audaciosos. Cristoph Reuter, um correspondente da revista semanal Der Spiegel que trabalhou extensivamente na Síria, nos disse:

— Os primeiros grupos al-Nusra reais emergiram em julho de 2012 em Aleppo. Quando falamos com um deles, perguntando: "Oh, então, vocês são al-Nusra?", eles disseram, "Sim, sim, sim!".

"Então como vocês explodiram o prédio de segurança em Damasco?". "Não fazemos ideia", eles responderam depois de um tempo. "Nós assumimos o nome, pois é um grande nome, e recebemos dinheiro do Golfo com ele".

Al-Jolani, em outras palavras, passou perto de seis meses construindo — ou reconstruindo — uma rede jihadista clandestina na Síria antes de estrear como um caso estritamente caseiro. No fim das contas, isto foi incrivelmente sensato, pois o al-Nusra não somente provou-se uma das insurgências anti-Assad mais formidáveis na guerra civil, como sua relativa "moderação" no seu engajamento com as comunidades locais rendeu-lhe o respeito e a aprovação de até não-islâmicos. O al-Nusra, por exemplo, não

declarou guerra às minorias sírias, como o EI mais tarde fez. Em alguns casos, o grupo chegou a proteger igrejas para mostrar aos cristãos que fazia realmente parte do mosaico social e religioso da Síria e não era um grupo takfiri estrangeiro. Neste sentido, dizem os analistas, al-Jolani seguiu o plano de ação de al-Zawahiri após o assassinato de bin Laden em maio de 2011.

— Zawahiri era estritamente contra o ataque a outros grupos ou seitas religiosas como xiitas, yazidis, hindus, cristãos e budistas, a não ser que eles atacassem sunitas primeiro — disse Laith Alkhouri. — Isso era devido à enorme repercussão negativa contra a al-Qaeda no Iraque desde a época de Zarqawi, Masri e Baghdadi. Zawahiri também instou os grupos jihadi a buscarem o público muçulmano, pessoas que ele alegava que haviam estado ausentes do verdadeiro ensino islâmico na Síria, Líbano e África do Norte. A meta era unificar as pessoas em torno do conceito de tawhid, ou monoteísmo.

O takfirismo como um contrato social vinculante para a al-Qaeda havia fracassado no Iraque, graças aos esforços tribais e dos Estados Unidos. Al-Nusra, desse modo, era o veículo através do qual al-Zawahiri esperava renovar a reputação avariada que a sua franquia havia incorrido no país vizinho. Al-Jolani explicou mais tarde à Al Jazeera as origens do al-Nusra como a realização tardia de uma antiga ambição da al-Qaeda, de ajudar a libertar o povo sírio de um regime tirânico: — Ninguém pode ignorar a significância do Levante — ele disse. — É a terra do conflito, antigo e moderno... Quando a rebelião [síria] começou, um dos líderes do Estado Islâmico no Iraque nos perguntou o que fazer. Nós dissemos, vamos começar trabalhando aqui... O regime era flagrantemente opressivo e as pessoas estavam distantes da ideia de pegar em armas contra ele ou mesmo aceitar o caminho que estávamos tomando, e incapazes de quebrar a cabeça a respeito das consequências de qualquer confronto com este regime. Então esta rebelião removeu muitos dos obstáculos e pavimentou o caminho para que entrássemos nesta terra abençoada... Nós pedimos por isso [permissão para fundar o Jabhat al-Nusra], mas esta ideia estava nas cabeças da liderança da al-Qaeda por um tempo.

Como comandante do al-Nusra, al-Jolani supervisionou pessoalmente as operações do seu grupo por todo o país, em alguns casos posando como um falso representante despachado pelo al-Jolani real para testar a têmpera dos seus comandados. (Como no Campo Bucca, a AQI recorreu a artifícios

de contrainteligência não apenas para enganar seus inimigos, mas também para testar seus próprios recrutas.)

Al-Zawahiri emitiu dois comunicados no início de 2012, implicitamente certificando o empreendimento de al-Jolani sem jamais reconhecê-lo. No segundo comunicado, divulgado em 11

de fevereiro, o egípcio "apelou para todo muçulmano e todo homem nobre e livre na Turquia, Iraque, Jordânia e Líbano, para vir apoiar seus irmãos na Síria com tudo que ele possui consigo mesmo, sua riqueza, suas opiniões e informações". Al-Zawahiri desprezava o regime de al-Assad por manter "o esplendor da juventude Ummah nas suas prisões, torturando-os e os matando. Ele protegeu as fronteiras de Israel por aproximadamente quarenta anos, participou com os Estados Unidos na guerra contra o Islã em nome do terrorismo, derramou o sangue de muçulmanos em massacres terríveis em Hama, Homs, Jisr al-Shughur e Daraa, por décadas consecutivas, e inclui um grupo de ladrões que estão dilapidando a riqueza e os recursos da Síria a ferro e fogo".

Sem querer desperdiçar outra boa guerra, al-Zawahiri estava mais uma vez canalizando a era da Agência de Serviços e seu chefe morto em um chamado global por novos mujahidin.

10

CONVERTIDOS E "JIHADISTAS CINCO ESTRELAS"
Perfis de combatentes do Estado Islâmico

Para este livro nós conduzimos entrevistas com dúzias de associados ao EI que operam dentro da Síria e do Iraque em uma série de setores, incluindo clérigos religiosos, combatentes, emires provinciais, oficiais de segurança e simpatizantes, e descobrimos que o que atrai as pessoas ao EI poderia facilmente atraí-las para qualquer número de cultos ou movimentos totalitários, mesmo aqueles ideologicamente contraditórios ao jihadismo-salafista. Longe de ser homogênea, a organização abrange uma ampla gama de costumes e sistemas de crenças entre seus afiliados, de oportunistas ateus a capitalistas da guerra, passando por membros de tribos pragmáticos e takfiris comprometidos.

O poder da persuasão

Em outubro de 2014, o esquadrão de segurança do EI prendeu Mothanna Abdulsattar — um ativista de mídia articulado de dezenove anos, trabalhando para o Exército Sírio Livre — aproximadamente dois meses após o EI ter assumido o controle da sua região na Síria oriental. Ele foi levado para um interrogatório em uma base jihadista próxima, em meio a ameaças à sua vida, cuja causa, ele descobriu, poderia ser determinada por sua afiliação profissional. Trabalhar para a oposição síria ou sucursais da mídia saudita significava a morte.

— Se você estiver trabalhando para a Orient ou a Al-Arabiya, nós cortaremos sua cabeça fora — disseram a Abdulsattar. Trabalhar para a Al Jazeera do Catar, de acordo com a conversa entre Abdulsattar e os membros do EI, era evidentemente um problema menor. Abdulsattar nos disse que ele se sentiu aliviado quando um jihadista mais velho, sorridente e respeitoso, intercedeu para salvá-lo da linha de questionamento de um comissário do EI.

— Abu Hamza era calado e respeitoso — lembra-se Abdulsattar, referindo-se a Abu Hamza al-Shami, um clérigo religioso sênior no EI do vilarejo de Minbij na região leste de Aleppo. — Mesmo o seu rosto o deixa confortável. Ele começou falando sobre o Exército Sírio Livre, e porque o EI o estava combatendo. A razão é porque eles aceitam leis que não são divinas e recebem financiamento dos Estados Unidos, e Deus disse: "Quem quer que se alinhe com eles, é um deles".

Ele então falou sobre al-Dawla. Ele me perguntou: "Por que você não está jurando lealdade? O Profeta disse que aqueles que morrem sem ter feito bayat para alguém — sua morte será uma morte jahiliyyah [não islâmica]". Honestamente, quando ouvi isso, fiquei absolutamente chocado.

Pela primeira vez me dei conta que hadith é verdadeiro.

Mas Abdulsattar ainda não estava pronto para jurar lealdade a Bakr al-Baghdadi. Então Abu Hamza sorriu e pediu que ele pensasse sobre o assunto. Cerca de uma semana depois, Abdulsattar decidiu fazer seu juramento.

Ele falou com gosto a respeito de sua jornada para o EI, desconsiderando as oito horas que ele passou em sua custódia como mais um rito de passagem do que um interrogatório de vida ou morte. Abdulsattar disse que, em última análise, ele foi convencido pelo "intelectualismo do EI e a maneira que ele dissemina a religião e luta contra a injustiça".

Um número considerável de membros do EI que foi entrevistado para este livro, ecoou sentimentos similares — e elogios exagerados — a respeito do exército do terror, que dominou a técnica de desconstruir o psiquismo daqueles que ele quer recrutar, e então reconstruí-lo de novo à sua própria imagem. A referência de Abdulsattar ao "intelectualismo" pode parecer bizarra, ou mesmo grotesca, a um observador ocidental, mas ele se refere à narrativa ideológica cuidadosamente elaborada do EI, uma mistura potente de hermenêutica, história e política islâmica.

O que ele descreveu não era diferente da imersão moral e intelectual total explanada por comunistas que mais tarde abandonaram a sua fé no Marxismo-Leninismo.

— Nós jogamos fora todas as convenções, nosso único guia de orientação é o da lógica consequente; estamos navegando sem um lastro ético — Rubashov de Arthur Koestler se lembra em Darkness at Noon após enfrentar o seu próprio interrogatório por comissários do Partido.

Minutos mais tarde, Rubashov é executado com um tiro pela própria ditadura à qual ele havia dado sua vida por quarenta anos.

— Quando você ouve os clérigos do al-Dawla — Abdulsattar disse —, você fica chocado que a maioria das nossas sociedades islâmicas afastaram-se da verdadeira religião. Elas seguem uma religião que foi inventada há duas décadas, ou menos. A maioria das nossas sociedades que reivindica ser muçulmana, sua religião é cheia de impurezas, 90 por cento delas é bida'a [inovação religiosa]. A idolatria, por exemplo: nós associamos em nossa devoção outras coisas que não Deus, e nem nos damos conta. Augúrios, por exemplo. Quando ajustamos nossa postura na frente de outras pessoas dentro de uma mesquita, isto é riya' [ostentação].

O EI ofereceu a Abdulsattar algo que ele não conseguia encontrar sob o Assadismo ou o Exército Sírio Livre. Ofereceu a ele um Islã "purificado".

— Quando você se encontra com um clérigo ou um estrangeiro com o EI, e ele senta-se com você por duas horas, vá por mim, você será convencido — ele continuou. — Não sei, eles têm um jeito estranho de persuadir as pessoas. Quando eles controlam uma área, eles impõem a religião à força, você tem de rezar, queira ou não. Nós estávamos todos desatentos à obrigação mais importante no Islã — jihad. Eles lançaram luz sobre a jihad. Toda vez que você vir um vídeo deles, você terá uma sensação estranha que o empurra na direção da jihad.

Mesmo aqueles vitimizados ou perseguidos pelo EI atestam sobre o "poder de persuasão" do grupo.

Abu Bilal al-Layli era o responsável pelo financiamento do Exército Sírio Livre em sua cidade natal, Albu Layl em deir Ezzor. Quando o EI chegou, ele partiu para a Turquia. Os jihadistas queimaram a sua casa e o colocaram em uma lista de procurados. Ele os vê como um bando de bandidos analfabetos que têm uma compreensão distorcida da religião, mas, mesmo assim, ele admira sua capacidade de persuadir jovens e velhos, particularmente aqueles com pouca formação religiosa.

— O EI usou dinheiro e um discurso de justiça e guerra contra ladrões para atrair pessoas. Para alguns, isso funcionou. Nas nossas áreas, você vê pessoas ansiando pelo Islã e querendo alguém para combater... haramiya [ladrões]. Eles compraram a ideia do "Estado Islâmico", achando que os jihadistas eram honestos. Aqueles que se juntaram ao Daesh mal haviam memorizado alguns versos do Alcorão. Eles não tinham base religiosa. Eles foram simplesmente atraídos pelo poder da persuasão.

O noviço

Hamza Mahmoud era um garoto de quinze anos de uma família próspera em Qamishli, na região norte da Síria. Os pais de Hamza ficaram sabendo que ele aderiu ao EI após ele começar a desaparecer de sua casa por longos períodos no verão de 2014. Após muitas tentativas fracassadas para evitar que ele retornasse ao grupo, um dos seus irmãos disse, o pai de Hamza deliberadamente quebrou uma de suas pernas. Assim que ele ficou bom, ele deixou o lar de sua família novamente e cortou a comunicação direta com seus pais. De acordo com seu irmão, Omar, Hamza recusava-se a falar com a sua família temendo que os choros de sua mãe ou as admoestações de seu pai influenciassem a sua decisão de permanecer com o EI. Ele só se comunicaria com seus irmãos que estavam fora do país.

Durante uma conversa via Skype organizada pelos autores, Omar tentou persuadir Hamza a abandonar o EI e voltar para casa, sem resultados.

— Hamza, isto não está certo, você ainda é jovem, este grupo é equivocado — Omar lhe disse. — Nada no Islã pede pelo assassinato e violência.

Hamza respondeu, em um arábico mecânico, mas clássico, citando Hadith e versos para validar atos perpetrados por seus novos mestres. Também, ele insistiu, a descrição comum do EI era tendenciosa e errada.

— Não acredite em tudo que você ouve na mídia — disse Hamza. — Os irmãos são verdadeiros muçulmanos. Eles não estão fazendo nada, a não ser a coisa certa. Se você vir o que eu vejo e ouvir o que eu ouço, você saberá.

Omar então disse a Hamza que a Síria tem pessoas de várias seitas e religiões que viveram lado a lado por séculos. Hamza ficou particularmente chocado quando seu irmão acrescentou que entre seus amigos que estavam vivendo na mesma residência haviam alauitas e yazidis.

— Você tem yazidis junto de você? — respondeu Hamza. — Mate eles e aproxime-se de Deus.

O curdo

A ideia de que um curdo aderiria ao EI parece um contrassenso, levando-se em consideração que os escalões superiores da organização estão repletos de ex-saddamistas do regime Baathista que foi responsável por uma campanha genocida contra os curdos. Mais recentemente, o EI atacou vilarejos e cidades curdas, como Kobane, na fronteira síria-turca, e cercou Erbil, a capital do Governo Regional do Curdistão iraquiano, antes de ter o seu avanço detido pelos ataques aéreos norte-americanos em agosto de 2014. Milícias curdas na Síria e Iraque, incluindo os peshmerga iraquianos e as Unidades de Proteção ao Povo (UPP), são consideradas secularistas e marxistas respectivamente, e, portanto, marcadas para morrer. E enquanto outras insurgências sunitas com forte composição Baathista — particularmente o Exercito Naqshbandi de al-Douri — tentaram e, na maior parte, fracassaram em recrutar curdos, não apenas o EI foi bem-sucedido, como ele encontrou um sucesso extraordinário no mesmíssimo local do genocídio de Saddam, a cidade iraquiana de Halabja.

O porta-voz do EI, Abu Muhammad al-Adnani, justificou a campanha contra o povo mais numeroso sem estado do Oriente Médio nos seguintes termos: “Nossa guerra com os curdos é uma guerra religiosa. Não é uma guerra nacionalista — nós buscamos o refúgio de Alá. Não combatemos os curdos porque eles são curdos. Em vez disso, nós combatemos os descrentes entre eles, os aliados dos cruzados e dos judeus em sua guerra contra os muçulmanos... os curdos muçulmanos nas tropas do Estado Islâmico são muitos. Eles são os combatentes mais determinados contra os descrentes entre o seu povo”. Enfatizando o ponto, e também aumentando a cisão entre os curdos mais ainda, em outubro de 2014, consta que um dos “curdos muçulmanos” do EI, Abu Khattab al-Kurdi, estava liderando a batalha dos jihadistas contra as UPP em Kobane. Ele teve a adesão de outros curdos de Hasaka, Aleppo e o norte de Raqqa.

Por que os curdos estão aderindo ao EI? Hussain Jummo, o editor político do jornal Al Bayan baseado em Dubai, e um analista proeminente da política curda, oferece a explicação mais plausível. Após o massacre de Halabja de Saddam, muitas famílias na cidade foram deixadas empobrecidas enquanto outras construíram casas novas e seguiram com suas vidas como antes.

Caridades que foram iniciadas e tinham a intenção de cuidar das vítimas dos ataques químicos eram fundamentalmente salafistas em sua orientação, e organizadas e financiadas por patrocinadores de estados do

Golfo, incluindo a Sociedade para o Renascimento da Cultura Islâmica do Kuwait, que foi acusada pelos Estados Unidos de financiar a al-Qaeda. Então após décadas de trabalho religioso nas regiões curdas do Oriente Médio, Halabja tornou-se o epicentro do Islamismo Curdo. (Lembre-se, também, que o primeiro ponto de desembarque de al-Zarqawi no Iraque foi via Ansar al-Islam, a afiliada da al-Qaeda, nas montanhas do Curdistão do norte.) Na Síria, a virada curda para o EI foi menos comum, embora tenha ocorrido. Curdos sírios são predominantemente seculares ou sufis da ordem Khaznawi, assim chamada devido à família que a inaugurou. No entanto, nós falamos com dois curdos de Aleppo e Hasaka que disseram que foram levados ao EI devido à filosofia pan-sunita, em vez de pan-árabe, da organização. Um membro curdo do EI de Hasaka contou, para os autores, uma conversa que ele teve com um recrutador do EI um pouco antes de aderir ao grupo. O recrutador disse a ele que Jabhat al-Nusra, que àquela altura havia se desvinculado do EI, era essencialmente uma organização "árabe", em vez de islâmica. Na realidade, o EI era cego para a questão étnica, ele disse, e atentava somente para a verdadeira fé.

De uma maneira muito parecida, o EI também atraiu grandes números da minoria turcomena, que sofreu uma grande discriminação e repressão sob regimes árabes déspotas. Membros turcomenos do EI foram fundamentais para o crescimento da organização em Mosul e nas áreas circundantes. O assistente de al-Baghdadi, Abu Muslim al-Turkmani, que dizem ter sido morto em dezembro de 2014, é turcomeno.

Os ultras Sednaya

Uma estirpe particular de takfiris domina os escalões médios e superiores do EI, subscrevendo a um conjunto restrito de dogmas doutrinais em discordância com a ideologia mais expansiva e acolhedora descrita anteriormente. Abu al-Athir al Absi, o ex-prisioneiro Sednaya que foi solto sob a anistia geral de al-Assad, é o perfeito estudo de caso nesta categoria.

Al-Absi formou um grupo, Usud al-Sunna ("Leões Sunitas"), no interior de Aleppo logo após ser solto; ele então tornou-se fundamental na obtenção do apoio para o EI após a sua separação do Nusra em 2013. Al-Absi assumiu uma linha dura contra outros grupos islamitas e jihadistas muitos meses antes do EI ser formado — uma posição que, muitos dizem,

foi uma extensão do conflito ideológico entre os jihadistas na prisão de Sednaya (embora isto também possa estar vinculado ao fato de que al-Absi culpa muitos dos grupos pela morte de seu irmão Firas).

De acordo com Wael Essam, que encontrou al-Absi após o começo do levante sírio, o jihadista considerava muitos dos seus ex-colegas detentos em Sednaya como sendo kuffar, incluindo aqueles que agora lideravam brigadas e batalhões islamitas rivais na Síria. Por quê? Porque eles recusavam-se a chamar de descrentes os governantes muçulmanos taghut (tirânicos ou falsos) no Oriente Médio, assim como a maioria dos muçulmanos na região. Também, explicou al-Absi, esses islamitas aquiesceram à rendição de Sednaya às autoridades sírias após o motim sangrento de 2008.

Al-Absi e seu grupo orbitavam ao largo dos salafistas em Sednaya. Poucos dos detentos compartilhavam de sua ideologia radical ou aderiram a eles para desafiar o regime mesmo após ele ter reunido soldados da 4ª Divisão Armada do lado de fora de sua ala.

As tensões entre o EI e outros grupos jihadistas e islamitas na Guerra Civil Síria podem ser vistas como a retomada de uma discussão que ocorreu atrás das grades nos anos anteriores. Abu Adnan, um oficial de segurança no EI, nos disse que a maioria das brigadas e batalhões islamitas rebeldes foram formados como reuniões insurgentes dentro das várias alas da prisão.

— Eles não se reuniram simplesmente — ele disse. — Todos esses homens se conheciam, e as facções que foram formadas mais tarde já tinham o pessoal e a infraestrutura ideológica estabelecidos. Os conflitos de personalidade e diferenças políticas continuaram.

Abu Bakr al-Baghdadi visitou a Síria no fim de 2012. Al-Absi foi um dos seus mais ferrenhos defensores e um dos mais entusiasmados proponentes da declaração de um califado islâmico, ajudando al-Baghdadi a assegurar o compromisso de lealdade de vários combatentes al-Nusra, assim como outros jihadistas e militantes parte, então, de insurgências rivais na Síria.

Os indecisos

Outra categoria de recrutas do EI consiste daqueles que já tinham visões islamitas ou jihadistas, mas haviam se limitado a apenas orbitar a

ideologia takfiri. A atração gravitacional final, por assim dizer, diferiu dependendo da circunstância. Alguns aderiram pela simples razão de que o EI tomou os seus territórios e tornou-se a única ação islamita disponível para se aderir. Outros ficaram simplesmente impressionados com o poder militar do EI em campanhas contra facções rebeldes rivais. Ainda outros se descontentaram com suas insurgências originais e consideraram o EI mais organizado, disciplinado e capaz.

Para os que poderiam ser chamados de "extremistas aficionados", a experiência de conversão dificilmente é tão avassaladora ou compreensiva quanto ela o foi para homens como Abdulsattar.

Eles tenderam a aderir ao EI aos poucos vindos das tropas de grupos com tendências islamitas e da Frente Islâmica no Iraque e na Síria, em consequência de disputas de liderança, ou da Sahwa síria que irrompeu no final de dezembro de 2013 e fracassou.

A tendência das defecções para o EI foi mais visível em setembro de 2014. Foi naquele mês que uma dúzia de facções islamitas, incluindo al-Nusra, emitiu uma declaração conjunta condenando a Coalizão Nacional Síria apoiada pelo Ocidente, o braço político da oposição, e clamou por unidade sob "uma estrutura islâmica". Em outubro, sete grupos islamitas formaram então a Frente Islâmica e emitiram uma declaração rejeitando a democracia em favor de um sistema baseado na shura islâmica.

Através deste período, o EI teve ganhos significativos ao nível ideológico. Muitos islamitas tinham dificuldade em se reconciliar com a ideia de combater um grupo salafista como eles — uma posição compartilhada por muitos sírios comuns, que acreditavam que qualquer desvio do conflito principal contra o regime de al-Assad e seus testas de ferro iranianos equivalia à traição. Membros mais jovens da Frente Islâmica em particular acalentavam crenças religiosamente mais reacionárias e subscreviam mais ardentemente ao discurso jihadista de estabelecer um estado islâmico. Alguns comandantes da Frente Islâmica, na realidade, forneciam proteção aos comboios do EI ou simplesmente recusavam-se a voltar suas armas contra eles. A desunião apenas beneficiou o EI.

Liwa Dawud, um dia a subfacção mais poderosa dentro da brigada da Frente Islâmica conhecida como Suqour al-Sham (Falcões do Levante), viu em torno de mil dos seus combatentes pularem do seu barco para o EI em julho de 2014.

Cada vez mais, combatentes da Frente Islâmica e do al-Nusra migraram para o EI à medida que a franquia ampliou sua expansão tanto na Síria, quanto no Iraque.

O EI beneficia-se da ausência de um discurso jihadista "sírio" para acompanhar a violência cada dia maior em uma nação destruída pela guerra e que até agosto de 2014 já tivera aproximadamente duzentas mil mortes. Islamitas sírios estabelecidos, especialmente a Irmandade Muçulmana, afastaram-se da adoção de um discurso desta natureza e apresentaram-se em vez disso como parte do movimento pró-democracia dominante, embora apoiassem financeira e politicamente facções islamitas rebeldes. Mesmo o al-Nusra, até certo ponto, posicionou-se como uma ramificação "nacionalista" sem ambições internacionais. Esta hipocrisia significou que o EI mais ou menos tinha o monopólio da narrativa salafista-jihadista global, assim como sua visão intoxicante de conquista mundial.

Os políticos

Na realidade, quanto mais próximo o EI chegou de realizar suas ambições territoriais, menos a religião teve parte em impelir as pessoas a aderirem à organização. Aqueles que dizem que são seguidores do EI como um projeto estritamente político formam uma porcentagem considerável dos seus escalões inferiores e base de apoio.

Para as pessoas nesta categoria, o EI é a única opção em oferta para os muçulmanos sunitas que tiveram uma sorte terrível na década anterior — primeiro, perdendo controle do Iraque e agora sofrendo atrocidades país afora, que muitos chamam de genocídio, na Síria. Eles veem a luta no Oriente Médio como uma luta entre sunitas e uma coalizão liderada pelo Irã, e eles justificam a ultraviolência como uma ferramenta necessária para contrabalançar ou deter a hegemonia xiita.

Esta categoria muitas vezes inclui os altamente educados.

Um exemplo é Saleh al-Awad, um advogado secular de Jarablous, Hasaka, que era um duro crítico do EI antes de decidir que ele era o único bastião contra o expansionismo curdo na sua região. Saleh participou do movimento de protesto pacífico contra al-Assad e foi um defensor da mudança democrática na Síria. "Nós estamos cansados, todos os dias eles

[EI] cortam quatro ou cinco cabeças em nossa cidade", ele nos disse antes de sua experiência de conversão ter ocorrido.

Alguns meses após esta conversa — em torno da mesma época em que o EI começou a sitiar Kobane — Saleh disse que havia aderido aos decapitadores.

Um grande número de árabes em Hasaka compartilha de visões similares à de Saleh. Um residente influente da província disse que "milhares" adeririam ao EI amanhã se ele invadisse a cidade e a capital provincial de Hasaka, devido a temores sobre o que poderia acontecer a eles sob o domínio curdo.

Uma dinâmica similar existe em comunidades misturadas próximas de Bagdá, como Baqubah, e em Homs e Hama, onde as tensões sectárias moldam as orientações políticas das pessoas.

Uma dúzia de árabes afiliados ao EI que se conforma com esta categoria política pode até ser descrita como secular ou agnóstica (muitos disseram que não rezam ou frequentam a mesquita), e expressaram objeções profundas a nós sobre as atrocidades sendo cometidas pelo EI. Mesmo assim, eles o veem como o único grupo armado capaz de atacar os regimes e milícias "antisunitas" na Síria, Iraque e além. Como justificativa, Salim nos disse que a violência sempre fez parte da história islâmica e sempre precede o estabelecimento de fortes impérios islâmicos, incluindo os Ummayads, Abássidas e o segundo reino Ummayad na Espanha moderna.

Este sentimento de abatimento, ou injustiça, sentido por muitos sunitas que agora se identificam como uma comunidade perseguida e combatida, é conhecido em arábico como madhloumiya, um conceito historicamente associado com os xiitas, para quem o sofrimento faz parte de seu discurso religioso. Igualmente paradoxal é que, mesmo onde os sunitas estão na maioria, eles passaram a se comportar como uma minoria insegura. Os xiitas nessas áreas, em comparação, parecem mais decididos, confiantes e bem organizados, sem dúvida graças ao apoio iraniano e à formação de milícias em suas comunidades pela Força Quds de Qassem Suleimani. Militantes xiitas, como nós vimos, estão cruzando fronteiras nacionais tanto quanto seus colegas sunitas para participar em uma guerra santa.

Os sunitas sentem-se atacados — por al-Assad, Khameini e até há pouco tempo, por al-Maliki — e desprovidos de quaisquer líderes políticos comprometidos ou confiáveis. Seus centros de poder religiosos e políticos, enquanto isso, são percebidos como cúmplices, politicamente fracos,

desacreditados ou omissos: os estados do Golfo Pérsico, que têm maiorias sunitas ou governos liderados por sunitas, foram reduzidos a implorar aos Estados Unidos por intervenção.

O EI explorou este sentimento de mágoa e vulnerabilidade sectária com uma distante segurança.

Da mesma forma que al-Zarqawi podia apontar para a Brigada Badr em 2004, al-Baghdadi pode apontar agora para as atrocidades antisunitas sendo cometidas pela Força de Defesa Nacional, Asa'ib Ahl al-Haq, o Hezbollah libanês ou, realmente, a Brigada Badr na Síria e/ou Iraque, e apresentá-los como prova de que os sunitas não têm esperança, a não ser o califado.

Pragmáticos

Em áreas totalmente controladas pelo EI, os pragmáticos apoiam o grupo porque ele é efetivo em termos de governança e fornecimento de serviços básicos como saneamento e distribuição de alimentos (embora isso possa estar terminando). O EI estabeleceu uma aparência de ordem nestes territórios "governados", e as pessoas veem as alternativas — al-Assad, o governo iraquiano ou outras milícias — como muito piores. Para aqueles cansados de anos de guerra civil, a capacidade de viver sem crime e desordem vence quaisquer regras draconianas que o EI tenha imposto.

Membros desta categoria às vezes mantêm sua distância do EI, para evitar problemas, enquanto outros na realidade buscam áreas onde dizem que o EI não está cometendo atrocidades.

Abu Jasim, um clérigo que aderiu ao EI após o grupo ter destruído a sua casa na região leste da Síria no verão de 2004, disse que ele deliberadamente evitaria detalhes a respeito do que o EI fez ou deixou de fazer.

— Eu os vejo deixando as pessoas sozinhas se ninguém se meter com eles — Abu Jasim nos disse.

— Tudo que eu faço é ensinar as pessoas a sua religião, e espero ser recompensado por Deus pelo que eu faço.

Os oportunistas

Há também aqueles que foram atraídos para o EI em grande parte devido à ambição pessoal. Os oportunistas tendem a servir na tropa do grupo, assim como em suas estruturas de comando de baixo nível. Eles aderem ao EI para solapar um grupo rival, crescer na cadeia de uma força política e militar dominante, ou simplesmente adiantar-se à justiça brutal do grupo por alguma ofensa ou crime passados que eles possam ter cometido contra o EI.

Saddam al-Jamal, por exemplo, foi um dos comandantes do Exército Sírio Livre mais poderosos na região leste da Síria. Após seu grupo rebelde anterior, a Brigada Allahu Akbar, ter sido derrotado pelo al-Nusra, que matou dois de seus irmãos, al-Jamal jurou lealdade ao EI.

Aparentemente não foi dada importância ao fato de que ele tinha uma reputação como traficante de drogas.

Aamer al-Rafdan aderiu ao EI após o seu rompimento com o al-Nusra, devido fundamentalmente a uma disputa que ele teve com o último a respeito de receitas oriundas do petróleo — e também devido a uma rivalidade persistente entre a sua tribo e a tribo que havia sido dominada pelo al-Nusra em Deir Ezzor. Al-Rafdan mais tarde foi acusado pela organização de al-Jolani de ter roubado US$ 5 milhões em algodão.

Os combatentes estrangeiros

Fora do Iraque e da Síria, é claro, as motivações para aderir ao EI alteram-se drasticamente e são quase sempre alimentadas por sérios equívocos de interpretação a respeito do que está ocorrendo em qualquer um dos países.

O especialista em radicalização, Shiraz Maher, explicou como os aplicativos digitais ou plataformas de mídia como o Twitter, Facebook e, no contexto ex-soviético, VKontakte (a resposta russa ao Facebook) revolucionaram a propaganda de agitação jihadista. Grande parte do bate-papo online entre os recrutas do EI nascidos no Ocidente soa mais como uma sátira do grupo do que um compromisso sincero a ele: “O Estado Islâmico vende gel para o cabelo e Nutella em Raqqa?”. “Será que eu deveria levar um iPad para que a mãe e o pai soubessem que cheguei em segurança no califado?”. “Me disseram que vai haver um Velozes e Furiosos V”.

Em um artigo para o New Statesman, Maher fez a seguinte observação: “Durante a Guerra do Iraque, simpatizantes da al-Qaeda precisavam de acesso a fóruns protegidos por senhas, onde eles poderiam ficar sabendo sobre eventos no campo. Estes fóruns não eram fáceis de encontrar e o acesso era mais difícil de conseguir. Crucialmente, a maioria das conversas eram em arábico, uma língua desconhecida para a maioria dos muçulmanos britânicos”. Agora, cada muçulmano britânico que parte para combater na Síria ou Iraque torna-se um arrebanhador virtual ou oficial de recrutamento para mais recrutas como ele. Um exemplo foi Mehdi Hassan, um rapaz de vinte e um anos de Portsmouth que partiu para aderir ao EI e morreu combatendo na batalha de Kobane em novembro de 2014. Hassan na realidade havia se alistado juntamente com vários amigos de Portsmouth, todos eles atraídos pelas imagens impressionantes dos triunfos marciais do EI e sua descrição falsa da vida sob o domínio takfiri. Eles eram conhecidos como os “rapazes de Pompeu”, e, como escreveu Maher, “dos homens com quem ele viajou, apenas um ainda está combatendo: três estão mortos e outro está na prisão no Reino Unido”.

Em dezembro de 2013, o ICRS de Maher calculou que o número de combatentes estrangeiros sob o comando da oposição síria era de “até 11.000... de 74 nações”. A maioria deles aderiu ao EI ou outros grupos jihadistas, com alguns aderindo às principais facções do Exército Sírio Livre. A Europa ocidental, encontrou o estudo, era responsável por 18 por cento do total, com a França liderando entre as nações como o principal país doador para os jihadistas, seguida proximamente pela Inglaterra. Este número apenas cresceu, particularmente diante da guerra de coalizão dos Estados Unidos contra o EI; até setembro de 2014, a CIA calculou que havia quinze mil combatentes estrangeiros na Síria, dois mil deles eram ocidentais. No entanto, a tendência de imigração predominante tem sempre sido do Oriente Médio e do Norte da África, com a Arábia Saudita, Líbia e Tunísia sendo os países que mais fornecem militantes sunitas estrangeiros.

Jihadistas missionários que foram impelidos pelo sofrimento humano, de acordo com Maher, constituem uma pluralidade de britânicos que aderiram ao EI. Eles viam a jihad como uma obrigação para defender mulheres e crianças à medida que a guerra se arrastava na Síria, contou-nos Maher.

Dentro da Síria, uma tendência similar — de combatentes derivando para grupos extremistas — existiu desde meados de 2012, quando relatos de

civis sendo massacrados por milícias pró-Assad tornaram-se notícia internacional.

O impacto desses massacres sobre a psique dos sírios antiregime também foi imensa. Aqueles conscientes da sua própria radicalização tipicamente apontam para os massacres de Houla, al-Bayda e similares como a razão para sua conversão para facções rebeldes jihadistas e islamitas mais perto do fim de 2012. No entanto, nativos da Síria tendiam a se alistar em facções extremistas desenvolvidas em seu próprio país, em vez do EI mais próximo de estrangeiros. Mesmo assim, o EI beneficiou-se dos massacres assadistas em outro sentido: a maneira terrível como eles foram realizados, por exemplo, ajudou a criar algum nível de tolerância pelas decapitações, que foram aceitas por muitos sírios como uma retribuição contra o regime e suas milícias apoiadas pelo Irã.

Os massacres do regime mais notórios ocorreram tipicamente nas áreas onde vilarejos e povoados alauitas, sunitas e ismaili (outra ramificação xiita) localizavam-se lado a lado, pois isto encorajava sangrias de retaliação sectária. Eles também seguiam um padrão de ataque: um vilarejo seria bombardeado durante a noite pelo Exército Árabe Sírio, e na manhã seguinte, milicianos próximos dali o invadiriam. Armados com facas e armas leves, eles saíam matando indiscriminadamente, homens, mulheres e crianças. A morte era retratada como sistemática e impelida pelo desejo de vingança sectário. Vídeos de tortura também mostravam shabiha ou comitês populares, os precursores da Força de Defesa Nacional, zombando de símbolos sunitas e forçando as vítimas a afirmar a divindade de al-Assad e fazer outras declarações sacrílegas.

Maher observa uma segunda categoria de combatentes estrangeiros: aqueles buscando o martírio, que não querem nada mais além de realizar uma operação suicida e, desse modo, serem imortalizados nos anais do jihadismo. Para muitos combatentes estrangeiros dos estados do Golfo, a glorificação dos terroristas suicidas tem sido uma constante nos fóruns de chat e sites jihadistas desde que a AQI começou suas atividades. Cidadãos sauditas muitas vezes apontam para o fato de que muitos sauditas levam adiante esses sacrifícios pessoais para argumentarem que os líderes do EI discriminam seus compatriotas enviando-os para suas mortes, enquanto os iraquianos ficam com todas as posições de liderança para si.

O fator final levando os combatentes estrangeiros para o EI, de acordo com Maher, é puro desejo de aventurar-se. Viciados em adrenalina tendem a

ser muçulmanos não praticantes e são muitos usuários ou viciados em drogas, ou estão envolvidos com o crime e violência de gangues em seus países natais — de maneira muito parecida como o próprio al-Zarqawi estava na Jordânia antes de descobrir a mesquita. Partir para combater na Síria representa simplesmente outra "viagem" para esses tipos.

Após Mosul

Muitos entrevistados de outros países árabes admitiram que não seguiam os acontecimentos no Iraque e Síria de perto antes de começarem a apoiar o EI. Isso mudou após a queda de Mosul. Um islamita egípcio, por exemplo, nos disse que ele não tinha certeza de quais facções na Síria ou Iraque eram boas ou ruins, mas após o EI ter passado por cima de Ninewah, ele começou a conduzir "pesquisas" e descobriu que o estabelecimento do califado era "consistente com" as histórias profetizadas pelo profeta Maomé. Scott Atran, o antropólogo na Universidade de Michigan, contou um caso similar:

— Lembro de conversar com um imã na Espanha que disse: "Nós sempre rejeitamos a violência, mas Abu Bakr al-Baghdadi nos colocou no mapa. O califado não precisa ser violento. Ele pode ser simplesmente como a União Europeia!".

O distanciamento das realidades mundanas do EI deixou muitos árabes suscetíveis ao seu retrato exaltando a si mesmo como um movimento de resistência sunita inspirado pelos fundamentos e a antiga história islâmica. A fim de controlar a sua autoapresentação, o EI recorreu a um kit sofisticado de ferramentas de propaganda e desinformação.

11

DO TWITTER À DABIQ
Recrutando os novos mujahidin

“Não ouça falar de nós, ouça de nós”

Um tema que retorna em nossas conversas com membros do EI é a respeito de como a organização aperfeiçoou-se sobre os erros dos seus antecessores jihadistas ao não permitir que detratores na imprensa estrangeira moldassem percepções populares a respeito do grupo. “Não ouça falar de nós, ouça de nós” é uma frase que apareceu repetidamente no curso de nossas entrevistas com recrutas do EI.

Exagerando ligeiramente o poder da mídia social na ascensão do exército do terror, o ex-conselheiro de segurança nacional do Iraque, Mowafak al-Rubaie, disse à Al Jazeera que, em parte, graças ao Twitter e ao Facebook trinta mil soldados da Força de Segurança do Iraque largaram suas armas, fugiram de seus uniformes e deixaram Mosul livre para a tomada dos jihadistas.

Por mais exagerado que ele possa ter sido, al-Rubaie tinha alguma razão. Duas semanas antes da queda da cidade, o EI havia distribuído um de seus vídeos mais populares até hoje, intitulado Saleel al-Sawarin, ou Retinir das Espadas. Um exemplo característico de “pornografia jihadista”, ele demonstrou a capacidade ímpar do EI de produzir filmes de propaganda e recrutamento bem acabados e de uma hora de duração, apresentando exatamente o conteúdo que políticos e diplomatas ocidentais haviam esperado que dissuadissem a atração das pessoas ao grupo.

Um pregador brandindo um facão proclama o Estado Islâmico e avisa os kuffar e judeus de Jerusalém que os jihadistas estão vindo para pegá-los. Ele então lidera a destruição de passaportes.

Em cenas nós vemos os chamados Caçadores Rafidah passarem dirigindo por outros carros em uma estrada e atirando com suas armas no que eles dizem ser soldados xiitas a caminho de aderirem às suas unidades do exército iraquiano “Safavid”. Dentro dos veículos perfurados estão os corpos ensanguentados de dois rapazes em roupas civis; qualquer um que se

mexer leva tiros. Em outra cena, o EI atira em um fugindo deles. Ele está ferido, mas ainda vivo, e diz a eles: “Sou um motorista”. O filme então emenda a imagem dele deitando-se no chão com sua fotografia oficial do exército do Iraque. Ele é morto.

Uma mesquita em Anbar mostra o EI tomando o que parecem ser inscrições de civis desarmados.

O narrador explica que se você foi anteriormente um membro dos Conselhos do Despertar de Anbar, ou um político sunita alinhado com o governo iraquiano, você tem o direito de se “arrepender e parar de combater os mujahidin”. Se você o fizer, você receberá o “perdão” e todos os seus crimes passados contra o EI serão esquecidos — mas isso precisa acontecer antes que o EI “pegue você”. Da mesma maneira, quaisquer soldados ou policiais sunitas ou agentes do Mukhabarat são encorajados a desertar e entregar suas armas. “Você carregava as suas armas e andava com aqueles rafida, combatendo os seus filhos”, um combatente mascarado do EI diz a um grupo reunido dentro da mesquita. “Nós somos os seus filhos, nós somos os seus irmãos. Nós podemos proteger a sua religião e a sua honra”.

Retinir das Espadas também exibe a suposta onipresença do EI e sua rede de espionagem capaz de alcançar seus inimigos.

Os seus agentes trajam uniformes das Forças de Segurança do Iraque e atacam a casa de um comandante do Despertar. Eles são os “Caçadores Sahwat”. Quando o comandante é pego, ele diz que tem de ligar para o exército para verificar as identidades destes homens pois ele teme que eles realmente sejam do EI.

Logo na cena seguinte, dois garotos, os filhos de um comandante Sahwa, estão cavando um buraco gigante no chão. Eles explicam que o seu pai convenceu-os a trabalhar com o governo iraquiano. Então é a vez do pai deles cavar. Quando ele cambaleia, os mujahidin zombam dele: “Você não se cansava quando partiu para se tornar um comandante no Sahwa e trabalhava nos postos de controle”. Ele se dirige para a câmera, aconselhando qualquer um no Despertar a se arrepender. “Estou cavando a minha própria cova agora”, ele diz.

Um oficial de contraterrorismo de Samarra é interrogado em sua sala de estar. Então ele é levado para o seu quarto enquanto um combatente do EI, também trajado como um soldado do Iraque, tira os seus uniformes de segurança do seu guarda-roupa. O homem é vendado com um cachecol.

Então ele é decapitado.

Não muito ao nível de um filme de Leni Riefenstahl, O Retinir das Espadas, transmite mais do que adequadamente a sua mensagem para o seu público-alvo. O vídeo estreou bem quando grupos rebeldes na região leste da Síria e Aleppo — sahwats de uma safra mais recente — estavam combatendo o EI. Nenhuma dessas facções tinha qualquer coisa comparável para apresentar para os seus militantes ou para pessoas de fora sugerindo uma bravura ou unidade de propósito parecidas.

Para os iraquianos, se você fosse xiita em uma área infiltrada pelo EI, você ficava sem dúvida aterrorizado. Se você fosse sunita, por que se importar com aparecer para o trabalho como um soldado, policial ou vereador eleito se um simples juramento de fidelidade significava manter a sua cabeça pelo futuro próximo? O EI reivindicava ser inabalável e indomável. Muitos acreditaram nisso.

Twitando o califado

O Retinir das Espadas foi postado no YouTube várias vezes (embora tenha sido tirado dele tantas vezes quanto), e em sites de compartilhamento de arquivos como o archive.org e o justpaste.it, e pesadamente promovido por membros do EI e fãs (seguidores ou entusiastas não afiliados) no Twitter e Facebook. Isto não apenas aumentou a sua audiência através do crowdsourcing, como também ajudou a abafar os antagonistas e críticos.

— Todos deveriam saber que não somos quem eles pensam que somos — um ativista de mídia do EI em Aleppo nos disse no que tornou-se um refrão comum. — Nós temos engenheiros, nós temos médicos, nós temos excelentes ativistas de mídia. Nós não somos uma tanzim [organização], nós somos um estado.

Colocando de lado este triunfalismo, a propaganda do EI sofre da mesma deficiência inata de toda comunicação messiânica ou de um culto: a criação de falsas expectativas que inevitavelmente levam a um anticlímax e desilusão. Como Shiraz Maher coloca a questão, descrevendo a condição geral da guerra sob circunstâncias menos fanáticas:

— Um monte de jihadistas estrangeiros chega à Síria e após alguns dias ou semanas começam a reclamar sobre o tempo em que ficam parados e o tédio. Os vídeos dramatizam exageradamente a experiência para eles.

Nós descobrimos que uma das ferramentas de mídia social menos investigada utilizada pelo EI é o Zello, uma aplicação codificada para smartphones e computadores que permite que os usuários estabeleçam canais para compartilhar mensagens de áudio. Seguidamente utilizado por ativistas pró-democracia no Oriente Médio para esconderem-se do escrutínio de um governo autoritário, Zello recentemente foi redirecionado pelo EI como um simples guia "passo a passo" para fazer bayat a al-Baghdadi, graças a um proeminente usuário pró-EI, Ansar al-Dawla al-Islamiya. A aplicação essencialmente transforma os telefones móveis em aparelhos transmissores portáteis, através dos quais qualquer pessoa curiosa a respeito do EI ou querendo aderir ao grupo pode ouvir a sermões por clérigos afiliados com transmissão simultânea como o culto de uma igreja cristã evangélica poderia ser.

Incrivelmente fácil de usar, Zello é bastante popular entre o público mais jovem do EI. De acordo com Ahmed Ahmed, um jornalista sírio de Sahl al-Ghab, Hama, dois garotos do seu vilarejo aderiram ao EI após ouvirem sermões através do Zello. Mohammed, um garoto de quatorze anos que trabalhava no sul da Turquia, desapareceu ao cruzar a fronteira em Bab al-Hawa em outubro de 2014. Respondendo a um pedido de ajuda do pai de Mohammed, Ahmed compôs um post no Facebook pedindo aos seus amigos e seguidores por qualquer informação sobre o garoto. Uma hora mais tarde, Ahmed nos disse, Mohammed ligou para os seus pais da fronteira do Iraque e disse: "Estou com os irmãos".

O pai de Mohammed ficou chocado em ouvir a notícia e mais tarde disse a Ahmed que o seu filho ouvia regularmente os sermões do EI através do Zello.

— O seu pai o avisou a respeito deles e disse a Mohammed que se tratavam de mentirosos. Mas o garoto respondia que ele só queria ouvir o que eles estavam dizendo. A maioria dos jovens adere ao EI após ouvirem os seus sermões.

O EI também tem meios offline para fazer a lavagem cerebral da juventude. Em maio de 2014, o grupo sequestrou 153 alunos de uma escola entre as idades de treze e quatorze anos em Minbij enquanto eles viajavam de volta para sua cidade natal de Kobane, após terem feito provas em Aleppo. O EI colocou os garotos em um campo de treinamento Sharia e os manteve reféns por meses, liberando-os no mês de setembro seguinte. De acordo com dois jornalistas de Hama próximos das famílias dos

sequestrados, alguns dos garotos escolheram ficar e tornarem-se membros do EI mesmo após receberem a oportunidade de retornar para suas famílias.

Um parente de um desses recrutas contou de como o seu primo recusou-se a retornar com a sua mãe apesar do conselho contrário de um emir do EI local. A mãe havia dito ao emir que o garoto, Ahmed Hemak, era seu filho único e que o seu marido estava morto, o que, de acordo com os ensinamentos islâmicos, deveria ter compelido o garoto a permanecer com a sua mãe. Mas ele havia se tornado um convertido obstinado e não desejava abandonar o movimento.

Fim dos tempos

Em grande parte do seu discurso público, o EI se apoia na escatologia islâmica em busca de legitimidade e mobilização. Um hadith atribuído ao Profeta Maomé sobre uma batalha do fim dos tempos entre muçulmanos e cristãos em Dabiq, uma cidade na região rural de Aleppo, é um ponto de referência frequente — tão difundido que o nome da revista de propaganda do EI é uma homenagem a ele. Nos vídeos, este hadith é recitado por al-Zarqawi enquanto um jihadista do EI marcha, em câmera lenta, segurando uma bandeira negra: "A centelha foi acesa aqui no Iraque e seu calor continuará a intensificar-se, com a permissão de Alá, até que ela queime o exército cruzado em Dabiq". Ele também abre cada edição do Dabiq como um lema equivalente a "Todas as notícias que merecem ser publicadas." [09]

De maneira muito semelhante aos seus antecessores Baathistas, o EI conseguiu transformar a opinião de fora ou do inimigo a respeito de si em parte da sua luta histórica mundial. Por exemplo, o anúncio em agosto de 2014 de uma coalizão internacional para combater o EI na Síria foi saudado como um sinal de que a profecia islâmica estava próxima de se realizar, especialmente à medida que ele seguiu-se à declaração de um califado, outro evento previsto pelo Profeta. De acordo com um hadith famoso, Maomé explicou aos seus seguidores que, após ele, um califado moldado na profecia seria estabelecido, e isto então seria seguido por um reino coercitivo e um governo tirânico. Finalmente, outro califado modelado na profecia seria estabelecido. Ambas as organizações islamita e jihadista

seguidamente usam este hadith para querer dizer que um califado substituirá os regimes tirânicos no mundo árabe.

O EI emprega o simbolismo islâmico para animar seus combatentes e atrair simpatia dos muçulmanos fora de sua órbita. Al-Baghdadi reivindicou ser um descendente de Hussain, o neto do Profeta, que é uma precondição estabelecida por muitos eruditos islâmicos para que alguém reivindique legitimidade para governar muçulmanos. O uso do EI de histórias de linhagem é particularmente importante nas suas discussões com colegas jihadistas, para quem essas genealogias são profundamente evocativas e podem mobilizar a juventude muçulmana em torno de um projeto iminente. A frustração com as abordagens mais gradualistas para se criar um estado islâmico endossadas por, digamos, a Irmandade Muçulmana, às vezes leva os islamitas a olharem para o EI como uma alternativa. O fato de que ele já anunciou o califado significa que o trabalho mais difícil já foi feito; muçulmanos podem aderir e combater por sua sobrevivência e expansão, mesmo sem viajar para o Iraque e a Síria.

Então há a questão das próprias terras sobre as quais o suposto califado foi fundado. Al-Sham refere-se tanto a Damasco, quanto à Grande Síria (um território antigo que engloba a maior parte da região norte do Levante contemporâneo, incluindo a cidade turca de Antakya) e foi descrita pelo Profeta Maomé como "abençoada" e "a terra da ressurreição". O Iraque e a Síria foram os berços dos primeiros impérios muçulmanos, e os locais de nascimento de muitos dos profetas de Deus, assim como os locais de enterro de muitos dos companheiros do Profeta. Eles também são os locais para o fim dos tempos previsto por Maomé. Esses símbolos são usados como munição para o EI promover a sua ideologia e ganhar legitimidade entre os muçulmanos conservadores, e são mais efetivamente utilizados para públicos divorciados da realidade do dia a dia do controle do EI.

Jihad polida

O conteúdo do Dabiq, que nós citamos através deste livro, explica a missão essencial do EI e o seu comportamento através de um prisma escatológico. A introdução da escravidão sexual, por exemplo, foi defendida pelos editores como um dos sinais de "a Hora", significando o Dia do

Julgamento. De acordo com um hadith, o apocalipse virá quando uma "escrava der a luz ao seu mestre".

A abolição da escravatura, então, tornaria a realização desta profecia impossível. Então o Dabiq conclui: "Após isso, fica claro onde al-Adnani [porta-voz do EI] tira sua inspiração ao dizer 'e assim nós prometemos a vocês [ó cruzados] com a permissão de Alá que esta campanha será a sua campanha final. Ela será interrompida e derrotada, da mesma maneira que todas as suas campanhas anteriores foram interrompidas e derrotadas, exceto que desta vez nós atacaremos vocês depois disso, e vocês jamais nos atacarão. Nós conquistaremos Roma, quebraremos suas cruzes e escravizaremos suas mulheres, com a permissão de Alá, o Louvado. Esta é a Sua promessa a nós'".

Muitas das práticas que o EI reviveu têm a intenção de serem toques de aviso da profecia islâmica, incluindo a explosão de santuários e jogar homossexuais do topo de prédios. Um dos governadores do EI, Hussam Naji Allami, que foi capturado por Forças de Segurança do Iraque em 2014, emitiu uma fatwa ordenando a demolição de santuários em Mosul apoiado na premissa de que um hadith havia pedido isso. Em uma entrevista para o jornal iraquiano Al-Sabah, Allami disse que ele emitiu a fatwa em resposta a uma crítica, nomeadamente da al-Qaeda, sobre a ilegitimidade do EI por não ser o "califado modelado de acordo com a metodologia do Profeta" previsto.

Qualquer que seja a perversão ou barbaridade, o EI tem uma justificativa à mão. A facilidade de venda da sua visão sombria não pode ser subestimada. Recentemente, o Departamento de Estado dos Estados Unidos criou uma conta no Twitter chamada "Think Again Turn Away". Ela envia fotografias de atrocidades e vítimas do EI, assim como links para notícias as descrevendo. Ela também confronta contas pró-EI, na realidade importunando-as. Desse modo, em oposição à @OperationJihad, que escreveu para nenhuma pessoa em particular, citando um hino jihadista: "Não temos nada a alcançar neste mundo, a não ser o martírio, nas montanhas seremos enterrados e a neve será nossa mortalha", o Departamento de Estado replicou: "Muito mais honroso dar a um garoto sírio um par de botas do que tirá-lo de casa para a neve c/ sua busca pela morte".

@OperationJihad não se importou em responder.

Três dias antes, enquanto o mundo se recuperava da matança terrorista dos jornalistas do Charlie Hebdo em Paris, o EI ou algum contingente dos seus apoiadores parece ter invadido as contas do Twitter e YouTube do CENTCOM, postando documentos militares e ameaças jihadistas, incluindo um Tweet ameaçador que dizia: “SOLDADOS NORTE-AMERICANOS, ESTAMOS CHEGANDO, CUIDEM-SE”. Embora a Casa Branca não tenha dado importância ao incidente, chamando de um ato de “cibervandalismo”, menos inócuo foi um dos documentos que os hackers do “CyberCaliphate” divulgaram: uma planilha intitulada “Lista de Generais do Exército Aposentados”, que trazia os nomes, datas de aposentadoria e endereços de e-mail de generais do exército norte-americano. Postar informações pessoais como essas em plataformas públicas é conhecido como doxxing.

Scott Atran é um dos muitos analistas que acredita que o governo norte-americano não compreendeu adequadamente o apelo do EI para aqueles mais suscetíveis a serem atraídos para ele.

— Nós seguimos ouvindo que o antídoto é pregar o Islã moderado. Eu digo às pessoas no Conselho de Segurança Nacional: “Vocês não têm filhos? Alguma coisa moderada interessa a eles?”.

12

DIVÓRCIO
A al-Qaeda se separa do Estado Islâmico

Ao final de dezembro de 2014, o EI publicou sua sexta edição do Dabiq. A história da capa prometia um "testemunho de dentro" da base natal de operações da al-Qaeda, a região do Waziristão no sul do Paquistão. Escrito por um homem chamado Abu Jarir al-Shamali, um ex-companheiro de Abu Musab al-Zarqawi, o artigo era mais um "olhar de tristeza do que raiva" para a degeneração do que fora um dia um empreendimento jihadista nobre. Al-Shamali disse que viajou para o Waziristão após ser solto de uma prisão iraniana em 2010. Ele esperava encontrar um emirado islâmico orgulhoso: "Achei que os mujahidin eram quem tomavam as decisões lá e que as leis da sharia eram implementadas por eles. Mas em vez disso, tristemente, a lei dominante eram as leis tribais". Crianças estavam estudando nas escolas "secularistas do governo"; estradas pavimentadas indicavam que Islamabad ainda tinha bastante controle do território; e mulheres interagiam com homens, "tornando o movimento dos irmãos mujahidin difícil no caso de uma ação militar súbita". Resumindo, o emirado da al-Qaeda era uma jogada perdida. Além disso, explicou al-Shamali, a traição dos mujahidin no Paquistão, principalmente Ayman al-Zawahiri e "seus camaradas que deixaram a arena de Waziristão carregando mensagens secretas e privadas", havia criado uma cisão dentro do Estado Islâmico do Iraque, o que levou a uma guerra civil dentro de uma guerra civil na Síria. Jabhat al-Nusra estava subitamente combatendo o EI.

Al-Nusra em guerra na Síria

Até agosto de 2012, a inteligência norte-americana estimou que a al-Qaeda tinha aproximadamente 200 operativos na Síria, uma minoria do total de formações rebeldes combatendo o regime. Mas, como relatou a Associated Press, suas "unidades [estão] espalhando-se de cidade para cidade, com veteranos da insurgência do Iraque empregando sua

especialidade na preparação de bombas para realizar mais de duas dúzias de ataques até o momento". E a exortação de al-Zawahiri havia dado certo, como disse o alto oficial de contraterrorismo do Departamento de Estado, Daniel Benjamim, "há um grupo maior de combatentes estrangeiros... que já estão na Síria ou indo para o país" — embora ele dissesse que os grupos rebeldes apoiados pelo Ocidente — "nos asseguraram que eles estão sendo vigilantes e não querem ter envolvimento algum com a al-Qaeda ou com extremistas violentos".

Esta vigilância seria severamente testada à medida que as brigadas e batalhões do Exército Livre da Síria continuavam a reclamar a respeito de sua falta de recursos em relação aos jihadistas. A esta altura, os Estados Unidos estavam enviando "ajuda não letal" para a oposição na forma de transmissores portáteis, óculos de visão noturna e refeições rápidas. Combatentes do Exército Livre da Síria tinham de contar com quaisquer armas que os desertores militares em seu meio traziam consigo do exército sírio: estoques confiscados de instalações atacadas do regime e compras do mercado negro onde os preços mesmo de armas "leves" como Kalashnikovs, foguetes lançadores de granadas e munição haviam inflacionado devido à alta demanda. Os rebeldes também estavam cada vez mais dependentes de armas compradas para eles pela Arábia Saudita e Qatar, dois estados do Golfo com agendas antagonistas e uma disposição de trabalhar com combatentes islâmicos considerados detestáveis para o Ocidente.

Uma faceta pouco explorada da Guerra Civil Síria foi como uma guerra de lances altamente competitiva por armas, por combatentes naturalmente inclinados para o nacionalismo ou secularismo, acelerou sua radicalização, ou pelo menos sua demonstração de terem sido radicalizados. Em uma pesquisa da oposição realizada pelo Instituto Republicano Internacional (IRI) e Pechter Polls de Princeton em junho de 2012, rebeldes deixaram claras suas intenções para uma Síria pós-Assad. A pesquisa mostrou que 40 por cento queriam um governo transicional em Damasco, levando a eleições; 36 por cento disseram que queriam uma assembleia constituinte, como na Tunísia pós-revolucionária, levando a eleições. Mas isso mudaria lentamente, ou pelo menos pareceria que sim. Em Antakya — que no verão de 2011 havia se tornado um ponto de convergência de refugiados, centro de triagem e um quartel remoto para os rebeldes — encontramos um combatente regular do Exército Sírio Livre que estava se

recuperando de um ferimento causado por estilhaços. Ele bebia álcool e fumava maconha e professava querer ver um estado democrático emergir após o Assadismo. No entanto, sua foto no campo de batalha mostrava um militante islâmico de barba longa que lembrava o senhor da guerra checheno Shamil Basayev.

A brigada deste rebelde, ele nos disse, foi financiada pela Irmandade Muçulmana, e assim ele achou que era necessário demonstrar mais sua religiosidade para assegurar o subsídio dos seus homens. Outro comandante rebelde reclamou como ele teve de vender tudo, dos negócios de mineração da sua família em Hama às joias da sua esposa, para manter seu pequeno batalhão iniciante de algumas centenas de combatentes, enquanto líderes jihadistas estavam aparecendo em casas seguras por toda a Síria com sacos cheios de dinheiro que eles estavam prontos para dispensar para seus camaradas para comprar armas, balas e bombas. O elo entre tráfico de armas e jihadistas de oito anos na região leste da Síria e oeste do Iraque estava se deslocando na direção reversa.

No dia 11 de dezembro de 2012, o Departamento de Tesouro dos Estados Unidos condenou o al-Nusra de ser o braço sírio da al-Qaeda, que é acusada de "explorar a instabilidade dentro da Síria para seus próprios propósitos, usando táticas e adotando uma ideologia tirada da [al-Qaeda no Iraque] que o povo sírio rejeita amplamente".

A designação fracassou em marginalizar a célula jihadista. Em vez disso, ela congregou a oposição em apoio ao al-Nusra, não necessariamente por simpatia ideológica, mas devido a uma necessidade em tempos de guerra. O Dr. Radwan Ziadeh, um dissidente sírio baseado em Washington, que havia pertencido ao Conselho Nacional Sírio, o primeiro veículo político para a oposição, chamou a decisão de equivocada precisamente porque ela parecia confirmar o retrato do conflito feito pelo regime de al-Assad — como uma guerra contra o terror. Os dissidentes dentro da Síria viam a situação de maneira bastante semelhante.

Tendo pedido durante a maior do ano por uma intervenção militar norte-americana na forma de uma zona de bloqueio aéreo ou armas para o Exército Sírio Livre, ativistas irritaram-se com a atitude dos Estados Unidos de colocarem em sua lista negra um dos grupos combatendo de maneira mais assídua seu inimigo. Em dezembro de 2012, os sírios realizaram uma de suas demonstrações de sexta-feira por todo o país. Esta foi chamada de "Nós todos somos al-Nusra".

Estado Islâmico do Iraque ajusta contas com o al-Nusra

Na realidade, o primeiro agente da al-Qaeda a confirmar a inteligência do Departamento do Tesouro foi ninguém menos que Abu Bakr al-Baghdadi, em uma mensagem de áudio publicada em 8 de abril de 2013, mais de um ano depois do al-Nusra ter se estabelecido como uma das forças de combate de vanguarda. Foi também um mês após um grupo de facções rebeldes, lideradas por Ahrar al-Sham e al-Nusra, tomar sua primeira (e até hoje única) capital provincial dos soldados sírios na cidade oriental de Raqqa, que foi apelidada de o "hotel da revolução" devido à sua população que triplicou a partir de pessoas internamente desalojadas.

A queda da cidade praticamente coincidiu com o aniversário de outro momento fundamental na história do Oriente Médio moderno. Fazia praticamente dez anos desde que as forças norte-americanas haviam invadido o Iraque na Operação Liberdade Duradoura. Havia uma simetria sombria entre os dois eventos. Os marines norte-americanos haviam famosamente ajudado iraquianos locais a derrubarem uma grande estátua de Saddam na Praça Paraíso em Bagdá, de forma rápida, cobrindo o monumento, de maneira controversa, com a bandeira dos Estados Unidos. Subitamente, islamitas haviam acabado de derrubar uma estátua em bronze de Hafez al-Assad e hasteado a shahada muçulmana, a bandeira negra com o cursivo arábico dizendo: "Não existe um deus a não ser Deus, e Maomé é o Seu mensageiro", em um mastro em outra metrópole árabe governada por Baathistas. Em poucos dias, pichações apareceram em prédios em Raqqa, atribuídas ao al-Nusra, avisando que a punição para o roubo era a perda de uma mão. Panfletos foram distribuídos com imagens instruindo as mulheres a respeito da modéstia em vestir-se esperada delas. E embora muitos residentes tenham festejado a expulsão do regime, nem todos haviam recebido bem seus novos governantes ou a iconografia divisora que eles haviam trazido consigo.

Na New Yorker, Rania Abouzeid reconstruiu um debate intenso ocorrido entre moradores de Raqqa de todas idades e um operativo do al-Nusra, que estava distribuindo um panfleto explicando a necessidade de substituir a bandeira Síria Livre — a tricolor pré-Baathista adotada pela oposição nos primeiros meses do movimento de protesto — por uma

islâmica. Abu Noor, um homem com seus vinte anos, temia que a shahada fosse um convite aberto para o tipo errado de intervenção norte-americana na Síria.

— Nós nos tornaremos um alvo para ataques de drones norte-americanos por causa da bandeira — é importante isso — ele disse. — Eles acharão que somos muçulmanos extremistas!

Abu Moayad, um homem mais velho que havia ajudado a contrabandear munição para os rebeldes do Iraque, disse ao al-Nusra que a bandeira desnaturava os primeiros princípios da revolução:

— Não somos um emirado islâmico; somos parte da Síria. Este é um pavilhão religioso, não a bandeira de um país.

A tomada de Raqqa pelo Estado Islâmico do Iraque havia acontecido de maneira furtiva, aparentemente da noite para o dia, de maneira semelhante à inserção do al-Nusra por toda a Síria.

— Quando a situação na Síria alcançou aquele nível em termos de derramamento de sangue e violação da honra — declarou al-Baghdadi em 8 de abril, 2013 —, e quando o povo da Síria pediu por ajuda e todos o abandonaram, nós tínhamos o dever de ajudá-lo, então apontamos al-Jolani, que é um de nossos soldados, juntamente com um grupo de nossos filhos, e os mandamos do Iraque para a Síria para encontrar nossas células na Síria. Nós estabelecemos planos para eles e projetamos políticas para eles e os apoiamos com metade de nosso tesouro todos os meses. Nós também fornecemos a eles homens com longa experiência, estrangeiros e locais... Não o anunciamos por razões de segurança e para que as pessoas soubessem a verdade sobre o [Estado Islâmico do Iraque] longe da distorção da mídia, falsidade e deturpação.

Al-Baghdadi não limitou sua mensagem somente a confirmar o que já era amplamente presumido — ele foi além, anunciando que o al-Nusra e o Estado Islâmico do Iraque estavam se unindo em um empreendimento jihadista inter-regional a ser conhecido como Estado Islâmico do Iraque e al-Sham (ISIS — Islamic State of Iraq and al-Sham), que alternativamente foi traduzido como o Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL — Islamic State of Iraq and the Levant).

Não, obrigado, veio a resposta de al-Jolani, dois dias mais tarde.

Embora respeitoso do seu superior baseado no Iraque, a quem ele se referia como “xeique ilustre”, al-Jolani disse que ele não aprovava a fusão, muito menos saber dela de antemão. Ele agradeceu o Estado Islâmico do

Iraque por compartilhar seu orçamento operacional limitado com a franquia síria e confirmou a sua delegação por al-Baghdadi para liderar o al-Nusra. No entanto, al-Jolani não deixou absolutamente dúvida alguma quanto a onde encontrava-se sua verdadeira lealdade — com Ayman al-Zawahiri, o "Xeique da Jihad", a quem ele renovou publicamente sua bayat e a do al-Nusra.

O que seguiu-se foi uma breve interrupção de mídia pelo al-Nusra e uma escalada concomitante na conversa do Estado Islâmico. A rede de mídia oficial do al-Nusra, al-Manara al-Bayda (o Farol Branco), parou de produzir material, enquanto numerosos vídeos começaram a aparecer do Estado Islâmico, fomentando a especulação de que al-Baghdadi havia triunfado sobre al-Jolani. Foi apenas no fim de maio-início de junho 2013 que al-Zawahiri, como um pai cansado tentando apartar uma briga entre dois filhos indisciplinados, interviu publicamente.

Em um comunicado publicado pela Al Jazeera, ele fez o seu melhor para soar imparcial. Al-Baghdadi, ele declarou, estava "errado quando anunciou o Estado Islâmico do Iraque e do Levante sem pedir permissão ou receber conselhos de nós e sem nos notificar". Mas al-Jolani, também, estava "errado ao anunciar sua rejeição ao Estado Islâmico do Iraque e do Levante, e ao mostrar seus laços com a al-Qaeda sem ter nossa permissão ou conselho, mesmo sem nos notificar". Al-Zawahiri desta maneira "dissolveu" o Estado Islâmico do Iraque e do Levante e ordenou que tanto o Estado Islâmico do Iraque quanto o al-Nusra voltassem para os seus corners geograficamente limitados, um tendo controle sobre o Iraque, o outro sobre a Síria.

Sem dúvida consciente de que o seu pronunciamento não evitaria que os seus dois subordinados recomeçassem a sua discussão, al-Zawahiri também evitou comprometer-se. Ele indicou Abu Khalid al-Suri, "delegado" da al-Qaeda na Síria, para agir como um árbitro em campo de quaisquer celeumas que pudessem surgir do seu decreto. Também, no caso de que o al-Nusra atacasse o Estado Islâmico do Iraque ou vice-versa, al-Zawahiri deu poderes para al-Suri para "estabelecer uma corte de justiça Sharia para decidir sobre o caso".

Al-Suri, que foi morto em um atentado suicida em Aleppo em fevereiro de 2014 (possivelmente nas mãos do Estado Islâmico), era um agente da al-Qaeda veterano, sem mencionar ter sido outro beneficiário da anistia do general al-Assad em 2011. Ele havia ajudado a fundar o Harakat

Ahrar al-Sham al-Islamiyya (o Movimento Islâmico dos Homens Livres do Levante), um dos grupos rebeldes mais poderosos na Síria hoje. Antes da sua morte, al-Suri era o elemento fundamental da aliança operacional duradoura entre o al-Nusra e Ahrar al-Sham.

Al-Zawahiri, defensor do Sykes-Picot

A suspeita de al-Zawahiri de que a crise entre seus dois comandantes de campo duraria mais do que a sua intervenção paternal provou-se correta. Al-Baghdadi recusou-se a submeter-se ao seu édito e justificou seu desafio alegando que al-Zawahiri, ao insistir em uma distinção entre as terras da Síria e do Iraque, estava sendo submisso às fronteiras de estado artificiais traçadas pelos poderes imperiais ocidentais ao final da Primeira Guerra Mundial, especificamente o Acordo Sykes-Picot.

Esta não era uma acusação leva a ser feita contra o Xeique da Jihad.

Criação de Sir Mark Sykes, o pacto sigiloso do século vinte entre Londres e Paris havia dividido os resquícios do Império Otomano.

— Eu gostaria de traçar uma linha do "e" em Acre até o último "k" em Kirkuk — disse Sykes ao ministério britânico em dezembro de 1915. Na realidade, o Acordo Sykes-Picot jamais foi implementado como ele foi originalmente conjeturado: Mosul, por exemplo, deveria cair na esfera de influência da França, mas no fim tornou-se parte do mandato britânico no Iraque. Mas apesar de ter sido traçado ao longo das fronteiras otomanas com mais de cem anos de existência, o pacto tornou-se uma queixa obrigatória para sucessivas gerações de Baathistas, comunistas, nacionalistas pan-árabes e islamitas. O acordo era, e ainda é, uma sinédoque para projetos ocidentais de conivência e duplicidade no Oriente Médio, de tal maneira, na realidade, que o Estado Islâmico quando invadiu Mosul em junho de 2014 e derrubou as barreiras dividindo o Iraque da Síria, o grupo anunciou o ato como um repúdio físico e simbólico do Sykes-Picot. Implicitamente, também, tratou-se de uma rejeição à prescrição de al-Zawahiri por uma guerra santa. O rompimento de al-Baghdadi com o decano egípcio foi, portanto, mais do que um tenente amotinando-se contra um general. O emir do Estado islâmico estava chamando o seu chefe de ultrapassado e vendido.

A ruptura al-Nusra-Estado islâmico levou diretamente a outra transformação ainda em meio às tropas do jihadismo regional, para não dizer global. A maioria dos combatentes estrangeiros nas tropas do al-Nusra foi para o Estado Islâmico, deixando a organização remanescente sob al-Jolani majoritariamente síria em sua constituição.

Dentro do Iraque, a dinâmica e a natureza do Estado Islâmico mudaram também. Al-Baghdadi havia assumido seriamente a iniciativa de RP iniciada por al-Zarqawi, e então expandida por al-Masri e o primeiro al-Baghdadi, e "iraquizou" ainda mais o Estado Islâmico do Iraque, ocupando seus escalões superiores com ex-Saddamistas. Ao incorporar os quadros mais baixos e médios do al-Nusra, al-Baghdadi viu-se, deste modo, mais uma vez comandando um exército do terror mais internacionalizado, um exército que compreendia o Levante e a Mesopotâmia. Desse modo, ao renunciar à al-Qaeda, al-Baghdadi na realidade retornou o Estado Islâmico a uma versão da sua primeira encarnação no Iraque.

A professora de escola de Raqqa

Souad Nawfal lembrou quando os protestos anti-Assad ganharam ímpeto em Raqqa. Era o dia 15 de março, 2012, logo em seguida à morte de Ali Babinsky, o primeiro residente da província oriental da Síria a ser morto pelas forças do regime. Ele tinha dezessete anos.

— Nós o enterramos e então quando fizemos um funeral e protesto em sua homenagem, eles atiraram em nós e mataram dezesseis pessoas que estavam com a gente.

Ela também se lembrou quando começou a protestar contra o Estado Islâmico.

— Eu comecei a protestar porque eles levaram o Pai Paolo — ela disse, referindo-se ao padre jesuíta italiano que por décadas teve uma paróquia ao norte de Damasco e apoiou a revolução síria desde o seu início. Após aderir aos protestos em Raqqa no fim de julho, ele foi raptado pelo Estado Islâmico e nunca mais se ouviu falar dele.

— Paolo era meu hóspede — disse Nawfal, uma ex-professora de escola, baixa, de quarenta anos e usando uma hijab, a um dos autores durante uma entrevista em novembro de 2013. — Ele costumava tomar café da manhã no Ramadã em minha casa. Ele estava vindo para protestar contra

o Estado Islâmico. Ele queria parar com as mortes e o sigilo, todas as coisas que o regime faz. Ele foi negociar com o Estado Islâmico, mas nunca mais voltou.

Nawfal tornou-se uma heroína para os ativistas moderados sírios, assim como uma celebridade menor da Internet devido a um vídeo de quatro minutos que ela fez no qual ela desancava o Exército Islâmico por seu governo draconiano e obscurantismo religioso. O vídeo é intitulado A Mulher de Calças em referência à recusa de Nawfal de aderir ao código de vestimenta para mulheres. Nawfal disse que passou os últimos dois meses protestando contra os novos ideólogos da sua província, a quem ela vê não somente como manchando o Islã, mas também como uma imagem espelhada dos próprios totalitários de que ela e seus colegas ativistas queriam se livrar em primeiro lugar.

— Eles tratam as pessoas terrivelmente. Eles são exatamente como o regime de Assad. Eles assustam as pessoas para as submeterem.

De maneira muito semelhante com o Mukhabarat durante os dias iniciais do movimento de protesto, o Estado Islâmico também impediu os civis de tirarem fotografias ou fazerem qualquer gravação de comportamentos provocativos em Raqqa.

— O Estado Islâmico batia nas pessoas na rua com couro. Se qualquer pessoa estivesse andando por aí tirando fotos "ilegais" disso com sua câmera, eles a prenderiam. No mês e meio que eu estive protestando na frente do quartel general, ninguém tirava minha foto porque estavam com medo.

O movimento jihadi teve sucesso, acredita Nawfal, aproveitando-se da pobreza, ignorância e exigências dos tempos de guerra desta província para agradar a população. Uma tática especialmente efetiva tem sido a lavagem cerebral das crianças de Raqqa.

— As pessoas que são pobres e sem educação e não estão prestando atenção ao que os seus filhos estão fazendo, seus filhos de dez anos vão sair na rua e então o Estado Islâmico prometerá à família alimento e dinheiro. Eles elevam esses garotos e os chamam de "xeiques" e dão a eles armas e poder, transformam-nos em crianças soldados. Mas esses são garotos de dez anos que nunca estudaram teologia, e agora são xeiques! Estou preocupada que isto está realmente arruinando a ideia do que são os muçulmanos e o que é o Islã.

Nawfal tornou-se uma atração diária na frente do quartel general do Estado Islâmico, onde ela é xingada, cuspida, maltratada e até atropelada.

— Eu estava parada na frente deste lugar, e havia este homem do Estado Islâmico com uma longa barba branca que queria estacionar o carro ali. Mas trata-se de uma área enorme. Ele disse para eu sair dali. Eu disse a ele que não sairia. Então ele me bateu com o carro duas vezes. Não foi com muita força, mas mais para que ele deixasse claro seu ponto de vista.

Ela continuou:

— Todos os dias eles apontavam uma Kalashnikov para minha cabeça e me ameaçavam que iriam atirar em mim. Eu dizia a eles: "Vão em frente. Se vocês me matarem primeiro, então a segunda bala tem de ir na cabeça de Bashar". Isso os irritava.

Embora sua ousadia perturbe os takfiris, o fato de Nawfal ser uma mulher pequena de meia-idade e mais ou menos uma manifestação solo em desafiá-los, provavelmente explique a sua sobrevivência e liberdade precária até o momento. Mesmo assim, ela insiste que escapou por pouco da marca de justiça social distinta do Estado Islâmico mais de uma vez, a última após defender os direitos da comunidade cristã de Raqqa.

No fim de setembro, o Estado Islâmico atacou e queimou duas igrejas na província, removendo suas cruzes das agulhas e substituindo-as por sua bandeira negra da jihad global. No dia 25 de setembro o grupo fez isso na igreja católica Sayidat al-Bishara, após o que, em torno de duas dúzias de pessoas apareceram no local para protestar.

— Eu disse a elas: "O que vocês estão fazendo aqui? Vão para o quartel general" — disse Nawfal.

Ela liderou a marcha e alguns dos manifestantes começaram a segui-la, mas quando ela chegou ao quartel general, Nawfal descobriu que estava completamente sozinha. Todos haviam abandonado o cortejo por medo. Um dia depois, outra igreja foi invadida; Nawfal mais uma vez saiu para protestar na rua após ela ouvir que pessoas haviam sido presas. Desta vez ela carregava uma placa que lia "Desculpem-me". A mensagem era dirigida para a sua família, pois ela tinha certeza de que seria morta ou raptada.

— Primeiro eles tentaram me espantar. Eles explodiram uma bomba perto de mim. Eu estava lá há dez minutos, e um membro de dezesseis anos do Estado Islâmico veio até mim e me chamou de infiel e se virou para os outros homens do Estado Islâmico e disse: "Por que vocês a estão deixando viver?". Ele estava prestes a me matar, mas aparentemente recebeu ordens

para que ninguém falasse comigo. Cinco minutos mais tarde, chegou um carro com fuzis e armas. Um sujeito saltou para fora e começou a me pegar pelo braço, batendo em meu ombro. Outro me cuspia e xingava.

Achei que era o meu fim a esta altura. Comecei a chamar os sírios à minha volta. Gritei: "Vocês estão felizes, sírios? Olhem o que eles estão fazendo comigo. Olhem para suas mulheres, como elas estão sendo estupradas, como estão sendo atacadas e vocês só aí, olhando".

Nawfal disse que só sai à rua para protestar se ninguém a reconhece. No minuto que um militante do Estado Islâmico a vê, ela vai embora. Ela não fica em um lugar mais, deslocando-se de casa em casa, uma fugitiva em sua própria cidade. Ela não acredita que a situação atual vá mudar no futuro próximo.

— Se as pessoas tiverem medo, Raqqa não se libertará do Estado Islâmico. Enquanto o Estado Islâmico continuar a usar a tática do regime, ela não vai se libertar.

Nawfal fugiu desde então para a Turquia.

Sahwa da Síria

Há milhares mais de pessoas como Nawfal que resistiram ao Estado Islâmico localmente em Raqqa e por toda parte. A crítica de Abu Jarir al-Shamali à operação do Waziristão da al-Qaeda — de que o território como um todo estava mais nas mãos das tribos Pashtun do que com os mujahidin — estava de acordo com a obsessão do Estado Islâmico com sahwas, fossem elas no Iraque ou na Síria.

Paradoxalmente, ao tentar impedir um Despertar, o grupo terminou precipitando um.

Em 11 de julho, 2013, Kamal Hamami, um comandante do Conselho Militar Supremo do Exército Sírio Livre, foi assassinado a tiros por atiradores do Estado Islâmico em um posto de controle em Latakia. Embora as tensões seguindo este incidente tenham sido altas — "Nós vamos limpar o chão com eles", um comandante do Exército Sírio Livre disse à Reuters — o caso foi rapidamente abafado, e o assassinato de Hamami foi enviado para um tribunal Sharia para "investigação". Similarmente, quando o Estado Islâmico decapitou "acidentalmente" Mohammed Fares, um comandante do Ahrar al-Sham, acreditando que ele tenha sido um miliciano

xiita iraquiano (ele alegadamente resmungava mantras xiitas em seu sono), o Estado Islâmico pediu "compreensão e perdão" para evitar uma guerra mutuamente destrutiva. Nem o Estado Islâmico, tampouco qualquer grupo rebelde islâmico ou regular queriam começar uma guerra civil dentro de uma guerra civil. E embora muitos rebeldes do Exército Sírio Livre vissem o domínio draconiano do Estado Islâmico como um perigo a longo prazo para a Síria, eles também compreendiam que a Sahwa cedo demais beneficiaria apenas um homem: Bashar al-Assad, que então observaria à distância a oposição devorar a si mesma, ou contribuiria para esta autocanibalização ajudando o Estado Islâmico a atacar o Exército Sírio Livre.

Dito isto, o Estado Islâmico parecia ter a intenção de provocar uma reação. O grupo raptou ativistas de oposição respeitados, aterrorizou civis sob a sua influência, estabeleceu postos de controle monopolizadores que funcionavam mais como pontos de engarrafamento para as facções rivais. E o Estado Islâmico atacou rebeldes sírios. Em 1º de agosto, 2013, por exemplo, o grupo mandou um carro-bomba para a base do Ahfad al-Rasoul (Netos do Profeta) em Raqqa, matando trinta. O Estado Islâmico então expulsou a brigada da cidade.

No fim de dezembro de 2013, a cidade de Maarat al-Numan, na província de Idlib na Síria, realizou um protesto em prol da unidade rebelde contra o regime de al-Assad — e pela libertação de um oficial do Exército Sírio Livre, tenente-coronel Ahmad Saoud, que fora raptado dias antes pelo Estado Islâmico em um posto de controle. Ironicamente, Saoud, um desertor do exército sírio, estivera viajando com uma comitiva para a base aérea de Taftanaz em Idlib a fim de conversar com o Estado Islâmico e negociar a liberação de equipamentos militares — incluindo mísseis antiaéreos — que este havia roubado da Fursan al-Haqq, uma facção do Exército Sírio Livre. Saoud também representava o Conselho Militar Idlib — uma assembleia regional representando todos os grupos rebeldes na província — que havia demandado publicamente que o Estado Islâmico libertasse todos os seus civis raptados e buscasse quaisquer reivindicações civis ou criminais que o grupo tivesse com rebeldes nos tribunais Sharia relevantes. O próprio rapto de Saoud ocorreu, então, em meio à sua tentativa de selar um pacto com o Estado Islâmico. O protesto de Maarat al-Numan a seu favor teve o efeito desejado: horas após o protesto ser

realizado, o Estado Islâmico soltou Saoud, tornando-o o primeiro oficial do Exército Sírio Livre a deixar a custódia do EI vivo.

Então, em 29 de dezembro, o Estado Islâmico invadiu várias organizações de notícias dissidentes em Kafranbel, uma cidade a noroeste da província de Idlib, que havia de alguma maneira conseguido, através de dois anos de bombardeio do regime e a proliferação do jihadismo, reter os princípios democráticos da revolta síria original. Entre os prédios atacados estava o Centro de Mídia Kafranbel, administrado pelo artista de quarenta anos, Raed Fares, cujos pôsteres e slogans pró-

revolucionários — todos escritos em inglês coloquial e muitas vezes bem-humoradamente alusivos à cultura popular Ocidental — haviam ajudado a tornar a revolução árabe inteligível para os públicos não-árabes mundo afora. Em um pôster celebrado, a famosa cena "rei do mundo" do filme Titanic é reproduzida, com Vladimir Putin no lugar de Leonardo DiCaprio e Bashar al-Assad como Kate Winslet. Ultimamente, Fares vinha comparando a depravação do Estado Islâmico com a do regime, tornando-os inimigos gêmeos do povo sírio.

Horas mais cedo, antes do ataque do EI, o Centro de Mídia de Fares transmitiu um programa de rádio apresentando mulheres sírias discutindo seus divórcios recentes. Tudo foi demais para os takfiris, que raptaram seis dos empregados de Fares (eles foram soltos duas horas mais tarde) e roubaram ou quebraram os computadores do centro e equipamento de transmissão.

— A razão para Kafranbel tornar-se importante é porque a cidade tem apoiado de maneira persistente e consistente a revolução em todos os seus aspectos — seja a revolução não violenta, ou a revolução armada, passando pelo trabalho humanitário ou na sociedade civil — Fares nos contou.

— O regime, quando nós dizíamos algo contra eles, eles nos bombardeavam. O EI, quando fizemos um desenho contra eles — o primeiro em junho deste ano — eles queriam nos atacar, então eles vieram e destruíram o Centro de Mídia. No fim das contas, eles são a mesma coisa. Ambos são tiranos.

(Não muito tempo depois desta entrevista, que ocorreu enquanto Fares fazia uma excursão pelos Estados Unidos, o EI tentou assassiná-lo em Idlib. Ele levou vários tiros, mas recuperou-se dos ferimentos).

No dia do Ano Novo em 2014, o EI finalmente foi além do que poderia na Síria, matando Hussein al-Suleiman, ou Abu Rayyan, um respeitado

médico e comandante em Ahrar al-Sham.

Como Saoud, Abu Rayyan foi raptado enquanto ia para uma reunião de negociação com o Estado Islâmico. Abu Rayyan foi preso por vinte dias e terrivelmente torturado antes de ser morto com um tiro. Imagens do seu corpo mutilado foram então circuladas na mídia social, indignando mesmo aqueles apoiadores de Ahrar al-Sham que haviam até este ponto instado paciência e reconciliação com o Estado Islâmico. No entanto, a brigada acusou-o de exceder mesmo a barbaridade do Mukhabarat de al-Assad e avisou que "se o EI continuar com sua política metódica de abster-se de... recorrer a um corpo judicial independente, assim como sua escolha por protelar e ignorar o acerto de suas injustiças contra os outros, a revolução e a jihad caminharão para o atoleiro da luta interna, na qual a revolução síria será a primeira perdedora".

Em 2 de janeiro, o EI acertou outro local do Exército Sírio Livre, desta vez em Atareb, Aleppo, impelindo até combatentes islâmicos a realizarem uma aliança com o exército. A Frente Islâmica, que não fazia um mês havia atacado um armazém do Exército Sírio Livre cheio de armas e provisões no vilarejo de Atmeh em Idlib, declarou solidariedade com uma vítima próxima dos fanáticos jihadistas. "Por meio deste nos dirigimos ao Estado Islâmico exigindo que se retire imediatamente da cidade de al-Atareb" — declarou a Frente Islâmica em um comunicado de imprensa — "e parar com os assassinatos dos combatentes com base em desculpas falsas e devolver todas as propriedades de armas e bases injustamente confiscadas para seus proprietários de direito.

Eles também têm de aceitar a soberania de Deus concordando com os julgamentos de tribunais religiosos independentes para solucionar conflitos que surjam entre si e as outras facções. Nós lembramos ao Estado Islâmico que aqueles que liberaram originalmente al-Atareb e os subúrbios de Aleppo em geral são aqueles que vocês estão combatendo agora".

A essa altura, o tenente-coronel Ahmad Saoud havia aderido a uma nova formação rebelde conhecida como a Frente de Revolucionários Sírios, que reivindicava ter agregado até vinte facções distintas pertencendo ao Conselho Militar de Idlib. Esta nova frente regular, nos disse Saoud, foi fundada com um propósito: "combater o EI".

O último grupo a aderir a este crescente movimento Sahwa na região norte da Síria foi o Exército dos Mujahedeen, uma aliança de oito brigadas rebeldes, todas baseadas em Aleppo. "Nós, o Exército dos Mujahedeen" —

declarou o grupo — "juramos defender a nós mesmos e nossa honra, riqueza e terras, e combater o Estado Islâmico, que violou a lei de Deus, até que este anuncie a sua dissolução". O Exército dos Mujahedeen deu ao EI uma escolha clara: o grupo poderia desertar para a rebelião regular ou entregar suas armas e deixar a Síria.

O que havia começado como conflitos localizados, transformou-se em uma campanha armada maciça contra o Estado Islâmico liderada pela Frente Islâmica, a Frente de Revolucionários Sírios e o Exército dos Mujahedeen, que varreu o EI dos seus redutos territoriais através de grande parte da região norte da Síria. Esta campanha coincidiu com uma escalada nos protestos populares anti-EI em Idlib e Aleppo, os quais o EI tentou suprimir atirando nos manifestantes.

Como o Exército Sírio Livre havia temido, o regime de al-Assad não iria permanecer neutro na luta mutuamente destrutiva e interviu objetivamente do lado do Estado Islâmico. Enquanto a batalha terrestre era travada, a Força Aérea Síria passou a bombardear áreas das quais o EI havia acabado de ser expulso, acertando alvos do Exército Sírio Livre ou da Frente Islâmica, quando não estava acertando civis, e provocando mais alegações entre os ativistas de que o EI não passava de um criado do regime.

Até dia 4 de janeiro, após um prazo final de 24 horas emitido pelo Exército Sírio Livre para que o EI se rendesse e abandonasse a Síria, duzentos jihadistas haviam sido presos. O EI havia executado civis e rebeldes e recorrido a atentados com carros-bomba e o bombardeio de territórios sob o domínio dos rebeldes. Em um comunicado desesperado aparentemente pedindo paz, o EI emitiu três demandas: todos os bloqueios de estradas nas cidades e vilarejos sejam retirados; nenhum combatente do EI seja detido, insultado ou ferido; todos os detentos e combatentes estrangeiros de quaisquer outros grupos devem ser soltos imediatamente. Se essas demandas não fossem atendidas, então o EI emitiria uma ordem geral para que seus combatentes se retirassem de todas as posições de linha de frente contra o regime — a implicação clara sendo que o grupo devolveria território para al-Assad.

No dia 5 de janeiro a Frente Islâmica anunciou que não tinha outra escolha a não ser voltar-se contra o seu antigo aliado; a Frente havia sido "forçada" ao combate, e embora sua carta régia fosse inicialmente amigável ao auxílio de combatentes estrangeiros na luta contra al-Assad, eles "não

aceitariam grupo algum que reivindique ser um estado". Atareb foi retomada pelos rebeldes, e a bandeira negra do Estado Islâmico substituída pela tricolor do Exército Sírio Livre. Um ativista da Rede de Notícias Shaam em Raqqa reivindicou que os rebeldes haviam "liberado mais de 80% do interior de Idlib e 65% de Aleppo e seu interior". Outro declarou: "a presença do Estado de Baghdadi acabou", no que se provaria uma previsão otimista demais.

Ao final da primeira semana de janeiro, al-Nusra estava liderando o ataque contra o Estado Islâmico no seu quartel general na cidade de Raqqa, junto com o Ahrar al-Sham. Cerca de cinquenta reféns sírios mantidos pelo EI foram soltos na resposta de Raqqa à prisão que o EI improvisara no Departamento de Veículos Motores da cidade, incluindo um dos muitos jornalistas estrangeiros mantidos cativos pelo grupo, o fotógrafo turco Bunyamin Aygun, que fora raptado no mês anterior. Duas igrejas que haviam sido queimadas ou confiscadas pelo EI também foram "libertadas" pelo al-Nusra, que declarou a sua intenção de devolvê-las ao uso cristão.

Uma trégua mentirosa acordada entre o EI, por um lado, e al-Nusra e Ahrar al-Sham, por outro, pareceu ter baixado a temperatura um pouco nos subúrbios de Aleppo, assim como a retirada do EI de áreas estratégicas próximas da fronteira turca, incluindo Atmeh e al-Dana.

Al-Jolani culpou o Estado Islâmico pela semana de fitna[10] que sacudiu a região norte da Síria, mas insistiu pela formação de conselhos legais independentes para solucionar disputas para acompanhar o cessar-fogo. Ele também disse que "detentos serão trocados entre todas as partes... e as estradas serão abertas para todos".

Durante o curso da breve Sahwa da Síria — um Despertar que subitamente trazia a franquia oficial da al-Qaeda ao lado dos sahwats — o EI apresentara um slogan desafiador: "baqiyya wa tatamaddad" ("ficando e expandindo"), prometendo derrotar esta virada popular contra o grupo e chegar à Península Arábica. O EI bombardeou ainda a base do Ahrar al-Sham em Mayadeen, Deir Ezzor, próxima da fronteira iraquiana, e seu porta-voz al-Adnani declarou guerra aos rebeldes, ameaçando ataques suicidas e carros-bomba contra sírios.

Em meio à fitna, no entanto, tensões e divisões entre os grupos islamitas combatendo o Estado Islâmico começaram a aparecer. Abu Omar al-Shistani, então comandante do EI em Aleppo, assinou uma trégua com Abu Khalid al-Suri, delegado de al-Zawahiri na Síria, que estava atuando

em prol do Ahrar al-Sham e al-Nusra. Por ora, a calma havia sido restaurada entre os jihadistas.

O rompimento al-Nusra – EI

Mas o dano provocado na relação al-Nusra – EI foi irreparável. Em 2 de fevereiro, 2014, a al-Qaeda global terminou formalmente sua associação com o Estado Islâmico, emitindo uma declaração pública: "O Estado Islâmico não é uma divisão do grupo Qaidat al-Jihad [nome oficial da al-Qaida], não temos relação organizacional com o Estado Islâmico, e o grupo não é responsável por suas ações".

Um dos jihadistas que entrou clandestinamente pela fronteira Iraque-Síria com al-Jolani, durante o Ramadã em 2011, foi Abu Maria al-Qahtani. Seu nome real é Maysara al-Juburi, e ele é ativo no Twitter como um importante expoente da visão de mundo do al-Nusra, particularmente sua briga familiar atual com o Estado Islâmico, da qual al-Qahtani desertou após ter sido um alto comandante.

— O rumor é que ele costumava ser um policial de trânsito antes de tornar-se o operativo militar do al-Nusra em Deir Ezzor — Laith Alkhouri nos contou. — Ele acusou o Estado Islâmico de destruir a jihad no Iraque e na Síria; ele chamou os membros de "extraviados".

Os traços desse divórcio estavam presentes durante todo o casamento. Eles já eram discerníveis naquele primeiro encontro sem jeito entre bin Laden e al-Zarqawi em Kandahar em 1999, assim como na história de onze anos tempestuosa da AQI. E embora o al-Nusra e o EI tenham cooperado taticamente desde o rompimento, alegadamente até pensando em alguma forma de reconciliação diante dos ataques aéreos da coalizão contra ambas organizações na Síria, há pouca chance de que uma ampla reaproximação vá ocorrer. A última edição da Dabiq deixa claro que o Estado Islâmico vê a al-Qaeda como uma força desgastada na jihad, e o próprio grupo como o herdeiro do legado de bin Laden. As diferenças são profundas demais e muitas a essa altura, de acordo com Alkhouri.

— O EI assume a rota ultraconservadora e de direita absoluta. É legítimo matar mesmo aqueles que você pode repelir de outra maneira sua agressão. Jolani é um desses caras. Há rumores até de que Baghdadi tenha prometido matá-lo. O EI declara apóstatas muçulmanos que não sabiam que

haviam cometido alguma ofensa. Então se você insultou o divino usando uma gíria, eles cortarão a sua cabeça mesmo que você não fizesse ideia que insultou o divino.

Outra discrepância importante é a da galinha e do ovo sobre a formação do estado islâmico. Para o EI, a legitimidade teocrática segue a tomada e administração do terreno. Primeiro você "libera" as pessoas, então você funda um governo. Para a al-Qaeda, o sentido é inverso: as leis da Sharia entram em prática antes da guerra santa desbancar o regime taghut (tirânico).

O EI alega ainda que al-Zarqawi tinha um processo de cinco fases para estabelecer o califado, e que ele já havia atingido três delas quando al-Baghdadi entrou em cena: a imigração de combatentes estrangeiros para a terra da jihad (hijrah), seu alistamento nos escalões de uma militância (jama'ah), e sua destruição gradual dos idólatras (praticamente todo mundo, fora os Zarqawistas e seus aliados).

Recriminações Jihadi

Um dos epifenômenos mais curiosos deste rompimento é ver os seguidores de Jolani acusando Baghdadi de trabalhar para o outro lado. Muitos apoiadores do al-Nusra apontaram para como a Força Aérea Síria havia em grande parte se eximido, pela maior parte de um ano (2013-2014), de bombardear instalações do EI bastante visíveis em Raqqa. Al-Nusra tem um ponto.

Um estudo recente conduzido pelo Centro Carter descobriu que, antes dos avanços militares do EI através da Síria e do Iraque em julho e agosto de 2014, o regime havia "em grande parte se abstido de combater o EI, a não ser que diretamente ameaçado... Antes dessa ofensiva [do EI], o governo sírio havia direcionado mais de 90% de todos seus ataques aéreos contra posições da oposição".

Pela própria admissão de Damasco, o governo passou a maior parte de 2013 e 2014 fundamentalmente deixando o EI sozinho a fim de focar sua campanha aérea contra o Exército Sírio Livre e outros grupos rebeldes — pela simples razão que deixar terroristas vestidos de negro andando por uma capital provincial, crucificando e decapitando pessoas, gerava uma propaganda excelente. Um conselheiro do regime disse ao New York Times

que ignorar alvos do EI ajudou com a "marcação de todos os insurgentes" como extremistas.

Nós também vimos como o regime escolhe lidar com o terrorismo por infiltração. Um desertor no começo do EI contou a Arwa Damon da CNN, em fevereiro de 2012, que ele testemunhou futuros terroristas suicidas sendo instruídos por seus emires de campo de batalha que eles estavam indo atacar instalações do regime. Na realidade, eles foram enviados em missões suicidas contra outros rebeldes.

— Havia várias instalações do regime que nós poderíamos tomar sem sofrer perdas de nossos combatentes — o desertor Abu Ammara disse —, e nós receberíamos ordens de recuar.

Parte disso pode ser devida à dependência financeira do EI ao vender o petróleo da Síria de volta para o regime. Como uma fonte de inteligência ocidental contou ao Daily Telegraph em janeiro de 2014, apenas um mês antes da al-Qaeda cortar formalmente seus vínculos com o EI: — O regime está pagando o al-Nusra para proteger condutos de gás e petróleo sob o controle do al-Nusra nas regiões norte e leste do país, e também está permitindo o transporte de petróleo para áreas em poder do regime. Nós também estamos começando a ver provas de instalações de petróleo e gás sob o controle do EI.

Frederic Hof, o ex-conselheiro do Departamento de Estado sobre a Síria escreveu: "Desconsiderando o que Bashar al-Assad e Abu Bakr al-Bahdadi possam pensar um a respeito do outro pessoalmente, a sua principal prioridade tática na Síria é idêntica: destruir a oposição nacionalista síria ao regime Assad".

Alkhouri disse que essa acusação de colusão ou conspiração do EI com o regime é amplamente falada nos círculos da al-Qaeda.

— Cinco ou seis semanas atrás, tive acesso a um documento — a pessoa que o divulgou disse que ele veio da inteligência da força aérea — que disse que a inteligência síria tinha aproximadamente 250 informantes nas tropas do EI. Não fiquei nem um pouco chocado. Gosto de fazer uma engenharia reversa. Como posso provar isso eliminando o ruído? É isso que você vê: por muitos meses, o EI teve grande capacidade de atacar soldados do regime, mas escolheu não fazê-lo, preferindo em vez disso transferir literalmente centenas dos seus combatentes para outras áreas na Síria que haviam sido liberadas pelo Exército Sírio Livre, Nusra e outras brigadas islâmicas. Por que o EI está fazendo isso? Nusra diz que é para a expansão

do seu poder: “Deixe outros combatentes repelirem ou expulsarem o regime, nós entraremos e governaremos a terra após todo o trabalho pesado ter sido feito”.

No Twitter, uma conta popular conhecida como Baghdadi Leaks tem publicado o que ela diz ser inteligência interna sobre o EI — e sobre a história passada do seu emir. Ninguém sabe quem administra a conta, mas a probabilidade é alta de que seja um operativo ou afiliado da al-Qaeda, ou talvez um desertor do EI querendo constranger seus antigos confederados jogando no ar sua roupa suja. O retrato feito de al-Baghdadi nesta conta é a de um membro do escalão mediano do Estado Islâmico do Iraque de 2006 a 2010 que ascendeu hierarquicamente após ter usado sua casa como um ponto de encontro para comunicações secretas entre combatentes e seus comandantes.

— O seu trabalho era aparentemente o do intermediário — disse Alkhouri. — Se isto é verdade, então ele definitivamente tinha acesso a comunicações secretas — datas de operações, reivindicações de responsabilidades, a alta estrutura do Conselho Shura do Estado Islâmico do Iraque, quem era poderoso e quem não era. E isso significava que ele também tinha acesso a como a inteligência militar síria estava dirigindo os corredores de ratos para o Iraque. Esta é maneira com que o Nusra quer escandalizá-lo. “Baghdadi chamou Zawahiri de um traidor, um defensor do Sykes-Picot? Tá bem, olhe quem está falando”.

13

A EXTORSÃO DOS XEIQUES
O Estado Islâmico coopta as tribos

— O terreno determina o destino em operações de combate terrestres — de acordo com Jim Hickney, o coronel do exército norte-americano que ajudou a capturar Saddam em 2003. — O

Iraque é uma sociedade tribal, e famílias nas tribos são vinculadas a faixas específicas de terreno.

Isso vai moldar esta luta dramaticamente. Moldou a luta quando os britânicos estiveram aqui na Primeira e Segunda Guerras. Moldou a luta quando nós estivemos lá.

Algo muito parecido pode ser dito da região de Jazira, que nos últimos dois anos serviu como o centro estratégico do Estado Islâmico, e a razão para sua inextricabilidade da Síria. Era lá, afinal de contas, que Abu Ghadiyah tinha a sua casa segura, e incontáveis outros contrabandistas e "emires da fronteira" mantinham suas bases operacionais avançadas para a AQI.

Os regimes Baathistas na Síria e Iraque viam as tribos e lidavam com elas diferentemente. Os canais de televisão estatais iraquianos pré-guerra proeminentemente apresentavam as tradições e folclore tribais e Saddam interagia pessoalmente tanto com xeiques sunitas quanto xiitas, dispensando vários incentivos — tais como o contrabando e direitos de mercado cinza — para a sua continuada lealdade. Foi com este sistema de patrocínio estabelecido que a AQI, de maneira autodestrutiva, tentou acabar em meados dos anos 2000, precipitando a Sahwa no Iraque.

Na Síria, em comparação, os regimes Assad foram geralmente ambivalentes em relação às tribos e estrategicamente ineptos em cooptá-las. Verdade, o regime explorou oportunisticamente as tribos para criar cisões sociais por demanda, como quando ele "arabizou" áreas dominadas pelos curdos na região norte da Síria a fim de conter o nacionalismo curdo rebelde. No entanto, os al-Assads nunca consideraram as confederações filiais antigas no interior do deserto como significativas ou importantes como Saddam considerara as suas.

Desde o seu advento nos anos de 1960, a divisão síria do Partido Baath via no tribalismo uma ameaça dupla: em primeiro lugar, laços tribais entre clãs no nordeste sírio e noroeste iraquiano eram vistos como uma vantagem potencial para a divisão iraquiana rival. Em segundo lugar, particularmente nos primeiros anos da sua ascensão ao poder, o Partido Baath considerava o tribalismo "retrógrado" como antiético para a ideologia "progressiva" do partido.

O engajamento desajeitado de Damasco com as tribos voltou para assombrar o regime quando começou a revolta síria. Muitas das primeiras demonstrações em Deraa, por exemplo, foram impulsionadas por laços tribais e expressas em retórica tribal. Manifestantes exigiram "fazaat houran", a ajuda coletiva do povo do vale Houran, onde Deraa fica localizada. Quando as forças de segurança sírias usaram violência para suprimir estas demonstrações, Deraawis chamaram seus "primos" no Golfo para virem em seu auxílio.

Redes tribais tiveram um papel ainda mais pronunciado após a rebelião tornar-se militarizada no início de 2012. Organizadores de fundos ajudaram a armar grupos rebeldes em várias partes do país apelando aos seus parentes no exterior, especialmente na Arábia Saudita, Kuwait e Bahrain.

Membros da tribo Ugaidat em Homs, por exemplo, pediriam ajuda aos seus parentes Ugaidat do leste da Síria que estavam vivendo no Golfo e tinham acesso mais rápido ao levantamento de fundos. Algumas coalizões rebeldes pan-sírias também foram formadas, em parte, devido a laços tribais. A brigada Ahfad al-Rasoul era liderada por Maher al-Nuaimi de Homs e Saddam al-Jamal de Deir Ezzor; ambos provenientes da mesma tribo.

— Pessoas de al-Wa'ar al Qadeem e al-Dar al Kabeera em Homs, e outras dos interiores de Hama e Damasco associaram-se a nós — um financiador do Exército Sírio Livre nos contou. — Nós conhecíamos um ao outro através de conexões tribais.

O que começou como um ativo para a revolução, logo tornou-se um ativo para a sua deformidade jihadista. Vários fatores explicam a inserção da al-Qaeda e do EI nas regiões tribais da Síria.

A primeira tem a ver com a relação entre a densidade populacional e a geografia. Tribos têm suas mais altas concentrações em Deir Ezzor, Hasaka, Raqqa e Deraa; elas constituem realmente 90 por cento da população em cada uma dessas quatro províncias. Elas também contam com

aproximadamente dois milhões de habitantes nos distritos rurais de Aleppo. No todo, as tribos constituem 30 por cento da população total da Síria e, no entanto, habitam aproximadamente 60

por cento do seu território. Em outras palavras, as tribos encontram-se no interior, onde os insurgentes consideraram um terreno muito mais fácil de cruzar e acampar. Como no Iraque, é no interior onde os Zarqawistas tendem a misturar-se sempre que são expulsos do terreno urbano, ou estão planejando uma ofensiva maciça contra grupos rivais.

A vingança de al-Rafdan

Em 2012 o tribalismo sírio foi aproveitado de maneira mais efetiva pelo Jabhat al-Nusra, então ainda parte do Estado Islâmico do Iraque. Uma das primeiras células al-Nusra na Síria, na realidade, ficava em uma pequena cidade em Deir Ezzor conhecida como al-Ghariba, onde quase todos os residentes pertenciam à mesma família. Devido ao fato de que Deir Ezzor conecta a Síria ao Iraque, muitos dos habitantes de al-Ghariba acharam fácil juntar-se à insurgência iraquiana em 2003 e 2004 e assimilar a propaganda Zarqawista.

O regime de al-Assad descobriu a célula al-Nusra em al-Ghariba em janeiro de 2012 e quase eliminou-a completamente, matando dúzias dos seus membros. Al-Nusra então mudou-se para uma cidade próxima, al-Shuhail, que há muito tempo era um centro de contrabando de armas entre o Iraque e a Síria. A cidade é assim chamada devido à tribo que a habita, e a maioria das famílias residentes tem conexões profundas com o Salafismo. Membros da família Hajr, por exemplo, aderiram à Vanguarda de Luta, um grupo que combateu o regime em Hama como parte da revolta da Irmandade Muçulmana nos anos de 1970 e 1980. Após a invasão norte-americana do Iraque, muitos descendentes da família Hajr aderiram à insurgência sunita. E após a revolta síria, quando o al-Nusra entrou no combate, dúzias de homens Hajr aderiram à franquia embrionária da AQI. Em algum momento no verão de 2012, a cidade foi efetivamente tomada pelo al-Nusra, ganhando o apelido de Shuhailistão.

— Se você falasse sobre Jabhat al-Nusra de uma maneira negativa, você estava efetivamente insultando Shuhail — disse Amir Al-Dandal, um membro de uma tribo proeminente em Deir Ezzor, e um organizador para o

Exército Sírio Livre. Mesmo a guerra mutuamente destrutiva entre o al-Nusra e o EI assumiu uma inflexão tribal. Em abril de 2013, al-Nusra e Jaish Muta, outro grupo rebelde em Shuhail, lutaram contra membros do clã al-Bu Assaf, parte da tribo Albu Saraya, que é a terceira maior em Deir Ezzor. Membros do al-Bu Assaf mais tarde apoiaram o EI na disputa.

Similarmente, quando Aamer al-Rafdan, um membro sênior do al-Nusra, desertou para o EI após o rompimento, ele o fez menos por preferência ideológica e mais por aliança patrilinear. Al-Rafdan era de al-Bekayyir, uma tribo baseada em Jedid Ugaidat, que há décadas tinha uma desavença com Shuhail. A mudança de lado de al-Rafdan permitiu que o EI assumisse controle da fábrica de gás Conoco em Mayadeen, Deir Ezzor, proporcionando um valoroso recurso para os Baghdadistas e exacerbando o que vinha sendo uma disputa territorial antiga entre al-Bekayyr e Shuhail.

— A luta tinha tudo a ver com as tribos, não com a política jihadi, e foi solucionada em uma base tribal — disse al-Dandal. — A tensão terminou finalmente porque os al-Bekayyir e os Shuhail se deram conta de que qualquer conflito levaria a problemas maiores no futuro. A questão foi solucionada sem a intervenção do EI ou do al-Nusra.

A trégua durou pouco, no entanto. Os Suhail expulsaram al-Rafdan e o EI de Jedid Ugaidat.

Então, em julho de 2014, o EI conquistou a tribo Shuhail, um evento que teve amplas repercussões por Deir Ezzor.

Uma série de cidades e vilarejos rapidamente sucumbiu à blitz jihadista. Fayyadh al-Tayih, um ex-membro do al-Nusra que aderiu ao EI em dezembro de 2013, nos disse: — Desde o início, acreditamos que al-Shulail era o problema de verdade. Se os conquistássemos, todo o resto se entregaria.

Triunfante, al-Radan começou a vingar-se. Ele impôs condições duras aos Shuhail, exilando alguns membros por um período de três meses. (Mesmo esta era uma forma tribalmente orientada de punição.) A queda da cidade e da tribo marcaram um fim decisivo para a influência do al-Nusra na região leste da Síria, concedendo ao EI um controle mais ou menos total sobre a província de Deir Ezzor.

O saque de Deir Ezzor foi extraordinário, levando-se em consideração que Jedid Ugaidat fora o único lugar onde o Estado Islâmico havia conquistado um espaço de verdade para si até então; e mesmo lá, o EI havia

alienado de tal forma a população local que o grupo havia sido temporariamente expulso.

O dinheiro fala

A derrota fragorosa do al-Nusra em Deir Ezzor também ocorreu devido a exigências materiais, a saber, sua luta para controlar os recursos de energia da província. A tribo Albu Ezzedine pediu a outro clã, os al-Dhaher, que eram leais ao al-Nusra, para compartilhar a receita do petróleo contrabandeado do campo de petróleo al-Omar, localizado na região desértica próxima de Shuhail.

Quando o al-Nusra recusou-se e reivindicou a receita para si, membros da Albu Ezzedine aderiram ao EI.

Previsivelmente, a Sahwa criou raízes em lugares onde o EI tinha pouco ou nenhum apoio orgânico da população. A tomada em grande escala de Raqqa pelo Estado Islâmico deveu-se pesadamente ao fato de que esta província, mais do qualquer outra, foi essencialmente ocupada por combatentes não nativos que lutaram e repeliram forças do regime mínimas em 2013. Não havia uma infraestrutura rebelde local montada de antemão, e o único desafio militar que o EI enfrentou em Raqqa veio do Ahrar al-Sham e do al-Nusra, ambos os quais eram forças significativamente desgastadas após sofrerem defecções em massa para o EI seguindo o divórcio da al-Qaeda.

Em comparação, forças rebeldes em Idlib, Aleppo, o interior de Damasco e Deir Ezzor, haviam combatido as forças do regime e mais ou menos governado suas áreas liberadas por aproximadamente um ano antes de o Estado Islâmico ter sido formado e podiam simplesmente avançar e conquistar os conquistadores.

No Iraque, o reino do EI tem sido caracterizado em grande parte pela mesma dicotomia nativos-estrangeiros. Em Mosul, residentes foram alienados por jihadistas vindos de Tal Afar, a cidade fronteiriça onde a AQI resistiu às forças norte-americanas em 2005 e despachou crianças em atentados suicidas. Nativos de Mosul olham para os nativos de Tal Afar com desdém, considerando a população — em sua maior parte turcomena —, como sendo pobre, ignorante e ingovernável.

Reclamações similares são muitas vezes ouvidas em outros territórios controlados pelo Estado Islâmico, onde ataques perpetrados por membros de uma cidade ou vilarejo sobre lojas ou residentes de outro lugar são muitas vezes atribuídos a tensões socioeconômicas preexistentes.

A estratégia dividir e governar do Estado Islâmico

O Estado Islâmico é a primeira e única franquia jihadista na história a ser bem-sucedida em colocar membros de uma mesma tribo uns contra os outros. Isto ficou patente de maneira sombria em agosto de 2014, quando membros dos Shaitat em Deir Ezzor participaram na morte de centenas de seus companheiros de tribo, ao comando do EI. O mesmo fratricídio coagido ocorreu novamente na cidade iraquiana de Hit, onde membros dos Albu Nimr participaram da execução de dúzias dos seus consanguíneos em outubro de 2014. Tais táticas de dividir e governar asseguram que qualquer revolta tribal contra o EI será necessariamente fratricida.

Em Qa'im, a outra cidade fronteiriça onde as primeiras agitações da Sahwa foram sentidas em 2005, uma divisão preexistente entre duas tribos, os Karbala e os Mihlawiyeen, manifestou-se na posição que cada uma assumiu eventualmente na QI. Membros da Karbala aderiram aos Zarqawistas, e a tribo perdeu dúzias dos seus membros em um ataque aéreo norte-americano contra Rawa, onde setenta insurgentes foram mortos. Al-Mihlawiyeen, no entanto, opôs-se à AQI e mais tarde juntou-se aos conselhos do Despertar.

De maneira pouco surpreendente, a corrupção teve sua participação na divisão das tribos. Em abril de 2013, após a ruptura com o al-Nusra, o Estado Islâmico buscou cooptar secretamente jovens líderes tribais oferecendo compartilhar petróleo e receitas do contrabando, e prometendo a eles posições de autoridade atualmente mantidas por seus anciãos. Membros mais jovens das tribos eram vistos como mais confiáveis e populares, devido à sua participação na rebelião anti-Assad, enquanto seus membros mais velhos colocaram-se, na maior parte, ao lado do regime ou ficaram neutros. Uma figura tribal de Albu Kamal explicou como o EI usou inteligentemente esta divisão geracional-política em uma família proeminente meses antes de haver estabelecido qualquer presença na área.

— Eles [EI] estão dando a ele uma porção de um poço de petróleo na área — a figura nos contou em dezembro de 2013. — Eles sabem que se forem erradicados de nossa área, quem seria capaz de reunir pessoas à sua volta? A maioria das outras tribos em nossa área não tem liderança alguma; nós temos liderança e influência. Eles dão dinheiro a ele, o protegem e o consultam a respeito de tudo. A outra opção é o EI assassiná-lo.

Tal pensamento estratégico prospectivo é o que ajudou o EI a tomar cidades de outra maneira inacessíveis em Deir Ezzor no verão de 2014, como al-Muhassan, Shaitit e Albu Kamal. Em Mo Hassam, a tomada chocou a maioria dos rebeldes locais, à medida que a cidade era conhecida por ser hostil ao EI. Sua população é famosamente secular e produziu muitos soldados e oficiais profissionais no Exército Árabe Sírio. Mas a ideologia não teve papel algum. O EI simplesmente comprou sua entrada antes de lutar por ela, contando com os enormes estoques de armas produzidas pelos norte-americanos e sauditas que o grupo havia tomado das Forças de Segurança iraquianas em Mosul em junho de 2014.

Estado Islâmico como mediador

O Estado Islâmico também demonstrou-se extraordinariamente adepto em arbitrar disputas em áreas tribais. Ele mediou uma reconciliação histórica em novembro de 2014 entre duas tribos em guerra na cidade fronteiriça síria de Albu Kamal, terminando o que acabara sendo uma discussão familiar de trinta anos entre os al-Hassoun e os al-Rehabiyeen, cujos membros ocasionalmente brigavam uns com os outros.

— Nós ficamos sabendo que eles tinham tensões, então os reunimos e fizemos com que se reconciliassem — um membro do EI que esteve envolvido na reconciliação nos contou. — Eles concordaram e ficaram felizes.

Como parte da sua administração do território governado, o EI também indicou um emir responsável pelas "questões tribais", um saudita conhecido como Dhaigham Abu Abdullah, baseado em Qa'im. Ele recebe enviados para discutir queixas ou reclamações locais — em muitos casos, residentes de cidades recentemente capturadas na região leste da Síria cruzam a fronteira não-existente para encontrar-se com Abu Abdullah como fariam para ir a um juiz de um tribunal federal.

— As pessoas estão correndo para conquistar a confiança do Estado — disse um membro do EI de Deir Ezzor, que acompanhou um desses comboios de pessoas procurando um arbitramento a Anbar. — [EI] é uma autoridade nova em nossa área e as pessoas se apressam para se apresentarem como líderes para defender seus interesses pessoais, e o tribalismo está acima de tudo para elas.

Nossos líderes sabem disso, não somos estúpidos.

Em áreas onde as mortes foram perpetradas por membros da mesma tribo ou uma tribo de um vilarejo vizinho, o EI usa jihadistas estrangeiros ou líderes de outras regiões para manter a paz. Aqui a importação de não-nativos parece ser bem considerada. Saddam al-Jamal, que foi responsável pelo assassinato de setenta locais em sua cidade natal de Albu Kamal, não recebeu um papel de liderança quando o EI retornou à área. Em vez disso, lhe foi dada a função de administrador de um campo de refugiados perto do Iraque. Al-Rafdan, o vingador de Shuhail, foi transferido para Raqqa.

Diferentemente de al-Assad, mas de maneira semelhante a Saddam, então, o Estado Islâmico fez da aproximação tribal uma parte integrante da sua estratégia de governo, para melhor manter a impossibilidade de outro Despertar como uma parte integral da sua estratégia de guerra. Onde o EI não assustou ou persuadiu membros das tribos a se submeterem com a propaganda sobre o "arrependimento" e as consequências de não buscá-lo, o grupo inseriu-se como um amortecedor entre clãs em litígio, baseando-se, sem dúvida, na experiência e conhecimento ganho a duras penas da sua ex-liderança Baathista. Não é por nada que al-Baghdadi, ao anunciar a formação do Estado Islâmico em abril de 2013, referiu-se explicitamente a duas categorias de pessoas: muçulmanos e as tribos da Síria.

O sucesso do Estado Islâmico em jogar tribos, ou membros da mesma tribo, uns contra os outros é um produto das políticas que o grupo seguiu desde a sua ressurgência nos campo de batalha em 2011. O EI seguiu uma política de dividir e governar para assegurar que a rivalidade e hostilidade social e tribal fossem mais pronunciadas do que qualquer inimigo unificado do EI. Isto sem dúvida complicaria a questão de trabalhar com as tribos para derrotar o EI militarmente, pois mesmo se alguns membros de uma tribo decidem tornar-se sahwats, as chances são de que eles estarão combatendo seus próprios consanguíneos.

Trata-se de um temor muitas vezes externado por xeiques tanto no Iraque, quanto na Síria. Como escreveu Frederic Wehrey da Dotação

Carnegie para a Paz Internacional, o EI "provou-se ser um oponente mais adaptável e entrincheirado hoje em dia do que o seu predecessor o era em meados dos anos 2000, empregando uma combinação potente de violência extrema e poder suave para coagir e cooptar as tribos. Corroborando tudo isso, encontram-se os truísmos que muitas vezes desconcertam os entusiastas tribais: a autoridade tribal é volúvel, demasiadamente localizada e muitas vezes artificialmente construída e, portanto, difícil de utilizar completamente".

A situação de retratação nas áreas sunitas iraquianas não era nem tanto um produto das políticas de Nouri al-Maliki, quanto mais diretamente um produto da campanha militar em Anbar no início de 2014. Os protestos antigoverno naquela província após a retirada norte-americana viram a ascensão de figuras tribais e religiosas sunitas comuns, politicamente nos campos de protestos e militarmente no deserto de Anbar — embora o EI estivesse presente em segundo plano. Em vez de levar as preocupações dessas figuras a sério, al-Maliki retratou sua campanha militar em Anbar em termos inequivocamente sectários. Em um discurso feito no Natal de 2013, ele caracterizou-a como uma guerra antiga entre os partidários do neto do Profeta, Hussain, e o filho do primeiro soberano Ummayad, Yazid, no século sete.

Este erro de cálculo desastroso custou possivelmente o cargo de primeiro-ministro de al-Maliki.

Isto certamente ajudou a abrir a porta para o retorno do EI em Anbar.

— Assim que as coisas se acalmarem, as tribos perceberão como os regimes [al-Assad e al-Maliki] as marginalizaram e retomarão a razão — o oficial de negociação do EI nos disse. — Elas estão do nosso lado, mas precisam saber que não podem fazer as coisas como querem. Elas precisam compreender que nós somos os únicos que podem ajudá-las e protegê-las.

A estratégia tribal do Estado Islâmico tem suas limitações; a maior sendo que o EI ainda é considerado como uma força de governo temporária, um aliado que foi feito por conveniência ou pura necessidade. As tribos aceitam a situação temporária como a melhor entre as opções de que dispõe, e por não quererem que suas áreas transformem-se em zonas de combate. Mas elas não endossam o EI ideologicamente ou aderem a ele em massa por calcularem que o seu reino não durará para sempre. Tribos menores estão aderindo ao EI, muitas delas impelidas pela política do poder em vez de qualquer simpatia pelo takfirismo ou o califado.

14

AL-DAWLA
As células dormentes do “Estado” Islâmico

Abu Adnan chegou cedo para o encontro conosco em um hotel cinco estrelas em Sanliurfa, também conhecida como Urfa, na região sul da Turquia, próxima da fronteira síria. Abu Adnan estava com cerca de quarenta anos e havia sido indicado por um contato como alguém que tinha um conhecimento da dinâmica interna do Estado Islâmico. Ele apresentou-se como um médico que trabalhava em hospitais improvisados em territórios controlados pelo EI. Ele inicialmente pareceu curioso para saber o que nós achávamos do “estado”, para o qual ele fornecia serviços médicos, e nossa avaliação das atitudes em relação ao EI no Oriente Médio e internacionalmente. Ele ouvia atentamente, assim como o companheiro mais jovem ao seu lado.

Então Abu Adnan abriu o jogo, revelando que ele não era apenas um médico, mas também um amni, um oficial de segurança para o EI. Ele recusou-se a responder a questões específicas sobre o seu trabalho e esquivou-se de outras, mas explicou orgulhosamente que havia dúzias de homens como ele trabalhando com o EI fora da Síria, muitos em países vizinhos.

— Um crente não é picado no mesmo buraco duas vezes — disse Abu Adnan, referindo-se a um ditado atribuído ao Profeta Maomé, que é mais ou menos o equivalente islâmico de “Engane-me uma vez...”.

— Não podemos nos dar ao luxo de esperar que os outros nos espionem — ele disse. — A informação é a fundação e o pilar de tudo. Nós precisamos saber se ocorrem atividades do lado de fora das fronteiras que possam nos afetar no futuro. Nós precisamos ter uma presença fora de nossos territórios. Nós precisamos fazer tudo sem comprometer o estado, então é importante termos pessoas seguras, eficientes e confiáveis fazendo isso.

Amniyat, ou unidades de segurança, são um dos órgãos vitais da inteligência e contrainteligência do EI, desenvolvidas graças aos ex-oficiais do Mukhabarat iraquiano em suas fileiras. As Amniyat, na realidade, são

chefiadas por Abu Ali al-Anbari, o ex-oficial de inteligência no regime de Saddam. Nos territórios do EI essas unidades são conhecidas por realizarem missões para prender indivíduos procurados e sondar casos relacionados à segurança. No entanto, pouco mais se sabe publicamente a respeito do trabalho das Amniyat. Mesmo dentro de uma estrutura do EI local, elas têm de operar separadamente dos outros setores, como a autoridade clerical, os militares e khidmat al-muslimeen ("Serviços Muçulmanos").

Outro membro do Estado Islâmico, Abu Moawiya al-Sharii, que serve à organização como um sharii, ou clérigo, confirmou que paredes de separação existem entre e em meio a afiliados locais do EI.

— Cada um tem uma especialidade — disse Abu Moawiya. — Não sei o que os comandantes militares fazem ou sabem, e eles não sabem o que um amni sabe.

Tal separação de poderes ajuda a pretensão do EI de ser um estado, remanescente das burocracias e departamentos "estanque" em qualquer governo. Mas ela também guarda contra a infiltração e a espionagem — uma obsessão particular entre os escalões superiores do EI e sem dúvida também uma sobra de suas origens Baathistas. Embora o EI tenda a ser mais flexível em seu recrutamento e exigências para ser um membro do que o Nusra, ele estabeleceu um aparato de segurança interno elaborado e estratificado para isolar o núcleo de sua liderança dos oficiais provinciais, e vice-versa.

— Nossos inimigos são inteligentes e determinados — disse Abu Adnan. — O que nós podemos fazer é nos certificar que o corpo do estado é forte, de tal maneira que ele possa recuperar-se não importa quanto o tenham enfraquecido. Então mesmo se nos destruírem em uma área, você pode ter certeza de que nós ainda estaremos ali. Não precisamos estar expostos e visíveis.

No hotel em Sanliurfa, Abu Adnan não dava sinal exterior algum de que pertencesse a uma organização takfiri conhecida por seus militantes barbados e de roupas negras a apenas quilômetros ao sul. Ele era barbeado e vestido com roupas modernas — mais Mohamed Atta do que Abu Bakr al-Baghdadi. No entanto, durante a entrevista ele foi passando suas fotos no seu telefone celular para mostrar-se socializando e posando com líderes do EI em Raqqa, norte de Hasaka e Aleppo. Ele disse que oficiais de segurança, dependendo da hierarquia da sua posição, têm de aprender uma série de habilidades, de treinamento militar à orientação política, passando

por habilidades de comunicação e atividade clandestina. Abu Adnan alegou ter uma rede de contrabandistas na fronteira sírio-turca que ajudariam combatentes potenciais a entrarem na Síria para aderirem ao EI.

Eles operavam abertamente diante das autoridades turcas e, assim como Abu Adnan, não estariam visivelmente fora de lugar em qualquer cidade ocidental.

— O Estado Islâmico se desloca com uma velocidade incrível — disse Chris Harmer, o analista no Instituto para o Estudo da Guerra, tentando explicar como o exército do terror não apenas mobiliza forças, como aparece do nada em lugares onde eles previamente não tinham uma presença discernível. — Eles têm células dormentes escondidas e inseridas nas cidades, e que começam a atingir os seus alvos. Nós vimos isto em Mosul em junho. Claramente, eles tinham uma lista de pessoas que eles matariam nas primeiras setenta e duas horas na tomada da cidade.

Mayser Hussain, um paramédico de Sahl al-Ghab, Hama, explicou como o Estado Islâmico superou o Exército Sírio Livre em astúcia lá.

— Nós temos um grupo de 580 combatentes de Sahl al-Ghab e Monte Shahshabu; muitos deles juraram lealdade ao EI, como uma célula dormente. Eles estão prontos para combater. Eles ainda não tornaram isso público porque o grupo do Exército Sírio Livre na região, Brigadas Suqour al-Ghab, é dominante. Suqour al-Ghab tem aproximadamente quatro mil combatentes, de maneira que eles não podem combatê-lo.

Hussain disse que o grupo que jurou lealdade ao EI costumava ser conhecido como al-Farouq; agora ele é chamado Jabhat Sham.

— Eu costumava trabalhar com eles quando eram al-Farouq. Recentemente eles me convidaram para juntar-me a eles como paramédico. Eles me disseram que devido ao fato de que eu andei defendendo eles em público e online, e porque deixei crescer uma barba e aparei meu bigode...

"Nós estamos prontos e estamos nos preparando para tomar a região inteira".

O EI, diz Hussain, tem experiência em recrutar das fileiras do Exército Sírio Livre e oferece incentivos para rebeldes regulares desertarem para suas tropas. Uma política atual é que qualquer um que tenha lutado com o Exército Sírio Livre, Ahrar al-Sham, ou al-Nusra contra o EI e o deixa para aderir o exército de al-Baghdadi, tem mais chance de ser promovido dentro da sua hierarquia.

Abu Bilal, o financiador do Exército Sírio Livre cuja casa foi queimada pelo EI, nos contou a história de Obeida al-Hindawi, um ex-combatente do Exército Sírio Livre que havia trabalhado para o EI em segredo por três a seis meses antes de declarar a sua afiliação. Durante este tempo, al-Hindawi recebeu financiamento através de canais locais, todos ligados a doadores do Exército Sírio Livre externos. Ele estava em comunicação regular com um emir tunisiano em al-Muhassan, de onde vem sua família e onde, como examinamos em um capítulo anterior, o EI recrutou membros da tribo.

— Durante o seu compromisso de fidelidade secreto, Obeida objetou ao nosso plano de aderir à luta contra o EI e disse que deveríamos nos distanciar do combate. Ele recrutou sozinho membros do Exército Sírio Livre e convenceu seus ex-colegas a aderirem ao EI. Dois dos seus irmãos que lideraram a brigada na cidade foram mortos. Ele então tornou-se o comandante da brigada.

Subitamente, ele parou de combater e disse que não tinha mais dinheiro ou que seus carros haviam parado de funcionar. Era tudo um estratagema; ele já estava com o EI há algum um tempo àquela altura.

O grupo que conhecia a verdadeira afiliação de al-Hindawi era al-Nusra, que tinha a melhor inteligência na área segundo Abu Bilal.

— Nusra invadiu a casa de Obeida em abril ou maio. Todos estavam perguntando por quê. Nusra disse que ele era um membro do EI que pagava dinheiro para as pessoas aderirem ao grupo. Ele havia fugido para Raqqa. Ele anunciou sua lealdade quando voltou de Raqqa para al-Muhassan, enquanto o EI tomava Busaira, uma cidade em Deir Ezzor, em junho, e dois dias antes de eles avançarem sobre o reduto do Nusra na cidade de Shuhail. Ele hasteou a bandeira do EI e construiu um posto de controle e ativou todas as células dormentes.

Al-Hindawi mais tarde envolveu-se na execução de membros da tribo Shaitat em vilarejos próximos.

Zakaria Zakaria, um jornalista de Hasaka, disse que a infiltração do EI no al-Nusra foi igualmente impressionante. Quando muitos jihadistas do al-Nusra em Hasaka queriam desertar para o EI no início de 2012, o EI disse a eles para aguardarem por enquanto.

— Quando o EI tornou sua adesão pública mais tarde, metade já dos membros estavam com eles, e o resto fugiu para a Turquia ou aderiu ao grupo.

Tomando o Exército Sírio Livre

Cerca de quarenta e dois quilômetros ao norte de Aleppo, al-Bab havia caído em mãos do Exército Sírio Livre no verão anterior e servia como uma base de recuo para batalhões realizando o cerco a Aleppo, cidade que estava sendo progressivamente conquistada do regime.

Um dos autores conheceu Barry Abdul Lattif enquanto trabalhava a partir de al-Bab e do bairro de Bab al-Hadid de Aleppo no fim de julho de 2012, em meio ao Ramadã. Um dos primeiros ativistas de mídia pró-revolução, Lattif havia conquistado uma reputação entre correspondentes estrangeiros por ser um viciado em adrenalina carismático, mas enervante. Ele adorava seguir os caças Sukhoi e helicópteros de ataque do regime tanto quanto adorava levar jornalistas ocidentais enjoados (como nós) nas zonas de guerra mais proibitivas na Síria. Um dia antes de nossa visita, ele havia sofrido um pequeno ferimento de estilhaços, o resultado, nos disseram, de balas de atiradores de elite ricocheteando do chão em Salaheddine, que era então a ferozmente disputada Stalingrado de Aleppo, uma cidade destruída pelo bombardeio aéreo e combate incessante.

A al-Bab do Ramadã de 2012 havia oferecido um dos sinais mais encorajadores da revolução anti-Assad. A presença do Exército Sírio Livre guardando a cidade foi, na maior parte, financiada por mercadores locais, não doares estrangeiros, e talvez por serem pagas pela comunidade que protegiam, suas tropas não exibiam nenhuma das nódoas da corrupção ou venalidade que viriam a caracterizar o campo rebelde maior mais tarde. Combatentes posicionados na caserna no centro da cidade da Brigada al-Khatib (uma das muitas unidades assim chamadas em homenagem a Hamza al-Khatib, um garoto de treze anos que foi morto pelas forças de al-Assad em 2011) fariam o sinal da paz ou insistiriam em posar para fotografias.

Mas era a sociedade civil de al-Bab que parecia tão esperançosa. O regime de Assad havia praticamente destruído o hospital da cidade de al-Bab e assim, a fim de cuidar dos feridos, voluntários e médicos profissionais haviam estabelecido um hospital de campo improvisado no subsolo de uma mesquita. Eles mantinham registros meticulosos daqueles que eles tratavam, que, segundo eles, incluíam: civis, combatentes do Exército Sírio Livre, mas também soldados de al-Assad e mesmo alguns

shabiha. Ao cair da noite, as ruas de um povoado pastoral do Levante eram transformadas por cenas extáticas de protesto e ação municipal. Como todos os serviços do governo haviam parado após al-Bab ter caído para a oposição, as pessoas da cidade tiveram de assumir os serviços da mesma. Então combatentes do Exército Sírio Livre largavam suas Kalashnikovs e pegavam vassouras e sacos de lixo com a ajuda de voluntários de luvas brancas que rodavam pelas ruas de motocicletas que lembravam grandes secadores de cabelos.

— Onde estão os terroristas aqui? — havia perguntado Latiff aquele verão, zombando da propaganda do regime de que todos e qualquer um que o enfrentassem eram al-Qaeda.

Os terroristas chegaram um ano mais tarde.

Agora vivendo na Turquia e trabalhando para a RMTeam, uma organização de ajuda humanitária e pesquisa síria, Lattif recontou como o EI avançou sobre al-Bab e em última análise assumiu controle de toda a cidade.

— Após eles anunciarem o seu "estado" e após desertarem da al-Qaeda, eles começaram a prender ativistas em torno das áreas liberadas. Pela primeira vez eu vi — era agosto de 2013, eles vieram a al-Bab e capturaram alguns batalhões maus do Exército Sírio Livre.

O que tornava os batalhões "maus"?

— Eles eram ladrões. Eles raptaram alguns civis e pediram dinheiro para liberá-los — disse Lattif.

— Então o Daesh prendeu os batalhões. Nos primeiros dias, os civis gostavam do Daesh; eles não faziam ideia de que o EI tinha o seu próprio projeto e seus próprios planos para al-Bab.

O regime jamais havia parado de bombardear al-Bab. De acordo com Lattif, eles haviam acertado uma escola próxima do hospital, que havia a esta altura sido parcialmente recuperado. Doze médicos, disse Lattif, foram mortos neste ataque. Acreditando que a presença dos takfiris só traria mais punição coletiva para a cidade, as pessoas começaram a protestar contra o EI.

— Durou por três ou quatro dias. Depois disso, algumas brigadas do Exército Sírio Livre negociaram com o Daesh para deixar a cidade. Então eles recuaram para a zona agrícola em torno de al-Bab. Mas eles ficaram ali, logo acima da cidade, pairando, muito próximos. E todos os dias eles capturavam pessoas novas, mais combatentes do Exército Sírio Livre dos

batalhões maus. Eles não haviam capturado nenhum ativista ainda, eles apenas emitiam ameaças contra eles — para mim, especialmente. Quase todas as pessoas na cidade me perguntavam todos os dias no Facebook se eu ainda estava livre. Elas me avisavam que eu estava correndo perigo, que o Daesh viria me pegar.

Foi depois do EI ter assumido quase o controle absoluto de Raqqa, disse Lattif, que o grupo retornou a al-Bab com força, criando um "cerco" em torno da cidade. O EI entrou em combate com batalhões do Exército Sírio Livre assim como com combatentes do Ahrar al-Sham e al-Nusra.

— Não havia mais muitos homens destes dois grupos em al-Bab a esta altura — disse Lattif.

O Exército Sírio Livre ainda era a insurgência predominante, com aproximadamente 1.500

combatentes em al-Bab (muitos deles importados de áreas vizinhas, como Minbij e Aleppo), seguido distantemente pelo Ahrar al-Sham e, então, o al-Nusra.

Para forçar al-Bab a se render, o EI recorreu a uma tática favorita do regime: fome. Eles seguiram roubando o trigo dos silos nos arredores da cidade, e o Exército Sírio Livre foi chamado para parar com o saque a fim de que os residentes, já sofrendo, não ficassem sem pão. Segundo Lattif, o EI atacou o principal quartel-general em al-Bab do Liwa al-Tawhid, a maior brigada em Aleppo, matando vinte e um homens. Então:

— O regime bombardeou a cidade com helicópteros. Eles atacaram somente civis no centro da cidade. Então o Daesh tirou vantagem do ataque e entrou em al-Bab. Eles viram a oportunidade criada pelo regime — disse Lattif.

Al-Assad, insistiu Lattif, era muito engenhoso.

— Ele queria dar a impressão aos civis que Daesh e o regime eram um. Sua meta era começar uma guerra civil com o Exército Sírio Livre.

Até janeiro de 2014 — o mês em que a sahwa menor da Síria começou —, o EI havia trazido atiradores de elite para locais estratégicos por toda a al-Bab. Eles começaram a assassinar civis e rebeldes.

— Eles atiravam em todo mundo — disse Lattif. — Eu estava no centro de mídia de al-Bab quando o Daesh tomou aproximadamente um quarto da cidade, no distrito ao sul. Subitamente, tudo ficou em silêncio. Não havia ruído algum. Todo o combate havia cessado. Nós fechamos nosso escritório e voltamos para nossas casas. Aproximadamente às 11:00

da noite, fui dar uma volta na cidade para ver o que estava acontecendo. Eu vi o Liwa al-Tawhid partir. Não havia mais combatentes armados em al-Bab. Não sei para onde eles foram.

Ahrar al-Sham, ele disse, manteve uma presença em torno da cidade, mas não dentro dela.

— Fiquei com eles até de manhã. Era sexta-feira à noite. Vi muitos combatentes do Ahrar al-Sham, com carros e metralhadoras, entrarem na cidade em torno das 4:00 a.m. Então, aproximadamente uma hora e meia depois, três caminhões, todos cheios de munição e foguetes, e todos pertencendo ao Ahrar al-Sham, deixaram al-Bab. Havia um emir do grupo que veio falar conosco e pediu aos combatentes com quem eu estava para deixarem nosso posto de controle porque nós éramos o último posto de controle na cidade. Todo mundo havia partido para Aleppo, ele nos contou.

O EI tomou o controle absoluto de al-Abab naquela manhã.

A casa segura onde um dos autores havia permanecido pertencia a um combatente rebelde chamado Abu Ali, um amigo pessoal de Lattif.

— Ele deixou a sua esposa e filhos com minha família. O EI assumiu o controle da sua casa. A família de Abu Ali permaneceu por quatro, talvez cinco meses. Agora eles estão com ele em Aleppo.

A família de Lattif, no entanto, segue em al-Bab.

Quando o EI governa

Em um primeiro momento, Lattif disse, o EI tratou os civis "educadamente", mesmo assumindo algumas das tarefas administrativas que haviam sido cuidadas por voluntários e o Exército Sírio Livre. Eles consertaram estradas com buracos, plantaram flores na rua, cultivaram jardins e limparam as escolas locais. Mas não muito tempo depois, disse Lattif, o EI instituiu a lei da Sharia, forçando as mulheres a vestirem o que ele chamou de "as roupas Daesh" — o niqab ou cobertura total da cabeça e rosto.

— Eles baniram os cabeleireiros. O barbear também é proibido. Não é permitido fumar, nada de shisha [narguilé] e jogos de cartas. Eles tornaram tudo ruim para os civis agora. Eles forçam as pessoas a irem à mesquita para as rezas, fechar seus negócios. Ninguém pode caminhar nas ruas durante as rezas. Eles raptaram quase todas as pessoas trabalhando nos

centros de ajuda. Mais ou menos um mês atrás [novembro de 2014], eles fecharam a escola. Se você quiser estudar agora, você tem de ir à escola Daesh na mesquita.

A tortura é comum, também. O EI passou a prender membros do Exército Sírio Livre, que eles acusam de serem agentes de serviços de inteligência estrangeira. Também, sentenças para vários crimes designados pelo EI são cumpridas publicamente na praça central de al-Bab. Estas vão desde membros decepados a decapitações, dependendo do crime.

— Eles decapitam cabeças e mãos na praça. Você se lembra do local em que as pessoas fumavam seus narguilés? Lattif estava se referindo a um café popular no centro de al-Bab onde, em 2012, ele havia delineado sua visão de uma Síria livre e democrática. — As decapitações estão ocorrendo agora ali na frente. Eles fecharam o lugar, é claro.

Nos primeiros meses após o EI ter assumido o controle de al-Bab, o regime se absteve de bombardear a cidade. Então, em novembro de 2014, a Força Aérea Síria começou novamente, soltando bombas de barril — "dispositivos explosivos improvisados voadores", que provaram ser um dos materiais bélicos mais mortais usados pelo regime na guerra — que mataram sessenta e dois civis em um ataque aéreo. De acordo com Lattif, a Força Aérea largou uma bomba de barril na rua principal de al-Bab, de maneira alguma próxima de qualquer local do EI.

Isto seguiu-se à ofensiva oriental do EI contra uma série de instalações militares do regime, como: a base aérea Tabqa em Deir Ezzor, a base Divisão 17 em Raqqa e a base Regimento 121 em Hasaka — um claro recrudescimento das escolhas antiregime do grupo que ocorreram diretamente após sua blitz nas regiões central e norte do Iraque.

— O regime quer que al-Bab fique sob o controle do Daesh — disse Lattif. — Assad tem soldados a aproximadamente quinze quilômetros a oeste de al-Bab, mas eles nunca tentam tomar a cidade de volta. Agora, todas as vezes que o regime envia suas forças contra as áreas ao norte de Aleppo, o EI também ataca alguns lugares no norte. Tanto o regime, quanto o EI estão atacando o Exército Sírio Livre ao mesmo tempo, mas separadamente. O regime vê muitos benefícios do controle do EI de al-Bab e Raqqa — sem eles, as forças aliadas não atacarão a Síria. O regime perdeu a sua autoridade no início da revolução. Para recuperá-la, ele precisa de terroristas na Síria. Agora existem muitas vozes no Ocidente dizendo que al-Assad é a única força contra os terroristas no Oriente Médio. Agora os

principais jogadores na Síria são os terroristas, Daesh, Jabhat al-Nusra e o regime.

EI vs. Assad

A história de Lattif está de acordo não somente com o que a oposição Síria tem dito por anos — que al-Assad e o EI são, no mínimo, aliados tácitos em uma guerra comum contra o Exército Sírio Livre e os rebeldes islamitas — mas também com o que seguidores do regime começaram a dizer ultimamente. Para saquear Tabqa, Divisão 17 e Regimento 121, o EI contou com armas roubadas de bases das Forças de Segurança Iraquianas tomadas em Ninewah e Anbar. Como vimos, antes de junho de 2014, quando Mosul foi tomada pelo EI, as forças de al-Assad haviam em grande parte se abstido de combater os takfiris na Síria enquanto insistindo em sua propaganda que eles sempre haviam sido seu alvo prioritário. Após a queda de Mosul, no entanto, o regime sentiu uma oportunidade renovada de fazer uma parceria com o Ocidente como um agente do contraterrorismo. Então os aviões de guerra sírios começaram a bombardear dezenas de alvos do EI em Raqqa, ou pelo menos fizeram uma demonstração de fazê-lo.

— Eles não bombardearam o quartel-general do EI até junho, e mesmo então somente após ele ter sido evacuado — disse ao Guardian o chefe da inteligência curda iraquiana, Masrour Barzani, no final do mês de agosto de 2014. — Nós todos estamos pagando o preço agora.

Após a tomada da Divisão 17, o EI executou até cinquenta soldados sírios, decapitando alguns e então fotografando as cabeças separadas em Raqqa, de acordo com Rami Abdel Rahman do Observatório para os Direitos Humanos sírio baseado em Londres, que disse à Agence France-Presse: — Há uma clara mudança na estratégia do EI. Ele deixou de buscar a consolidação do seu controle total em áreas sob o seu domínio. Ele está se espalhando agora. Para o EI, combater o regime não quer dizer derrubar Assad. A ideia é expandir o seu controle.

Isso tudo foi demais para muitos seguidores de Assad. No verão de 2014, após ver quão pouca resistência o EI enfrentava na sua ofensiva oriental, muitos ativistas pró-regime começaram a denunciar seu próprio lado. Em um vídeo postado online, eles acusaram o regime de nada menos que traição na base aérea de Tabqa, justificando a sua crítica citando uma

declaração feita um dia por Hafez al-Assad: “Não quero que ninguém fique calado sobre um erro”. O vídeo mostra oficiais sírios falando confiantemente a respeito de sua luta contra o EI, mas o narrador explica que eles foram enganados a acreditar que helicópteros cheios com cinquenta toneladas de munição e provisões estavam a caminho. No evento, os únicos helicópteros que chegaram não traziam carregamento algum para Tabqa, mas levaram uma carga significativa embora: a saber, o chefe da base aérea, Adel Issa, juntamente com três dos seus generais. Isto foi dezoito horas antes de a base ser invadida pelos militantes do EI. O vídeo também acusa o ministro da informação sírio, Omran al-Zoubi, de acobertar esta traição e então mentir a respeito do seu resultado pavoroso. O próprio primo de Assad, Douraid al-Assad, é citado dizendo: “Eu defendo a expulsão do ministro da defesa, do chefe da casa civil, do chefe da força aérea, do ministro da informação e todos envolvidos na queda da base militar de Tabqa e suas consequências”. Finalmente, o vídeo termina com declarações como: “Nossas balas — nove delas são dirigidas aos traidores e uma ao inimigo”.

Elia Samaan, o oficial sírio junto ao Ministério da Reconciliação, perguntou abertamente a respeito da ausência da Força Aérea Síria na guerra contra o EI em junho de 2014, após os homens de al-Baghdadi invadirem a Síria a partir do Iraque com renovado vigor e muito equipamento roubado. Embora ele não tenha levado em consideração a alegação de que o regime de qualquer maneira estivesse em conluio ou cooperando com o EI, Samaan admitiu para Anne Barnard do New York Times, que combater o grupo terrorista não era a “prioridade principal” para Damasco.

Em vez disso, Al-Assad estava “bastante satisfeito em ver o EI matando” o Exército Sírio Livre e a Frente Islâmica em vez de suas próprias tropas. Quando a Força Aérea Síria finalmente recrudesceu sua campanha aérea contra o EI, ela terminou matando, de acordo com o relato de Lattif, mais inocentes do que militantes. Khaled, um combatente do EI, disse a Barnard: — A maioria dos ataques aéreos alvejou civis, e não quartéis generais do EI. Graças a Deus.

Minbij

Embora o EI possa ter prosperado em parte devido à negligência nefasta do regime de Assad, o grupo também beneficiou-se da adoção de uma política inteligente contra o que Lattif chamou de "batalhões maus do Exército Sírio Livre".

Ayman al-Zawahiri havia aconselhado al-Zarqawi, nos primeiros anos da AQI, não apenas a respeito da bobagem que era matar xiitas iraquianos, como a respeito da necessidade de uma governança islâmica efetiva nas áreas governadas pela al-Qaeda no Iraque.

— É imperativo que, além da força, haja uma satisfação dos muçulmanos e um compartilhamento da governança com eles — escreveu al-Zawahiri para o seu comandante de campo em 2005. O que ele havia defendido era algo semelhante à aplicação constante do poder suave jihadista. Embora claramente esquivando-se da injunção de al-Zawahiri a respeito dos xiitas, o EI mais ou menos seguiu o seu conselho de criar incentivos populares para a governança islâmica. Minbij é um caso ilustrativo.

Uma cidade de aproximadamente duzentos mil habitantes situada estrategicamente entre Aleppo, Raqqa e a fronteira turca, Minbij foi abandonada pelas forças do regime sírio em novembro de 2012, após o que os residentes estabeleceram uma administração municipal para se autogovernarem. Logo, a cidade tornou-se um símbolo importante, mas temporário, para a revolução síria de que um estado pós-Assad não precisava ser de maneira alguma um pesadelo Hobbesiano. O idílio durou aproximadamente um ano.

Acusações de que grupos rebeldes nacionalistas ou seculares estavam comportando-se como bandoleiros ou gângsteres estavam disseminadas pela Síria, muitas vezes fazendo com que facções islamitas mais linha-dura, incluindo o al-Nusra, parecessem modelos de disciplina e justiça em comparação. Fortificado com quase todo o contingente de ex-combatentes estrangeiros do al-Nusra, o EI estabeleceu uma base na cidade em abril de 2013, operando lado a lado com várias outras facções armadas, e continuou a servir como uma gendarmaria pequena, mas temida, de aproximadamente cinquenta homens.

O EI usou a sua base para aproximar-se da população local sem chamar a atenção, convidando as pessoas para sua madhafa (local de encontro) para socializar e também aprender sobre o amplo projeto islâmico de al-Baghdadi para a região. O EI mediou disputas e respondeu a

reclamações dos locais, atuando, de fato, como mukhtars em uma cidade destituída de qualquer autoridade estatal.

No entanto, a presença do EI em Minbij cresceu firme e silenciosamente; casas alugadas foram usadas como depósitos secretos de armamentos e munição, tornando a verdadeira extensão da presença jihadista publicamente calculável. Também, a sua política de arbitramento tornou-se menos transparente e mais severa. O EI prendia combatentes do Exército Sírio Livre sem recorrer às comissões da Sharia e controlava quaisquer recursos que o grupo conseguisse colocar as mãos para tentar e comprar o resto da população através do fornecimento de serviços sociais. O EI mantinha seus combatentes distantes das linhas de frente e em vez disso fazia acordos táticos com o Exército Sírio Livre e outros grupos islamitas: em troca de terroristas suicidas, que poderiam ser usados para detonar carros-bomba em postos de controle do regime ou para explodir instalações militares com equipamentos excedentes, os rebeldes que estavam combatendo as forças de al-Assad compartilhariam seus despojos de guerra com o EI. Até setembro de 2013, a linha dura do EI e seu jogo em busca do controle monopolista dos serviços da cidade transbordou-se em um confronto direto com os grupos rivais.

O EI declarou guerra contra os curdos em Minbij, prometendo "limpar" a região do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PTC), cuja divisão síria, o Partido da União Democrática (PUD) do Curdistão era a facção armada mais poderosa entre a minoria curda síria.

Em outubro, forças rebeldes em Minbij tomaram os moinhos de farinha do EI e disseram para os jihadistas evitarem ignorar os conselhos militares e de Sharia na cidade nos acordos de disputas públicas. Quando os rebeldes em Aleppo e Idlib declararam guerra contra o EI em janeiro de 2014, forças locais em Minbij destruíram a base do EI e mataram ou capturaram todos os seus combatentes.

No entanto, de acordo com vários residentes de Minbij que falaram com os autores, os locais simpatizavam com o EI e lamentaram a sua expulsão.

— As pessoas só viam coisas boas do EI, embora elas não gostassem de suas ideias religiosas — disse o residente Shadi al-Hassan. — Elas também sabiam que aqueles que o combatiam eram as piores pessoas na área.

O recuo do EI de Idlib e do norte de Aleppo ajudou-o a retornar a Minbij com tudo. O grupo assumiu controle da cidade após enviar reforços de Raqqa e da região nordeste de Aleppo. Logo o EI estabeleceu um sistema desenvolvido de governança, impressionando da mesma forma aos residentes da cidade e refugiados desalojados. Por mais difícil que isso possa parecer, dado o caráter sinistro das atrocidades do EI, os sírios na realidade afluíram em grande número para aderir ao grupo jihadista ou trabalhar com ele ao nível local. Membros do EI tinham papéis diferentes: alguns eram dedicados ao combate, enquanto outros atuavam como seguranças, administravam serviços médicos, operavam padarias, promoviam os tribunais da Sharia e por aí afora. Para a comunidade local, a diferença foi rapidamente sentida: o EI fornecia proteção e segurança; seus métodos de justiça eram céleres e ninguém estava isento da punição, incluindo seus próprios combatentes que se afastassem do rígido código moral que o grupo havia estabelecido. Consequentemente, raptos, roubos e atos de extorsão praticamente desapareceram.

Ayman al-Mit'ib, um residente de Minbij que desde novembro de 2013 havia sido desalojado internamente na cidade, disse:

— Não há absolutamente apoio nenhum para os seus atos, mas também não há oposição alguma a eles. A razão por que as pessoas apoiam o Estado Islâmico é a sua honestidade e práticas comparadas à corrupção da maioria dos grupos do Exército Sírio Livre. Alguns grupos do Exército Sírio Livre aderiram ao EI também.

A história de como o EI cresceu em Minbij soa verdadeira em outras áreas sob o seu controle, particularmente onde as facções do Exército Sírio Livre falharam em conter a corrupção ou os abusos de direitos humanos. Um desertor do exército sírio, por exemplo, contou ao Guardian em novembro de 2013 como o EI operava como um vírus na Síria ao tomar outros batalhões e os territórios que eles controlavam.

— O que eles fazem é atacar as unidades mais fracas com o pretexto de que o seu comandante é um bandido ou saqueador — eles combatem apenas uma força de cada vez — ele disse, acrescentando que assim que o EI se abriga em uma cidade, o grupo se dissemina para fora, tomando povoados e vilarejos cercando o centro urbano.

Realmente, um dos primeiros líderes rebeldes a ser publicamente executado pelo Estado Islâmico foi Hassan Jazra de Ghuraba al-Sham. Jazra havia sido um mercador de melancias antes da revolução, então um

manifestante pacífico contra al-Assad, e finalmente um rebelde que roubou para financiar sua atividade militar. Em um obituário para Jazra, a jornalista Orwa Moqdad escreveu: “Aleppo conhecia Hassan Jazra como um ladrão. No entanto, ele não deixou seu posto na frente por um ano e meio diante de ataques do exército regulares. Ele era um filho do movimento de protesto que foi impelido por circunstâncias cada vez piores a tornar-se um líder militar... isso tornou-se cada dia mais comum no curso da guerra”. O EI executou-o, juntamente com seis dos seus combatentes, em novembro de 2013. A execução foi usada pelo EI para provar um ponto: aqueles que buscavam enriquecer com a guerra, ou que se perdiam do caminho revolucionário puro, eram tão ruins quanto o regime. Embora em morte a reputação de Jazra dependesse de quem você perguntava, para o EI a sua execução foi uma forma necessária de justiça. A sua popularidade cresceu conformemente. Após isso, o EI começou a firmar-se ainda mais nas áreas em poder dos rebeldes.

A governança tem sido uma estratégia vencedora para o EI. O seu modelo de governança impeliu muitos a aderirem aos seus quadros, trabalharem com o grupo, ou pelo menos não se oporem à sua existência nas suas áreas. Tendo em vista que este aspecto é fundamental para a sua existência e capacidade de sobrevivência, é importante compreendermos como o grupo partiu para vencer corações e mentes apesar de sua brutalidade patológica.

Quando os rebeldes sírios começaram a controlar as áreas por todo o país, a ausência da ordem era de certa maneira tolerada pelas comunidades locais como um preço necessário antes da remoção do regime. Também, como veio a ser exposto mais tarde, alguns grupos afiliados ao Exército Sírio Livre engajaram-se no roubo e saque e alegavam que as forças de Assad estavam por trás disso. À medida que o tempo passou, no entanto, a ausência de ordem tornou-se mais pronunciada e uma importante fonte de queixa para as comunidades locais. Algumas facções do Exército Sírio Livre optaram em deixar as linhas de frente e se ocuparem em ganhar dinheiro em suas áreas. A cisão entre facções, busca do lucro e incompetência começou a alienar as pessoas.

Perto do fim de 2012, facções islamitas independentes começaram a conquistar espaço à medida que elas se provavam mais efetivas, em termos de governança e combate, do que as milícias baixas do Exército Sírio Livre. Por todo o país, islamitas começaram a assumir o controle de áreas em

poder dos rebeldes. Eles estabeleceram comitês de Sharia, regulamentaram recursos e administraram instalações do governo. Em algumas áreas, o al-Nusra trabalhou com islamitas para fortalecer o mecanismo de aplicação dos tribunais da Sharia. Mas o modelo não provou-se sustentável por várias razões.

Tendo em vista que a maioria dos insurgentes islamitas recebeu apoio financeiro de uma série de doadores que demandavam ter voz na maneira com que o dinheiro seria gasto, a divisão foi inevitável. Diferenças ideológicas também contribuíram para a incapacidade de se estabelecerem tribunais e forças de segurança fortes. Os islamitas também ficaram mais atentos às comunidades locais e podiam aplicar a lei da Sharia somente através da mediação e consentimento público, especialmente quando a questão envolvia outro grupo armado ou uma família poderosa. Mesmo o al-Nusra, que era muito mais poderoso e disciplinado que as outras forças até a ascensão do EI, tinha de voltar atrás em algumas de suas decisões para evitar conflitos com famílias locais. Al-Nusra, assim como os islamitas, também se eximiam de fazer valer suas regras para evitar alienar a população.

O modelo do EI era de alto risco. O grupo era consistente e determinado a fazer valer as suas regras, muitas vezes às custas de voltar forças locais mais poderosas contra si. Mesmo nos momentos em que pareceu claro que o EI tinha pouco futuro na Síria — em torno de fevereiro 2014, por exemplo — ele insistiu com sua maneira de atuar. O grupo não toleraria qualquer rivalidade ou reconheceria quaisquer comissões da Sharia que não fossem suas. O EI demandava uniformidade a qualquer custo.

— Se você é um comandante do Exército Sírio Livre e tem um parente civil, [o Exército Sírio Livre e outros rebeldes] aceitariam mediação — disse Hassan al-Salloum, um ex-comandante rebelde de Idlib residindo em Antakya, Turquia, referindo-se ao tempo em que o EI ainda era um jogador marginal na Síria. — Mas com o EI, se eu reclamar a respeito de um membro do Exército Sírio Livre, eles o trarão para interrogá-lo. Eles não aceitariam mediação. As pessoas começaram a reclamar para eles. As pessoas os faziam intervir. Uma pessoa vem até eles e pede ajuda. O Exército Sírio Livre não faria nada. O EI consegue o que você quer, e então você começa a falar a respeito dele. Se eu bater em um dos meus soldados, ele irá até o EI. Eles o darão armas, salário, um trocado.

Assim que o EI passa a controlar uma área, ele estabelece um aspecto de ordem e demonstra tolerância zero para qualquer rivalidade ou exibição pública de armas. Ele imediatamente desarma as comunidades locais, fundamentalmente de armamentos pesados. Para os sírios que viviam sob o controle das milícias do Exército Sírio Livre, a mudança foi bem-vinda.

— Você pode dirigir de Aleppo a Raqqa, a Deir Ezzor e para o Iraque, e ninguém vai incomodá-lo — um residente de Deir Ezzor disse. Antes, você teria de ser parado em postos de controle especiais e você teria de subornar e tolerar isso.

A ausência de ordem incomoda mais ainda aqueles que trabalham em transporte ou comércio ou vivem em áreas que têm campos de petróleo. Grupos armados inteiros foram formados para: controlar os poços de petróleo, impor impostos de estrada, acompanhar negociantes de petróleo, perpetrar contrabando ou acumular riqueza de qualquer maneira possível. Tiroteios constantes, assassinatos aleatórios, raptos e extorsão eram comuns na maioria dos lugares. Era frequentemente o caso quando uma pessoa com parentes pesadamente armados matava outra pessoa, a família da vítima perdia a esperança com a justiça, a não ser que eles tivessem aliados em uma milícia que pudesse pedir por justiça através de uma comissão da Sharia. A situação mudou 180 graus quando o EI apareceu. As pessoas pareciam agradavelmente surpresas em um primeiro momento, às vezes até o ponto que exagerariam sua sensação de alívio.

— Em vinte anos nós não nos sentíamos tão seguros — disse um velho residente de Deir Ezzor. — Não ouvimos mais tiroteios. Não ouvimos mais falar que fulano matou beltrano. Mais tarde, as mesmas pessoas expressaram satisfação com a situação atual, mas estavam menos dispostas a elogiar o governo do EI.

Um dos elogios mais citados para o EI em seus territórios é o de que ele realmente faz o seu trabalho. Diferentemente do Exército Sírio Livre e grupos islamitas, o EI enviará uma patrulha para pegar uma pessoa se outra pessoa fizer uma reclamação a respeito dela. Mesmo se a reclamação em questão data de anos antes da revolta, disse um residente que esteve envolvido em um caso desses, o EI solucionará a questão se a pessoa tiver os documentos apropriados. Rifaat al-Hassan, de Albu Kamal, contou a história de um tio que perdeu centenas de milhares de libras sírias anos antes da revolta, em um golpe fraudulento realizado por um empresário

local. Quando o EI controlou a cidade de Albu Kamal, o golpista foi preso e forçado pelo EI a retornar todo o dinheiro tomado criminosamente.

De maneira mais importante, as leis aplicam-se aos membros do EI e comandantes também; o EI executou vários de seus membros e comandantes por obtenção ilegal de lucro ou abuso de poder.

Em novembro de 2014, o EI executou um de seus líderes em Deir Ezzor após acusá-lo de peculato e roubo. De acordo com o grupo, o comandante roubou residentes após alegar que eles eram apóstatas. Histórias similares são comumente contadas por membros de comunidades sob o controle do EI. Imad al-Rawi, da cidade fronteiriça iraquiana de Qa'im, que jurou fidelidade ao EI em agosto de 2014, contou de dez membros do EI que foram executados porque vendiam tabaco que haviam confiscado de contrabandistas.

— Quando eles faziam batidas em lojas que vendiam tabaco, eles não o queimavam — disse al-Rawi. — Quando eles faziam uma batida em uma casa, eles também a roubavam. O estado os executou quando os descobriu. Nenhum desses membros fumava, eles apenas vendiam o tabaco.

Com estas táticas, o EI estabeleceu-se como um aplicador viável da lei e ganhou crédito de dois segmentos importantes da sociedade: aqueles que ficaram desiludidos com a revolução síria e começaram a sentir saudades da proteção e segurança sob o regime, e aqueles que foram alienados pelo Exército Sírio Livre e facções islamitas. Para essas categorias, entre outras, o EI serviu um papel temporário aceitável.

— O regime cometia erros e os repetia — disse Ghassan al-Juma, de Hasaka. — O Exército Sírio Livre, também, cometia erros, e ninguém conseguia pará-los. Mas quando o EI comete erros, ele não os repete. Você vai e reclama. Se ninguém responde à sua reclamação, você vai ao líder do perpetrador, e você sempre conseguirá o que quiser se estiver com a razão.

No Iraque, o EI também buscou evitar os erros que ele havia cometido nos anos anteriores aos conselhos do Despertar. Parte da sua estratégia nas áreas que ele controlava era vencer os corações e mentes e aproximar-se dos líderes comunitários locais. Após a tomada de Mosul, os membros do EI evitavam estar pesadamente presentes nas ruas. Os residentes de Mosul disseram que nas primeiras semanas após as Forças de Segurança do Iraque terem deixado a cidade, a maioria dos combatentes andando nas ruas era dos bairros.

Em Mosul e por toda parte, o EI permitiu que as forças locais governassem suas próprias questões, especialmente em áreas em que o grupo sentia-se relativamente seguro ou não tinha homens suficientes. A visibilidade reduzida do EI ajudou a estabelecer confiança na nova ordem, especialmente nas cidades iraquianas. Nas áreas sírias, antes de ter estabelecido controle, o EI tinha menos espaço de manobra para fazê-lo dada a dominância dos grupos rebeldes hostis. Em vez disso, o grupo beneficiou-se de células dormentes e seguidores de dentro destas comunidades para de maneira incremental estabelecer um reduto. A brutalidade notória do grupo ajudou-o a criar uma sensação de calma nos primeiros dias antes de começarem a aproximar-se das pessoas.

— As pessoas estavam aterrorizadas com o EI porque sua reputação o precedia — disse al-Rawi de Qa'im. — Em um primeiro momento, as pessoas os evitavam, mas assim que eles começavam a encontrar-se com as pessoas em mesquitas e engajando-se com elas, as pessoas passaram a se sentir à vontade com eles. Elas gostavam da sua dedicação e lentamente começaram a trabalhar com o EI, mesmo que o grupo ainda não estivesse com elas. O EI interferia quando precisava. Os locais eram mais presentes.

Isto ainda é particularmente o caso em áreas onde o EI precisa da força de trabalho das pessoas.

Após a tomada de Mosul, o EI apresentou um novo sistema de sociedade do grupo para as forças locais existentes em que ele ainda não confiava. O EI as chamava de munasir ("apoiador") — a ser distinguido de ansar, um termo que os jihadistas usam para referir-se a membros locais de um grupo em oposição a mujahirin, ou combatentes estrangeiros. Um munasir tem de jurar lealdade ao EI sem ter acesso à sua estrutura. Esses membros de segundo escalão recebem salários e trabalham na maior parte realizando as funções administrativas de menor importância e de polícia em suas áreas, tarefas que o EI muitas vezes refere-se como khidmat al-muslimeen. Esta estratégia ajuda o EI a tornar-se menos visível e desse modo mais capaz de eximir-se da responsabilidade, assim como aumenta a rivalidade dentro da comunidade local sobre a governança. O EI pode chamar estas forças para servir como reforço para suas tropas nas linhas de frente, como em Kobane, de acordo com residentes em Raqqa. Apesar do espaço de manobra que isto proporciona às forças locais, o EI ainda detém o controle geral militar, religioso e político.

A combinação da força bruta e governança efetiva significa que a população local tem pouca motivação e uma enorme dissuasão para sublevar-se contra o EI, particularmente na ausência de uma alternativa viável e aceitável. Tais políticas também dificultam muito para qualquer força de fora retomar essas áreas do EI, devido à dificuldade de preencher o vazio e formar novas alianças com as comunidades locais.

Por toda parte e em parte alguma

Embora ele tenda a ser minimamente visível como uma força militar, o EI também se abstém da microadministração de uma cidade o máximo possível. As forças locais e seus subordinados muitas vezes administram as questões administrativas do dia a dia. Tipicamente quando o EI assume o controle sobre uma nova cidade, a primeira instalação que ele estabelece é a chamada Praça Hudud, para realizar as punições da Sharia, como: crucificações, decapitações, chibatadas e cortes de mãos. (Esta é a área em al-Bab que Barry Abdul Lattif referiu-se como a praça da cidade, bem em frente ao café dos narguilés fechado.) O EI então estabelece um tribunal da Sharia, uma força policial e uma estação de operações de segurança. O trabalho da polícia da Sharia, conhecido como hisbah, não é restrito à implementação da sharia, mas também à regulamentação do mercado, e essas forças policiais são mais ativas em centros urbanos. O EI divide as regiões em wilayat (províncias, das quais há aproximadamente dezesseis no Iraque e Síria) e qawati' menores (distritos). Um comandante militar, um ou mais comandantes de segurança e um emir general são indicados para cada distrito. Eles todos respondem a um wali (governador).

Os principais líderes não vivem na mesma província que governam. Por exemplo, os governadores de Minbij, al-Bab e as partes de Deir Ezzor que o EI designou como Wiayat al-Khair (da cidade de Deir Ezzor às fronteiras do Albu Kamal) tendem a viver em Raqqa ou no Shaddadi, em Hasaka. O governador de Wilayat al-Furat (Albu Kamal e Qa'im) vive no Iraque e raramente viaja para a Síria.

O mesmo aplica-se aos governadores das províncias iraquianas.

Raqqa e Mosul servem como as capitais de fato do EI, e enviados dos seus territórios muitas vezes encontram-se em palácios ocupados pelo grupo. Os membros do EI são instruídos a exibirem muito poucas das suas

armas em público; como em Minjib, eles escondem as armas em casas confiscadas.

Postos de controle também são cuidados por um número pequeno de combatentes, em alguns casos por aqueles que recentemente aderiram ao EI e ainda estão passando pelo treinamento básico.

Quando as unidades de segurança do EI realizam uma operação, combatentes estrangeiros e locais da cidade e cidades próximas reúnem-se como reforços. A demonstração de força exagerada em casos de operações de segurança é uma marca da estratégia de dissuasão do EI. Esta estratégia "por toda parte, mas em lugar nenhum" serve ao menos duas finalidades para o EI. Primeiro, ela dissuade as forças locais de rebelarem-se contra o grupo, pois ela concede a flexibilidade para os locais administrarem suas próprias questões, dentro de limites. Segundo, ela coloca o EI como o solucionador de conflitos supremo. É muito comum os residentes externarem sua ira uns com os outros, em vez de sobre o EI como uma organização, com alguns indo tão longe quanto alegar que combatentes estrangeiros são mais disciplinados e comportam-se melhor do que os residentes nascidos em suas cidades.

O EI permite que combatentes de outros mantenham suas armas após ele tomar uma área, desde que estes combatentes continuem a lutar exclusivamente nas linhas de frente. Qualquer um que receba armas, munição e alimento do EI deve reportar-se a um emir do EI e servir um determinado número de horas por semana. Membros de outros grupos têm de seguir um padrão similar se quiserem governar em suas áreas. Em Fallujah e áreas recentemente capturadas na Síria, o EI oferece uma escolha inflexível: jurem lealdade ou partam.

— Em um primeiro momento, o EI estabelece condições severas para pressionar as pessoas — um combatente do Exército Sírio Livre de Deir Ezzor disse da administração dos jihadistas da província no verão de 2013. — O grupo diz a elas que se não aparecerem no aeroporto [Deir Ezzor] regularmente, terão de entregar seus braços.

Desarmar as comunidades locais também é fundamental para os residentes aceitarem o EI.

Durante o governo do Exército Sírio Livre, comprar e carregar armas tornou-se uma proteção necessária para se ir de um lugar ao outro diante dos roubos e desordem terrível. Como um residente de Hasaka colocou a questão:

— Todo mundo carregava armas, das crianças em diante. Se você não tinha uma arma, você iria ao mercado e ficaria assustado. Se você se envolvesse em uma discussão, você estava perdido.

O EI então se aproveita de temores populares a respeito da ausência da lei e ordem oferecendo-se como a única alternativa para o colapso da sociedade. Como qualquer governo, ele busca reter um monopólio da violência.

Takfirinomics

O EI casou a sua governança autoritária com uma economia de guerra incrivelmente bem-sucedida.

O Exército Sírio Livre e os grupos islâmicos que controlavam os campos de petróleo na região leste da Síria, por exemplo, dedicavam parte da sua receita para administrar as escolas e fornecer: eletricidade, telecomunicações, água, alimento e outros serviços. Alguns vilarejos e povoados viram um declínio nestes serviços, pois o EI distribuiu a receita do petróleo para outras cidades sob o seu controle na Síria e Iraque, estabelecendo o seu sistema de patrocínio pan-regional. Como consequência, em áreas ricas em petróleo, a existência de senhores da guerra — um efeito colateral da governança rebelde estritamente localizada — caiu firmemente.

O EI também forçou o pessoal da municipalidade a trabalhar, diferentemente de grupos anteriores que haviam permitido que seus empregados do estado sírio continuassem a receber seus salários (na maioria das vezes, do regime) enquanto ficavam em casa e não faziam nada, sem dúvida tendo de restituir parte deste valor.

— As ruas estão mais limpas agora; 70 por cento dos empregados não estavam trabalhando, embora recebessem os seus salários — disse um ex-ativista de mídia com o Exército Sírio Livre de Deir Ezzor. — Eles cancelaram o costumeiro dia de folga no sábado; eles devem fazer da quinta-feira o seu dia de folga em vez disso.

Outra área em que a governança do EI provou-se bem-sucedida, foi a de regulações e controle de preços. O grupo proibiu os pescadores de usarem dinamite e eletricidade para pescarem. O EI também proibiu residentes em Jazira de usarem o caos da guerra para reivindicar novas

faixas de terra, principalmente no deserto sírio, onde eles haviam tentado construir casas novas ou estabelecer negócios, muito a despeito dos seus vizinhos. O EI também limitou as margens de lucro sobre produtos derivados do petróleo, gelo, farinha e outras mercadorias essenciais. Antes de o Estado Islâmico controlar a região leste da Síria, um poço de petróleo produzia aproximadamente trinta mil barris por dia, e cada barril era vendido por duas mil libras sírias — onze dólares na taxa de câmbio atual. Famílias locais que trabalhavam em refinarias ganhariam duzentas liras (um pouco mais de um dólar) por barril que elas refinavam primitivamente. Após o EI assumir o controle, um barril de petróleo tornou-se mais barato, pois o grupo fixou o preço de um litro de petróleo em cinquenta libras (trinta centavos).

O EI também baniu as famílias de estabelecerem refinarias próximas de residências sob a ameaça de confiscação, uma política que levou algumas famílias a abandonarem completamente o negócio do petróleo. Coletivamente, o controle de preços e regulamentações equilibraram o declínio em recursos e serviços.

Subsídios de países do Golfo, onde muitos daqueles que vivem em áreas controladas pelo EI trabalham, também ajudaram algumas famílias a pagarem por geradores de eletricidade e produtos derivados do petróleo.

— Aqueles no Golfo que costumavam enviar dinheiro uma vez por mês, agora enviam duas vezes ao mês, pois eles compreendem a situação — disse o ex-ativista da mídia do Exército Sírio Livre. — Também, não há uma grande diferença em valor. Em 2010 um quilo de frango estava 190 libras [US$ 1] e agora está 470 [US$ 2,60].

O petróleo era um importante gerador de receita para o EI até os ataques aéreos da coalizão começarem. Antes disso, acredita-se que o EI ganhou milhões de dólares ao mês com o petróleo na Síria e Iraque — US$ 1 a 2 milhões por dia. A receita caiu significativamente após os ataques aéreos.

Mas o contrabando de petróleo para países vizinhos como a Turquia e a Jordânia, assim como para outras áreas da Síria e do Iraque, ainda geram uma receita significativa para o EI. O declínio abrupto na produção do petróleo afetou os civis mais do que afetou o EI, que ainda podia gerar riqueza de outras fontes, mas isto dificultou a capacidade do EI de fornecer para as comunidades locais, especialmente materiais muito cobiçados, como cilindros de gás.

— Estimo que o impacto dos ataques aéreos foi de 5 por cento — disse o ativista de mídia, que ainda vive em Deir Ezzor. — Eles afetaram o petróleo, fundamentalmente. Há fartura de alimento, a maior parte vinda da Turquia e do Iraque. As fronteiras estão abertas; se você não gosta dos preços aqui, você vai a Anbar. Vejo a situação como normal.

O conhecimento do mercado de petróleo do EI impressionou e chocou muitos observadores, embora Derek Harvey não seja um deles.

— Eu sei de fonte segura que os Saddamistas que estavam contrabandeando o petróleo nos anos 90, para driblar as sanções das Nações Unidas, estão fazendo isso agora para o EI — ele disse. — As pessoas estão dizendo que eles o estão vendendo por trinta e cinco dólares um barril. O que nós bombardeamos recentemente são algumas das refinarias locais. Se você está vendendo petróleo por aquele preço, isto está cinquenta a cinquenta e cinco dólares abaixo do preço de mercado atual.

Mas eis a questão: esses intermediários o estão vendendo, e há um retorno voltando para os principais líderes do EI. Eles estão ganhando outros vinte, vinte e cinco dólares por um barril em propinas, mas isso não está nos livros ou sendo dividido por todo mundo. Está voltando para o bolo dos financiadores no topo da pirâmide. Os combatentes do EI em Deir Ezzor não teriam consciência disso.

Locais na região leste da Síria aprenderam a sobreviver das remessas do Golfo e economias locais mesmo antes da revolta. Preços de petróleo altos levaram muitos a contar menos com os produtos agrícolas, levando-se em consideração que a energia tinha de ser gasta bombeando água dos rios Eufrates ou Tigre para suas terras muitos quilômetros distantes. Após a guerra começar, o petróleo mais barato reviveu o agronegócio sírio — os mercados de contrabando e pecuária começaram a render novamente. Quando o EI assumiu o controle da região de Jazira, as pessoas já estavam comprando o seu próprio petróleo para irrigação e eletricidade, e não precisavam contar mais com serviços subsidiados.

A agência de inteligência estrangeira da Alemanha, a Bundesnachrichtendienst (BND), pediu cautela em relação à especulação "exagerada" a respeito da alta receita de petróleo pois há uma tendência de descontar as enormes despesas gerais indiretas e gastos dentro dos seus territórios.

Mas, segundo Harvey, o EI coloca no bolso a maior parte desta receita, à medida que o grupo tributa às vezes os residentes por serviços fornecidos

pelo regime, como a eletricidade e a telecomunicação. Diferentemente dos grupos islamitas que operam de graça as instalações estabelecidas pelo regime para as comunidades locais, o EI desenvolveu uma economia de sobretaxas para reabastecer seus próprios cofres.

O EI também ganha milhões do zakat (formas diferentes de donativos islâmicos pagáveis ao estado). O zakat é extraído das economias anuais ou ativos de capital (2,5 por cento), ouro (em valores excedendo US$ 4.500), gado (duas cabeças de cada 100 de propriedade de um criador), tâmaras, safras (10 por cento se irrigado com chuva ou um regato ou rio próximos, e 5 por cento se a irrigação custa dinheiro), e lucros (2,5 por cento).

O EI também impõe impostos anuais sobre não-muçulmanos vivendo em seus territórios, especialmente cristãos (4,25 gramas de ouro para os ricos e metade disso para os indivíduos de renda moderada). O grupo ganha dinheiro roubando sob o disfarce de penalidades civis: eles confiscam as propriedades de indivíduos desalojados ou procurados, ou como uma punição por combater o EI. Isto inclui, é claro, enormes estoques de armas e munição como parte de suas políticas de desarmamento da comunidade.

Embora doações de patrocinadores estrangeiros constituam uma percentagem magra do seu tesouro, indivíduos com dinheiro de verdade, sejam doadores estrangeiros ou membros que aderiram ao grupo, ainda contribuem para o EI.

De maneira mais significativa, ghanima (despojos da guerra, que, na definição do EI, abrangem o roubo e o saque) é uma das fontes de renda maiores e mais valiosas do grupo. O EI tomou milhões de dólares em equipamentos militares norte-americanos e estrangeiros após forçar três divisões iraquianas a fugirem em junho de 2014, e também tomou grandes estoques de armamentos, assim como equipamentos, instalações e dinheiro do regime sírio e grupos rebeldes. Artefatos também são lucrativos para o EI — um homem entrevistado na Turquia disse que o comércio em artefatos cresceu durante o domínio do EI, com um de seus primos contrabandeando para a Turquia estátuas e moedas de ouro encontradas nas antigas ruínas Mari a onze quilômetros de Albu Kamal.

EPÍLOGO

Dias antes do vídeo mostrando a decapitação de James Foley ser transmitido mundo afora, o primeiro-ministro autoritário do Iraque, Nouri al-Maliki, renunciou sob pressão norte-americana e iraniana, ostensivamente lidando com o impasse político pelo qual a ascensão do EI levou a culpa.

Seu sucessor foi um colega do Partido Dawa, Haider al-Abadi, de sessenta e dois anos, que havia passado anos exilado em Londres. Muitos sunitas iraquianos com quem falamos à época elogiaram al-Abadi como uma melhora em relação a al-Maliki, mas nenhum achou que ele poderia ou iria fazer uma diferença substancial na maneira como o Iraque era governado. Isso, todos disseram, era devido às dimensões sectárias endêmicas da política da nação e à influência arrogante de Teerã sobre Bagdá.

Não caiu bem para o mandato do novo primeiro-ministro que em uma de suas primeiras conferências de imprensa ele tenha defendido uma parceria estratégica entre os Estados Unidos e o Irã no combate ao EI — uma parceria que muitos sunitas acreditavam começara em 2003.

— A abordagem norte-americana é deixar o Iraque para os iraquianos — disse Sami al-Askari, ex-parlamentar e alto conselheiro de al-Maliki, à Reuters. — Os iranianos não dizem deixe o Iraque para os iraquianos. Eles dizem deixem o Iraque para nós.

Um dos principais patrocinadores estatais do terrorismo no mundo agora apresenta-se como a última linha de defesa contra o terrorismo. O comandante da Força Quds, Qassem Suleimani, supervisionou a criação de um exército furtivo e de várias frentes consistindo dos mesmíssimos Grupos Especiais não apenas responsáveis por matar soldados norte-americanos e incontáveis civis sunitas no Iraque, mas agora igualmente comprometidos em apoiar o regime assassino em Damasco. De acordo com Phillip Smyth, existem agora mais de cinquenta milícias xiitas "altamente ideológicas, antinorte-americanas e doentiamente sectárias" operando e recrutando no Iraque. As condições foram recriadas, em outras palavras, para exatamente a mesma guerra santa sectária imaginada por al-Zarqawi em 2004 — apenas que, dessa vez, isto ocorrerá em dois países ao mesmo tempo. Como coloca a questão um ex-oficial iraquiano:

— Não tenho muita esperança. Esta é praticamente quase que uma última chance para o Iraque seguir um estado unificado.

Apesar dos apelos de al-Abadi pela unidade nacional, o derramamento de sangue sectário continua. De acordo com o Observatório de Direitos Humanos, milícias xiitas e da FSI executaram 255 prisioneiros em seis vilarejos e povoados desde 9 e junho de 2014, um dia antes da queda de Mosul. Oito das vítimas eram garotos mais jovens que dezoito anos. Em 22 de agosto de 2014, a mesquita Musab Bin Omair em Diyala — onde o EI precipitou suas batalhas mais ferozes — foi atacada por combatentes do FSI e militantes do Asaib Ahl al-Haq em roupas civis. Eles massacraram dúzias de pessoas.

O Ministro do Interior de al-Abadi, Mohammed al-Ghabban, é também um alto oficial na Organização Badr, o que significa que a força policial iraquiana mais uma vez passou para a alçada de um notório esquadrão da morte. A Badr tem sido acusada ultimamente de "raptar e executar sumariamente pessoas e expulsar sunitas de suas casas, então saqueando-as e queimando-as, em alguns casos arrasando vilarejos inteiros", de acordo com o pesquisador do Observatório dos Direitos Humanos no Iraque, Erin Evers.

— Os [Estados Unidos] estão basicamente abrindo o caminho para esses caras assumirem ainda mais este país.

Quase todas as principais ofensivas iraquianas contra o EI trazem a impressão digital de Suleimani. No final de outubro, quando o EI foi expulso de Jurf al-Sakher, uma cidade a aproximadamente quarenta e oito quilômetros a sudoeste de Bagdá, ao longo do Vale do Rio Eufrates, agentes da Força Quds e do Hezbollah libanês estavam inseridos em meio aos aproximadamente sete mil soldados e milicianos das Forças de Segurança do Iraque, fornecendo treinamento e distribuindo armas. Toda a operação foi planejada por Suleimani.

Indiretamente apoiado pelos aviões militares norte-americanos, Asaib Ahl al-Haq e Kata'ib Hezbollah, uma entidade designada como terrorista pelos Estados Unidos, foram protagonistas no combate ao cerco de meses do Estado Islâmico de Amerli, uma cidade xiita turcomena de aproximadamente mil e quinhentos habitantes, em novembro de 2014. Suleimani foi fotografado sorrindo em Amerli um pouco depois de a cidade ser retomada.

Tanques Abrams norte-americanos haviam sido fotografados em poder do Kata'ib Hezbollah, tirando do EI o título de única organização terrorista a ter confiscado equipamento militar norte-americano dirigido para o FSI.

O que os últimos sete meses de ataques aéreos liderados pelos Estados Unidos na Síria e no Iraque conseguiram? O Pentágono anunciou que dezesseis de vinte refinarias de petróleo que o EI estivera usando para financiar suas atividades foram tornadas inoperáveis. De acordo com o Dr.

Hisham al-Hashimi, até o final de 2014, o EI havia perdido 90 por cento da sua receita gerada pelo petróleo, nove de onze depósitos de armas no Iraque e três de dez depósitos na Síria. Somada a esta lista aparentemente impressionante de danos, houve a eliminação de trinta líderes do EI em ataques aéreos. Estes incluíam uma dúzia de altos oficiais como: Abu Muslim al-Turkmani, assistente de al-Baghdadi, Ridwan Taleb al-Hamdouni, o "governador" de Mosul, e os comandantes militares de Ramadi, Salh ad-Din, Fallujah e Ninewah. Al-Abadi afirmou que o próprio al-Baghdadi foi ferido em uma investida sobre al-Qaim. Washington diz que o EI perdeu em torno de setecentos quilômetros quadrados de terreno.

Embora seja certamente verdadeiro que o momento do blitzkrieg do EI no Iraque perdeu ímpeto consideravelmente — o grupo não ameaça mais tomar Erbil, muito menos Bagdá — suas derrotas até o momento foram táticas.

— Puramente de uma perspectiva militar, o único fator que mais me chama a atenção é que o EI sempre teve a iniciativa estratégica — disse Chris Harmer. — Houve momentos em que eles estiveram mais ativos em um lugar do que em outro. Mas eles nunca estiveram na defensiva estratégica. Taticamente, eles estiveram na defensiva: eles tomaram a represa de Mosul, então a perderam. Eles tomaram a refinaria de petróleo de Bayji, então a perderam. Mas o EI está "perdendo"? Não.

O Estado Islâmico sofreu fundamentalmente dentro das linhas inimigas em vez de no coração de suas terras geoestratégicas na Síria e Iraque. Sinjar e Bayji, por exemplo, são cruciais para os curdos.

Baqubah e Dhuluiya fornecem vias de acesso a Bagdá e assim importam muito para o FSI e as milícias xiitas, que as limparam etnicamente, de acordo com Ayad Allawi, agora o vice-presidente para reconciliação. Apesar de aproximadamente 1.700 ataques aéreos, o EI ainda assim conseguiu avançar em lugares onde o grupo tem um eleitorado natural ou pode dominar uma população sunita temerosa demais ou

indiferente para se sublevar contra ele. Dois meses adentro da Operação Resolução Inerente, os jihadistas saquearam Hit, o vilarejo onde Adam Such viu de relance uma Sahwa inicial e localizada em 2005. Outros vilarejos e povoados em Anbar foram tomados desde então.

Como Derek Harvey demonstrou uma década atrás, só porque os jihadistas foram expulsos de terrenos etnicamente misturados, como Bagdá, isto não significa que eles foram derrotados ou são menos capazes de conduzir operações. O EI continua a ter o domínio mais ou menos incontestado em: al-Bab, Minbij, Jarablous, Raqqa, sul de Hasaka, Tal Afar, Qa'im e os arredores do centro da cidade de Ramadi. Uma rebelião de dentro destas áreas é algo extremamente improvável a curto prazo. Em Haditha e Amiriya Fallujah, tribos sunitas estão divididas a respeito do que fazer com o EI — e a consequência são disputas tribais internas, o que apenas elimina a possibilidade de outro Despertar.

De acordo com al-Hashimi, o EI compensou por suas perdas territoriais de 10 por cento no Iraque ganhando 4 por cento na Síria, embora você não soubesse se ouvisse os oficiais norte-americanos.

— A estratégia em relação à Síria não mudou — Alistair Baskey, porta-voz para o Conselho de Segurança Nacional, afirmou em novembro de 2014. — Embora o foco imediato seja ainda expulsar o EI do Iraque, nós e nossos parceiros da coalizão continuaremos a atacá-los na Síria para negá-los um reduto seguro e atrapalhar sua capacidade de projetar poder.

Exceto que o EI tem mais do que um "reduto seguro" na Síria, e o grupo continua a projetar mais poder ainda desde que a Operação Resolução Inerente começou. Hoje o EI controla aproximadamente um terço da geografia do país. Mesmo na batalha mais encarniçadamente combatida por Kobane, o EI continua a se segurar em partes da cidade na fronteira sírio-turca, que mesmo a Casa Branca vê mais como um objetivo "simbólico" do que estrategicamente essencial — e isto três meses após as mais intensas investidas aéreas que os Estados Unidos realizaram em toda a Síria.

Aqueles que compreenderam os desafios a longo prazo colocados pelo EI não foram recompensados. Em outubro de 2014 o Secretário de Defesa Chuck Hagel enviou um memorando de duas páginas para o Conselho de Segurança Nacional delineando suas preocupações a respeito da estratégia norte-americana na Síria. Ele foi despedido como secretário de defesa ao fim do mês seguinte, em parte porque ele advertiu que o continuado

fracasso de confrontar o regime de al-Assad — que membros da administração Obama chamaram acertadamente de um "imã" para o terrorismo — só redundaria em um benefício para al-Baghdadi. Também redundou para o benefício de al-Assad.

— O que é impressionante é como continuamos a cometer os mesmos equívocos sempre, no Iraque, mas também no Oriente Médio como um todo — nos disse Ali Khedery. — Já vi altos oficiais norte-americanos perderem tempo tweeting sobre o número de ataques aéreos. Quem se importa sobre esses desenvolvimentos táticos? Sunitas estão sendo radicalizados em proporções recordes. Uma abordagem de contraterrorismo não funcionará com o EI. Nós vimos isso no Iraque, e veremos na Síria.

A lei das consequências não intencionais reina suprema. No mesmo instante que os aviões militares norte-americanos começaram a atingir alvos do EI na Síria, rebeldes regulares que haviam recebido armas norte-americanas passaram a criticar a operação por atacar apenas um lado.

— O único beneficiário desta interferência estrangeira na Síria é o regime Assad, especialmente na ausência de qualquer estratégia de verdade para derrubá-lo — postou Harakat Hazm (o Movimento de Estabilidade) em sua conta do Twitter no fim de setembro de 2014. — Sexta-feira passada, pela primeira vez, que eu me lembre, oponentes do governo do presidente Bashar al-Assad queimaram uma bandeira norte-americana — escreveu Robert Ford, ex-embaixador norte-americano para a Síria que renunciou em protesto sobre a política da Administração Obama em relação à Síria, no New York Times. Isto foi no início de outubro de 2014.

É claro, os Estados Unidos não estão somente atacando o EI na Síria — também estão atacando o Jabhat al-Nusra. Em um ataque, na cidade de Kafr Daryan, Idlib, um refúgio especial para sírios desalojados internamente foi alegadamente atingido em uma tentativa de bombardear instalações pertencentes ao al-Nusra, especificamente uma subunidade conhecida como Grupo Khorasan, que a Casa Branca diz estar planejando ataques contra alvos ocidentais. Isto apenas agravou as queixas sírias contra os Estados Unidos; como um ativista de mídia rebelde colocou a questão: — Se os ataques tivessem buscado atingir o regime e um grande número de pessoas tivesse morrido por engano, nós diríamos que elas foram um sacrifício para a nossa salvação.

Isto também fortaleceu o al-Nusra, que ganhou a adesão do EI para lançar-se em campanhas localizadas e oportunistas contra grupos rebeldes

apoiados pelos Estados Unidos, agora marcados como pouco mais do que mercenários caçadores de mujahidin do Pentágono. O plano declarado da Casa Branca de treinar quinhentos rebeldes ao ano para o único fim de combater o EI não deverá começar até a primavera de 2015, mas já teve consequências negativas profundas no campo de batalha.

É claro que, a eventualidade de que o al-Nusra vá um dia reconciliar-se formalmente com o EI é remota. No entanto, isto não é necessário a fim de que uma guerra civil jihadista — ou mesmo uma guerra fria jihadista — afete os projetos do Ocidente na região, e em casa. O EI jurou sua solidariedade retórica com o al-Nusra contra um inimigo "cruzado" comum na Síria. Ele também ofereceu seus calorosos parabéns para a al-Qaeda na recente obra da Península Árabe no Ocidente.

Em 7 de janeiro de 2015, Said e Chérif Kouachi, dois irmãos franceses, mataram uma dúzia de jornalistas e cartunistas nos escritórios da revista satírica Charlie Hebdo em Paris. Dois dias mais tarde, um dos cúmplices do irmão, Ahmed Coulibaly, tomou o mercado kosher Hyper Cacher na mesma cidade, matando quatro clientes antes que a polícia francesa o matasse a tiros.

Os irmãos Kouachi faziam parte de uma célula francesa responsável por enviar homens para aderir à AQI nos dias iniciais da insurgência. Assim como al-Zarqawi, ambos haviam sido radicalizados primeiro em uma mesquita, e então em uma prisão. Eles liam al-Maqdisi. Chérif foi preso antes que ele pudesse juntar-se ao Xeique dos Chacinadores.

Coulibaly alegou inspirar-se em e jurou lealdade ao sucessor de al-Zarqawi, al-Baghdadi.

Muitos estão se perguntando agora se as ruas da Europa, e eventualmente os Estados Unidos, servirão como as arenas banhadas em sangue na disputa para ver quem é melhor entre a companhia matriz jihadista e sua ex-subsidiária. É uma boa questão.

Mais de onze anos depois de os Estados Unidos terem invadido o Iraque, uma insurgência mortal adepta de múltiplas formas de combate provou-se resistente, adaptável e determinada a continuar lutando. Um legado tanto de Saddam, quanto de al-Zarqawi, o Estado Islâmico superou-se em expressar sua luta em termos históricos mundiais. O grupo prometeu tanto a morte, quanto um retorno às glórias antigas do Islã. Milhares enfileiraram-se para aderir ao EI, e mais ainda já foram vitimados por ele.

O exército do terror estará conosco indefinidamente.

AGRADECIMENTOS

Os autores são profundamente gratos àqueles cujo conhecimento e experiência ajudaram a dar vida a uma história terrível.

Nossa discussão dos anos iniciais da insurgência do Iraque e então a Sahwa deve enormemente ao nosso "Conselho de Coronéis" particular: Derek Harvey, Rick Welch, Jim Hickey e Joel Rayburn, cuja amizade já é um retorno bacana do nosso investimento — todos doaram horas de seu tempo para serem entrevistados e em alguns casos reentrevistados através de e-mails frenéticos enviados às 3 da manhã.

O Major-general Doug Stone administrou a Sing-Sing para a al-Qaeda no Iraque por um pouco mais de um ano, que foi tempo suficiente para ele desconfiar que havia jihadistas tentando entrar à força no Campo Bucca. Ali Khedery e Emma Sky explicaram como decisões tomadas em Washington, particularmente próximas do fim da Guerra do Iraque, afetaram as fortunas em Bagdá (e Ninewah, Anbar e Salah ad-Din). Laith Alkhouri, cujo trabalho é ouvir diariamente o que os terroristas estão dizendo um para o outro, provou-se um excelente e bem humorado guia no que é sem dúvida um Starbucks ainda aterrorizado no centro de Manhattan. Shiraz Maher tomou tempo de terminar sua dissertação sobre o jihadismo para explicar as várias categorias de combatentes estrangeiros afluindo para aderir ao EI. Martin Chulov e Cristoph Reuter, dois dos melhores correspondentes de jornal no Oriente Médio, generosamente compartilharam seu próprio trabalho de campo conosco para nos ajudar a esmiuçar alguns dos detalhes mais obscuros do conflito sírio.

Hanin Ghaddar do NOW Lebanon, fora ser a editora mais corajosa e de princípios que conhecemos, permitiu que trabalhos escritos originalmente para sua revista fossem reproduzidos neste livro. Alex Rowell leu nossos rascunhos em seus estágios iniciais e, como sempre, ofereceu insights, que terminaram no manuscrito final. Tony Badran, que fez do estudo da Casa de Assad o trabalho de uma vida, jogou luz sobre a colusão da Síria com o próprio terrorismo que o país alega agora estar combatendo.

Paul Webster do Guardian, David Mikhail e Kathryn Allawala do Foreign Affairs e David Kenner do Foreign Policy encomendaram ensaios

dos autores que levaram à pesquisa sobre o EI antes que houvesse um livro. (Ben Payker do Foreign Policy generosamente permitiu uma licença das suas páginas que foi interrompida intermitentemente apenas com lembretes passivo-agressivos de que deveríamos voltar ao trabalho.)

Lidiya Dukhovich, Olga Khvostunova, Boris Bruk, Grace Lee, Dmitry Pospelov, James Miller, Catherine Fitzpatrick e Pierre Vaux no Instituto da Rússia Moderna e o Interpreter já estavam acostumados a atender chamadas ameaçadoras ou desconcertantes de outra parte do mundo antes de serem premiados com alguns exemplos campeões do Oriente Médio.

Colegas, amigos e família que foram similarmente indulgentes, pacientes ou cooperativos em ver este projeto ser concluído incluem: Linda Weiss, Leslie Wilson, Augie Weiss, Michael Pregent, Chris Harmer, Jessica Lewis McFate, Farha Barazi, Mariam Hamou, Bayan Khatib, Nada Kiwan, Qusai Zakarya, Ammar Abdulhamid, Lina Sergie, Phillip Smyth, Mubin Shaikh, Mike Giglio, Borzou Daragahi, Hamdi Rifai, Mishaal al-Gergawi, Mahmoud Habboush, Craig Larkin, Abdulsalam Haykal, Ahmed Hassan and Abdulhamid Hassan, Kareem Shaheen, Sultan Al Qassemi, Iyad al-Baghdadi, Abdullah al-Ghadawi, Elizabeth Dickinson, Faisal al-Yafai, Nick March, Hussain Abdullatif, Ghazi Jeiroudi, Abdulnaser Ayd, Abdulrahman Aljamous, Mousab al-Hammadi e todos no National e Instituto Delma.

E a equipe na Regan Arts que aprontou este livro em tempo recorde: Lucas Wittmann, Lynne Ciccaglione e Michael Moynihan, juntamente com Laine Morreau e Danielle Dowling Finalmente, Mustafa L. e John Bundock começaram como revisores neste livro e gradualmente tornaram-se assistentes de pesquisa. Quaisquer erros de fato ou interpretação seguem nossos somente.

Conheça outros títulos

Conheça outros títulos da editora em:

www.editoraseoman.com.br

NOTAS

[01] Em inglês: Islamic State of Iraq and al-Sham (ISIS). (N.T.)

[02] Em inglês: Islamic State of Iraq and al-Sham (ISIS). (N.T.)

[03] Referência ao estrategista militar e teórico da guerra prussiano Carl von Clausewitz (1780–1831). (N.T.)

[04] No original: VBIEDs (vehicle-borne improvised explosive devices). (N.T.)

[05] Em inglês Islamic State of Iraq (ISI). (N.T.)

[06] Maneira como ficou conhecido o novo esforço norte-americano para dominar a insurgência iraquiana. Algo como “onda repentina”. (N.T.)

[07] Maneira como ficou conhecido o novo esforço norte-americano para dominar a insurgência iraquiana. Algo como “onda repentina”. (N.T.)

[08] Publicação de humor norte-americana. (N.T.)

[09] “All the News That’s Fit to Print” no original. Lema do New York Times que aparece no canto superior esquerdo da sua primeira página (N.T.)

[10] Algo como “apuro” em arábico. (N.T.)

CRÉDITOS

Arquivo fonte do site do Exilado.

epub ro--